

**OS INCRÍVEIS SEGREDOS DA ILHA
DE BALI, ONDE UM SURFISTA
BRASILEIRO FOI CONDENADO À MORTE
POR TRAFICAR DROGAS**

NEVANDO EM BALI

KATHRYN BONELLA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

KATHRYN BONELLA

**NEVANDO
EM BALI**

Tradução

Leandro Franz



Copyright © 2012 by Kathryn Bonella

All rights reserved.

1ª edição — Outubro de 2016

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher

Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial

Fernanda Emediato

Assistente Editorial

Adriana Carvalho

Projeto Gráfico e Diagramação

Alan Maia

Preparação

Karla Lima

Revisão

Josias A. de Andrade

Livro Digital

Obliq

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bonella, Kathryn

Nevando em Bali / Kathryn Bonella ; tradução Leandro Franz. -- São Paulo : Geração Editorial,
2016.

Título original: Snowing in Bali

ISBN 978-85-8130-360-4

1. Pena de morte 2. Repórteres e reportagens
 3. Traficantes de drogas - Indonésia - Ilha de Bali 4. Tráfico de drogas - Indonésia - Ilha de Bali
- I. Título.

16-07178 CDD: 363.4509598

SUMÁRIO

NOTA DA AUTORA

PREFÁCIO

CAPÍTULO UM ILHA DOS DEUSES DO SEXO

CAPÍTULO DOIS CHEGANDO AO PARAÍSO

CAPÍTULO TRÊS CHEIRE, BEBA, VIVA

CAPÍTULO QUATRO NEVANDO EM BALI

CAPÍTULO CINCO M3, O LAVA-RÁPIDO DA SUNSET

CAPÍTULO SEIS VIDA DE SONHOS

CAPÍTULO SETE NO AMOR E NA GUERRA VALE TUDO

CAPÍTULO OITO O REI DO SUCO DE LIMÃO

CAPÍTULO NOVE O ENCANTADOR DE CAVALOS

CAPÍTULO DEZ 007

CAPÍTULO ONZE MUITO QUENTE

CAPÍTULO DOZE PARAÍSO SOMBRIO

CAPÍTULO TREZE GAROTA INGLESA DESAPARECIDA

CAPÍTULO CATORZE PEGUE-ME SE PUDER

CAPÍTULO QUINZE DESTINOS

CAPÍTULO DEZESSEIS NATAL BRANCO

CAPÍTULO DEZESSETE OPERAÇÃO PLAYBOY

CAPÍTULO DEZOITO OPERAÇÃO PLAYBOY 2

CAPÍTULO DEZENOVE CONTRA AS PROBABILIDADES

CAPÍTULO VINTE A CASA CAIU

CAPÍTULO VINTE E UM DORMINDO COMO UM ANJO

EPÍLOGO

Aos turistas que pensam que estão indo para o paraíso...
Nem tudo é o que parece.

NOTA DA AUTORA

Em virtude da natureza das revelações contidas neste livro, alguns nomes foram alterados para proteger a identidade das pessoas envolvidas — incluindo os casos em que são citadas entre aspas em artigos de imprensa.

PREFÁCIO

Existe algo entre Bali...
... E traficantes de drogas.

São um par perfeito — Bali, com sua abundância de hotéis, sol, surfe, milhões de turistas, uma torrente interminável dos maiores traficantes de drogas do mundo e uma forte cultura de corrupção, o paraíso das festas é o lugar ideal para brincar de vender drogas.

Isto é, até você ser pego.

“Você está vivendo o sonho até que você roda e é atropelado pela realidade... Esse jogo é fodido de perigoso.”

— Brasileiro chefe do tráfico, preso em Bali com aproximadamente um quilo de cocaína.

Nevando em Bali evoluiu organicamente dos meus dois outros livros, *Hotel Kerobokan* e *No More Tomorrows (a biografia de Schapelle Corby)*. Penso neles como a minha trilogia de Bali, já que cada um foi pensado a partir do anterior e há personagens e temas sobrepostos.

Escrever o livro sobre Schapelle — presa no aeroporto de Bali com 4,2 quilos de maconha e condenada a vinte anos de prisão — abriu meus olhos para o insano, bizarro mundo de Hotel K. Sentada diariamente na prisão por alguns meses para entrevistá-la, eu vi sexo e violência em primeira mão, e a experiência de conhecer muitos dos outros prisioneiros inspirou *Hotel Kerobokan*. A pesquisa subsequente e a própria escrita de *Hotel Kerobokan* me deram um vislumbre da vida na ilha e do fato de que, fora das paredes brancas da prisão, Bali compartilhava muitos dos mesmos problemas. Apesar da imagem passada pelo filme *Comer, Rezar, Amar*, a corrupção era endêmica, a violência, amplamente disseminada, e os traficantes de drogas faturavam alto, vendendo tanto dentro da ilha quanto para fora, especialmente para a Austrália. Bali está localizada em um ponto estrategicamente perfeito para o tráfico internacional, e

seus milhões de turistas servem como uma camuflagem ideal.

Levei aproximadamente dezoito meses para pesquisar e escrever *Nevando em Bali*. Durante esse período, passei algum tempo com gângsteres, traficantes de drogas, cafetões e prostitutas para entender o lado negro do paraíso, que se infiltra invisivelmente em todos os lugares. Mas o mais emocionante foi o acesso que consegui aos maiores traficantes da ilha. Não havia dúvida de que eram as histórias deles que valia a pena contar, especialmente depois de mais e mais traficantes concordarem em conversar comigo, participando de entrevistas individuais, muitas vezes passando vários dias de cada vez enquanto eu gravava.

Consegui essa confiança principalmente pelo meu livro anterior — ele havia me apresentado aos traficantes presos, que me puseram em contato com as pessoas do lado de fora, a maioria das quais conhecia *Hotel Kerobokan*. Alguns tinham lido e adorado, e um deles até tirou cópias para passar adiante. O livro também servia como prova de que eu não era uma policial disfarçada.

É óbvio que não apoio o que fazem, mas eles eram fascinantes, a maioria muito inteligente, educada, poliglota e culta — com uma queda pelo que há de melhor: restaurantes *top*, champanhes franceses, garotas de programa de alto nível, hotéis e condomínios de luxo, viagens em primeira classe e roupas de grife. Muitos eram surfistas que tinham vindo a Bali em busca de ondas perfeitas e encontraram um jeito aparentemente fácil de financiar suas vidas no paraíso.

Como você verá, os principais personagens contam as histórias em detalhes — algumas vezes sexualmente muito explícitos — de seu estilo de vida festivo e movido a drogas, assim como explicam suas táticas secretas de movimentar drogas por aeroportos e fugir da polícia. Assim que os traficantes começaram a se sentir confortáveis e a confiar mais em mim, foi sensacional — eles apenas falavam e falavam sem parar, frequentemente voltando no dia seguinte para falar mais. A maioria me contou que estava falando sobre muitas coisas pela primeira vez — já que eu prometera não usar seus nomes verdadeiros. Aprendi que, mesmo entre seus companheiros traficantes mais próximos, esses caras não trocam experiências — suas vidas são cheias de paranoia, principalmente quando usam cocaína. Eles também sabem que, se outra pessoa no esquema das drogas cair, só poderá negociar dedurando alguém (ou subornando). Por isso, muitos dos traficantes com quem conversei estavam morrendo de vontade de contar suas histórias, e frequentemente tinham um brilho nos olhos enquanto relembavam

alguns momentos. Rafael, em particular, parecia querer falar como se fosse em uma sessão em confissão, e brincava que eu parecia ser sua psiquiatra. Eu oferecia meus ouvidos sem julgamentos, essa era a chave.

Devo mencionar que, a alguns com quem conversei, fiz uma contribuição financeira pelo tempo gasto, o que sem dúvida também foi um incentivo.

Alguns dos traficantes também eram motivados pelo desejo genuíno de mostrar a jovens pensando em seguir pelo caminho da vida glamourosa de dinheiro fácil, mulheres fogosas e orgias, que, no fim, não vale a pena. Literalmente, em um segundo, a vida vai do céu ao inferno.

*

Eu conheci alguns dos traficantes durante a pesquisa para *Hotel Kerobokan* quando fui ao Presídio de Segurança Máxima na ilha de Nusa Kambangan para entrevistar o italiano Juri e o brasileiro Ruggiero, que eu havia conhecido na Penitenciária Kerobokan enquanto entrevistava Schapelle. Foi lá que conheci Marco Archer Cardoso Moreira, um homem muito engraçado e sociável, que estava no corredor da morte por traficar 13,7 quilos de cocaína em um tubo de asa-delta. Foi preso após escapar do aeroporto e ficar duas semanas em fuga. Na prisão, ele me fez almoço — massa e carne (ele tinha estudado em uma escola suíça de culinária, e estava delicioso). Também encontrei seu companheiro de corredor da morte, Rodrigo Gularte, que era o polo oposto de Marco — muito quieto e triste, com grandes olheiras pretas. Fui apresentada a Rodrigo na igreja e ele foi bastante educado, mas não falou muito. Contaram-me que ele tinha passado a manhã chorando, e que isso era típico.

Voltei para Nusa Kambangan para escrever *Nevando em Bali*, mas fui flagrada no segundo dia com meu gravador digital. Ainda que o chefe da prisão fosse muito educado, ele sabia de *Hotel Kerobokan* e tinha medo que eu escrevesse um dossiê sobre sua cadeia — o que seria de fato uma leitura interessante, mas não era o que eu estava fazendo. Ele me deixou voltar para dentro por vinte minutos para me despedir, e tive de conduzir o resto das minhas entrevistas com Marco por telefone.

Também fui apresentada ao traficante fugitivo André, que vivia com passaporte falso em Bali após ter escapado da cadeia no Brasil. Ele estava ansioso para contar sua história e até para, algum dia, ir ao *Banged Up Around* — um programa de televisão a que ele assistia regularmente para aprender dicas do que

não fazer. Ele era um cara extremamente inteligente e boa pinta, bem-educado, com três irmãs no Brasil — duas das quais, médicas. Como a maioria dos traficantes que conheci, poderia ter seguido a profissão que quisesse, mas escolheu o tráfico de drogas. Parecia ser uma linha direta para a vida glamourosa — até que se transformou em uma minúscula cela de prisão. Passei muitos longos dias durante várias semanas entrevistando André — incluindo novos contatos meses depois —, até o dia que ele se assustou. Alguns traficantes de Bali souberam que ele estava falando com uma jornalista e, dada sua condição de fugitivo, entrou em pânico, temendo que eles pudessem entregá-lo.

*

Nyoman, o bandido da gangue Laskar e cafetão com quem passei um tempo, me apresentou a seu amigo Wayan, falso traficante. Ambos me contaram que não gostavam de seus trabalhos, mas não tinham escolha. Eles eram pobres: o cafetão vivia em um minúsculo cômodo chamado *kos* — menor que muitos quartos australianos — com sua mulher, um filho pequeno e a filha recém-nascida. Ele me levou para uma rinha de galos ilegal (um evento diário nas ruelas de Seminyak), aonde vi policiais chegarem e partirem — após receberem propina. A mulher de Nyoman estava empregada, passando até cinco dias costurando lantejoulas minúsculas em vestidos, pelos quais recebia por volta de US\$ 10. Posteriormente, fui à rua de comércio de Seminyak e vi o vestido com uma etiqueta de preço de algumas centenas de dólares.

Como o salário mensal médio do balinês não fica muito acima de US\$ 100, mesmo para aqueles que trabalham em grandes hotéis, não é surpresa que a corrupção seja endêmica. E, para os traficantes, isso torna a vida mais fácil — com suas fortunas em dinheiro vivo, há poucas leis que não podem ser infringidas, e o dinheiro pode ser gasto em terrenos, imóveis e restaurantes sem que ninguém pergunte de onde veio. Para aqueles que estão se escondendo em Bali — e os traficantes me contaram que há muitos foragidos — viver em condomínios de luxo gastando seu dinheiro sujo ou mesmo gerindo negócios legítimos é fácil.

*

Recentemente, estive na entrada da Penitenciária Kerobokan na segunda noite de uma rebelião de presos — eles tinham dominado a penitenciária e trancado os guardas do lado de fora, depois que os agentes abandonaram seus postos no

início da rebelião. Era mais uma experiência “só em Bali”. Em frente à cadeia, há uma loja que vende enormes estátuas de Buda, feitas de concreto — estava cheia de soldados armados com submetralhadoras engatilhadas, apoiados nos Budas gigantes. Era a metáfora visual perfeita para os contrastes que existem na Ilha dos Deuses.

Uma noite, recebi a ligação de um presidiário que conheci quando escrevia *Hotel Kerobokan* — ele ainda estava na prisão, embora não mais em Kerobokan, mas me pediu para encontrá-lo em um café popular, o Bali Deli, para uns drinques. Quando cheguei, encontrei-o com o diretor da prisão e outros quatro prisioneiros, todos sentados em uma das cabanas do café. Após os drinques, entramos em um carro do governo, com as placas oficiais de números vermelhos, e levamos o diretor para sua boate preferida de *karaokê* em Sanur. No caminho, sentado no banco de passageiros, ele cantava músicas de um DVD da Rihanna que tocava em uma tela do painel. Assim que o deixamos, fomos para o sofisticado Potato Head Beach Club. Por volta de uma da manhã, o diretor ligou, acordando o presidiário-motorista, que estava dormindo num colchão perto da piscina. Os homens foram embora, pegaram o diretor e voltaram para a cadeia. Na semana seguinte, o motorista daquela noite foi pego fora da cadeia vendendo drogas, e rapidamente confessou ter subornado o diretor para sair da cadeia. O diretor foi afastado e o presidiário sofreu novas acusações.

O diretor da Prisão Bangli, acusado de receber propina para permitir que um traficante condenado saísse da cela, foi filmado com drogas em uma festa com o prisioneiro e uma prostituta, disse a polícia nesta quinta-feira. A polícia fez o flagrante após examinar imagens das câmeras de segurança do Boshe VVIP Club Bali em Kuta.

Jakarta Globe, 13 de maio de 2011

Esse é um bom exemplo do porquê da paisagem de Bali ser ideal para o tráfico de drogas. Com dinheiro, as leis ficam bem flexíveis — ainda que nem sempre isso funcione —, como o livro mostrará.

Espero que *Nevando em Bali* seja uma leitura empolgante — mas, mais que isso, espero mostrar que, por mais glamouroso que pareça quando visto de fora, para aqueles envolvidos com tráfico de drogas geralmente não há finais felizes.

CAPÍTULO UM

ILHA DOS DEUSES

DO SEXO

Enquanto duas modelos australianas desfilavam em um dos restaurantes mais badalados de Bali, passaram por uma mesa de surfistas sarados e olharam para um deles em particular. A barriga tanquinho, seu sorriso encantador e rosto bonito o destacavam. As modelos estavam atrás de diversão naquela noite e acertaram na mosca — o surfista *sexy* que estavam rodeando era um dos maiores traficantes de cocaína de Bali.

Todos os caras da mesa eram chefes do tráfico internacional, em sua habitual noitada de boa comida, drogas e garotas. Ninguém deixou de notar os evidentes olhares convidativos que as modelos mandaram para seu amigo Rafael. Ninguém ficou surpreso, também — ele sempre era o alvo principal das gatas. Os amigos insistiam para que ele convidasse as garotas para a mesa, mas ele estava tímido.

As garotas, não. Já sentadas, elas exibiam largos sorrisos para Rafael. Sem perder tempo, enviaram pelo garçom um guardanapo com uma mensagem rabiscada: “Vem pra nossa mesa?”

“Vai lá, cara. Você é maluco se não for”, diziam os amigos de Rafael.

“Ok, ok.” Ele empurrou a cadeira para trás e caminhou até as garotas.

“Te vimos na praia de Uluwatu e te achamos um gato”, flertou a loira.

Rafael estava acostumado com diretas como essa. A Ilha dos Deuses parecia fornecer, já no desembarque, um passe que eliminava as inibições usuais — a abundância de álcool e drogas também turbinava um espírito livre e hedonista, assegurando um fornecimento sem fim de garotas liberais.

A fila era grande, sabe... Às vezes, você tem que escolher; hoje pego essa, amanhã aquela... Era muito fácil pegar mulher. Primeiro de tudo, eu era bonito, bem vestido, sabe, limpo. Tenho tipo um brilho, uma coisa de caçador... Um tipo de cheiro ou de visual que atrai mulher. E tenho um algo mais... Já percebi... Garotas bonitas adoram traficantes. Elas têm fantasia de trepar com traficantes.

Rafael

Rafael era a fantasia de qualquer mulher — uma mistura de doçura e perigo, carismático, mas de natureza delicada. Era um *bad boy* gentil. De perto, era impossível deixar de notar um grande diamante em seu dente, um Rolex preto de aço e ouro de € 25 mil em seu pulso e tatuagens cobrindo seu peito e braços.

Naquela noite, como sempre, usava sua corrente de um quilo de ouro que descia até o peitoral, emoldurada por uma camisa preta Armani aberta até a cintura, realçando seu abdome malhado e a grande tatuagem de coração com asas que tinha no peito. “Significa que meu coração é livre para voar para onde quiser.” Com um toque de Paco Rabanne XS, seu visual matador estava completo, e quando ele entrava nos bares e restaurantes de Bali, cabeças viravam, pessoas chamavam “Rafael, Rafael”, e as garotas ficavam loucas.

Rafael era o chefão: muito rico, com carrão, correntes pesadas de ouro, tatuagem nos dois braços, diamantes nos dentes... Você saca que ele é um traficante, é como se tivesse um adesivo de “traficante” colado na testa.

André, amigo e também chefe do tráfico

Rafael tinha construído uma mansão na beira da praia, conforme suas exatas especificações fantasiosas, incluindo um trampolim direto da varanda do seu quarto no segundo andar e uma vista para o mar. “Consigo ver as ondas com a cabeça no travesseiro.”

Ele era membro do exclusivo Canggu Club, uma concessão de Bali aos Hamptons britânicos — um clube esportivo com vastas instalações, para que expatriados residentes ricos ou turistas hospedados em caros hotéis associados pudessem jantar, jogar tênis, fazer ioga ou apenas beber martinis ao lado da piscina sob um guarda-sol. Rafael usava a academia e vendia droga durante o almoço.

Também tinha uma frota de motocicletas, incluindo uma Harley, e um carro que podia ser ligado por um botão, mesmo do lado de fora, no estilo 007, o que era útil para fugas rápidas da polícia ou de mulheres.

Com seus brinquedos caros e estilo de vida festeiro, Rafael tinha consciência de estar no radar da polícia, mas até ali ainda permanecia *blasé* e vencedor — tanto

como um dos maiores traficantes de cocaína da ilha quanto como um ímã de gatas. Naquela noite, como na maioria delas, ele tinha um cardápio de festas para escolher.

As duas modelos australianas lhe pediram que passasse em seu hotel mais tarde. Tinham acabado de terminar uma sessão de fotos nas praias de Bali que durara quatro dias, e queriam curtir até o amanhecer antes de pegar o voo de volta. “Traz ele junto, mas só ele”, disse uma das garotas apontando Brás, um amigo de Rafael — um negro brasileiro bonito que voava frequentemente a Bali trazendo maconha de qualidade de Amsterdã.

“Vai ser uma festa especial, você não vai querer perder”, disse a outra modelo, dando uma piscadela. Abrindo a bolsa, ela mostrou a Rafael pílulas de *ecstasy* e um saco plástico com cocaína, sem imaginar que havia grandes chances de essas drogas terem vindo dele. Rafael percebeu na hora que era de má qualidade, misturada e de cor marrom, diferente da pura e cintilantemente branca que ele trazia do Peru.

“Essa não é boa. Espera aí”, disse ele, disparando para o banheiro. Em frente ao espelho, ele tirou um pequeno pacote plástico com meio grama de cocaína de seu rabo de cavalo, local onde geralmente escondia alguns pacotes.

“Um presentinho”, disse ele de volta à mesa. “Levo mais para o hotel à noite.”

Cerca de uma hora depois, ele deu algumas desculpas aos amigos, que odiavam perder uma festa. Dirigiu sua moto Honda 750 Africa Twin até sua casa para pegar mais dez gramas de cocaína, depois encontrou Brás no local que haviam discretamente combinado quando ele lhe contara sobre a festa, e os dois aceleraram para o hotel das modelos no elegante bairro de Seminyak.

Os altos muros de concreto do lado de fora escondiam a beleza severa do interior. Ultrapassar as amplas portas de madeira era como entrar em outro mundo. O brilho da lua refletia em uma grande piscina, os jardins eram iluminados por suave luz ambiente e uma música alta e bem ritmada estava bombando. Esse era mais um dos vários hotéis de luxo que rapidamente se multiplicavam em Bali.

Os olhos de Rafael focaram o vigoroso chapinhar na extremidade da piscina, onde duas pessoas estavam transando. Após absorver a cena por um momento, ele levantou o olhar e viu um batalhão de mulheres lindas, seminuas, entrando e saindo das sombras e vindo em sua direção. Era como se tivesse entrado no

glamouroso set de um filme pornô.

A loira do restaurante se materializou à sua frente de biquíni fio-dental. Ela se debruçou para colocar um colar havaiano em seu pescoço, esfregando os seios contra ele e correndo os dedos pelo colar para puxá-lo para junto de si. Ela o beijou na boca com vontade e sussurrou “olá, querido”. Ele não resistiu. Outra linda garota começou a abrir sua camisa Armani e acariciar seu peito, gemendo “Gostoso. Amei suas tatuagens”. Rafael fitou seu amigo Brás, que recebia o mesmo tratamento.

Eu tava, tipo... Caralho, como isso é bom.

As duas garotas com Rafael estavam ficando mais excitadas e agressivas, se esfregando nele no ritmo da música, beijando seu estômago, acariciando sua virilha e desabotoando o jeans dele. “Vem, querido, vamos tirar suas calças”, sussurrou uma delas em seu ouvido enquanto a outra puxava seu jeans para baixo. “Vamos.”

O Don Juan estava agora fora de sua zona de conforto. “Não, por favor, estou sem cueca.”

Não tava confortável com a situação. Eu tava me sentindo, porra... Você sabe, fora de controle. Foi uma loucura... Tinha duas gatas me beijando, tirando os biquínis, a música alta, elas pularam na piscina, me puxaram junto e me atacaram. Foi muito louco.

Rafael não estava curtindo; estar pelado na piscina com dois conjuntos de peitos, mãos, lábios e línguas se esfregando contra ele era estranhamente intimidador.

Uma outra modelo veio até a beira da piscina e tentou enfiar uma pílula azul de ecstasy — popular em Bali por ser superforte — em sua boca. “Não, espera, espera. Não posso tomar uma inteira,” ele insistiu.

“Vamos, seu amigo já tomou uma. Relaxa, vamos curtir.”

Eu peguei o ecstasy, mordi no meio e coloquei metade em sua boca, mas ela já estava muito chapada... Suando. Aí comecei a me sentir um pouco tonto na piscina. Eu disse “esperem”. As duas garotas eram demais pra mim, estavam

beijando meu pescoço, puxando meu pinto, me abraçando por todos os lados, tipo me estuprando. Eu tava desconfortável, tenso. Nem conseguia ficar duro.

Aí eu disse “calma, calma, parem, parem”. Eu escapei delas, fugi da piscina e vi meu amigo já deitado na espreguiçadeira ao lado com três gatas em cima; uma delas o beijava na boca, outra fazia um boquete... Quando vi aquilo, pensei, “Droga, o que tô fazendo? Tô muito lerdo, deveria relaxar e aproveitar, não recusar”.

Fui até a mesa, bebi água, cheirei uma carreira e aí, bum, senti o efeito do ecstasy. Fiquei tipo, “uau”, comecei a ficar com tesão, duro, pulei de volta na piscina e recomecei a brincar com as garotas. Aí nós todos saímos e eu comecei a beijar uma, chupar a boceta dela e aí elas me chuparam. Foi bom, sabe. Eu estava com duas gatas, trepando, elas se beijavam também, e aí as outras três e o Brás vieram até nós, a gente trocava de posição como numa grande orgia.

No ar úmido da noite balinesa, cheia de cocaína e ecstasy combinados com sexo, eles estavam todos superaquecendo, passando calor e se sentindo grudentos, até que uma das garotas se levantou e sugeriu que fossem para um quarto com ar-condicionado. No caminho, elas pegaram mais bebidas da geladeira.

Rafael catou mais cocaína em seu jeans e esparramou generosas carreiras nos criados-mudos. Ele adorava dividir sua cocaína com mulheres gatas, declarando magnanimamente, “hoje, é por minha conta”.

As modelos logo se entrelaçaram em uma mistura de corpos lindos, beijando-se umas às outras, beijando Rafael, só parando para cheirar carreiras de cocaína no criado-mudo, e depois retornavam para a agitada orgia. O quarto ecoava gemidos de prazer sexual, que esporadicamente se transformavam em gritos de orgasmo. A mistura de pó e pílulas era a receita perfeita para sexo quente e desinibido.

Cocaína deixa as pessoas taradas de verdade, se for da boa. Para os homens é como um afrodisíaco; mantém a ereção sem deixar gozar, dá para transar sem parar. Para mim, a melhor combinação era cocaína com ecstasy; você fica com a pele sensível e excitada e pode transar por horas; mas é muito viciante.

Alberto, traficante de Bali

Rafael não tinha parado por duas horas e estava com uma garota contra a parede, enquanto as outras duas se agarravam do outro lado da cama. De repente, ele precisou de um respiro.

Eu tava tipo, “Ufa... Preciso ir pra piscina”. Eu estava suando, chapado de ecstasy, e não tinha parado. Pulei na piscina e me senti melhor. Brás ainda estava ali fora falando com uma garota. Eu disse “ei, Brás, vem pra dentro, cara, vamos cheirar”. Ele entra e nós cheiramos mais algumas carreiras enquanto as duas garotas ainda estavam se chupando na cama, ignorando a gente.

Duas das modelos estavam enroladas em toalhas, sentadas na beira da cama e se revezando na cocaína. Brás educadamente aguardava sua vez, até que se inclinou para cheirar uma carreira bem generosa — um movimento que logo iria encerrar dramaticamente a noite.

Eu disse “porra, meu amigo não tá legal, está começando a ter uma overdose”. Seus lábios estavam da mesma cor da pele. Eu disse, “Brás, vamos tomar uma cerveja, cara, cerveja é bom”. E aí ele disse “Por favor, Rafael, vamos embora. Não estou me sentindo bem. Me leva pra tomar um ar fresco de moto, cara”.

Eu disse “Ah, cara, não tô a fim de ir. Quero ficar aqui, curtir mais. Tá louco? Toma uma cerveja, uma água, respira. Vamos, cara”.

Aí ele começou a vomitar e eu disse, “porra, vamos pro banheiro”, e as garotas tavam com medo, eu tava, aí eu disse “Pessoal, tô indo. Vou levar ele pra tomar um ar de moto. Desculpem. Tchou tchau”... E fugimos.

Depois de vários minutos na moto, com o ar noturno batendo em seu rosto, Brás começou a melhorar, mas Rafael não estava exatamente feliz por ter abandonado a noite antes do fim.

“Porra, seu bencong, seu viado. Por que você é assim, cara? Por que ficou tão chapado?”

“Ah, desculpa, desculpa, mas me leva pra casa.”

Rafael não tinha escolha. Enquanto aceleravam à beira-mar de Kuta, o sol estava começando a surgir de trás do mar. Havia um grande silêncio nas ruas, aquele mágico momento em que os fantasmas da noite — prostitutas e baladeiros — vão dormir e os demais estão acordando. Quando Rafael chegou ao quarto de Brás no Bali Village Resort, já era dia.

O cansaço estava começando a pegar Rafael também. Ele tombou na sala de Brás e caiu no sono, confiante de que ainda haveria muitas orgias com gatas aleatórias com quem trepar.

Quando você está muito drogado, chapado mesmo, perde todas as inibições. Você simplesmente sente muito tesão, encontra alguém na balada, rola uma química, e pode transar na frente de outras pessoas, você não liga. E isso acontecia direto. Havia muitas orgias em Bali.

Alberto, traficante de Bali

CAPÍTULO DOIS

CHEGANDO AO

PARAÍSO

Surfe, sexo e cocaína eram as paixões de Rafael, mas o esporte dos reis havaianos vinha primeiro. Quando era criança, tinha um dom natural com a prancha, surfando as ondas do Rio de Janeiro com graça e agilidade. A adrenalina de descer uma onda quebrando e o senso de liberdade que isso gerava o viciaram desde cedo — as mesmas fortes emoções que, posteriormente, o tráfico de drogas também provocou. Mas o surfe era sua maior paixão, e o jovem Rafael sonhava em um dia viajar para uma longínqua ilha tropical chamada Bali.

Tipicamente, sua sorte grande veio junto com uma garota. Voando para casa após um campeonato de surfe no sul do Brasil, ele deu em cima de uma das aeromoças e, antes mesmo do pouso, já tinha conseguido seu número de telefone. Logo iniciaram um namoro e a garota pôs seu novo namorado bonito na lista de beneficiários da empresa aérea, dando-lhe direito a voos gratuitos para qualquer parte do mundo.

Os dois não esperaram muito para realizar uma viagem a Bali. Rafael se apaixonou, sim, mas mais pela ilha do que pela garota. Após um mês de férias, ela voltou sozinha para casa. O nascer do sol, as praias com palmeiras e as ondas perfeitas falavam diretamente a seu coração. Essa era a longínqua ilha com que ele tanto sonhava quando era criança.

Eu pensei, tipo, “nossa, meu Deus, lugar lindo e boas ondas, muito boas ondas”.

Eu pensei, eu amo esse lugar, eu quero ficar aqui.

Rafael

Ele rapidamente encontrou outros ocidentais com o mesmo pensamento, que lhe ofereceram a chave de ouro para ficar em Bali e financiar a vida com que sempre sonhou. Transportar drogas seria bem mais lucrativo que sua primeira transação

com uma mala com sarongues. Ele tinha levado esses tecidos coloridos para vender no Rio e voltado a Bali com o dinheiro, mas logo mudou de produto.

Tudo começou na praia. Um grupo de surfistas e estrangeiros residentes de várias partes do globo confraternizava, ouvia música, dançava e fumava maconha em um hotel de frente para a praia de Kuta, conhecido como “o clube”. Todas as tardes, a música explodia nas caixas de som enquanto rapazes jogavam frescobol na areia e garotas se bronzeavam fazendo *topless*. Marco, um carioca moreno campeão de asa-delta, grelhava peixes frescos e vendia erva de alta qualidade que ele trazia da Holanda, apelidada eufemisticamente de “Suco de Limão”. Um balinês rico, membro de uma das famílias reais de Bali, deu carta branca para o grupo usar seu hotel, unindo-se a eles diariamente para fumar junto.

Esse cara fumava maconha todo o dia — o dia inteiro. Isso é loucura, porque droga dá pena de morte, mas esse balinês pode fumar na frente de todo mundo. Ele não se importa com turistas, não se importa com os funcionários, ninguém pode tocar nele.

André, traficante

A não ser que você fosse uma mulher atraente, ou tivesse um conhecido dentro, levava tempo para se tornar membro do clube. Rafael passou vários dias, ao terminar de surfar, caminhando por eles com a prancha sob o braço antes de ser convidado a se juntar ao grupo descolado do clube. Sem demora, ofereceram-lhe para ser mula.

Eles eram uma gangue bastante fechada. É difícil entrar, difícil até dizer oi, porque eu achava esses caras tão legais. Eu queria ser amigo deles, sabe. Eles não abriam a porta. Eram sempre grossos. Aí os encontrei uma vez na praia e fumamos juntos.

Rafael

Marco, o carismático e divertido traficante de Suco de Limão, vendeu para Rafael um pequeno pacote de erva por US\$ 100, e sabia que ele seria uma ótima mula, ou cavalo — que é como começaram a chamar os transportadores de drogas

quando a palavra “mula” ficou conhecida. Rafael possuía todos os traços para passar despercebido pela imigração. Ele era inteligente, bem viajado, branco, ocidental, tinha boa aparência e era surfista — o que significava um bom álibi para viagens frequentes a Bali com pranchas de surfe. Marco, sempre à procura de um novo cavalo, tentou convencê-lo na praia uma tarde.

“Ei, cara, o que está fazendo em Bali para ganhar dinheiro?”

“Nada demais, vendendo sarongues”, respondeu Rafael.

“Você quer ganhar dinheiro de verdade?”

“Como?”

“Fácil, você voa até Amsterdã, traz maconha de lá e eu te pago US\$ 5 mil.”

Ter crescido na porta de saída da cocaína na América do Sul, onde apreensões de droga são notícias diárias, significava que Rafael sabia qual era o trabalho, e se sentiu ofendido. “Fala sério, cara, você acha que sou uma mula? Eu só quero comprar um pouco, só isso”, respondeu Rafael.

Marco insistiu: “Cara, você parece ator de cinema, a polícia nunca vai te parar. É fácil; você esconde a erva dentro da capa da prancha. Dinheiro fácil, pouco risco — vamos lá, irmão”.

Seu discurso habilidoso não funcionou. Rafael rejeitou a oferta e voltou bravo para seu bangalô próximo dali. Mas a proposta acendera uma faísca e por semanas ele observou os cavalos de Marco chegando felizes com quilos e indo embora com dinheiro. Ele começou vendendo Suco de Limão, fazendo bico como um dos vários vendedores de Marco — pagando a Marco US\$ 500 por trinta gramas, e faturando US\$ 100. Eles se tornaram bons amigos e Rafael via de perto os detalhes do jogo. Sem muita demora, decidiu tentar.

“Tá, cara, vamos,” ele disse para Marco na praia, “mas eu quero investir algum dinheiro, ser sócio também”. Para Marco, aquilo não era problema. Era frequentemente como os negócios eram feitos, com vários investidores em cada encomenda, e naquele ponto era seguro. Então, na areia sob o sol, eles fecharam negócio. Alguns dias depois, Rafael voou de Bali para a capital mundial da maconha, Amsterdã.

Eu estava bem confiante. Eu falava que podia fazer aquilo, sem problema, não vão me pegar porque já voei para Bali duas vezes e eles nunca nem olharam para mim.

Rafael

Era meados dos anos noventa, quando a alfândega de Bali era frouxa, antes de uma sequência de operações policiais e apreensões no aeroporto e antes da imposição de leis draconianas de vida e de morte. Mas já havia um caso famoso que muitos dos surfistas pelo mundo conheciam: o notório caso de Frank De Castro Dias. Frank estava levando cocaína para Bali e cometeu um erro bobo. Junto com os 4,3 quilos de cocaína escondidos dentro de suas duas pranchas, ele estava transportando uma serra, para cortá-las quando chegasse. Isso levantou suspeitas e ele foi pego. Após pagar uma propina de US\$ 100 mil, ele foi condenado a nove meses na Penitenciária Kerobokan de Bali, e não aos dez anos pedidos pela promotoria.

Oficiais indonésios da alfândega da ilha paradisíaca de Bali prenderam um brasileiro acusado de traficar 4,3 quilos de cocaína escondidos em sua prancha, disse um oficial da alfândega no sábado.

Reuters, 15 de janeiro de 1994

A prisão de Frank expôs e arruinou por um tempo o método de utilizar pranchas de surfe para levar drogas para Bali, pois elas imediatamente passaram a chamar muito mais atenção. Mas os traficantes de drogas trabalhavam sem descanso para estar sempre aquele passinho criativo à frente das autoridades, buscando novos esquemas. Em sua primeira viagem, Rafael estava usando o método, até ali incógnito, de costurar a erva no tecido da capa da prancha. Sua confiança só foi perturbada quando sua capa chegou no aeroporto com uma grande cruz riscada a giz. Isso o assustou, mas não o fez parar.

Eu tava tenso, mas, quando eles disseram “abra a capa”, eu agi com bastante calma, até sorrindo. Eles perguntaram “Quantas pranchas dentro?”, eu disse “três”. “Ok, pode ir.” Caralho! Essa foi por pouco. “Tchau.”

Rafael

Vencer a primeira rodada de roleta-russa sempre vicia o jogador. Em poucos

dias, suas economias pularam de zero para US\$ 5 mil, trazendo-lhe uma liberdade preciosa para viver sua vida dos sonhos, passando vários meses viajando entre as ilhas de Lombok, Sumbawa e Sumatra, surfando do amanhecer até o pôr do sol. Às noites, porém, ele estudava qual seria sua próxima jogada, especialmente quando o dinheiro começava a faltar.

Rafael nunca se tornaria um simples cavalo. Era inteligente e astuto, tinha autoconfiança e um ego forte. Em Amsterdã, ele observara atentamente os mestres em empacotamento de drogas costurarem-na no tecido da capa de sua prancha, usando exatamente os mesmos furos de linha existentes antes, para que as alterações ficassem invisíveis. Como muitos cavalos antes e depois dele, Rafael era ambicioso e acreditava que poderia conduzir o próprio jogo. Mas, como a maior parte das coisas complicadas que parecem fáceis, aquilo não era para amadores, e era a suposição de que fosse simples que fazia com que tantas mulas fossem pegadas.

Eu comecei a pensar “Hum, porra, posso fazer isso sozinho. Não quero mais transportar para outros. Foda-se”. Então encontrei esses peruanos em Bali e eles disseram “esquece maconha, cara, traz coca, dá muito mais dinheiro”.

Rafael

A vida estava prestes a ficar muito boa.

Sentado no chão de tijolos de seu bangalô em Bali, Rafael abriu o tecido da capa de sua prancha de surfe da Billabong e retirou os pacotes plásticos de cocaína cintilante. Abriu um e pôs um pouco na ponta dos dedos. Cheirou. Seus olhos brilharam. Era cem por cento pura. Maravilhosa. Ele tinha voado ao Peru para encontrar o fornecedor, comprar, empacotar e entregar o produto a um cavalo para que trouxesse a Bali, onde o negócio seria pago. Carregar a encomenda pessoalmente era um trabalho muito arriscado e mal pago para Rafael, quando ele podia ser o chefe.

Mais tarde, naquele dia, ele faria sua primeira grande venda para um surfista australiano. O rapaz compraria um quilo por US\$ 48 mil — quarenta e oito vezes o que Rafael tinha pago. Ele distribuiu a cocaína, pouco a pouco, em uma pequena balança digital da Casio, depois colocou tudo em uma sacola plástica do

supermercado Bintang. Após a balança atingir um quilo, ele enrolou a sacola bem justa e fechou com fita adesiva. Era rudimentar. Ainda eram seus primeiros dias, ele se tornaria mais sofisticado. Mas naquele dia ele simplesmente enfiou a primeira sacola dentro de outra e jogou algumas roupas sujas em cima. Se alguém o parasse, ele diria que estava indo à lavanderia.

Pulou em seu Suzuki Jimny alugado, buscou o contato que tinha arranjado o negócio e acelerou para o hotel cinco estrelas InterContinental Hotel à beira-mar. Pensamentos ruins começaram a passar por sua cabeça. Deu uma olhada no indonésio ao seu lado, examinando-o cheio de suspeita. Podia estar de armação com o comprador, ou o comprador poderia ser um policial disfarçado. Ele se sentia intensamente nervoso. Esse jogo era novo para ele, mas Rafael sabia que já estava quebrando as regras — confiando em um indonésio que ele nem conhecia e trocando as drogas por dinheiro diretamente com um estranho.

Mas ele precisava confiar em seus instintos. Parecera-lhe verdadeira a insistência do indonésio para que fosse encontrar o comprador australiano. Ele era uma mina de ouro em potencial, interessado em futuras entregas diretas em Sidney — onde o preço do quilo disparava para mais de US\$ 120 mil. As apostas eram altas, mas era um risco que valia a pena. Os ganhos futuros poderiam ser gigantescos.

Eles dirigiram até o hotel, entregaram o Jimny vermelho para o manobrista e caminharam ao lado de turistas felizes e bronzeados para dentro do amplo *lobby*, carregando uma trivial sacola plástica de supermercado cheia de pó.

Entro com minha sacola Bintang, jeans, camiseta e chinelos, vou até o quarto e cumprimento o australiano com um aperto de mão. Ele diz “Você trouxe a cocaína?”. Eu digo “sim”. Ele diz “Onde?”. Eu digo “na sacola”. Aí ele ri. “Você é maluco, cara, por que não colocou em uma sacola melhor, uma mochila ou outra coisa?” Eu digo “pô, cara, ninguém vai querer checar isso — um monte de roupa suja”.

Rafael

Rafael queria entrar e sair depressa. Rapidamente enfiou a mão na sacola, retirou cuecas, bermudas e camisetas, deixando-as jogadas sobre a mesa polida do

quarto, e pegou o precioso pacote, mais valioso que seu próprio peso em ouro, e o colocou sobre a mesa. O coração de Rafael estava disparado. Ainda tentava descobrir se aquilo era uma armadilha. Estava nervoso. Observou o australiano, em um ágil movimento, desfazer a combinação dos cadeados frontais da maleta, destrancá-la sonoramente e abrir sua tampa. Rafael estava pronto para correr.

Eu pensava, “merda, ele vai pegar uma pistola”.

Sério que pensava isso?

Sim, porque era minha primeira vez. Naquele primeiro momento, eu também achava que alguém estivesse escondido no banheiro.

Rafael observava com atenção seu comprador, que tinha por volta de quarenta anos de idade e era bem-apegoado. Ele parecia um chefão — sem tatuagem, vestindo *jeans* cheio de estilo, camisa polo, sapato de couro e um Rolex no pulso. Da sua maleta, ele não pegou uma pistola, mas uma faca afiada, usando-a para rasgar um pedaço da sacola plástica e cheirar um pouco da cocaína que ficara na lâmina. Sua boca se contraiu e seus olhos reluziram. Rafael tentava ler o que se passava em sua cabeça, ainda ansioso.

Meus pensamentos estavam cada vez mais doidos, porque eu tava realmente observando o cara, muito desconfiado. Eu via que ele malhava na academia, o cara era muito forte, eu tava pensando que ia ser muito difícil brigar com ele, porque ele era maior e mais forte que eu.

Rafael pegou uma pequena pedra, gesticulando que queria usar um pouco. “Se importa?”, perguntou. Ajudaria a acalmar seus nervos. “Sem problemas”, respondeu o comprador. Rafael cheirou um pouco na ponta dos dedos, sentiu-se melhor instantaneamente.

O comprador estava agora focado em testar a qualidade da cocaína.

Ele era organizado. Tinha todos os equipamentos na maleta, como um isqueiro e uma colher. Colocou um pouco de bicarbonato de sódio e cocaína na colher, acendeu o isqueiro, fritou aquela merda e aí concordou: “Ok, é boa. Eu quero tudo. Quanto você tem?”. Eu disse “tenho mais três desses”. “Ok, me dê dois dias

para conseguir a grana.”

Após colocar a cocaína em uma balança digital para checar se o peso estava correto, o comprador dividiu o pó em três pacotes plásticos com *zip lock*, alisou com os dedos fechando-os e os empilhou na maleta. Então fechou a tampa e as travas, e embaralhou o código do cadeado. “Ok, vamos para o quarto”, disse ele, quebrando o silêncio.

Rafael seguiu-o até o quarto. O australiano claramente escolhera uma das suítes mais luxuosas do InterContinental, o que Rafael logo descobriria ser frequentemente o modo correto de fechar grandes transações de cocaína. Tinha uma vista espetacular para o oceano, mas Rafael não notou. Seus olhos pularam para quatro grandes pilhas de notas de US\$ 100 estalando de novas sobre a cama — cada pilha com US\$ 10 mil. O comprador se desculpou que os US\$ 8 mil faltantes seriam pagos em rúpias indonésias.

Era a primeira vez que eu via uma montanha de dinheiro assim, lindas pilhas, quatro enfileiradas. Eu tava tipo “Uau!”.

Rafael pegou uma pilha e examinou-a, procurando por notas falsas ou em branco. O comprador australiano estava sentado em uma poltrona, pernas cruzadas, dizendo-lhe para que examinasse à vontade. Mas Rafael agora sentia que ele era sério e que queria fechar outros negócios, então não tentaria passá-lo para trás. “Obrigado, mas vou contar em casa”, disse, colocando o dinheiro na sacola plástica. Eles concordaram em se encontrar em alguns dias, e Rafael saiu.

Dois dias depois, parecia um *déjà vu*. Rafael observou o australiano fazer os mesmos movimentos precisos, fechando as trancas da maleta e embaralhando o código do cadeado. A única diferença significativa foi que daquela vez a cama estava coberta com catorze pilhas de dinheiro.

Dois meses após o primeiro encontro, o surfista australiano lhe telefonou dizendo que estava pronto para fechar outro negócio. Rafael estava ansioso para ir até as praias ao norte de Sidney para entregar dessa vez, pois com isso ganharia mais de US\$ 120 mil por quilo, o preço mais alto do planeta. Era a recompensa por penetrar a rígida fronteira australiana — o que a fez ser o alvo número um para todos os traficantes.

Um grama de cocaína na Austrália custa entre US\$ 200 e US\$ 500. Nos Estados Unidos, um grama custa tão pouco quanto US\$ 100.

Sydney Morning Herald, 15 de setembro de 2010

Uma “mudança de geração” fez aumentar a demanda de cocaína para níveis nunca antes vistos, dando à Austrália a duvidosa honra de ser o mercado mais lucrativo para essa droga ilícita.

Daily Telegraph, 2009

O dia da entrega em Sidney começou cedo. Às 7h, Rafael e seu parceiro peruano, Jerome, estavam sentados no chão de seu bangalô empacotando cinco quilos de cocaína, primeiro em sacos plásticos, depois costurando-os no tecido da capa da prancha de surfe. Era um trabalho minucioso. O menor traço de pó excitaria o faro dos cães; um mero resquício de pó de seus dedos na mala seria um desastre. Rafael também ouvira dizer que o cheiro potente do éter poderia vazar do plástico após 24 horas, então era uma correria para empacotar e voar no mesmo dia. Naquela noite, o voo era às 23h. Só após a bagagem estar completamente selada é que o cavalo podia se aproximar.

Ele era um havaiano de vinte e três anos, o cavalo perfeito — bem viajado com um passaporte americano e um porte atlético que o deixava com aparência de surfista, o que assegurava que o transporte das pranchas não causasse suspeitas. No dia anterior, Jerome o tinha levado para comprar roupas em Kuta: camiseta da Quiksilver, jeans e tênis de skate. Vestir um cavalo era uma prática corriqueira. Eles precisavam entrar no papel de surfistas, e isso também assegurava que não haveria traços de drogas em suas roupas, já que a maioria dos cavalos também era usuária. Quando terminaram de empacotar, Rafael dirigiu para o hotel do havaiano e o levou até o Aeroporto Internacional Ngurah Rai de Bali, para se assegurar de que sua carga preciosa entrasse em segurança no avião.

Era a primeira grande entrega do havaiano. Enquanto ele e Rafael saíam caminhando do estacionamento, começou a ficar assustado. “Acho que não vou conseguir”, disse, olhando as portas do aeroporto à frente. “Tem que passar no raio X.” Rafael tentou acalmá-lo, “Não tem problema, amigo, essa capa é à prova

de raio X. É fácil”. Mas agora o havaiano caminhava bem lentamente. De repente, deixou a capa cair. “Não consigo, desculpa, não posso ir.” Eles estavam a cinco metros das portas. Rafael respirou fundo. Sua mente estava em alvoroço. Ele estava confiante de que a bagagem passaria no controle, mas o medo visível do havaiano era uma bandeira vermelha clássica; ele estava suando, quase chorando, com medo nos olhos. Rafael se manteve calmo. Estava prestes a ter centenas de milhares de dólares em suas mãos — estavam a apenas seis horas de voo de distância. Ele já tinha investido US\$ 50 mil. Estava exausto, mas a adrenalina subia. Teve uma brilhante ideia: “Sem problemas, eu carrego a prancha para você”. Pegando-a do chão, andou decidido até a porta, e aliviado por perceber que o cavalo o seguia.

Eu pus a prancha no raio X e até fui ver na tela. Eu disse “vamos, amigo, olhe, não há problema” — e ele veio, olhou para a tela e disse “uau, cara”... “Eu te disse, cara, é à prova de raio X. Não vão te pegar. Porra, vai logo. Quando sair do aeroporto, me liga, mas não fique desse jeito de novo quando chegar em Sidney.”

Como um gesto de despedida, Rafael desarrumou o cabelo com gel em excesso do cavalo, tentando deixá-lo mais descolado e menos como um ator de *Grease* — nos tempos da brilhantina.

“Cara, por que fez isso com seu cabelo?”, brincou Rafael gentilmente.

“Eu queria ficar bonito”, disse o obediente cavalo.

“Porra, cara, você parece o John Travolta com esse cabelo. Você tem que parecer um surfista.”

Ele foi embora feliz, foi fácil. Eu disse “te vejo em Sidney, meu amigo”.

Dirigindo de volta para casa, o coração de Rafael batia forte. Ele sentia-se feliz, excitado, certo de que ia ganhar muito. Conseguira um preço baixíssimo na cocaína quando dois peruanos ingênuos chegaram a Bali com cinco quilos na mala, sabendo que o mercado de Bali era quente, mas sem contatos nem ideia dos preços locais. Alguém os pusera em contato com Rafael e ele arrematara o lote pela barganha de US\$ 50 mil. Agora só faltava ele dizer abracadabra e, num passe de mágica, transformar aquilo em mais de meio milhão de dólares. Nada mal para a carreira de um iniciante.

Esses caras tinham a melhor merda que eu já tinha visto na vida. Até meu amigo peruano confirmou, “Porra, essa é a melhor do mundo. Nenhum lugar — Bolívia, Colômbia — eles não têm esse tipo de merda brilhante”. É do norte do Peru, não é fácil de encontrar, é bem brilhante. A melhor. Pura, pura. Chamamos de “asa de mosca”. Tínhamos cinco quilos dessa merda. Era só fazer o gol.

“Uhul, consegui, foi fácil cara, sem cães farejadores, nada”, cantava o havaiano enquanto Rafael entrava em seu quarto no Hotel Novotel do Porto de Darling, em Sidnei. O cavalo estava tremendo de alívio e de febre. Não ousara deixar o quarto do hotel nem a prancha desde que chegara, no dia anterior.

Como planejado, telefonou para Rafael em Bali assim que passou pela alfândega, e Rafael pegou o primeiro voo para ir encontrá-lo em Sidney. “Quero fazer de novo, cara, quero fazer de novo”, ficava repetindo. O medo em seus olhos se tornara um brilho vigoroso. Já em segurança, agora lhe parecia que traficar drogas era o caminho mais fácil para ganhar US\$ 10 mil.

Mas, para Rafael, ainda não era hora de celebrar. Ele tinha recebido instruções explícitas para entrega, estilo agente secreto: pegue um táxi do Porto de Darling até Palm Beach — em torno de cinquenta e cinco minutos de percurso; venha sozinho; pare no orelhão em frente ao café da esquina; espere o táxi ir embora; ligue. Chegue no fim da tarde — o surfista estará esperando. Rafael seguiu minuciosamente as instruções, a não ser por alguns imprevistos, como uma discussão acalorada com o taxista sobre não amarrar a prancha de meio milhão de dólares no teto do carro, o interrogatório ao longo da viagem toda e, no fim, a batalha para se livrar do taxista, que não queria ir embora sem conseguir um passageiro para a volta. Finalmente, Rafael entrou na cabine e discou.

O comprador atendeu imediatamente, sem perder tempo com papo-furado. “Já estou aqui”, foram suas primeiras palavras.

Rafael olhou em volta, já estava escurecendo. “Onde?” Um carro piscou os faróis duas vezes do outro lado da rua. “Porra”, murmurou Rafael, desligando. O cara era bom.

Eles foram até uma casa nas proximidades, onde o negócio foi fechado rapidamente. O homem testou a cocaína, depois levou Rafael para pegar a grana no quarto. Seu coração parou um instante quando ele viu o dinheiro. Foi um lindo dia de pagamento. Um lençol branco sobre a cama estava coberto com

pilhas de US\$ 10 mil, as novíssimas notas de dólares australianos deixavam um cheiro ácido no quarto. Havia mais de sessenta pilhas, muito mais do que se fossem em dólares americanos conforme combinado. Rafael não discutiu, ainda que tivesse especificamente pedido por dólares americanos, porque os australianos estavam desvalorizados, o que significava dinheiro demais para carregar.

“Quer contar?”, perguntou o surfista.

“Depois, obrigado.” Rafael nem olhou; agora sabia onde era a casa do surfista, caso ele estivesse trapaceando. Só queria ir embora. Então ele casualmente se esticou até o outro lado da cama para pegar uma ponta do lençol, depois juntou as demais dando um nó e formando uma bolsa parecida com um paraquedas. O comprador o observava em pé, ansioso. Era muito dinheiro, e ver esse jovem rapaz juntando tudo aquilo desorganizado no lençol o irritou. Se Rafael se metesse em encrenca em Sidney e alguém descobrisse o lençol carregado de grana, isso poderia expor o surfista também. Ele aconselhou Rafael a levar metade e deixar a outra metade para o dia seguinte.

Eu disse “não, não, eu consigo levar tudo hoje, não se preocupe”. “Mas você não pode ir assim!”, ele me disse. “Não se preocupe, só me consegue um táxi. Eu quero ir agora, o cavalo está me esperando. Tenho que ir. Tchau.”

Assim que chegou ao Novotel, Rafael correu para ver o cavalo, que estava acordado, esperando. Rafael entregou-lhe um Big Mac que comprara no caminho e, juntos, ficaram contando as notas frescas até o amanhecer. O peruano Jerome chegou no dia seguinte, pegou sua parte e voltou para casa com o cavalo feliz.

Com um monte tão grande de dinheiro, o novo chefe *playboy* quis torrar algumas pilhas em Sidney mesmo. Ele se encontrou com um amigo carioca, que morava em Bondi Beach, e juntos passaram as semanas seguintes como astros do *rock*, fazendo festas em quartos de hotéis cinco estrelas de noite e surfando, velejando e voando de asa-delta de dia. Eles fizeram uma viagem de carro para o norte, ao longo da costa, até Surfers Paradise, deixando pelo caminho felizes funcionários de hotéis, graças à nova mania de Rafael: distribuir gorjetas de US\$ 100.

Porém, não era só festa; Rafael passava os dias, com a ajuda do amigo carioca e uma nova namorada aleatória, trocando o dinheiro por dólares americanos, e transferindo grandes quantias pelo banco direto para Bali. Era uma atividade que consumia tempo. Alguns dias, Rafael ia a três ou quatro bancos, cada vez com US\$ 30 mil, para trocar por notas americanas.

Uma tarde, na fila do banco, sentiu um frio na espinha. Tinha a sensação de estar sendo vigiado. Ele olhou discretamente em volta. Pela primeira vez, notou pequenas câmeras de segurança espalhadas. Estava sendo visto por todos os lados. Mas logo relaxou; a Senhora Sorte estava do seu lado, por enquanto.

Quando eu voltei para Bali, virei um monstro, porque eu fiquei realmente muito rico. Porra, todo mundo que chegava a Bali com cocaína vinha me procurar. Tinha tanta gente, cara, às vezes eu tinha de organizar a porra toda numa fila. “Espere, semana que vem vendo a sua, agora estou ocupado.” Foi uma época maluca, tanta cocaína por todo lado... Todo lado que eu vou, “me ajuda, Rafael, me ajuda, tenho dois quilos”. Eu me tornei o cara que conseguia ajeitar, vender, entende?

Rafael

CAPÍTULO TRÊS

CHEIRE, BEBA,

VIVA

Você cheira, você bebe, você vive.

André, traficante de drogas

O negócio do tráfico em Bali estava frenético. Alberto, um amigo de Rafael, trabalhava como um agente, vendendo quilos da cocaína e das pílulas que inundavam a ilha. Ele vestia disfarces — perucas, chapéus, óculos escuros — imaginando ser 007 enquanto acelerava pelas ruas esburacadas de Bali com seu Daihatsu Feroza alugado. Dirigia até estacionamentos subterrâneos e pulava de um carro para outro para confundir policiais que pudessem estar seguindo-o. Em serviço, trabalhava com os maiores traficantes de droga nos melhores hotéis de Bali. Camuflado entre os turistas, ele reservava dois ou três quartos simultaneamente, um para esconder as drogas, outro para fazer a troca por dinheiro.

Teve uma época que eu podia dizer, se você cheirasse cocaína aqui em Bali, havia cinquenta por cento de chance que ela tivesse vindo das minhas mãos.

Sério?

Sim, tínhamos tudo isso do mercado e tínhamos a melhor qualidade. Um monte de gente ficou milionária por meu intermédio.

Alberto

Outro traficante, André, voava para Bali com passaportes falsos, às vezes colando as orelhas à cabeça para ficar mais parecido com a imagem da foto, o que não adiantava muito de todo jeito. Ele se lançava por Bali em sua moto vestindo disfarces — um chapéu muçulmano ou um turbante indiano — e dando entrada

em hotéis para coletar pacotes com droga enviados por FedEx. Era um dos chefões sul-americanos do tráfico mais procurados.

Um amigo dele, Fábio, era fabulosamente rico, dono de uma bonita pousada perto da praia. Sua fortuna vinha de traficar cocaína para Bali e dali vender a granel para um comprador australiano ou para um dos vários chefões multimilionários indonésios, que trabalhavam impunemente em Bali, tendo a polícia em suas folhas de pagamento. Ele já trabalhava nisso havia um tempo; na verdade, a encomenda com a qual Frank De Castro Dias foi pego, escondida em pranchas de surfe, era para consumo próprio. Fábio também tocava um bar de frente para a praia da moda e um restaurante, a poucos metros de outro bar, que pertencia a um chefe do tráfico indonésio.

Você ia se surpreender com quantos negócios em Bali são criados com dinheiro de droga.

Chino, chefe do tráfico indonésio

Todas as tardes, Fábio batia ponto em seu badalado restaurante, conversando com garotas ou vendendo pequenos pacotes de pó que ele escondia na cintura, por baixo do sarongue. Era a única coisa que vestia, enquanto ostentava o peito nu e o torso musculoso. Ele era conhecido por seus pés descalços imundos, mas isso não diminuía sua efetividade na paquera. Fluente em várias línguas, raramente ficava atrás do balcão, pois geralmente se misturava com garotas estrangeiras atraentes pelas mesas. Tinha muita energia, alimentada pela imensa quantidade de cocaína que cheirava. Mantinha seus funcionários em rédea curta, várias vezes interrompendo a conversa na mesa, se virando e gritando “ei, você, rápido, rápido”, exibindo-se como patrão.

Aproximando-se com carisma de um monte de amigos no que ele denominava hora do diabo, 17h, vinha seu grande amigo Rafael, usualmente vestindo apenas uma bermuda, descalço e sem camiseta, exibindo também seu corpo malhado. Eles cheiravam juntos algumas fileiras e então Rafael o ajudava a vender um pouco da cocaína pré-empacotada. Ele dava uma volta com os saquinhos nos bolsos ou escondidos sob seu rabo de cavalo espesso e encaracolado — pelo qual Marco o apelidara de “Cabelo”. Rafael perguntava para Fábio, “Dá para ver?” e Fábio ajustava melhor o cabelo de Rafael para que os pacotes ficassem mais bem

escondidos.

Naquela época era uma brincadeira, não tínhamos medo, não ligávamos.

Porque ninguém tinha caído ainda, certo?

Exato. Mas não vendíamos para ninguém que não conhecíamos. Se alguém vinha falando “opa, quero um pouco de cocaína”, eu dizia “Vai se foder, cara! Do que você tá falando? Sai fora ou vai levar porrada.” Vendíamos individualmente apenas para amigos; dizíamos, “se quer comprar, tem que vir aqui no fim da tarde; nem tente nos ligar às 22h, a drogaria fecha”.

Rafael

Mais à frente na praia se localizava o clube deles.

O hotel era nosso clube de drogas. Vendíamos de tudo ali, tomamos conta do pedaço. Às vezes, eu organizava de encontrar pessoas lá... “Quero cem gramas.” “Ok, me encontra à tarde no clube.” Ai eu ia até lá, entregava a cocaína, pegava o dinheiro e tchau tchau. Nada de grandes transações, apenas pequenas. Marco vendia Suco de Limão como água. Sem medo.

Rafael

Espalhados na areia em frente ao clube havia uma fileira de *jakung*, barcos balineses de pesca, assim como o bote inflável *Zodiac* de Marco, o rei do Suco de Limão. Ele circulava por Bali com ele para evitar o trânsito e as estradas esburacadas. Na maioria dos dias, ele levava os amigos para os melhores pontos de surfe, com cinco ou seis pranchas empilhadas e presas na frente do barco. Marco, piloto profissional de asa-delta, mas não um grande surfista, geralmente ficava no barco fotografando os amigos nos tubos das ondas. Após algumas horas, eles levantavam âncora e voltavam para o clube. Ali, Marco adorava fazer o papel de anfitrião, vendendo seu Suco de Limão, cuidando do churrasco com uma cerveja na mão, espeto na outra, cozinhando peixe e lagostas pescadas de manhã e fumando um baseado do seu Suco de Limão. Por todo lado, locais e turistas estavam fumando Suco de Limão, mas isso não impedia Marco de gritar

“venham, venham comer” para garotas aleatórias que caminhavam pela praia.

O clube era lotado de pessoas bonitas. Gatas maravilhosas — russas, australianas, suecas, sempre umas brasileiras também — vinham com biquínis pequenos, deitavam de bundão para cima. Todas de topless, era lindo.

Rafael

O telefone de Marco tocava sem parar, com surfistas locais, estrangeiros ou turistas com conexões querendo comprar Suco de Limão. Geralmente, ele respondia bruscamente “estou ocupado pra caralho hoje, estou em reunião, ligue amanhã” e desligava o telefone, arrancando risadas gerais enquanto se recostava novamente fumando e bebendo sua cerveja.

Ele amava a atenção e o poder de ser o chefe número um da maconha da ilha. Se alguém quisesse fumo de qualidade, ele era o cara, inclusive registrara o nome Suco de Limão e fizera centenas de camisetas com os escritos “Suco de Limão 100% bagus” (bom) em letras fosforescentes. Todos, de surfistas a estrangeiros, nativos ricos ou pobres, vestiam as camisetas.

Eu trabalhei com a marca Suco de Limão por mais de doze anos. Ninguém descobria, porque as pessoas são estúpidas mesmo. Eu apenas ligava para um amigo e dizia “vamos tomar um suco de limão”, mas claro que significava “vamos fumar um baseado, maconha”. Assim que se faz, ninguém descobre. Então o nome Suco de Limão ficou famoso, todos falavam sobre o Suco de Limão, aí eu abri uma pequena fábrica de Suco de Limão.

Marco

Marco organizava pessoas para vender por ele, assim como Rafael fazia, e também vendia diretamente para amigos.

Ele ficou muito famoso com o Suco de Limão.

Rafael

Embora muitos chefões mantivessem alguma distância de seus cavalos, Marco gostava de mantê-los por perto, lembrando a todos que ele era o chefe. Fora Marco quem iniciara a moda de usar a palavra “cavalos” no lugar de “mulas”; primeiramente, como uma piada típica dele, usava o termo apenas para seus melhores entregadores — seus “puros-sangues”. Mas logo a palavra passou a se referir genericamente a todos os entregadores e foi adotada amplamente pelas gangues de Bali, pois era mais secreta e, portanto, segura.

Marco morava no pequeno e rústico *resort* Bali Village, em Legian, em acomodações razoavelmente básicas, aninhadas no meio de grandes jardins perto da praia. O lugar estava sempre cheio com seus cavalos, e o *resort* era conhecido como o Estábulo de Marco.

Ele também convidava seus cavalos para o clube, repetidamente tirando sarro deles, fazendo-os “falar”. Como eram obrigados, relinchavam quando Marco pedia. Ele achava isso cada dia mais hilário.

Ele era pirado. Às vezes, no clube, eu perguntava “Quem é esse?” e ele dizia “É meu novo cavalo. Olhe como ele é bom. Cavalo, relincha!” e o cara fazia “ihhh iiiihhh iihhh”. Marco dizia “viu, esse cavalo é dos bons”. Eu pensava “Porra, o que você tá fazendo, cara? Por que faz isso consigo mesmo?”. Marco amava ferrar com seus cavalos, colocá-los em seus lugares; ele dizia “cavalos são pura merda”. Mas ele era tão maluco que era engraçado. Fazia piada com tudo. Sempre que eu ia para Bali Village, via muita gente em volta. Era seu estábulo, cheio de cavalos. Às vezes, ele mandava dois caras com Suco de Limão juntos no mesmo voo.

Rafael

Nessa época, fim dos anos noventa, a ilha era o lugar perfeito para começar no tráfico, ou trabalhar em outras linhas criminosas que lucravam com a abundância de dinheiro em Bali. O turismo explodira e o submundo estava crescendo tão rápido quanto o número de piscinas infinitas. Bali estava longe de sua origem, daquela pacífica imagem de cartão-postal. Tinha se tornado um porto hedonista para drogas e farra, transformando-se em uma lucrativa ilha de negócios para gigolôs, prostitutas, traficantes, gângsteres, policiais, promotores e juízes corruptos — que estavam se tornando desenfreados.

Tem muita gente ruim da porra por aqui, se não fosse isso, a cadeia deles não estaria cheia de nativos. Se fossem todos tão bons, não ia ter tanto balinês preso, e tem muitos. Eles até têm um pequeno templo hindu em Kerobokan.

Alberto

A maioria dos turistas que vinha para uma semana de bronzamento, drinks à beira da piscina, massagens baratas e compras, não tinha conhecimento desse submundo do crime. Mas ele existia em todos os cantos. Os homens de preto que ficavam à frente das portas de restaurantes exclusivos, clubes e bares eram em sua maioria integrantes da gangue mais violenta da ilha, Laskar Bali — seus membros podiam ser identificados por uma tatuagem de três anéis entre o polegar e o indicador. Havia ao menos cinco grandes gangues, mas a Laskar dominava a maior parte dos contratos de segurança em Kuta, Legian e Seminyak, as principais áreas turísticas.

Esses contratos de vigilância valiam muito dinheiro, pois também proporcionavam à gangue o controle do tráfico na área. Os contratos eram a causa de uma guerra violenta travada constantemente em toda a zona turística, quase em um universo paralelo, em geral não visível para os turistas, a não ser que fossem surpreendidos por um tiroteio. Quando as brigas ocorriam em boates populares como Bounty ou Sky Garden, as notícias eram apenas superficiais, com os jornalistas locais sofrendo horríveis ameaças, caso denunciassem a Laskar — tudo para manter a falsa imagem de *Comer, Rezar, Amar* intacta.

Por que você não cita o nome da Laskar no jornal?

Muitos dos nossos jornalistas têm medo de escrever esse nome. Esse grupo não gosta que escrevamos seu nome no jornal.

Os jornalistas têm medo?

Sim. Têm medo.

A polícia não pode proteger vocês?

Por quanto tempo ela pode proteger? Você tem alguma garantia de que a polícia pode nos proteger eternamente? Não. Nós falamos de bandos ou organizações comunitárias, mas não citamos o nome Laskar Bali.

Mas em Bali todo mundo sabe, certo?

Todos sabem. Mas o grande problema é se você menciona o nome Laskar Bali.

O que poderia acontecer?

Não garanto que não me matariam.

Pensa que é possível?

É possível. Eles podem te espancar na rua, te atropelar, te intimidar. Então, uma das maneiras de nos protegermos é não escrevendo o nome do grupo.

Editor de um dos maiores jornais de Bali

Em uma ocasião, logo após a meia-noite, um grupo de Laskars apareceu em um bar badalado, o Red Room, em Legian, carregando espadas samurais e golpeou um cozinheiro até a morte. Era uma ação de vingança. Laskar queria vingar um dos seus, que tinha sido gravemente ferido na semana anterior por seguranças do Sky Garden Club em Legian — onde Laskar tinha perdido um contrato de segurança para uma gangue rival, a Hércules.

O ataque ao Red Room fora estrategicamente organizado; com dez membros da Laskar de Seminyak chamados para uma reunião secreta, instruídos a levar suas espadas samurais. Esses homens eram todos fortes fisicamente, um pré-requisito para ser aceito na gangue e receber uma identificação. Se alguém fosse chamado para um serviço, a não ser que tivesse uma desculpa muito boa, era melhor aparecer. O bando se reuniu em Seminyak, perto do Red Room, energizando-se com doses de áraque, enquanto dois seguiram em frente para verificar o bar. Assim que avisaram que o lugar estava limpo — sem polícia —, os homens aceleraram suas motos pelas ruas de Legian, cabeças cobertas com bandanas pretas e espadas enfiadas nas jaquetas de couro, prontos para atacar.

Infelizmente, naquela noite, pegaram o homem errado, esfaqueando até a morte o cozinheiro, que, na pouca luz, eles tomaram por um membro da Hércules.

Qual foi o problema no Red Room?

Hércules surrou meu amigo no Sky Garden — não matou, mas quebrou sua cabeça. Nos encontramos primeiro em Seminyak e fomos rápido, bem rápido, tínhamos cinco minutos, nada mais; depois disso, fugimos.

Mas a Laskar matou um cozinheiro?

Sim, o cara errado.

Made, membro da Laskar

Dezenas de bandidos carregando espadas atacaram o bar na madrugada da última quarta-feira. Os bandidos chegaram furiosos em motos e de carro, atacando tudo com suas espadas e mataram Bagus Alit Edy Sastrawan (28) de Penarungan, região de Mengwi. Ele morreu instantaneamente devido a um corte profundo de foice. O corte se estendia do canto esquerdo de seu lábio superior até a parte interna do pescoço, o que também seccionou a veia jugular.

“Tudo se passou por volta da meia-noite e meia. O bar estava quase fechando. De repente, um grupo de bandidos surgiu destruindo tudo o que via pela frente”, explicou um oficial da Polícia Metropolitana de Denpasar.

Denpost, 15 de julho de 2010

Apenas quando uma pessoa famosa foi envolvida que a frequente violência nas boates ganhou ampla exposição, como no caso de Dean Laidley, ex-técnico do North Melbourne, da Liga de Futebol Australiano. Suas férias viraram manchete quando seguranças da Discoteca Bounty, em Kuta, cujo contrato pertencia à Laskar, atacaram-no e à sua família. Foi violento — o ex-técnico levou um golpe na cabeça com uma garrafa de cerveja e seu filho teve a mandíbula quebrada. Três seguranças foram presos.

“O que a polícia tem nos dito até agora é que coisas assim acontecem o tempo inteiro”, disse Laidley à rádio SEN (especializada em esportes).

The Age, 11 de outubro de 2011

Acontece muito aqui de turistas apanharem de seguranças ou de outros turistas também.

Tasya Aulia, porta-voz do Centro Médico Internacional de Bali, ao jornal Herald Sun, 10 de outubro de 2011

O crime também invadia os hotéis, com o trabalho de prostitutas sendo permitido na maioria deles — inclusive nos *resorts* cinco estrelas — bastando pagar uma propina de 50 mil rúpias (US\$ 5) aos seguranças.

Nyoman, um membro da Laskar, era um dos sete gigolôs oficiais da área turística. Regularmente parava seu combalido Toyota 4 x 4 azul no estacionamento da praia bem em frente ao famoso Hotel Padma, cujas diárias variam de US\$ 300 a US\$ 1.600. Na maioria das noites, o Toyota alugado ficava cheio de garotas com roupas justas, retocando o batom e o rímel e passando perfume entre as pernas, enquanto se revezavam no serviço.

Os sete gigolôs cruzavam as ruas com carros lotados de garotas à procura de clientes na calçada ou saindo das boates. Eles também recebiam ligações de taxistas, recepcionistas de hotéis, ciclistas que transportavam turistas, falsos traficantes de drogas ou qualquer um que farejasse turistas em busca de sexo. Qualquer um que conseguisse um agenciamento recebia uma comissão.

Nyoman e seis outros gigolôs detinham um monopólio e eram protegidos pela polícia, que também ganhava comissões. Eles dominavam as ruas nas áreas turísticas mais movimentadas — Kuta, Legian e Seminyak —, cada um pagando uma propina mínima de US\$ 400 para os chefes das três grandes delegacias. O acordo assegurava que eles podiam trabalhar impunes e que nenhum outro gigolô poderia invadir a área sem correr o risco de ser preso.

Mas eles sofriam a concorrência feroz de centenas de bordéis, alguns disfarçados nada sutilmente como bares de *karaokê* ou casas de massagem, e outros escancaradamente declarados como *sex shops* — apelidados de “aquários”

— cujas frentes eram vitrines cheias de garotas sentadas em cadeiras enfileiradas. Os bordéis ficavam em ruas secundárias ou mesmo nas principais de Kuta, Legian e Sanur, geralmente perto de hotéis luxuosos, mas, a menos que você soubesse que eles existiam, não teria como descobrir. Taxistas levavam turistas aos aquários com frequência, acompanhando-os até dentro do estabelecimento para garantir a comissão. Dúzias de garotas, em sua maioria jovens, e por vezes atraentes, ficavam sentadas com números colados ao peito. Pedia-se a transa pelo número.

Aquários, sabe, eram como aquários de peixes, mas com mulheres dentro do vidro.

Ricky, taxista

Como a maioria dos taxistas, Ricky sempre perguntava a passageiros homens “Gosta de garotas?”, especialmente se tinha pegado um turista bêbado na rua ou saindo de uma boate. Se recebesse um sim, tornava-se uma grande noite, era possível triplicar os ganhos de uma diária normal, dependendo de quão bem ou mal o turista negociasse. Alguns clientes iam junto com Ricky para escolher o número; outros pediam que ele fosse sozinho ao aquário e entregasse a garota no hotel.

Ricky obedecia com prazer, mas, não querendo se enganar e perder a comissão, sempre pedia detalhes específicos de como era a preferência do “estilo do corpo”. “Corpo cheinho ou corpo *sexy* de Coca-Cola?”, perguntava ele, desenhando uma garrafa de Coca no ar com as mãos e assoviando para dar efeito. Nunca perdia tempo perguntando sobre os seios, porque, por sua experiência, “todos os turistas gostam de peitões”.

Não era só à noite que Ricky encontrava turistas à procura de sexo, era o tempo inteiro. Aquilo era um negócio, os ocidentais eram presas ricas e, muitas vezes, estúpidas. Com seu senso de humor apurado ocultando sua astúcia, trabalhava para ganhar a confiança dos turistas. Se você estivesse com pressa, ele acelerava e fazia ziguezague no trânsito, ou andava devagar, se você preferisse. Ele era muito atencioso, sempre perguntando “Amanhã precisa de táxi?”. Sempre que tinha uma chance, falava para os homens, sendo discreto se estivessem

acompanhados por esposas ou namoradas, que podia conseguir uma garota. Com frequência, propunha deixar a mulher ou namorada fazendo compras nas boutiques de Seminyak e, enquanto isso, acompanhar o homem ao bordel.

É dinheiro, é meu trabalho, é bom. Eu levo a mulher para fazer compras, deixo ela lá e aí o homem, o marido, vai para massagem. Final feliz. Massagem dura só uma hora. As compras das mulheres normalmente levam duas, três horas, então o marido já recebeu massagem, final feliz e voltar. Depois ela pergunta “Onde foram?” e eles falam “Bintang (supermercado), restaurante...”

Ricky, taxista

Uma noite, todas as garotas do gigolô Nyoman estavam ocupadas com clientes, exceto a atraente Linda, de vinte e um anos. Os dois estavam estacionados na beira da praia em frente ao Hotel Padma. Era lua cheia — uma noite bonita em Bali, quando todos os balineses se dirigem para cerimônias da lua cheia para agradecer a seus deuses. Nyoman estava vestido com suas roupas balinesas tradicionais, um sarongue, uma camiseta e um lenço na cabeça, e rezara em um templo horas antes. Mas à noite estava trabalhando, em pé, atrás do seu 4 x 4, observando a praia. Sombras das palmeiras dançavam na areia e as espumas brancas das ondas brilhavam contra as luzes projetadas especialmente para elas — um efeito mágico que muitos hotéis e restaurantes usam na beira do mar. Havia um clima de paz, apenas sons do oceano, o barulho das árvores e, vindo do carro, a música “21 Guns” do Green Day como pano de fundo.

Nyoman fumava um cigarro atrás do outro enquanto mirava o oceano, contemplando a vida. Sua mulher tinha acabado de dar à luz uma menina. Aquilo contrastava com a atividade sombria que ele praticava, e ele queria se manter vendendo garotas apenas até economizar o suficiente para começar um novo negócio, provavelmente uma casa de massagens — provavelmente uma com finais felizes. Mas, por enquanto, a realidade era a das ruas.

O som da moto de seu assistente vindo do outro lado do estacionamento o tirou de seus devaneios. Um homem bem-apeesoado saltou da garupa. Ele tinha seus trinta e poucos anos e era australiano. E queria uma garota. Focado de volta nos negócios, Nyoman abriu a porta da frente do carro para que ele desse uma

olhada na mercadoria. Linda se mantinha sentada sem expressão, olhando para frente. Segundos antes, ela dava boas risadas enquanto falava no celular. O homem se mantinha de pé, um pouco nervoso, observador, pensativo, avaliando se ela parecia boa de cama. Sim, gostou dela. Deu 200 mil rúpias (aproximadamente US\$ 20) para Nyoman e sumiu de moto com o assistente até um hotel próximo que cobrava de Nyoman 50 mil rúpias (US\$ 5), a tarifa padrão por uma hora. O assistente voltou para buscar Linda. Foi um serviço rápido — em vinte minutos, ela estava de volta sentada no velho Toyota, colocando perfume. O cliente tinha lhe dito que estava com pressa... Sua esposa o esperava no quarto deles no Padma Hotel.

Nyoman ficava feliz em atender a todos os pedidos, desde que suas garotas não corressem risco, como o sexo grupal na piscina de uma pousada que um grupo de jovens ingleses demandara. As garotas tinham se aproximado desfilando em suas roupas brilhantes de *nylon* e saltos altos em um caminho privativo na luxuosa pousada Bvilla de Seminyak. O *concierge* telefonara pedindo dez garotas para seus hóspedes. Mas voltaram uma a uma, às vezes em pares, pelo longo caminho, envergonhadas por terem sido rejeitadas. Apenas duas garotas foram selecionadas, mas teriam de fazer sexo na piscina. Estavam com medo que a orgia na piscina saísse do controle, então Nyoman devolveu o dinheiro, mantendo apenas 100 mil rúpias (US\$ 10) como multa de cancelamento.

Não havia problema, porém, com pedidos extravagantes. Quando um australiano de meia-idade e sua mulher contrataram uma das garotas de Nyoman para um *ménage* e lhe pediram para assistir, por US\$ 100 extras, ele achou estranho, mas topou pelo dinheiro. Australianos eram seus clientes favoritos, costumavam ser bêbados e fáceis de lidar.

Outro dos sete gigolôs oficiais era Ketut, de vinte e sete anos, membro de outra gangue, a Baladika. Ele recebeu o pedido de um australiano para uma noite inteira com uma prostituta. Dentro de seu quarto no hotel Bali Garden, pagou adiantado 700 mil rúpias (US\$ 70) para Ketut, então pediu a ele que ficasse cinco minutos a mais para que pudesse tirar uma soneca rápida. O homem estava totalmente bêbado e logo apagou em uma das camas do quarto.

O gigolô e sua garota ficaram esperando sentados na ponta da outra cama assistindo a um filme erótico na TV. Aquilo deixou o gigolô excitado e ele virou para a prostituta, começou a beijá-la e então fez um *test-drive* nela, bem ao lado

do australiano, seu alheado cliente que jazia roncando.

Eu vi muito sexo quente na TV e aí beijei minha funcionária, porque ela é uma garota bonita — bom corpo, alta, sorriso lindo, amigável, você sabe. Fiz sexo, só uma vez. Ela também era agressiva, ela gostava porque era nova. Se já estivesse trabalhando por um ou dois meses, ela não estaria interessada em sexo.

O australiano acordou antes de você ir embora?

Sim, eu falo “acorda, acorda, quero ir embora”. Ele fala “Obrigado, irmão. Obrigado, irmão”. Foi muito engraçado.

Ketut, gigolô

Também nas ruas havia centenas de falsos traficantes fazendo farra fora das boates, perseguindo turistas e rapidamente agarrando-se a eles como os sugadores peixes-ventosa. Se percebessem que eram bobões, diziam “Quer efedrina, haxixe, maconha?”, e mostravam as drogas falsas em suas mãos, ou caçavam nos bolsos. E assim, magicamente tiravam qualquer que fosse a droga que a pessoa quisesse.

Livrar-se desses traficantes era sempre difícil, pois eram pobres e desesperados por encontrar turistas estúpidos, preferencialmente bêbados. Wayan, um falso traficante de longa data, circulava com sua Scooter verde metálica, comprada com dinheiro ganho em jogos ilegais, carregando nos bolsos diversas imitações de drogas. Todas as noites, percorria as ruas durante horas caçando tolos. Em uma noite boa, ele também farejava um turista querendo sexo e o passava para seu amigo Nyoman — esperando uma comissão. Ele não gostava desse trabalho, mas era o que trazia o dinheiro necessário para pagar a escola dos filhos, para que eles tivessem uma vida melhor que a dele.

Os clientes, às vezes eles me batem, me chutam, falam “vai se foder”.

Bom, você estava roubando dinheiro deles.

É. Eu não gosto, mas eu sempre falo para eles: “Desculpa, irmão, mas é muito difícil viver aqui, ganhar algum tostão, porque meu sistema do governo não é tão

bom”.

Wayan, falso traficante

Wayan já fora preso diversas vezes, quando policiais à paisana vinham à praia de Kuta, flagravam todos os traficantes e os levavam para a delegacia, testando suas drogas e então os liberavam na manhã seguinte.

Também havia diversos traficantes de drogas reais, nas boates e nas ruas, que agiam em parceria com a polícia, de modo que todos recebessem seu quinhão do flagrante em turistas — que quase sempre estavam dispostos a pagar caro para eliminar o problema na hora, antes que se tornasse sério.

Ainda que os traficantes ocidentais geralmente não tivessem contato com os nativos que trabalhavam nas ruas, havia uma conexão dos dois submundos criminosos. Marco, o rei do Suco de Limão, às vezes pagava uma prostituta como presente a um bom cavalo. “Quer comer uma gata hoje?”, perguntava ele, e saía à procura de uma mulher atraente disponível nas boates.

Marco era bom em achar prostitutas bonitas... Todos ficavam surpresos, “Onde achou essa garota?”, “Kuta”. Marco era muito bom, não era tímido. Se ele sentasse ao seu lado em um voo, ficaria seu amigo, era muito sociável.

Rafael

Mas o rei do Suco de Limão sempre lembrava a seus cavalos uma regra fundamental: nunca use drogas na frente de uma prostituta balinesa, pois ela pode ganhar o maior pagamento da vida se denunciá-lo à polícia.

Apenas foda e fuja, porque elas podem te foder.

Era comum os patrões darem prostitutas aos seus cavalos?

Ouvi falar que muitos fazem isso, mas eu nunca fiz, porque há grandes chances de o cavalo falar algo para a prostituta e aí chegariam em mim. Não gosto de misturar prostitutas com coisas do tráfico. Sempre fui muito cuidadoso com isso.

Rafael

Um dos parceiros peruanos de Rafael, José Henrici, cujo apelido era Borrador, por estar sempre criando encrenca, quebrou essa regra e teve de pagar pelo erro.

Borrador deu uma carreira para uma prostituta e no dia seguinte ela voltou com uns amigos policiais, mas eles não o levaram para a delegacia, só queriam dinheiro. Um dos policiais disse “sei que deu cocaína para ela”. O Borrador respondeu “Ok, quanto quer?”. “Quero US\$ 20 mil.” “Não, não tenho.” “Então vamos para a delegacia.” “Não, eu posso te pagar aqui, mas só tenho US\$ 1 mil”, então, no fim, foi o que ele teve de pagar.

Rafael

Os traficantes ocidentais também, às vezes, pagavam aos membros da Laskar para que resolvessem problemas. Pela quantia certa, não havia nada que esses caras não fariam, incluindo matar. Uma tarde, André contratou dois capangas para assustar um brasileiro que morava em Bali com mulher e filhos, e estava devendo o pagamento de drogas que comprara.

Os dois brutamontes da Laskar invadiram a casa dele, jogaram-no em uma cadeira e enfiaram uma arma em sua boca. Sua esposa assistia a tudo aterrorizada. Um dos bandidos então telefonou para André, seu cliente. “Ok, pode falar com o cara”, disse um deles, e colocou o telefone no ouvido da vítima. André falou que ou ele pagava ou morria. Com a boca preenchida pelo metal, ele arregalava os olhos sem poder responder. Mas, assim que os capangas tiraram a arma de sua boca, correu para o andar de cima e juntou todo o dinheiro que conseguiu encontrar. Entregou o resto para André no dia seguinte.

Ele estava um pouco bravo comigo. Disse: “Você manda dois indonésios pra minha casa, minha esposa estava lá, eles colocam a arma na minha boca”, e eu disse “Sim, que sorte, né? Se não tivesse a grana, eles teriam atirado. Você rouba minhas drogas, rouba meu dinheiro, está pedindo pra levar um tiro. Da próxima vez, pensa na sua esposa, se não quer que ela veja seu corpo sangrando no chão”.

André

Em todos os ramos do crime, dinheiro e poder eram as principais forças, e havia um grande número de ocidentais querendo entrar no submundo de Bali e fazer sua primeira entrega de drogas. Alguns subiam de nível e viravam traficantes, outros investiam em negócios legítimos em Bali, como restaurantes, pousadas, boates, lojas de roupas ou exportação de móveis; e havia também outros que iam direto para a Penitenciária Kerobokan.

Era tão fácil achar gente para fazer o serviço. Eu ficava surpreso em ser tão fácil. Muitas pessoas, às vezes pessoas que eu nunca esperaria, chegavam dizendo “Tem um serviço para mim?”. É foda, sabe, todo mundo quer transportar essa merda... Dinheiro fácil. Bom, eles acham que é fácil, mas as consequências podem ser mortais.

Rafael

CAPÍTULO QUATRO

NEVANDO EM BALI

Nós os chamamos de cavalos, mulas, entregadores, macacos.

Macacos?

Sim. Alguns dizem “aquele é meu macaco”. São caras que fazem várias entregas e sempre têm sucesso, sendo que todos já sabiam, “ah, esse cara é bem treinado, nunca é pego, sangue-frio”.

Alberto, traficante de drogas em Bali

Rafael, se eu voar com cocaína em uma dessas mochilas, qual chance de sucesso você acha que tenho?

Tenho oitenta por cento de certeza de que você conseguiria.

Oitenta por cento?

Na verdade, acho que noventa e cinco por cento.

Eu acho que não iria bem, ficaria muito nervosa, já vi as consequências...

Sim, você conhece as consequências, você foi até a prisão. A maioria dos cavalos não sabe o que está fazendo. Não sabem as consequências, são estúpidos. Por isso que chamamos de cavalo, mula, burro, idiota.

Rafael

BALI, “O ÚLTIMO PARAÍSO”, AGORA É O CÉU DOS DROGADOS?

A prova de que Bali se tornou um centro de distribuição de drogas se encontra na Penitenciária Kerobokan, onde um número cada vez maior de nativos e estrangeiros está preso por tráfico. Em setembro, havia 80 estrangeiros em Kerobokan, a maioria por causa de narcóticos.

Jakarta Post, 16 de setembro de 1999

Havia um fluxo sem fim de gente voando para Bali transportando drogas; cavalos organizados pelos cartéis de drogas, assim como pessoas empreendendo como independentes, por vezes com informações sobre Rafael ou Alberto. Aquelas sem contato algum estavam arriscando alto, mas a maioria saía perguntando durante o surfe, pela praia ou em boates por alguma referência. As pessoas geralmente diziam “fala com Rafael, ele é o cara”, e passavam seu número, ganhando uma comissão pela ajuda. Poucos entregadores estavam sendo presos, mesmo aqueles com bagagens inacreditavelmente mal empacotadas. Pessoas conseguiam entrar com quilos nas mochilas, simplesmente cortando uma parte do tecido e colando de volta; ou em maletas de mão, com a droga mal embalada no meio das roupas, ou enrolada em sacos de dormir ou, em quantias menores, nas roupas íntimas, no bolso, no sapato e até no traseiro.

Pessoas querendo transportar coisas se aproximavam constantemente de Rafael. “Sai fora, do que você tá falando?”, era sua resposta usual, no temor de seu nome ficar muito conhecido. Mas, às vezes, se fossem amigos de um amigo, ele respondia oferecendo uma entrega. Uma brasileira mais velha, que vivia em Bali havia vinte anos, se aproximou dele em algumas festas pedindo a chance de fazer uma entrega. “Preciso de trabalho. Eu consigo fazer isso — ninguém vai me parar porque sou idosa. Vamos.”

Rafael usava com regularidade entregadores que fugiam do estereótipo, como famílias com filhos ou casais jovens, mas Bárbara realmente fugia a qualquer clichê. Ela tinha por volta de cinquenta e cinco anos, com cabelo loiro oxigenado, artificialmente alisado até os ombros, e um rosto rígido de cosméticos, tão congelado por aplicações habituais de Botox que, mesmo se ficasse nervosa, pelo menos sua face não a denunciaria.

Um dia, Rafael e um de seus parceiros peruanos decidiram dar uma entrega à velhinha.

Ela foi embora, muito excitada por finalmente poder fazer uma entrega, levando uma mochila especialmente planejada para que, no Peru, os parceiros de Rafael só precisassem costurar a cocaína no fundo da mala. Uma semana se passou e Bárbara voou para Bali com 2,5 quilos de cocaína na mochila e um sorriso nos lábios. Ela adorava a missão; uma viagem emocionante, todas as despesas pagas e dinheiro para aliviar as contas. Rafael a esperava em seu Jimny vermelho no aeroporto, muito satisfeito por ver seu cavalo velho sair com a mochila. Era um gol para ele, mais uma linda mala cheia de dinheiro.

No aeroporto, estávamos muito excitados. Colocamos a mala no carro e “Vamos! Uhul. Vamos celebrar”.

Rafael

Rafael dirigiu até o *resort* cinco estrelas Nikko Bali, na sofisticada praia de Nusa Dua, no extremo sul de Bali. No carro, Bárbara, sempre tagarela, estava com a adrenalina a mil e contando, excitada, as peripécias da viagem — como havia pego homens para fazer sexo selvagem, como passara facilmente pelos aeroportos. Como muitos cavalos faziam logo após um sucesso, ela estava já viajando, ansiosa para fazer outra entrega. Rafael estava animado também, mas, como sempre, cuidadoso e mantendo os olhos no retrovisor para monitorar se alguém os perseguia. Naquele dia, estava tudo limpo. Seus instintos eram apurados, dando-lhe um sexto sentido que, até ali, haviam-no mantido longe da cadeia.

Como sempre, ele entregou seu Jimny para o manobrista e o incongruente casal entrou na magnífica recepção do Nikko, caminhou por sobre o chão de pedra polida e sob os altos arcos do teto e seus candelabros pretos. O Nikko é um hotel estonteante construído no topo de um despenhadeiro, com uma ampla vista para o oceano, som de fontes de água internas, cheiro de mar e brisa fresca. Casais empurrando carrinhos de bebê, recém-casados de mãos dadas e turistas ricos vestidos com roupas arejadas enchem o saguão. Mas Rafael praticamente não os notava, enquanto caminhava com sua mala de cocaína e deixava para trás as paredes calcárias esculpidas. Ele desceu por um dos corredores e atravessou uma ponte que cortava um abismo assustador. O hotel foi erguido sobre a imponente

paisagem do precipício e eles se dirigiam a uma das suítes mais caras, construídas na beira dele.

Nessa ala, entraram em um elevador panorâmico com vista exuberante para o mar. Era um hotel de beleza única, com grandes piscinas, áreas de *spa* e banheiros de mármore com perfumes divinos. Rafael começava a usá-lo tanto para casos amorosos quanto para negócios do tráfico.

Após o caminho tortuoso entre corredores, pontes e elevadores, alcançaram o quarto. Rafael bateu na porta o código combinado — três batidas rápidas, duas lentas. Seu parceiro nesse serviço era um dos irmãos peruanos, Diaz; ambos gordos, ambos no negócio de cocaína e usando falsos passaportes para entrar e sair de Bali.

Mário era como uma criança, grande e gordo e parecia um retardado.

Rafael

O outro irmão, Juan, era parceiro regular de Rafael nos negócios. Era gordo e baixo, apelidado de Poca, “pequeno” em espanhol, ainda que os traficantes de Bali brincavam ser por causa da Pocahontas — a princesa indígena da Disney. Poca era talentoso, regularmente organizava cavalos para trazerem quilos de cocaína do Peru, mas era nervoso e paranoico em excesso, características exacerbadas pelo farto uso de cocaína; ele sempre esperava o pior. Para Rafael, “Poca era um cagão”. Ele também esporadicamente roubava Rafael, embolsando trocados que deveriam pagar despesas dos cavalos. Rafael tinha consciência disso, mas Poca e Mário tinham boas fontes no Peru, e não se atravessa as conexões de ninguém. Então, por enquanto, Rafael estava engessado a tê-lo como parceiro, embora desconfiando dele.

Logo após as batidas de Rafael, Poca abriu a porta ansioso, virando a cabeça de um lado para o outro, investigando se não havia policiais no corredor. “Têm certeza de que não foram seguidos?”

“Certeza”, suspirou Rafael, entregando-lhe a mochila e depois se jogando em uma poltrona.

Poca correu até o sofá e abriu a mochila. Meio segundo depois seus gritos enchiam o quarto. Rafael se pôs em pé de um salto, temendo que Poca chamasse a atenção dos seguranças do hotel. “Cala a boca, cara. O que tem de errado?”

Ficou maluco?” Poca estava fora de si.

“É a mochila errada”, gritou.

Rafael atravessou o quarto correndo para olhar. “Porra! Bárbara, o que você fez?”, ele berrou, engasgado. A mochila estava cheia de roupas masculinas.

Poca estava furioso com Rafael. “Porra, seu burro, você não checkou a mala.”

Rafael estava irritado também. “Porra, é da mesma cor.” Poca, subitamente, teve certeza de que aquilo era uma armadilha da polícia; a qualquer segundo eles chutariam a porta. Estava histérico. Correu para a janela. Rafael o puxou de volta, dizendo que se acalmasse, pois tinha cem por cento de certeza de que não tinha sido seguido.

Bárbara mantinha-se de pé sorrindo, divertindo-se com a explosão dramática. Ela sabia que simplesmente tinha pegado uma mala errada, parecida. Sem cerimônia, sugeriu dirigir de volta ao aeroporto e fazer a troca pela correta. Rafael e Poca se viraram para ela e a olharam incrédulos. A velhinha era louca. Poca começou a gritar com Rafael de novo “você é um porra de um burro, não checkou a mochila, filho da puta demente”.

Rafael não queria arriscar voltar ao aeroporto, mas sentia não haver alternativa. A qualquer momento, os gritos de Poca trariam a segurança do hotel. “Calma, meu amigo, vou consertar isso”, disse ele, pegando as chaves e a mochila. “Vamos rápido, Bárbara, vamos pegar a porra da mochila.” Ao sair, ele se virou rosnando para Poca, “e você cala a sua boca, cagão, fica aqui se cagando todo”.

Eles aceleraram até o aeroporto, estacionaram e correram para olhar as esteiras de bagagem por uma janela. Não havia ninguém e as esteiras estavam paradas. Entraram sem hesitar, ansiosos por encontrar a mochila valiosa. O silêncio era perturbador, com ecos vindos de longe. Ao fundo, podiam ver uma ou duas pessoas, mas a área das esteiras parecia destituída de vida.

“Ei, vocês não têm permissão para ficar aqui, o que estão fazendo?” disse uma voz, aparecendo do nada.

Eles se viraram e viram o oficial da alfândega que tinha se materializado atrás deles. Rafael explicou rapidamente que sua amiga tinha pegado a mochila errada.

“Sigam-me”, disse ele, guiando-os para um depósito de bagagens, onde viram a mochila no chão, embaixo de uma mesa. Só naquele momento Rafael se deu conta do estresse que vinha segurando. E que se tornou um alívio empolgante. Estupidamente, nem ele nem Bárbara disfarçaram seu absoluto contentamento;

emoções tão exageradas por uma mochila de roupas fizeram com que o oficial suspeitasse de algo. Agora, ele queria inspecionar ambas as mochilas.

Antes, ele estava legal e sorridente, e então o cara ficou realmente bravo. Seus olhos maldosos se voltam para mim e para ela perguntando “Por que levaram essa mochila?”. Ele queria verificar tudo. Eu tava tipo, merda... Eu tava pensando em correr, deixar Bárbara, deixar a mochila e correr. Mas aí olhei para a porta e pensei, porra, pra onde vou correr?

Rafael

Ele inspecionou a mochila de roupas masculinas antes, depois pegou a outra debaixo da mesa. Bárbara tinha perdido a chave do cadeado. Mexendo na bolsa e nos bolsos, não conseguia encontrá-la, então a mochila teria de ir para o raio X. Rafael estava em pânico, mas repetia para si mesmo que Bárbara tinha chegado até Bali porque a mochila era à prova de raio X. Mas nada era garantido e esse oficial estava sendo exageradamente meticuloso, claramente pressentindo haver algo errado ali. Rafael tremia. Aquilo não era parte de suas funções como chefeão.

Meu coração tum, tum, tum, minha perna começou a tremer um pouco, e então eu inspirei fundo, fiz exercícios de respiração, tentando ficar calmo. Fomos juntos à máquina de raio X. Eu corri para ver na tela, estava perfeito. Nada. “Ok, muito obrigado, tchau tchau.” E aí fomos embora bem felizes.

Rafael

Como sempre, após uma grande missão cumprida, eles celebraram, pedindo champanhe francês no serviço de quarto e dando a Bárbara, além da comissão de US\$ 10 mil, duas noites no estonteante hotel no topo do despenhadeiro.

Mas o perigo para Rafael tinha apenas começado. Sua entregadora velhinha começou a espalhar a história da troca de mochilas, e o nome de Rafael circulou em fofocas por Bali. Ele rapidamente se deu conta de que esse era o problema de usar cavalos que viviam na ilha. Os demais, ele podia mandar para casa na hora. Agora, sua fama crescia, muito mais gente, geralmente estrangeiros, se aproximava dele em boates, restaurantes e até no surfe, pedindo para fazer

entregas; era ótimo para o negócio, mas perigoso ao extremo.

Todo mundo sabia disso porque Bárbara falava muito. Marco brincou, “Olha, sua mula não funciona. Contrata mula velha, dá nisso”. Ela achava que era legal falar para todo mundo “eu estava trabalhando para o Rafael e peguei a mochila errada, voltei e troquei pela certa, porque sou Bárbara”. Mas aqui é um lugar pequeno, todos sabem de tudo. Ela foi meu maior erro.

Meu parceiro Poca costumava tomar conta das mulas — mas eu comecei a ficar um pouco famoso. E aí muitas pessoas vinham: “Oi, você é o Rafael?”. “Sim.” “Sou amigo da Bárbara. Desculpe te incomodar, mas a Bárbara me falou que você precisava de alguém para um serviço.” Eu respondia tipo “Porra, o que a Bárbara tá fazendo?”, e aí falava tipo “Ok, aguarde. Não precisa entrar em contato comigo, vamos conversar por intermédio da Bárbara e, quando eu tiver algo, ela te chama. Ela sabe seu número?”. “Sim, ela sabe meu número.”

E aí comecei a ter várias pessoas à disposição em Bali. Bárbara encontrou um jeito de me achar cavalos, pegar uma comissão e fazer dinheiro sem correr riscos. Mas essa era uma jogada muito ruim, porque ela falava para várias pessoas que não precisavam saber... Porque, porra... Você entende... Ela foi uma das maiores cagadas que fiz na carreira.

Rafael

Rafael estava acostumado ao drama, com seus cavalos. Outro que era difícil e falador era Pardal, um amigo de longa data do Rio. Ele era alto, magro, meio bobão, e vinha pedindo para fazer uma entrega desde quando passara férias em Bali vários meses antes. Potencialmente, era um grande cavalo, com passaporte inglês e muita experiência em viagens, mas ser cidadão do mundo significava que sabia estar entrando em uma roleta-russa.

Após meses de insistências, Rafael lhe deu uma oportunidade. Enviou dinheiro para que ele comprasse um voo do Rio para Bali via Peru, para buscar a cocaína. Mas, após roer todas as unhas de nervosismo em Lima por uma semana sem ver sinal da droga, Pardal voltou de mãos vazias ao Rio. Rafael ficou aborrecido, mas,

sendo prático, organizou um entregador, Carlos, para entregar uma capa de prancha com 2,4 quilos de cocaína diretamente na porta de Pardal no Rio, dois dias depois.

Pardal finalmente cruzou os ares. Voou para Bangcoc via Johannesburgo, onde teve de trocar de companhia aérea. Singapura era a parada seguinte e ele começou a se alterar de novo. Estava a poucas horas da alfândega de Bali e ficava se imaginando sendo pego e executado. Para acalmar o pânico, foi para o salão de fumantes e fumou um cigarro atrás do outro por noventa minutos. Então forçou suas pernas pesadas a voltarem pelos corredores para embarcar no voo que o levaria a Bali. Eram 2h da madrugada. Ele tinha pensamentos sombrios; aqueles podiam ser os últimos passos que dava como homem livre por um bom tempo, talvez para sempre. De repente, viu-se no portão de embarque. Aquilo o tirou da névoa de medo em que estava metido. Os assentos estavam vazios; caiu na realidade — tinha perdido o voo. O avião partira vinte e cinco minutos antes com sua prancha a bordo. Pardal sabia que agora estava numa fria. Correu para um telefone público e ligou para Rafael, acordando-o. “Perdi meu voo”, confessou ele como uma criança travessa. Após uma sequência intensa de xingamentos, Rafael já voltou ao seu pragmatismo.

“Ok, vamos nos acalmar, calma. Vamos sair dessa. Vai pro balcão da Garuda e reserva o próximo voo”, disse ele em um tom tranquilizador, subitamente com cuidado para não deixar Pardal nervoso de novo.

Rafael estava um pouco de saco cheio de mim.

Pardal

Pardal decolou no voo seguinte, às 7h da manhã. Por quase três horas seu coração bateu rápido e forte enquanto ele passava um filme na cabeça, imaginando policiais com metralhadoras, uma cela apertada imunda, sua vida arrasada, destruída, terminada. Visões terríveis passavam por sua mente. Ele pensava sobre sua vida. Estaria seu falecido pai observando-o desapontado? O que sua mãe pensaria se ele fosse para a prisão? Veria sua irmã de novo algum dia? Ele se perguntou o porquê de estar fazendo aquilo — era um arquiteto qualificado —, mas sabia que fora a ilusão de US\$ 12 mil em dinheiro rápido. Mesmo nesses momentos mais sombrios, não pensou em abandonar a bagagem.

Logo chegou a Bali e ela estava no chão ao lado da esteira. Ele mostrou sua passagem, pegou-a e caminhou para a alfândega. Estava aterrorizado. Chegara a hora, era aquilo, os segundos que tanto temera; apenas alguns segundos, mas que poderiam destruir o resto de sua vida. Ele passou sem dificuldade. Fim do tormento.

De uma hora para outra, sentiu-se como uma boneca de pano que tivesse sido interminavelmente atirada de um lado a outro por um campeão de pesos-pesados. A tensão nervosa que passara se transformou em uma exaustão extrema; o fluxo de adrenalina que o mantivera ativo fora cortado. Enquanto caminhava para fora do aeroporto, livre, para o sol forte e o calor enjoativo de Bali, sentiu que ia entrar em colapso. Estava feliz por ver Rafael esperando por ele entre os turistas, levemente disfarçado com óculos escuros e o cabelo escondido sob um boné esportivo. Os amigos de longa data sorriram um para o outro, mas quando Pardal descobriu que Rafael viera com sua moto, e não de carro, simplesmente passou a prancha para Rafael e cambaleou com suas pernas bambas até um táxi. Estava fraco demais para se equilibrar na garupa de uma moto.

Pardal estava caindo aos pedaços, mas, no fim, tinha conseguido chegar ao destino. Foi direto para o hotel Bali Subak em Legian, onde diversos entregadores se hospedavam, e descansou um pouco, sonhando agora com as semanas ensolaradas de festa e surfe que teria pela frente.

Algumas horas depois, Rafael o buscou em seu Jimny, passou pela casa de Fábio — que também era investidor dessa encomenda — e foi para a festa onde Pardal encontrou os grandes compradores da ilha, os indonésios. Era raro que um cavalo os encontrasse, mas Pardal era amigo de Rafael.

Bárbara também os tinha encontrado, mas nunca faria negócios diretamente com eles. Não havia risco disso; ela era um desastre. Um dia, apareceu na casa de Rafael querendo comprar cocaína para uso próprio, mas ele estava saindo apressado para uma festa em uma das pousadas de um grande chefão indonésio. Ela o acompanhou.

A festa era fina e sofisticada, com indonésios ricos fumando charuto e servindo carreiras de cocaína em bandejas de prata para todos os convidados. Eles ofereceram para seu homem de confiança, Rafael, mas ele indicou Bárbara, dizendo “primeiro as damas”. Bárbara pegou um pequeno canudo e se inclinou

para a bandeja prateada enquanto ainda tinha a boca cheia de salgadinhos de batata. Ela espirrou, espalhando *chips* por toda a bandeja e fazendo a cocaína voar longe. Rafael, envergonhado, se desculpou profusamente e pegou da própria cocaína para fazer novas carreiras, após limpar a bagunça feita por Bárbara.

Eu disse, porra, não aguento mais essa puta. Ela exagerou. Eu estava muito envergonhado na frente do chefão na mesa. Eu disse “Bárbara, olha o que você fez”. Ela disse “desculpa, desculpa”.

A cocaína desapareceu, voou longe, pedaços de batatinha por todo lado. Eu consertei a situação... Eu disse “ai, perdão, perdão”, e corri para o banheiro para lavar a coisa. Ela se desculpava, mas as pessoas já estavam um pouco estressadas. E então eu sequei a bandeja, aqueci e peguei minha própria cocaína para refazer as carreiras.

“Desculpa, pessoal, ela é atrapalhada demais. Bárbara, não se aproxima, por favor.” Eu fiz graça, mas eles estavam putos com ela.

Rafael

A noite em que Pardal conheceu os compradores também era de festa. Esses homens eram os chefões de Bali. Tentavam controlar a ilha, querendo exclusividade na compra dos membros do cartel de fornecedores para que pudessem revender para os grandes compradores internacionais que vinham à ilha e para as gangues locais, em especial a Laskar, que vendia drogas impunemente nos clubes onde fazia a segurança. Esses chefões estavam podres de ricos e não só vendiam drogas como eram proprietários de pousadas, restaurantes, lojas, bares e casas.

Esses caras... Antes vendiam conchas na praia e agora possuem imóveis.

Rafael

A essa altura, três dos principais compradores indonésios de Bali eram o singapuriano Edy, Nanang, de Sumatra, e Taylor. O sumatrinense Nanang era

agressivo, tinha uma cara rechonchuda, estava acima do peso e seus cabelos ondulados cobriam as orelhas. Ele geralmente se vestia com tênis, *jeans* e camiseta. Era famoso por praticar magia negra contra inimigos — geralmente poderosa, já que os balineses acreditavam nela totalmente.

Taylor se vestia com roupas caras, calça sob medida e camisa de manga comprida de estilistas italianos. Tinha um restaurante na praia próximo do de Fábio. O singapuriano Edy também sempre estava bem vestido — camisa, gravata, sapatos de couro, Rolex. Fora preso uma vez por posse de uma série de drogas.

Outro grande caso envolveu Edy Kusyanto — dono do restaurante Ibiza em Kuta. Ele foi pego em 1995 por posse de drogas, incluindo 307 gramas de haxixe, 100 gramas de cocaína, 9,8 gramas de maconha e 17,9 gramas de ecstasy.

Jakarta Post, 16 de setembro de 1999

Acho que ele pegou três anos. Não muito, porque ele pagou para ser liberado e voltou.

Rafael

Rafael tinha conhecido Edy em sua pizzaria um dia quando almoçava com Fábio, que já trabalhava com ele. Fábio apontou e disse “quer drogas, este é o chefe”. Rafael queria conhecê-lo e logo subiram para seu escritório, onde Edy sentou sobre a mesa e apoiou a valise sobre ela. “Certo, o que quer?”, perguntou. “O que você tem?”, questionou Rafael. Edy destravou as trancas e abriu a tampa. Era uma farmácia. “Tudo: *ecstasy*, maconha, cocaína, heroína.”

Rafael perguntou se ele estava interessado em comprar. “Ah, sim, por quê? Tem algo?”

“Não agora, mas em breve. Posso te trazer uma amostra.” Edy queria. Enquanto isso, naquela tarde Rafael comprou dele um grama por US\$ 100, e a conexão estava feita. Mas eles não fizeram negócios por muito tempo, pois Rafael gostava de profissionalismo.

Ele dizia “eu te pago semana que vem” e aí na semana seguinte, amanhã,

amanhã, e eu ficava louco com isso.

Vender para os indonésios era normalmente um ganha-ganha. Para os ocidentais, era mais seguro que continuar em outros níveis ou vender localmente, do que esses chefões também não gostavam. Quanto aos chefões indonésios, eles contavam com os sul-americanos para conseguir cocaína, pois ela era onipresente e barata em seu quintal e eles tinham as conexões.

Os brasileiros eram os fornecedores perfeitos, pois o mais seguro era passar as drogas atravessando a fronteira dos grandes produtores de cocaína — Peru, Colômbia e Bolívia — para o Brasil, e dali voar de um de seus muitos movimentados aeroportos, facilmente se camuflando no interminável fluxo de turistas. Comprar cocaína nos três países produtores era baratíssimo, geralmente US\$ 1 mil o quilo.

No Peru e no Brasil, cocaína é como areia no Saara, tem em todo lugar. Existem milhões de lugares onde você pode comprar um quilo de cocaína, é como comprar um quilo de açúcar no mercado.

Alberto

A cada passagem de fronteira, o preço da cocaína dava um salto. Após a primeira fronteira do Brasil, o quilo já custava US\$ 5 mil, e quando chegava à distante e festiva ilha de Bali, os preços decolavam para uma faixa entre US\$ 20 mil e US\$ 90 mil o quilo. O preço de mercado era ditado pela oferta de cocaína na ilha — ou seja, se estava ou não nevando em Bali. Os cartéis, como o dos irmãos Diaz e Rafael, protegiam suas fontes, então os indonésios dependiam deles para conseguir seus produtos.

Se os traficantes estrangeiros não cumprissem suas regras, os indonésios se irritavam, como descobriu um australiano amador. Após meses em festas no circuito de boates, ele conheceu dois chefes indonésios. Então, quando ele encontrou um surfista que chegara com dois quilos em sua mala, ele agiu como um vendedor, oferecendo para Nanang primeiro. Nanang tinha interesse, mas, com estoque alto, pediu que ele esperasse alguns dias. Mas o australiano não esperou, ele vendeu.

Assim que Nanang soube da traição, enviou dois capangas para lhe darem um

ultimato: saia de Bali ou vai morrer. O surfista se escondeu por seis meses, evitando boates e restaurantes, até que um de seus amigos peruanos traficantes ofereceu a Nanang cocaína com grande desconto, representando um pedido de paz, que foi aceito.

O traficante Alberto se recusava a seguir as regras. Como intermediário entre vendedores e compradores, ele não podia demorar com a carga, pois os vendedores ficavam impacientes e bravos. A maioria dos vendedores o pressionava a vender rápido e, em Bali, sempre havia grandes compradores chegando da França, Itália, Austrália, Nova Zelândia, Japão e diversos outros países, com dinheiro sem fim e entregadores prontos para partir. Era um negócio frenético e Alberto sempre queria evitar “sentar” na cocaína.

Você é obrigado a gastar dinheiro em hotéis e é um risco, porque você fica sentado em uma bomba, pode explodir a qualquer momento.

Alberto

Uma tarde, ofereceu um quilo de cocaína a Nanang, mas o chefão precisava de tempo para organizar o pagamento. Alberto desconversou, sem prometer manter o produto, e, quando um australiano apareceu com uma maleta cheia de dinheiro, ele vendeu. Alguns dias tarde demais, Nanang ligou dizendo que estava pronto. Alberto contou a notícia; não tinha mais. Nanang pediu que ele viesse até sua loja.

Assim que Alberto entrou no escritório de Nanang, levou um soco na cara tão forte que foi parar na parede. A dor era intensa, mas ele não revidou. Não podia esquecer que era o país deles, especialmente porque os soldados de Nanang agora o cercavam. Mas seus olhos demonstravam sua fúria. Nanang percebeu e explodiu. Pegou uma cadeira e a levantou acima da cabeça para esmagar Alberto com ela. Dois de seus homens entraram no meio.

Isso deu a Alberto um segundo para falar. “Ei, espera um segundo. Não é minha culpa, você sabe, não sou eu que decido.”

Nanang tremia de raiva. “Não dou a mínima.”

Alberto pegou seu telefone dizendo “espera um segundo, vou colocá-lo na linha com meu amigo”. Alberto ligou para o vendedor. “Amigo, fodeu tudo; o cara acabou de me dar um soco na cara. Agora você acha a porra de uma saída.”

O vendedor encontrou um quilo de cocaína para Nanang pelo mesmo preço. Todos os traficantes sabiam que os indonésios eram voláteis — simpáticos num minuto, prontos para matar no seguinte — e Nanang era o pior.

Também havia tensões brutais entre os cartéis, que afloravam quando as boas práticas do negócio eram violadas. Os cartéis queriam manter o preço o mais alto possível, porém, às vezes, ele colapsava quando um peruano entrava no meio, sabotando o mercado por interesse próprio. Era fácil para os peruanos venderem barato, pois compravam por uma quantia mínima em casa e tinham custos baixos se eles mesmos transportassem. Não havia problema se vendessem barato para os cartéis, mas não para os chefes indonésios ou outros compradores internacionais. O preço normalmente girava em torno de US\$ 50 mil o quilo, mas, se a oferta estivesse baixa, podia subir até US\$ 90 mil — se estivesse alta, o preço podia cair para US\$ 20 mil. Essa era a dinâmica do mercado de Bali.

O negócio das drogas já era volátil o bastante pelas apreensões constantemente destruindo seus lucros, então, quando era um deles próprios sabotando o mercado, a fúria ficava exacerbada.

José Henrici, o Borrador, vivia entre o Peru, onde tinha um filho, e Bali. Sua especialidade era costurar as malas, geralmente trabalhava para Rafael empacotando a cocaína em mochilas e capas de pranchas no Peru ou em Bali. Ele trabalhara com Rafael na segunda entrega de Pardal, encontrando o cavalo em Cuzco, no Peru, para lhe dar a bagagem. Borrador era parte do negócio, mas apenas um soldado, não um chefe. Começou a se drogar constantemente, suando bastante pelo excesso de uso. Agora, tinha trazido alguma cocaína que comprara por US\$ 1 mil no país natal, empacotado e transportado sozinho o produto, e estava atravessando todos do negócio.

Os peruanos estavam pressionando o preço para baixo; às vezes tinha grandes brigas com eles. A gente dizia “que porra é essa, vocês estão fodendo com o negócio”. Nós vendíamos o quilo por US\$ 50 mil ou US\$ 48 mil e eles vinham e vendiam por menos de US\$ 20 mil.

De boa qualidade?

Da melhor. E eles começaram a nos atravessar, e um dia pegamos um e

dissemos para o filho da puta sair da ilha.

Rafael

Rafael estava procurando por Borrador na noite que descobriu seu crime. Nanang tinha pedido para Rafael avisá-lo assim que conseguisse mais cocaína, mas quando Rafael lhe ofereceu pela barganha de US\$ 25 mil, já que a oferta estava forte, Nanang recusou. O chefe estava com estoque alto porque Borrador tinha acabado de lhe vender alguns quilos por US\$ 18 mil cada.

Rafael ficou indignado. Era vital para os cartéis de Bali manter o preço do quilo acima de US\$ 25 mil, no mínimo. Turistas aleatórios que apareciam com droga geralmente vendiam ingenuamente por preços baixíssimos para os cartéis ou para intermediários profissionais como Alberto, mas eles não conheciam os grandes compradores indonésios, então tinham apenas de se vigiar uns aos outros.

Naquela noite, Rafael e seu amigo e autointitulado guarda-costas Jando, faixa roxa de jiu-jítsu, pularam no carro e foram caçar Borrador. Quando passavam por uma rua escura e estreita da praia de Canggu, viram-no em sua moto vindo na direção contrária.

Rafael virou bruscamente na hora, perseguiu a moto, rapidamente a ultrapassou e freou à sua frente, forçando Borrador a parar. “Ei, Rafael”, acenou ele sem entender.

“Vai se foder, cara”, gritou Rafael da janela enquanto Jando pulava da porta do passageiro, se aproximava da moto e a derrubava com um chute, jogando Borrador no chão. O peruano não teve chance de reagir. Jando pegou a mão dele e com uma técnica de jiu-jítsu quebrou seu polegar. Borrador gritava em agonia com o braço erguido no ar e Jando rosnava “Que porra acha que está fazendo, filho da puta?”

Rafael ficou no carro monitorando o tráfego. Ele dissera a Jando para assustar o cara, não realmente matar, mas dar a entender que naquela noite iriam jogar o cadáver dele em um dos campos de arroz da região.

Da janela do carro, Rafael o insultava, “você não pode chamar sua mãe agora, vai morrer aqui, amigo”. O peruano, agora de joelhos implorando de mãos juntas, clamava “por favor, não me mate”.

Jando lhe deu um chute forte no peito. “Seu merda, levanta e luta.” Estirado no

chão, Borrador chorava, “eu não quero brigar”. Jando o golpeava várias vezes na nuca. “Por que tá fodendo com nosso negócio, filho da puta?”, gritava ele, erguendo-o pelo cabelo.

“Eu não fiz nada, foi um amigo.”

“Mentira”, interveio Rafael.

“Eu precisava de dinheiro rápido, por isso que vendi assim. Desculpa”, soluçava ele.

Para assustá-lo ainda mais, Jando tirou uma faca do bolso e colocou a lâmina na garganta dele. “Filho da puta, não vamos te matar hoje, mas saia de Bali agora. E se algum dia voltar e vender essa merda por menos de US\$ 25 mil, vou cortar sua garganta.”

No carro, Rafael começou a ficar impaciente, preocupado que algum carro parasse. “Jando, vamos rápido, vamos.” Jando se inclinou ameaçador até o rosto de Borrador, avisando-o para não dar um pio a Nanang ou qualquer outro sobre aquele encontro, passando o dedo em seu pescoço para dar ênfase.

“Não vou dizer nada, desculpa, desculpa”, chorava Borrador.

Nos dias seguintes, Rafael ouviu de outros peruanos que Borrador voltara para a casa comunitária que diversos traficantes dividiam perto de Kerobokan, e que ficara chorando dizendo que Rafael o mataria. Ninguém se solidarizou. Estavam agradecidos por Rafael ter lidado com o problema, eles também estavam bravos com o atravessador.

Borrador voltou para o Peru no dia seguinte e não retornou por seis meses, quando seus problemas se agigantariam com o desaparecimento de sua namorada inglesa Kate Osborne, em um caso que viraria manchete mundial.

A justiça do tráfico não era sempre uma pancadaria acalorada — podia ser fria e calculista. O paranoico Poca, no seu hábito de roubar de Rafael e provavelmente de outros, tinha organizado um cavalo para trazer dois quilos de cocaína do Peru para Bali. Sem dificuldades, o cavalo passou na imigração. Mas quando Poca pegou a mala e foi abri-la, foi um golpe doído.

“Ah, porra, tenho más notícias”, suspirou ele para Alberto e para outro traficante que tinha sido contratado para ajudar nessa entrega, tomando conta da cocaína e encontrando um comprador. Eles estavam sentados em um restaurante esperando por instruções, mas receberam a notícia — o serviço caíra, não havia cocaína. Poca tinha recebido, muito bem empacotados... Pacotes de areia.

Eu perguntei pra ele “Que porra você fez de errado, cara?”. Com certeza, ele tinha feito merda. Talvez não tenha pagado da última vez, então isso era alguém no Peru falando “vai se foder”. Ele ainda tinha de pagar US\$ 10 mil pelo voo, pelos hotéis e para o cavalo.

Você achou engraçado?

Sim, com certeza. Nós ficamos rindo e fazendo piada tipo “De que praia é isso?” e “Ok, por quanto podemos vender areia peruana aqui em Bali? Talvez US\$ 100 o quilo?”.

O Poca estava rindo também?

Não, ele não estava rindo, com certeza não.

Alberto

CAPÍTULO CINCO

M3, O LAVA-RÁPIDO

DA SUNSET

Muitas pessoas no Peru sonham em conseguir um emprego desses — de vir para Bali e ganhar US\$ 10 mil.

Rafael

O M3, lava-rápido e café, na rua Sunset, ficava localizado em uma construção única, chamativa, na autoestrada de quatro faixas que fazia a ligação entre Kuta, Legian e Seminyak. Era um barracão de concreto do tamanho de um campo de futebol. Sua estética incomum, com buracos redondos cortados na fachada de metal, se destacava mesmo tendo Bali uma arquitetura eclética e estranha. Traficantes, músicos, políticos e jornalistas vinham passar animadas noites ali; escreviam-se histórias a respeito de o M3 usar água filtrada para lavar carros de luxo, mas nunca sobre o fato de o M3 ser uma gigante lavanderia de dinheiro. Seu dono, apelidado de Chino por sua ascendência chinesa, era o maior chefe do tráfico de Bali, e tido como o mafioso chinês da ilha.

Na rua Sunset, esse cara tinha a porra de um lugar gigante para equipar e customizar carros — Porsches, Mercedes — e fazê-los mais velozes e furiosos. Chino era um campeão em transformar carros, campeão indonésio cinco vezes, eles pegam um Porsche e equipam, sabe... Luzes de neon, rodas grandes.

André

Aquele lugar era apenas para lavar dinheiro, deixar limpo; sua fábrica de ecstasy era em Java.

Rafael

Chino e Rafael se entrosaram assim que se viram pela primeira vez, e rapidamente estabeleceram uma relação comercial, com Chino insistindo que Rafael vendesse somente para ele. O lugar preferido deles para reuniões era no mar. Os dois se encontravam no ponto de aluguel de *jet-skis* de Chino em Nusa Dua, pulavam nos *jet-skis* potentes e aceleravam mar adentro até girar em uma parada brusca e ficarem colados. Eles desligavam os motores, deixando apenas o som da água batendo contra os cascos.

A distância, podiam ver o trecho curvo da praia de Nusa Dua, com seus vários hotéis e multidão de turistas. Lá fora, a água lhes dava privacidade, criando a sala de reuniões ideal — silenciosa, sem insetos nem risco de ninguém os escutar, a não ser os peixes. O uso da areia e do surfe como seu escritório tinha conferido a Rafael o apelido de “Beach Boy” entre os traficantes da ilha.

Nesse dia, extasiados após as manobras radicais que fizeram, estavam prontos para conversar sobre estratégia, como descobrir o melhor meio de traficar alguns quilos de pó para a Austrália usando o Porsche de Chino. Seu carro tinha acabado de ganhar uma competição em Jacarta e ia ser enviado para uma feira de carros em Sidney. Seria um golaço para um traficante de drogas criativo — um desperdício não tentar. O cérebro criativo de Rafael pipocava de ideias. Balançando em seus *jet-skis*, concordaram que a melhor estratégia era encher o aerofólio do carro com cocaína e cobrir com resina para assegurar que não emitisse cheiro.

Funcionou sem problemas. Chino voou para Sidney com seu time e um aerofólio reserva, e simplesmente os trocou na chegada, ganhando fáceis US\$ 450 mil vendendo três quilos de cocaína para um de seus vários contatos.

Conhecida como a mais glamourosa e multibilionária droga do mundo, a lista de eufemismos para cocaína incluía neve, farinha, pó branco, Charlie e doce de nariz. Dado o grande número de fronteiras que tinha de passar para chegar a Sidney, os preços geralmente disparavam para US\$ 250 mil o quilo. E, usando a metodologia da polícia para estimar o valor de uma apreensão a ser divulgada na imprensa, os três quilos de Chino em Sidney valeriam facilmente mais de um milhão de dólares no “preço das ruas” — assumindo que cada grama era vendido por aproximadamente US\$ 350 e que os três quilos seriam misturados para render o dobro.

Sidney era familiar para Chino, pois, sendo uma meca para um chefe do tráfico

e estando praticamente em seu quintal, ele com frequência passava meses por lá, sempre subornando um oficial do consulado australiano para lhe dar vistos nos diferentes passaportes falsos que usava. Montou uma fábrica de *ecstasy* em Maroubra, subúrbio litorâneo de Sidney, para alimentar o mercado australiano voraz sem cruzar fronteiras internacionais. Uma rede australiana de lava-rápido e café o havia inspirado a criar seu lava-rápido em Bali.

A vida de Chino nas drogas começara em Bali no início dos anos 1990, quando fora convidado por um amigo para se juntar a uma banda de *rock*. Tinha por volta de vinte anos, se mudara de Java para Bali e ganhava US\$ 15 por noite tocando teclado para turistas em *pubs* e festas privadas. Ele tocava junto com o guitarrista Manto e o baixista Putu Indrawan, antigas estrelas de uma banda de Bali chamada Harley Angel, avaliada pelo *Jakarta Post* como “possivelmente a melhor banda de *rock* que Bali já produziu”. Os rapazes faziam *covers* de bandas como Pink Floyd, Led Zeppelin e Deep Purple. A música favorita de Chino era “Comfortably Numb”, do Pink Floyd — um presságio, talvez, para uma sensação à qual ele teria de se acostumar um dia.

Sua vida parecia simples como suas roupas características — um boné de beisebol, óculos escuros, sandálias, camiseta e calças Capri —, mas a essa altura Chino já fervia de ambição. Ele comprou um Honda Civic de duas portas, alugou uma casa em Kuta e iniciou um empreendimento de camisetas enquanto acobertava sua transição para o negócio do *ecstasy*. Quando a banda se separou, após dois anos, perderam contato até que um dia, muitos anos depois, Chino apareceu com estardalhaço em um Porsche verde no humilde restaurante familiar do baixista Putu, em uma rua simples de Denpasar.

Um dia ele veio ao meu warung (restaurante) de Porsche e me disse “sou rico agora”. “O quê?” “Sim, sou rico.” Fazia tempo que não o via e, quando ele apareceu do nada com um carro de luxo, fiquei me perguntando “Como ele ficou rico?”.

Perguntou para ele?

Sim. Ele apenas sorriu, então não insisti na pergunta. Estava feliz por ter um amigo rico que ainda se lembrava de mim.

Mas você ficou surpreso?

Sim, muito, muito surpreso. Basicamente, fiquei um bom tempo sem saber por que esse cara tava rico.

Putu

Apesar do Porsche novo, Putu percebeu que Chino ainda usava as mesmas roupas simples; a diferença sutil era que suas sandálias agora eram Louis Vuitton.

Chino convidou Putu para trazer seu carro para uma lavagem no M3. Putu tinha um Toyota Hilux 1977, então declinou, mas passou a aceitar convites de almoço no café do M3, onde Chino tirava da carteira e lhe dava 400 ou 500 mil rúpias [US\$ 40 ou US\$ 50] — para a maioria dos balineses, isso significava metade do salário mensal.

Para mim, ele era um Robin Hood, mas para outras pessoas ele era do mal. Eu não ligo.

Por quê?

É problema dele, não meu.

Putu

Ele também convidou Putu para a grande festa de inauguração do M3, que ocorreu meses após já estar em operação. Pessoas de vários ramos da vida de Chino apareceram naquela noite, de músicos e jornalistas locais até traficantes de drogas, incluindo Rafael. Se os jornalistas sabiam que o M3 era uma grande operação para lavar dinheiro, não citaram em suas reportagens. Havia várias noites em que Chino organizava festas com as portas abertas a todos. O café envidraçado ganhava vida com muita música, às vezes com os ex-companheiros Putu e Manto dando uma palhinha, ou com grandes telões exibindo eventos esportivos internacionais, enquanto crianças, incluindo seu próprio filho, jogavam *videogame*.

O chefe tinha construído uma grande vida em Bali, com *status*, ligações estreitas com políticos e policiais, imóveis e brinquedos caros. Ele tinha uma grande propriedade no rio no coração de Legian, com casa, piscina e uma grande área de estacionamento para seus brinquedos favoritos — uma frota de carros luxuosos e motocicletas. O negócio de aluguel de *jet-ski* se compunha de um píer e cavaletes na praia para guardar suas vinte máquinas. Também estava construindo um autódromo de *kart* e sonhava um dia organizar uma etapa do campeonato mundial ali em Bali.

Para fortalecer seu álibi, Chino aparecia bastante com seus negócios legítimos, ou lavanderias, mas conseguia usar inteligência, conexões e dinheiro para despistar a verdadeira fonte de sua imensa riqueza. Não havia melhor lugar que Bali para distribuir propinas, e Chino tinha uma quantidade de policiais em sua folha de pagamento, com os jornais locais noticiando que ele era “amigo íntimo de altos oficiais do governo”. Às vezes, policiais que lhe prestavam serviço até passavam envelopes com dinheiro para traficantes da ilha.

Algumas vezes, eu ia até o Chino, no M3, receber US\$ 10 mil ou US\$ 20 mil e um policial de uniforme, uniforme completo, me dava o dinheiro dizendo “ei, André, o Chino deixou essa grana para você”. “Ah, obrigado.” Eu nunca falava com ele sobre drogas, e ele nunca perguntava, mas tinha certeza que ele sabia ser pagamento de droga, porque trabalhava para o chefe da cocaína de Bali e distribuía dinheiro para ele. A polícia cobrava caro para dar proteção pro Chino. Quanto é o salário de um policial em Bali? Dois milhões por mês (US\$ 200). Chino pagava US\$ 2 mil por mês apenas para ficar ali dentro e não deixar outros policiais entrarem. Chino é um chefe que trabalha diretamente com a polícia.

André

Chino era um pouco baixo, um pouco roliço, com um rosto redondo feliz e lábios inchados. Com seu riso fácil, inteligência e natureza calma, era um tipo de quem muita gente gosta. Para ele, o que ele fazia para ganhar seus milhões era ilegal, mas não algo ruim. Era um negócio. Atuava nele profissionalmente, vendendo drogas da melhor qualidade para um mercado voraz. Enriquecia trabalhando

duro e fazendo outros também podres de ricos, especialmente aqueles que ajudavam a passar drogas pela fronteira australiana.

Ajudar a encontrar oficiais de alfândega maleáveis nas fronteiras marítimas e aéreas da Austrália podia deixar qualquer um milionário da noite para o dia. Oficiais corruptos rapidamente ficavam obscenamente ricos. Chino aplicava estratégias para assegurar que eles mantivessem seus empregos ao, esporadicamente, “jogar uma carga”. Uma vez que Chino conseguisse um contato na fronteira, era vital mantê-lo naquela posição e garantir que não levantasse suspeita por nunca apreender nada. Então, Chino enviava um carregamento para ser especialmente descoberto. Para ter sucesso e parecer ainda mais legítimo, ele às vezes pagava alguém para que fosse preso por um tempo. Chino podia então manter seu contato na ativa para liberar suas drogas. Era um truque usado por grandes traficantes pelo mundo.

Para Rafael, trabalhar com Chino acelerava o negócio de modo fácil e seguro. Ele podia simplesmente vender seus lotes de cocaína para alguém de quem gostava e em quem confiava; eram amigos agora, mas era o negócio que os unia. O acordo era que qualquer cocaína que Rafael conseguisse seria vendida para Chino, possibilitando a ele o controle do mercado de cocaína em Bali e ampliando seu negócio florescente de *ecstasy*, com suas pílulas aclamadas mundialmente.

Minhas pílulas são as melhores do mundo.

Chino

O acordo servia a Rafael, ainda que irritasse os outros compradores indonésios, que estavam sendo ofuscados por Chino.

Era difícil porque eles se conheciam. Ficavam com inveja. Era uma guerra de compradores. Eles falavam “Por que vende para ele e não para mim?”

Mas Chino queria ter o controle, tinha olho grande. Dizia, “Você vai trabalhar comigo; não pode vender para Nanang nem para outros, apenas para mim. Venha até mim com tudo que tiver. Qualquer coisa que venha por seus amigos, eu quero comprar. Apenas traga para mim e eu te darei comissão. Não precisa correr

risco algum”.

Eu dizia “ok”.

Rafael

Chino sabia da maioria das grandes entregas de cocaína que chegavam a Bali, com seus homens instruídos a ficar de olho. Se lhe informassem que, de repente, estava nevando, e um dos homens de Rafael tinha conseguido contrabandear, ele mandava seu braço direito, Bejo, um alto e magro indonésio, ir à casa de Rafael e trazê-lo para se explicar no M3.

Bejo é um cara perigoso, um cara perigoso pra caralho.

Por quê?

Aqui, ele esteve na prisão Kerobokan duas ou três vezes. É da Laskar Bali; ele tem hoje a maior empresa de segurança aqui, para bancos, e sempre anda armado. Dá medo do cara.

E ele ainda trabalha para a Laskar?

Sim.

André

Às vezes, eu estava em casa sem fazer nada e aí aparecia o Bejo. “Rafael, Chino quer falar com você.” “Sobre o quê?” “Não sei.” Aí eu dizia “ok, vamos”. Íamos lá e o Chino dizia “Sabia que chegou cocaína na ilha?”. “Não.” “Bom, meu pessoal sabe, tem gente vendendo cocaína aqui. Descubra quem é o cara. Ouvi dizer que é brasileiro.” Algumas vezes eram franceses ou italianos, mas os soldados de Chino detectavam quando a merda começava a ser vendida na rua. Ele dizia “Rafael, encontra esse filho da puta, vamos foder com ele”. Eu respondia “não precisamos fazer nada, eles vão se foder sozinhos”. É engraçado, porque as pessoas às vezes vêm, nem falam inglês, não têm conexão alguma, só ouvem que é bom trazer

cocaína para Bali e trazem. Tentam fazer sozinhos. É difícil, você tem de ter contatos para vender um quilo. Pô, tentar vender cocaína na rua grama por grama é muito perigoso.

Eles se fodem. Ou não conseguem vender e passam a usar, ficam loucos e, no fim, vêm até mim, “por favor, Rafael, me ajuda a vender essa merda”. Eu pergunto “Por que não falaram comigo antes, venderam para mais alguém?”. Pergunto porque me preocupo em não criar problema com Chino.

Rafael

Geralmente, Rafael e Chino se resolviam amigavelmente, mas havia momentos em que o temperamento de Chino explodia, revelando seu sangue-frio.

Bejo e outros três gorilas indonésios vieram até minha casa armados. Chino mandou “Vão para a casa do Rafael, perguntem que porra ele está fazendo, por que não vendeu a merda para mim?”. Mas a merda não era minha.

Bejo disse “vamos até o Chino falar com ele”.

Eu digo “sem problema, posso falar com ele a hora que ele quiser, mas por que esses putos estão aqui armados perto da minha família, dos meus filhos?”. Eu fiquei muito puto.

Rafael

No M3, Chino o esperava e tombou uma mesa, irritado, assim que Rafael entrou. “Quer me foder?”, gritou.

“Cara, a merda não é minha. Não tenho nada pra esconder. Se quer jogar duro, posso descobrir quem trouxe e dar uma lição pesada nele, ensinar a não foder com você.”

Descobri que era a porra do Dimitrius, o Grego, que tinha trazido e vendido aqui. Ele queimou meu filme. Talvez alguém tenha perguntado “Quem trouxe isso?” e ele disse “Rafael”. Ele sabe que sou o cara, então por que tenta fazer isso

por trás das minhas costas? Ele ia conseguir o mesmo preço comigo e eu ainda ganharia comissão.

Fui até o Chino e disse “Esse é o cara. O que fazemos?”.

“Vamos foder ele com tudo.”

Eu disse “espanca ele, expulsa da ilha, vamos agir”.

E o Chino falou “ok, leve esses dois e desce a porrada nele”.

Rafael

O Grego era amigo de Rafael, costumava fazer entregas frequentes de Suco de Limão para Marco e já tinha lhe pedido para fazer entregas de cocaína. Era inteligente e costumava frequentar o clube com a galera. Mas, agora, estava começando a investir, queria ser chefe. Rafael o apresentara a muitos de seus contatos em Bali, o que tornou a traição ainda mais amarga.

Rafael fumegava ao sair do M3 com dois dos soldados mais mal-encarados de Chino. Eles eram capangas com cara de bravos, corpos bombados e tatuados, que só de aparecer já matavam de medo qualquer um.

Assim que, sem saber, Dimitrius abriu a porta, Rafael invadiu a casa gritando “Por que fez isso comigo, filho da puta? Por que tentou me passar para trás?”.

O Grego retrucou, “O que está fazendo, Rafael? Não pode simplesmente entrar aqui assim”.

Resposta errada. Um dos capangas o golpeou com violência na nuca. As pernas do Grego falharam. O capanga o levantou pela camisa para mostrar uma arma. Os olhos de Rafael brilhavam enquanto olhava o Grego, “Tire os óculos e olha no meu olho. Fala a verdade. Trouxe alguma cocaína pra Bali essa semana?”. Os dois cães de guarda de Chino estavam salivando, esperando a chance de destruí-lo vivo.

O Grego estava destruído. “Desculpe, desculpe. Por favor, não me mate. Não era um projeto meu, era de um amigo.”

Agora era conclusivo. Rafael não estava interessado em desculpas patéticas.

“Foda-se, amigão; agora você vai pagar. Você vem, vende na ilha, pensa que é

um chefe. Agora o chefão quer me matar. Ele pensa que eu trouxe a merda aqui e passei ele para trás. Agora você vem com a gente para se explicar com meu chefe.”

O Grego caiu de joelhos chorando. “Não vou a lugar nenhum; você vai me matar?”

Rafael teve vontade de socá-lo, mas o cara estava em uma posição patética demais para levar porrada, de joelhos, com as mãos postas em oração, clamando por sua vida. “Talvez, depende do que disser. Se ainda tem cocaína, dá ela agora. Vim para pegar tudo que você tem e te matar, mas quero só comprar o que sobrou, aí você tem uma semana para se mandar, ou, nas palavras de Chino, ‘vamos foder ele com tudo’. Acho melhor ir embora da ilha.”

Ele tava mijando nas calças como um covarde, desesperado, ele era tão cagão.

Rafael

O Grego rapidamente confessou ter meio quilo de pó ainda guardado em um depósito no caminho para Legian. Ofereceu-se para ir buscar mais tarde, quando anoitecesse.

“Não, agora”, gritou Rafael. “Se eu volto para o escritório do Chino sem cocaína, sem você, vou me meter em encrenca, então é melhor sua mãe chorar do que a minha. Vamos.”

Dimitrius pediu se poderia trocar sua bermuda molhada antes. Rafael concordou, seguindo-o até o quarto para ter certeza de que ele não tentaria nada, como fugir pela janela. Os capangas vieram atrás.

“Só você vem”, disse Dimitrius para Rafael, criando um clima suspeito.

“Por quê? Tem algo lá dentro?”, perguntou Rafael, virando-se para os capangas de Chino e ordenando “venham”. Eles reviraram o quarto enquanto o Grego aguardava em um canto, trocando a bermuda, mas não encontraram nada. Pularam nas motos e foram até o depósito, onde Dimitrius entregou a Rafael meio quilo de cocaína.

Mais calmo agora que tudo estava resolvido, Rafael disse para seu ex-amigo “você tem uma semana para sair de Bali, amigão”.

O Grego concordou na hora. “Ok, vou arranjar minha passagem. Não quero problema com você, Rafael.”

“Ok, se vier de novo, me liga antes, vamos te pagar o mesmo preço, você não

pode vir aqui e sair distribuindo na rua. Pensa que é Al Pacino no 'Scarface'? Bem, não é."

Nós pagamos só US\$ 10 mil pela cocaína; era da boa. Expulsamos ele da ilha e tudo ficou ok.

Rafael

Muitos meses depois, o Grego retornou a Bali trabalhando em uma panelinha diferente da de Rafael, com um traficante italiano, Carlino. Mas não havia conflito nem com Rafael nem com Chino, pois enviavam cocaína para a Austrália no catamarã luxuoso de Carlino ou vendiam para compradores internacionais em Bali, nunca nas ruas. Em breve, todos eles, incluindo Rafael, seriam investidores em uma entrega audaciosa que se tornou mortal para um amigo em comum.

Rafael estava ficando tão ocupado que passara a injetar dinheiro em entregas alheias, incluindo o Suco de Limão de Marco, como um grande jogador apostando montes de fichas em vários números de uma roleta. Muitas pessoas estavam investindo. Chino tinha gente colocando um milhão de dólares em contêineres cheios de drogas, dobrando o investimento em dias. As chances de sucesso eram gigantescas e o risco era mínimo, se você conhecesse os segredos do jogo.

Chino era um jogador calculista e sabia que Rafael era confiável e inteligente, então começou a investir em suas entregas, em vez de só comprar na chegada. Algumas semanas, eles traziam até vinte quilos para Bali, usando dois ou três cavalos em voos diferentes. Também conseguiam traficar grandes quantidades usando o novo método criativo de Rafael, inserindo a coca no interior de mastros de windsurfe.

Rafael foi o pioneiro do método, após as capas de pranchas serem descobertas. Sempre querendo ficar um passo à frente, e ter boas opções, ele passava semanas estudando equipamentos esportivos, avaliando o que tentar a seguir. O primeiro mastro que ele empacotou foi o mais difícil. Comprou o equipamento e foi trabalhar em um bangalô na praia com Poca. Demorou dois dias inteiros para descobrirem como assegurar que o mastro fosse à prova de raio X.

Era um trabalho complexo tornar a cocaína invisível. Primeiro, colocavam-na

em um liquidificador para deixar o pó fino como talco de bebê, eliminando todas as pedras, então usavam um funil para encher o mastro e, finalmente, um bastão feito sob medida, com uma moeda na ponta, para socar a cocaína no tubo de alumínio, compactá-la e comprimi-la, eliminando qualquer bolha de ar. Na primeira vez, a técnica se revelou imperfeita — eles perderam dois por cento da cocaína quando o pó finíssimo voou pelo quarto inteiro e os cobriu.

Eu comecei a socar a cocaína no tubo... De repente, puf, ela disparou para fora como uma bala dispara do ar comprimido; ficamos com cocaína nos olhos, na cara, e a merda entrou na minha boca, na pele, comecei a sentir coceiras. Ela se mistura com sua circulação quando você fica suado e entra em seus poros, te deixa chapado; eu fiquei tipo “cara, não estou me sentindo bem” — inspirando todo aquele pó, fiquei tonto, alucinando da poeira, comecei a ver duas pessoas quando olhava para Poca... Eu disse “vamos parar essa porra, vamos para a praia, trancamos tudo aqui e voltamos amanhã”.

Porra, era um trabalhão. Aquela noite, meu corpo estava tão cansado, músculos doídos, mãos cheias de bolhas, não consegui dormir; eu tava totalmente fodido.

Rafael

Na manhã seguinte, uma fina camada de neve tinha se assentado no quarto, cobrindo tudo, e eles rapidamente ficaram chapados de novo. Mas conseguiram terminar o trabalho, enviaram o mastro com o quilo invisível para a Malásia, ganharam US\$ 65 mil e, mais importante de tudo, inauguraram um novo método vencedor. Os dois voaram ao Peru para ensinar os empacotadores como se fazia, dando ordens estritas para que o segredo fosse mantido.

Obviamente, não há patentes no negócio do tráfico, e sem demora os cavalos espalharam a nova, mastros começaram a ser apreendidos e outros traficantes descobriram a técnica. Mas, àquela altura, o método pertencia exclusivamente a Rafael e Poca.

Chino foi avisado da nova técnica, mas deixava detalhes como esse com Rafael. Para Chino, investir com Rafael desde o início significava um pouco mais de risco, mas em troca conseguia um preço menor, e também o assegurava de sempre saber quando estava chegando cocaína na ilha.

Porém, nem sempre tinham sucesso. Chino e Rafael se envolveram em uma entrega com um casal mexicano atraente, Clara Gautrin, de trinta e dois anos, e Vicente Garcia, de vinte e nove, que vieram a Denpasar se fingindo de namorados, mas com a audácia de trazer 15,2 quilos de cocaína na capa de sua prancha. Quando Vicente recolheu a prancha da esteira, já estava sendo vigiado por oficiais da alfândega de Bali. Tinham recebido por fax uma dica do ex-chefe de Vicente no México, como vingança de ter sido atravessado.

A promotoria pediu pena de morte para Vicente, o segundo traficante a enfrentar a possibilidade de execução em Bali. Mas as mãos certas foram molhadas. Clara pegou sete anos e Vicente, prisão perpétua, com um aceno de que, se ficasse quieto, sairia em alguns anos. Era impossível para o juiz dar uma pena menor sem risco de evidenciar a propina recebida, pois um traficante francês tinha acabado de receber prisão perpétua por uma quantidade bem menor de droga.

O francês Michael Blanc fora preso no Aeroporto Denpasar com 3,8 quilos de haxixe em seus cilindros de mergulho. Podia ter fechado um acordo, mas não o fez. Sua mãe, Helena, foi informada de que um pagamento entre US\$ 330 mil e US\$ 420 mil poderia comprar uma sentença de apenas quinze anos para seu filho. Mas ela recusou, acreditando que ele era inocente, e desperdiçou a única estratégia que poderia funcionar.

Clara e Vicente foram enviados para a Penitenciária Kerobokan, no centro da área turística de Bali. Por sorte, o irmão gêmeo de Chino, Toto, um viciado, logo foi preso por uso de drogas. Sua estada de alguns meses em Kerobokan significava uma fácil ligação entre seu irmão e os mexicanos. Chino conseguiu celas privadas para eles e visitas em conjunto. Na ala masculina menos rigorosa, Vicente ganhou uma TV LCD de vinte e seis polegadas para pendurar na parede, internet e uma torneira com água corrente quente e fria — o que tornava sua cela mais luxuosa que a maioria das casas de Bali.

Vicente se exercitava como um fanático e mantinha-se discreto, como fora aconselhado, sendo logo considerado como arrogante e antipático pelos demais presos. Tudo era parte da estratégia de, um dia, fugir sem ser notado.

Do lado de fora, Chino estava ocupado fazendo malabarismos para tocar seus negócios e tentava delegar responsabilidades para pessoas de confiança. Quando investia nas entregas de Rafael, dava-lhe o dinheiro assim como o comando.

Rafael tinha àquela altura seu negócio tão bem estruturado que, com suas equipes de empacotadores no Brasil e no Peru, ele podia dar as ordens de telefones públicos estrategicamente escolhidos em Bali.

As coisas estavam ficando mais fáceis... Eu apenas ligava, organizava, transferia o dinheiro pelo Western Union e, no Peru e no Brasil, eles empacotavam a bagagem, enviavam o cavalo e eu o recebia aqui.

Rafael

Mas era sempre um jogo, e um cavalo podia cair pelo menor deslize. Um de seus melhores cavalos, já com experiência de onze entregas, foi preso em sua décima segunda. Ele estava saindo de Buenos Aires com cinco quilos de cocaína em mastros de windsurfe. O rapaz era inteligente, descolado e sereno. Nas últimas três entregas, usara a tática de dirigir do sul do Brasil até Buenos Aires, pois os aeroportos da Argentina eram mais fáceis de penetrar. Dessa vez, um raio X o derrubou. Os empacotadores de Rafael tinham falhado. Ele lhes pagara pesados US\$ 10 mil por mala, pois o serviço era perigoso e vital. Mas eles erraram ao não encher completamente os mastros com cocaína e selarem as pontas com um pano. O raio X mostrou cores diferentes, criando suspeitas. Fora um erro caro.

Rafael esperou pelo rapaz, mas ele simplesmente não apareceu. Havia sempre um risco que um cavalo o entregasse ou que fosse preso, o que enchia Rafael de adrenalina a cada vez que um cavalo surgia na porta ensolarada do aeroporto de Bali. Ele ia ao aeroporto quase sempre, fosse para pegar um cavalo ou para espioná-lo, seguindo seu táxi até o Hotel Bali Subak para se assegurar de que não fugisse nem fosse seguido pela polícia.

Assim que pegava a cocaína com o cavalo, Rafael ia encontrar Chino em um pequeno hotel na beira da praia em Nusa Dua. Chino sempre aparecia de motorista em um simples Toyota Avanza, sem nada de marcante do lado de fora e com o interior de couro vermelho, jamais usando seus chamativos carros esportivos. Seus soldados estacionavam os *jet-skis* na praia para que, caso necessário, ele saísse correndo pela areia e em segundos pudesse fugir pelo mar. Segurança era sua prioridade e até ali seus cuidados escrupulosos o haviam mantido longe da prisão. Sempre insistia para que Rafael viesse sozinho. Os

encontros eram rápidos; ele testava e pesava a cocaína com eficiência e ia embora.

Chino tem soldados em todos os cantos, pessoas trabalhando para ele. Eles dividiam em pequenas quantidades e vendiam nas ruas grama a grama.

Cocaína de alta qualidade?

É, mas eles misturavam, virava uma merda.

Vendiam nas boates?

Sim, acho que vendiam na Double Six. Na porta do banheiro, os caras perguntavam “cocaína, cocaína, ecstasy?”.

E Chino também vende internacionalmente?

Ele tem boas conexões; envia para Singapura, Malásia, Austrália. Seu objetivo principal era mandar pra Austrália, porque dava mais dinheiro.

Rafael

Depois de Chino ir embora do hotel com a cocaína, Rafael limpava as evidências, geralmente dando o plástico preto que servira de embalagem para seus amigos. Eles raspavam com faca o que sobrava no plástico. “Meus amigos ficavam muito felizes, às vezes, conseguiam resgatar cinco gramas, porque fica bastante cocaína colada no plástico.”

Outras vezes, ele simplesmente queimava. Voltando para casa, comprava um litro de gasolina em uma garrafa de vidro em uma das inúmeras cabanas de beira de estrada que vendiam para motociclistas. Ele dirigia até a praia ou um campo de arroz, atirava os plásticos e outras evidências no chão, despejava gasolina, acendia um fósforo e tacava fogo em tudo. Quando a cocaína era transportada em uma capa de prancha, ele se livrava do saco plástico e lavava a capa jogando-a na piscina ou deixando que a faxineira a lavasse no chuveiro, o que permitia um reúso seguro: “a água limpa toda a cocaína, mata a cocaína”.

O acordo de Rafael com Chino era de pegar metade do seu dinheiro no dia seguinte e o resto algumas semanas depois. Era entregue no mesmo local, sempre

da mesma maneira. Um dos homens de Chino ligava dizendo “me encontre no posto de gasolina perto do Bali Deli, às 22h”. Então, à noite, chegariam em motos; o homem de Chino daria a Rafael uma sacola plástica, geralmente com US\$ 50 mil, coberta com um sarongue por cima para disfarçar. Era uma troca rápida, sem conversa. Rafael voltava para casa com a sacola, adicionando-a aos montes que mantinha empilhados em seu cofre ou no guarda-roupas.

Na aparência, Rafael dava exclusividade a Chino, mas quebrava as regras por baixo dos panos, operando a própria pirâmide de vendedores — como o brasileiro Ruggiero ou vários franceses, italianos e australianos, que vendiam pequenos pacotes para clientes ocidentais. Vender grama a grama era mais arriscado, pois exigia o contato com muito mais pessoas, mas os preços eram mais altos. Dessa maneira, mesmo quando estava nevando em Bali, ou quando um peruano estava atravessando o mercado, Rafael conseguia facilmente US\$ 50 mil por quilo ao enviar seus homens para vender gramas a estrangeiros ricos moradores da ilha — profissionais autônomos, homens de negócios, médicos e advogados —, entregando em suas pousadas, casas de luxo e até, às vezes, em seus restaurantes. Esses clientes muitas vezes pagavam entre US\$ 150 e US\$ 200 por grama.

Rafael também vendia para compradores internacionais, mas somente se Chino não soubesse da chegada da cocaína. Ele achava isso justo, pois Chino por vezes acumulava estoques grandes e pedia que ele esperasse, por ter comprado barato de um peruano.

Por mais que Chino tentasse controlar a ilha, era impossível. Bali era um centro frenético de drogas, um ponto de passagem para a Ásia e o Pacífico, destino de férias das maiores máfias mundiais do tráfico, que aproveitavam para se misturar, fazer contatos e fechar negócios em hotéis de luxo, ao sol, no paraíso.

O traficante italiano Sergio Boeri era amigável com os membros do cartel, incluindo Rafael, que tinha sido convidado para festas em sua pousada. Sergio com frequência entrava e saía de Bali com passaportes falsos, até o dia em que chegou à ilha para celebrar o aniversário de trinta e três anos de sua linda namorada. Em vez de passar esse dia especial bebendo champanhe francês em uma pousada luxuosa, ambos passaram no chão de concreto de celas de uma delegacia de Bali.

Tido como o cabeça de uma quadrilha italiana de traficantes de drogas, Sergio Boeri, acusado de traficar ao menos 30 toneladas de cocaína e outros narcóticos do Brasil para a Europa, foi extraditado de Bali para sua terra natal no sábado à noite.

Sob forte escolta policial, Boeri, 32 anos, foi levado da sede da polícia de Bali para o Aeroporto Internacional Ngurah Rai, onde sua custódia foi transferida para dois agentes da Interpol de Roma...

Boeri, um dos homens mais procurados pela Interpol, foi capturado pela polícia de Bali no dia 18 de agosto, quando chegou ao Aeroporto Ngurah Rai com sua namorada.

Jakarta Post, 9 de fevereiro de 2002

CAPÍTULO SEIS

VIDA DE SONHOS

Todo mundo em Bali passou a saber que eu era o cara que tomava conta do negócio da cocaína. Eu era o mais exibido. Carros, motos... Comprei uma Harley-Davidson, uma corrente de ouro de um quilo, saía todas as noites gastando dinheiro. Construí uma casa e todos os jovens vinham...

Diziam “Porra, de quem é essa casa? O que ele faz?”. “Vende cocaína.” “Ah, quero vender também.” E então eles tentavam, mas não tinham contatos. No fim, vinham até mim, “por favor, me ajuda, tenho dez quilos, cinco quilos, três quilos”. E eu me tornava agente deles.

Tinha uma coleção — cinco motos, Honda, Harley-Davidson... Porra, eu era louco. Tinha uma Kawasaki Ninja. As pessoas me viam e perguntavam “Quem é esse cara com essa moto?”. “Ele é o brasileiro que toma conta da cocaína em Bali.”

Rafael

Rafael estava vivendo uma vida decadente, trabalhando duro e farreando pesado em uma sequência de festas, orgias, surfe e tráfico de drogas, geralmente chapado por seu próprio uso indiscriminado de cocaína. Com os cavalos conseguindo trazer até vinte quilos em algumas semanas, o dinheiro jorrava.

Construiu sua casa dos sonhos em frente a uma praia de surfe no bairro de Canggu, pagando a usual propina para poder erguê-la em área de conservação delimitada em cem metros. Para construí-la a noventa e três metros da praia, pagou US\$ 15 mil para um fiscal. O único problema da corrupção endêmica da ilha era que, em um ano, outro também pagou propina para construir ainda mais perto da praia, ficando bem na frente da casa de Rafael. Ele não podia reclamar.

Projetada por um arquiteto de primeira e até sendo matéria de revistas, a mansão de dois andares era espetacular. Incorporava todas as fantasias de

infância de Rafael, como um trampolim saindo da varanda de seu quarto. Na maioria das manhãs, ele acordava com ressaca de cocaína, ia até o trampolim ainda de olhos vermelhos e mergulhava na piscina de vinte e dois metros, subindo correndo de volta pela escada em espiral para mergulhar de novo lá de cima, e repetia até se sentir acordado.

Qualquer um que entrasse pelo portão deslizante de madeira e fosse até o jardim, cercado de muros altos, percebia que era um projeto feito com amor, criado por uma pessoa apaixonada pelo mar. A entrada tinha uma fileira de palmeiras no estilo de Beverly Hills e a calçada com pedrinhas coloridas em forma de ondas. A parede de fora da casa tinha entalhes de ondas com iluminação própria. Embelezando as bordas da piscina havia quatro estátuas de sereias com grandes seios que jorravam água com pressão suficiente para que Rafael pudesse fazer hidromassagem, em geral após surfar. Para massagens mais íntimas, havia uma cabana ao lado da piscina, com sistema de som Bose e um *deck* de calcário para se bronzear ao sol.

Dentro da casa, as grandes portas eram decoradas com desenhos florais incrustados em madrepérola e o piso era de madeira teca reciclada. A *jacuzzi* no *deck* — para festas com champanhe — tinha uma vista ampla para os campos de arroz dos arredores.

Ao lado da piscina havia uma torre de água de doze metros de altura, que Rafael escalava diariamente para checar as ondas. Era também um ótimo ponto para vigiar a polícia que o estivesse vigiando.

Eu pensava que era o dono do mundo. Pensava que nada ia acontecer, sempre falava pra mim mesmo “nunca vou ser pego”. Às vezes, meus amigos falavam “ei, cara, economiza um pouco de dinheiro, um dia pode precisar”. Eu respondia “Foda-se, cara, eu nunca vou ser pego. Nunca”.

Rafael

Rafael se recusava a ser pessimista, mas estava ciente das constantes ameaças à sua liberdade. Para proteção, pôs cacos de vidro sobre os muros, colocou três cães grandes para fazer a guarda e instalou câmeras de última geração, sensores infravermelhos e interfonos comprados em Singapura. Seu elaborado sistema de

segurança não visava a evitar ladrões, mas a prevenir que policiais de Bali subissem no muro e plantassem drogas.

Contudo, na maior parte do tempo, ficava relaxado mesmo tendo evidências dentro de casa.

Quando você faz essa merda por bastante tempo, parece que é normal. Às vezes, eu sentava com cinco quilos de cocaína em casa. Sabia que estava fazendo algo errado, quebrando todas as regras.

Rafael

Também estava guardando meio milhão de dólares em casa, que poderiam ser usados como evidência em uma acusação de tráfico contra ele. Após uma ou duas entregas, a casa inteira ficava cheia de dinheiro — dentro das caixas de som Bose, nos guarda-roupas e em seu cofre de grande capacidade, que, cheio demais algumas vezes, tinha de ser fechado com um chute.

Para ajudar a resolver o problema, contratou um francês especialista em projetar esconderijos perfeitos, e cuja engenhosidade era uma bênção para os traficantes de Bali. Ele construiu para Rafael um gabinete de TV com gavetas invisíveis, suportes ocultos de toalhas e uma cabeça também oca de um Buda, que abria com um parafuso escondido.

Consegui inúmeros lugares secretos, mas ainda tinha muito dinheiro. Meio milhão de dólares no meu cofre. Dinheiro não era problema de jeito nenhum. Tinha muitos problemas, mas dinheiro não era um deles. O único problema era este: onde vou colocar tantos pacotes de dinheiro sem ter nenhum lugar sobrando? Era uma coisa totalmente maluca.

Rafael

No início, Rafael aceitara pagamentos em rúpias, gerando impensáveis torres de dinheiro, dado que US\$ 100 dólares valiam um milhão de rúpias. Algumas noites, ele dirigia pela ilha fazendo entregas de cinco, dez, vinte, até cem gramas, para amigos; começava enchendo os bolsos com dinheiro, depois o porta-luvas, depois enfiava embaixo dos bancos e nas portas. No fim da viagem, o dinheiro

transbordava por todos os lados. Em casa, enfiava tudo em sacos plásticos e os jogava numa prateleira no armário, cobrindo-os com roupas. Logo começou a aceitar apenas dólares ou euros como pagamento.

Ainda que sua fortuna tivesse momentos de flutuação, na maior parte do tempo ele estava tão cheio de dinheiro que perdia a conta de quanto tinha. Uma tarde, retirou um saco plástico com US\$ 50 mil do cofre para separar uma parte e comprar uma moto. Não querendo expor seu dinheiro em seu quarto envidraçado, caso a polícia o estivesse vigiando com binóculos, ele o levou ao banheiro da suíte. Quando ouviu batidas na porta, estando paranoico e chapado de cocaína, lançou o saco para trás da pia, mas US\$ 10 mil caíram para fora. Ele viu e enfiou em uma sacola do banheiro. Na porta, era só um amigo. Mas só seis meses mais tarde, quando estava em uma viagem de barco para praticar surfe noturno, foi escovar os dentes e reencontrou os US\$ 10 mil, misturados naquela mesma sacola com camisinhas, pasta de dente e perfumes.

Esqueci completamente. Pensei “O quê?”. E aí não tinha lugar para esconder ali no barco. Pensei “Merda, por que trouxe esse dinheiro?”. Aí fiz um buraco na capa da prancha e o escondi ali.

Rafael

Rafael estava torrando dinheiro como se fosse nevar para sempre. Com uma família jovem, ele agora tinha quatro empregadas, um motorista e um jardineiro, que ganhavam o dobro do salário médio indonésio de US\$ 80 e outros benefícios, como a escola de seus filhos e motos novas. Em contrapartida, eles eram leais e Rafael lhes dava pequenas tarefas, como trocar rúpias por dólares em casas de câmbio ou entregar drogas para clientes sem saber — usualmente enroladas em revistas ou escondidas em outros objetos. Se amigos precisavam de dinheiro, ele lhes dava. Também patrocinava o surfe de crianças balinesas em frente à sua casa, comprando-lhes pranchas, roupas e equipamentos.

Antes, eles cuidavam de vacas. Agora são surfistas profissionais, patrocinados pela Volcom. Agora são campeões. O dinheiro não era tão limpo, mas usei para algumas coisas boas.

Rafael

Ele era conhecido por sua benevolência, dando gorjetas gigantes em restaurantes e realizando churrascos suntuosos nos fins de semana para seus amigos, a maioria, traficantes. Todos apareciam para o *open bar* de cerveja, vinho e champanhe francês — sua esposa o conseguia barato de uma funcionária da Garuda que roubava do estoque da empresa aérea. Peixe fresco e lagosta eram entregues em sua porta pela manhã ainda pulando no balde — só servia os melhores e mais frescos. Era sempre um banquete de comida e doce de nariz em volta da piscina.

Porra, eu não tinha paz, eram tantos amigos. Minha geladeira estava sempre cheia de Heineken; tenho uma só para cerveja, outra só para vinho, era churrasco todo fim de semana. Comprava cinco quilos de carne, contrafilé, três caixas de cerveja... Abria a porta, não me importava com quem vinha. Eu me recusava a aceitar que trouxessem qualquer coisa. Minha casa era uma festa todo fim de semana. Era uma vida de rei. Parecia que o dinheiro nunca chegaria ao fim.

Rafael

Ele gastava facilmente US\$ 20 mil por mês em um estilo de vida extravagante; ostentava gastando diariamente US\$ 500 em artigos de mercearia no supermercado ocidental, Bali Deli, ou em restaurantes. Adorava o sentimento de poder ao pagar a conta da mesa inteira, usualmente cara, dada a tendência do grupo de amigos de ir a restaurantes de primeira e tomar champanhe francês. Também usava no mínimo o equivalente a US\$ 3 mil de cocaína por mês. “Eu realmente amo essa merda.”

Após o sucesso de uma entrega e o recebimento de mais uma carga de dinheiro, ele aliviava o estoque pagando a escola de seus três filhos pequenos ou a mensalidade de dois anos de seu título no Canggu Club; ou, ainda, ele e sua esposa sueca, Anna, viajavam até Cingapura, a meca das compras, com US\$ 30 mil para torrar com o que seus corações mandassem — geralmente roupas de grife, óculos escuros, cosméticos, sapatos, brinquedos, computadores e câmeras.

Ele também fazia compras no caminho de volta de algumas entregas, quando

seus bolsos, carteiras, sapatos e malas estavam entupidos de dinheiro. Amealhava braçadas inteiras de camisetas Armani, um punhado de óculos Gucci ou cinco ou seis calças *jeans* da Diesel e arrematava o lote, raramente perguntando o preço. Esses eram os favoritos. Em Amsterdã, ele se estocou de sapatos Prada que custavam € 600 o par.

Eu amo esses sapatos. Amo fazer compras em Amsterdã. Camisetas Prada, camisetas Armani. Eu usava justas, pra elas ficarem coladas e mostrarem meus músculos. Geralmente brancas ou de cores vivas, porque tenho a pele escura.

Rafael

Embora, como muitos homens, não fosse um comprador inveterado, era atraído para as lojas por alguma coisa na vitrine ou em uma revista. Um dia em Singapura, na volta de uma viagem para pegar dinheiro com seu amigo Jando, eles saíram à caça de um Rolex que Rafael tinha visto em uma revista e precisava comprar — o preço altíssimo só aumentava a tentação.

Fiquei louco quando vi na revista. Quero ter essa merda, vou comprar um. Uma peça bonita, grande; esse modelo é difícil de achar, mas fui olhar o preço. O quê?... € 25 mil.

Rafael

Quando o encontrou em uma loja de Singapura, tirou na hora seu TAG Heuer de ouro, edição limitada, de US\$ 3 mil, e o vendeu a Jando, que sempre o cobiçara abertamente, por US\$ 1 mil. Rafael pagou pelo Rolex em dinheiro, evitava cartões de crédito e outras formas de pagamento que deixavam rastros, e o colocou em seu pulso.

De volta a Bali, exibia sem parar seu Rolex, até se arriscando a usá-lo para surfar.

Meus amigos diziam “Você é maluco de usar isso no mar. E se perder?”. “Não tem problema, compro outro.” Eu gostava de me exibir.

Apesar de ter nos bolsos mais dinheiro que muitos dos outros clientes mais apresentáveis veriam na vida, o brasileiro tatuado nem sempre se dava bem com os vendedores esnobes das lojas de luxo. Eles lhe proporcionaram muitos momentos como os do filme *Uma linda mulher*, com os vendedores sendo grossos e o olhando de cima a baixo, crenes de que não podia pagar.

Uma vez, passando por Amsterdã carregado de dezenas de milhares de euros, foi procurar uma jaqueta de couro. Vestido com *jeans* e chinelo, barba por fazer e braços tatuados expostos, escolheu uma jaqueta e perguntou o preço. Era para ser uma conversa normal — ele nem ligava. Mas a vendedora o insultou dizendo que só podia falar o preço a compradores, e que ele parecia apenas estar fazendo hora.

Rafael ficou vermelho de raiva. Ela mexera com seu ego. Ele explodiu “Vai se foder, sua puta, com quem pensa que está falando?”. Mexendo nos bolsos, sacou um maço de notas de € 500, sacudiu-as no nariz da vendedora gritando “Sabe o que são esses papéis? Valem US\$ 600 cada. Veja quantas eu tenho. Você é muito burra mesmo. Vim aqui comprar; seu trabalho é vender. Agora, quero falar com seu gerente”.

Ela perdeu a pose, estava quase chorando agora. “Por favor, não fala com ele, vou ser demitida.”

“Sim, vai ser demitida. Quis me foder, agora eu vou te foder.”

Quando o gerente veio e tentou acalmar a situação, Rafael discursou, “Essa puta de merda não quer me atender. Não quero vê-la mais na minha frente”.

Após alguns minutos, ele saiu da loja com sua jaqueta de couro da Diesel de € 750.

Outra vez, em Estocolmo, vestido com tênis novos de corrida e uniforme esportivo de uma coleção do Bob Marley, da Adidas, estava observando diversos óculos de sol. Tipicamente, sabia exatamente o que buscava: a última edição especial de Ray-Bans, com uma lente exclusiva cujo formato ele acreditava encaixar-se perfeitamente em seu rosto; a última edição dos óculos Dior Biker de US\$ 600, para andar de bicicleta com estilo; e um Oakley novo.

Mas o vendedor claramente pensou que um cliente como aquele não poderia comprar todos os óculos. “Qual deles vai querer levar?”, perguntou ele.

“Todos os três”, respondeu Rafael. O vendedor levantou uma sobrancelha, arrogante. “Ah, isso custaria mais de US\$ 2 mil”, disse ele, condescendente. Rafael perdeu a compostura. “Vai se foder, amigão. Qual o problema? Não posso comprar os três juntos? Devo comprar um par de óculos hoje e voltar amanhã?” Rafael puxou o dinheiro de seus bolsos. “Isto é mais dinheiro do que você vai ter durante a vida toda”, disse balançando as notas na cara dele. “Vou comprar os três agora, vou pagar em dinheiro. Tem problema com isso ou tenho de ir para outra loja?”

O vendedor mudou de tom.

Acho que tenho cara de brasileiro falido. Me discriminam muito. Talvez por causa das tatuagens, pensam que sou um criminoso ou algo do tipo, ou pensam que venho só para fazer hora, só para perguntar o preço e ir embora. E, quando eu começo a dizer “isso, isso, isso e mais isso”, eles perguntam “Como vai pagar?” e eu digo “dinheiro vivo”. “Qual desses você quer levar?” e eu digo “todos”. Porra, ficam malucos.

Rafael

Em Bali, a discriminação era reversa. Ele era o cara, superpopular e, como convidado VIP das festas mais exclusivas, sempre recebia pulseiras de bebidas grátis. Pessoas o convidavam para jantar nos melhores restaurantes, diziam que levasse alguns amigos e se recusavam a deixá-lo pagar. Em troca, ele sempre trazia pó e dava carreiras de graça para os amigos no banheiro.

Era engraçado porque eu era muito gente boa, as pessoas me adoravam porque eu era legal. Sei ser legal em um restaurante, comer direito, boa educação. Meu inglês é um pouco ruim, mas acho que é engraçado — eles riem quando digo algumas palavras.

Nas festas, sempre me dão pulseiras VIP. Não consigo gastar dinheiro porque sempre me chamam “Ei, Rafael, pode vir jantar no Warisan hoje à noite, 22h? Eu te convido”. Era sempre assim... “Venha hoje, pode trazer seus amigos, e traga um pouco daquilo.” Eu dizia “ok”.

Nunca me deixavam pagar. Era só fazer uma parada no banheiro, dar algumas carreiras para as pessoas, mas, às vezes, quando a conta chegava, eu queria me exhibir... Eu pagava escondido, aí quando o cara pedia a conta... “Ah, já está paga.” Fazia isso porque ninguém me deixava pagar nunca.

Rafael

Sua fama estava crescendo exponencialmente. Como a ilha era pequena, todos sabiam que ele era o cara da cocaína. Quando entrava em uma festa glamourosa, vestindo camiseta justa Armani, correntes de ouro, com seu cabelo loiro e sua boa aparência, as pessoas se viravam para olhá-lo. Gritavam “Rafael, Rafael”, tentando chamar sua atenção. Quando ia ao banheiro, corriam atrás dele pedindo para comprar um pouco de pó.

Era engraçado porque eu precisava mijar, corria para o banheiro, e todo mundo bum bum bum na porta: “Rafael, por favor, me dá um grama”. “Para, cara, quero mijar”, mas eles não me davam paz.

Rafael

Na noite seguinte, ele fazia tudo de novo — jantar caro, boates, festas privadas, orgias em pousadas, nunca vestindo as roupas do mesmo estilista em noites seguidas, mas sempre usando seus sapatos Prada favoritos, seu Rolex e seu perfume encantador de mulheres, Paco Rabanne XS. “Porra, as mulheres gostam dessa merda.”

Às vezes, quando ele pedia a conta em um restaurante, era informado de que outra mesa a havia saldado. Ele perguntava quem tinha pago, descobria alguém o observando com ar travesso. Rafael evitava que os olhares se encontrassem, rapidamente dizia ao garçom que devolvesse o dinheiro; suas contas, era ele quem pagava.

Ficava maluco quando um completo estranho descobria que ele vendia cocaína. Aquilo era perigoso.

Em orgias ou festas fechadas em pousadas, geralmente tirava dez gramas de cocaína, aquecia um prato e se exibia distribuindo carreiras para todos; e com isso também gerava vendas, pois turistas de férias ou estrangeiros residentes

sempre queriam comprar mais. Nas festas, também encontrava estrangeiros que compravam de algum de seus clientes, que estava tentando atravessá-lo. Após conhecer Rafael, pediam para comprar direto e cortar o atravessador, conseguindo a droga mais pura e mais barata. Ele sempre mantinha uma reserva na porta do carro para vender para esse tipo de cliente nessas noites, por preços altos.

Quando ia pra festa, as pessoas me conheciam e queriam comprar direto. “Ah, ótimo, quero comprar um pouco, pode me dar uma quantidade grande?” E então o negócio explodia, sabe? No início eram só cinco ou dez gramas, aí depois vinham me pedindo “Posso comprar cem gramas? Você tem preço melhor”.

Rafael

Rafael não maneirou suas festas selvagens, mesmo agora vivendo com Anna, uma atraente sueca loira que ele chamava de esposa mesmo sem estarem casados. Eles se conheceram em um bar em Legian e logo foram morar juntos. Anna gostava de usar cocaína e começou a ajudar Rafael no negócio, geralmente na contabilidade ou forçando-o a ser mais durão. Quando ela ficou grávida de gêmeos, Rafael ficou fascinado, e pouco tempo depois tiveram um terceiro bebê. Mas criar uma família não o impediu de manter sua vida promíscua, e ele sabia que conseguia se safar porque Anna passava muito tempo bebendo e ficando chapada.

Ele estava passando tanto dos limites que bebia, usava cocaína e fazia sexo com mulheres aleatórias durante noites inteiras, voltando para casa só de manhã, e dormia até por volta das 15h. Passou a surfar só duas ou três ondas, estava muito fora de forma para aguentar mais tempo, sua vida frenética nas festas já sacrificava o motivo principal pelo qual viera a Bali. À tarde, começava a cheirar mais um pouco de cocaína, fazia algumas vendas ou organizava entregas dos cavalos, e já estava pronto para festa de novo.

Naquele tempo, não conseguia surfar por causa da vida noturna. Voltava cansado, dormia o dia inteiro, acordava às 15h, pulava na piscina, tomava um banho, fazia uma massagem. Às vezes, desligava o celular e dizia “Hoje, dia de

folga. Não quero falar com ninguém”. E eu ligava para massagistas, eles vinham até em casa, faziam massagem, eu me exercitava um pouco. Em casa, tenho equipamento de musculação, porque fico muito magro quando paro de surfar, perco peso. Eu pensava “porra, eu sempre tive um corpo sarado”, e eu estava vivendo uma vida de sonhos.

Às vezes, eu ficava nas festas por dois dias sem dormir, sabe, terminávamos numa balada e íamos para o after party na pousada de alguém, usávamos muita merda, muita droga. Aí você vê o dia nascer, continua na festa, vai pra praia, pula na água sem dormir, surfa três ou quatro ondas só para se livrar das toxinas, respirar um pouco de oxigênio. Mas quando termina a sessão, volta direto para cheirar uma carreira e continuar no ritmo. O que vai fazer hoje à noite? Vamos pra festa... Sempre conhecíamos gente nova. Vamos na pousada daquela garota... Era muito louco.

Rafael

De vez em quando, ele parava com as festas e passava dez dias em um iate para uma viagem de surfe. Não usava cocaína, comia peixe fresco e surfava por horas todo dia, ficando em forma. Dava uma pausa do ambiente de festas, especialmente durante a alta temporada, quando era muito perigoso vender drogas, com policiais à paisana de Jacarta começando a se infiltrar nas festas. Marco ia a algumas dessas viagens, assim como o parceiro peruano de Rafael, Poca, que conseguia prostitutas de luxo do Brasil para irem junto.

Uma viagem de surfe era como o paraíso para mim, era uma fuga. Ir para Sumatra. O iate vale US\$ 2 milhões, com uma garota legal, uma modelo linda, ou às vezes trazíamos prostitutas do Brasil, importávamos. Pagávamos as passagens e mais US\$ 2 mil. Elas fazem um bom serviço.

Um bom serviço?

Elas transam bem e não reclamam de nada. São muito bonitas e legais também.

Vocês dividiam as garotas?

Sim às vezes, não com todo mundo, só com os chefes. Poca dizia “vamos trazer duas putas que conheci no Brasil”. Elas ficavam com a gente, mas também dividíamos. Eu pego a dele, ele pega a minha. Mas não dividíamos com todo mundo, só eu e ele.

O que sua mulher faria se descobrisse que você levava prostitutas no barco?

Acho que ia ficar brava, mas ela nunca descobriu.

Então voltava da viagem, voltava para Bali... Barba crescida, cabelo loiro queimado do sol, pele escura, sarado, pronto pra tudo. Bum. Aí, “Onde é a festa hoje à noite?”

Normalmente, Ku De Ta tem quatro festas em agosto — as melhores, não perco por nada. Tinha uma festa do branco no mesmo dia que voltei, eu me lembro porque cheguei ao aeroporto às sete horas, tive tempo de ir para casa, me barbear, tomar banho, colocar minha melhor roupa, colocar dez gramas no bolso, aaaaahhh, e ir procurar mulher.

Era maravilhoso, porque todo mundo sentia falta de mim... “Onde você tava, Rafael? Rafael, Rafael, Rafael...”

Rafael

CAPÍTULO SETE

NO AMOR E NA GUERRA

VALE TUDO

Porra, esse cara é maluco, tipo um ator de cinema.

Rafael

Tota, o chefe carioca podre de rico do Hells Angels, viajava frequentemente para Bali, para se divertir por meses no paraíso da festa com seus amigos traficantes e jogar em cassinos ilegais e brigas de galo em ruas escondidas de Seminyak. Ele também era figurinha carimbada no bar de praia de Fábio, fácil de reconhecer com suas acompanhantes — duas garotas siliconadas, jovens, lindas. Ele lhes pagava para virem a Bali, acompanharem-no em todos os lugares, fazer sexo quando ele queria e serem as peças centrais nas suas inúmeras orgias em hotéis, que ele gostava de dirigir e filmar.

Ele é um pouco viciado em sexo, esse cara. Às vezes, eu voltava do surfe em Uluwatu e o Tota já tava no bar com suas duas gatas, às vezes com cinco mulheres, ele no meio.

Rafael

Ele era um motoqueiro do Hells Angels tão típico que parecia saído de um catálogo de elenco de Hollywood. Ele esbanjava diamantes para as garotas e as usava para fazer um espetáculo. Não era difícil, elas eram aviões — um pré-requisito para poderem ser suas acompanhantes de viagem. Vestiam-se de um jeito que deixava os homens de joelhos, transbordando de seus biquínis e com saias tão curtas que deixavam a calcinha aparecendo. Quando passavam as longas pernas nuas, que terminavam em saltos de oito centímetros, por cima da moto de Tota, e montavam, os turistas, tanto homens quanto mulheres, paravam para observar, boquiabertos.

Ele trazia aquelas duas gatas pra se exhibir. Elas tinham silicone nos peitos, grandes, corpos perfeitos, sem um grama de gordura, cheias de tatuagens, cabelos compridos. Todos pensavam “uau, que gatas, muito gatas”. Elas vestiam saias, mas tão curtas que dava fácil para ver a calcinha. As gatas do Tota faziam várias orgias. Esse cara era muito pervertido, adorava putaria. Mas gostava de glamour também. Tipo, se ia numa festa em Ku De Ta, pagava a mesa toda... Champanhe, jantar. Gastava muita grana. Era viciado em jogo também.

Rafael

Tota tinha um cabelo preto cacheado que ia até os ombros e tatuagens cobrindo o corpo inteiro, subindo pelo pescoço, e pensava em fazer uma no rosto ao estilo de Mike Tyson, com frequência aplicando hena em volta dos olhos e nas têmporas para testar. Muitas vezes Rafael chegou ao hotel de Tota e o encontrou com a cara toda tatuada de hena. Rafael ria quando Tota jurava serem de verdade, mas sumiam alguns dias depois, até ele fazer de novo.

Complementando sua aparência sombria, Tota usava uma barba grossa e um bigode pontudo. E sua roupa usual, sacrilégio para um Rafael obcecado por Armani e Gucci, era regata de malha, *jeans* e tênis para seus pés absurdamente minúsculos. Como acessórios, usava grossos anéis de ouro e uma pesada corrente também de outro que descia até o umbigo, balançando um espalhafatoso círculo com um número treze grande no centro.

Ele parece um demônio, é o tipo de cara que você não quer encontrar à noite.

Rafael

O mestre do espetáculo adorava ser o centro das atenções e estar sob os holofotes. Entrava em um bar superchique com suas duas garotas quase nuas, beijava uma apaixonadamente e depois virava e beijava a outra. As pessoas sempre paravam para olhar, curiosas sobre quem seria aquele gigante musculoso e tatuado com pés pequenos e duas deusas ao lado.

O bar mais frequentado da praia em Seminyak, Ku De Ta, era seu lugar preferido para criar uma cena.

Qualquer boate que ele entrava com essas duas garotas virava um problema para várias namoradas, que viam seus homens ficarem malucos olhando para elas, eram o sonho de qualquer um. O tipo de corpo, o sex appeal, o jeito que dançavam, o jeito que falavam, pareciam profissionais de filme pornô. Lindas. Lindas, jovens e bem vestidas.

Tota era muito generoso... Dava boas joias, diamantes, gostava de pagar tudo. Tinham tipo um acordo: você vem para Bali comigo, te dou US\$ 10 mil, mas você fica no hotel comigo e transa com quem eu quiser.

Prostitutas de luxo?

Exatamente. Falavam inglês bem. E chamavam atenção aonde iam. O inglês dele era bem ruim, mas conseguia se comunicar. Seu jeito extravagante atraía as pessoas.

Ele finge que tem duas esposas quando é apresentado. “Oi, meu nome é Tota. Essa é minha esposa número um, essa é a número dois, vivemos juntos.” E as pessoas “O quê?”. E, às vezes, ele as colocava para dançar. “Vão lá e dancem e mostrem pros meus amigos como vocês são gostosas.” E elas faziam um show.

Rafael

Anos antes, quando era adolescente no Brasil, Rafael já tinha visto Tota várias vezes nas boates do Rio em sua Harley-Davidson, com um grande grupo de motoqueiros dos Hells Angels; então, conhecê-lo era como encontrar uma lenda. Mas, com o senso de humor de Tota e sua natureza malandra, os dois viraram amigos rapidamente. Tota ficou tão impressionado com as tatuagens de Rafael que foi no mesmo tatuador em Bali para fazer suas seguintes. “Viramos amigos muito próximos.”

Tota sabia que Rafael era também um canal para os maiores traficantes da ilha, e os dois fizeram um acordo para que Rafael conseguisse dezenas de milhares de pílulas de ecstasy de Chino para que Tota vendesse no Brasil. E ele venderia a cocaína de Tota em Bali com vinte por cento de comissão. Deveria ter sido

simples, mas o jogo era imprevisível e o primeiro negócio deles foi um desastre.

Tota conseguiu um cavalo trazendo três quilos de cocaína. Rafael avisou Chino para preparar o dinheiro. A ilha estava seca e os preços haviam subido para US\$ 50 mil o quilo. Quando a carga chegou, Rafael a testou no quarto das brasileiras, onde estava escondida. Era uma cocaína ruim, marrom, amarelada, com cheiro forte de querosene e, quando Rafael usou um pouco, seu nariz sangrou. Ele supôs que estivesse misturada com pó de vidro para ter um pouco de brilho e enganar amadores, fazendo-os crer ser pura. Colocou um pouco em uma colher e aqueceu, para testar a qualidade pesando a pedra que sobrava após a queima. O grama original cristalizou pesando apenas 0,7 grama, o que significava ser setenta por cento puro, não cem por cento como exigia Chino.

Tota ficou revoltado, berrando obscenidades e ameaças de matar o vendedor que a tinha enviado. Contra seus instintos, Rafael ofereceu para mostrá-la a Chino mesmo assim. Chino não conseguia acreditar. “O quê? Vamos, cara, o que tem errado com você? Por que trouxe essa merda aqui?... Leva embora”, disse ele com um gesto de desconsideração.

Tota planejou jogar toda a carga no mar e se vingar do vendedor no Rio. Rafael sugeriu que eles simplesmente deviam diminuir o preço e achar outro comprador. Do nada, Fábio apareceu com um misterioso comprador de Jacarta, que aparentemente concordava em pagar US\$ 45 mil o quilo. Ele queria um quilo no dia seguinte e mais dois na semana seguinte. Tota ofereceu US\$ 10 mil para Rafael fazer a entrega, com medo de assumir o risco.

Tota era um cara grande, bíceps grande, sarado, fazia academia, mas ele se exibia tanto porque, na verdade, era um covarde. Esse cara não tinha medo de morrer, não dava a mínima, mas virava um cagão às vezes, para algumas coisas.

Rafael

Rafael teria gostado daqueles rápidos US\$ 10 mil, mas estava sem tempo. Estava indo para Singapura à noite com sua família fazer compras e renovar o visto, estratégia de sair e entrar no país que os estrangeiros residentes em Bali sempre usavam. Então passou o serviço para Jando.

E aquilo virou um inferno rapidamente.

Rafael sentiu que algo estava errado assim que voou de volta a Bali e falou com Tota. Suas palavras diziam que estava tudo certo, mas o tom delas não. Ele pediu para Rafael vir ao seu hotel. Uma das prostitutas de Tota abriu a porta nua, dizendo “oi” e se jogando em uma poltrona. Tota estava jogado no sofá com as pernas abertas, usando apenas um sarongue na cintura, cobrindo pouca coisa, expondo muita.

Rafael hesitou na porta, um pouco surpreso por ver esse tipo de cena estando sóbrio, mesmo tendo visto coisas muito mais pesadas naquele quarto durante as orgias promovidas por Tota à base de cocaína. “Entre, Rafael, entre”, chamou Tota. Percebendo seu desconforto, o libidinoso motoqueiro começou a brincar com ele. “Vamos, Rafael, entre, tire suas roupas também, pode comer ela se quiser. Sem problema se não quiser, mas, por favor, entre.”

Lá dentro, as coisas não ficaram nem um pouco mais em ordem. Espalhadas sobre a mesa de café havia centenas de notas de US\$ 100, algumas ainda em maços com elástico. Tota se esticou, pegou uma nota e a enrolou como um canudo. Rafael ficou em pé olhando, um pouco confuso; a garota nua estava totalmente desinteressada. Tota pegou um isqueiro para acender a ponta da nota de US\$ 100 enrolada e usou a chama na nota para acender um cigarro Marlboro Red. Como *finale* desse *showzinho* estranho, abanou a nota em chamas no ar e a amassou no cinzeiro antes que lhe queimasse os dedos.

Rafael pensou que ele tivesse ficado maluco de vez.

“Que porra tá fazendo queimando dinheiro? Agora tenho certeza que você é louco, cara. Se não quer, pode dar para mim.”

Tota se manteve sentado fumando seu Marlboro. “Pode pegar toda essa merda. Dá uma olhada direito.”

Rafael pegou um maço para examinar e descobriu o problema. Mas nem precisava ter feito isso. Era óbvio na primeira olhada. O rosto do Benjamin Franklin parecia estar derretido.

“Porra, isso é dinheiro falso, cara. Por que aceitou essa merda?”, perguntou Rafael, horrorizado.

Agora ficara claro que Tota estava colérico. Seu humor estranho disfarçava sua fúria. “Pergunta para seu amigo Jando”, disse ele, sombrio. Imediatamente, Rafael se deu conta de que naquela noite ia haver briga. Sem dúvida, alguém ia pagar por isso antes do amanhecer. Era o segundo insulto ao ego de Tota em dois dias.

Rafael telefonou para Jando, ordenando-lhe que viesse ao hotel de Tota voando. Tota suspeitava de Jando na fraude. Rafael não. Eles sentaram e esperaram; a garota continuava nua jogada na poltrona. Quando Jando chegou, mostraram-lhe o dinheiro. Jando ficou chocado, mas não aceitou levar a culpa. Explicou que o comprador, que se vestia como um executivo, fora quem planejava tudo, insistindo para que o buscasse no Aeroporto de Denpasar, o levasse até Uluwatu e estacionasse em um lugar escuro. Então, na privacidade da penumbra do carro alugado, eles trocaram o dinheiro pela cocaína. Jando checara os maços procurando notas em branco, enquanto o comprador cheirara um pouco de cocaína. Negócio fechado, Jando o levou de volta ao aeroporto. Serviço feito, Tota era um homem feliz. Jando fora embora sem saber dos problemas faciais do Benjamin até a hora em que Rafael ligou.

A próxima pessoa na lista de culpados de Tota era seu amigo íntimo Fábio. No amor e na guerra vale tudo, e aquilo era guerra. Ele tirou de uma gaveta sua faca de mergulho assustadora dizendo a Rafael “Essa é para o Fábio. Vou matar esse filho da puta hoje”. De repente, Tota tinha certeza do envolvimento de Fábio.

De novo, Rafael não acreditava nisso, mas a noite só terminaria quando Tota se vingasse de alguém. “Ele fodeu comigo com essa merda, vamos lá agora, vamos, Rafael. Quero consertar isso, sabe onde é a pousada dele?” Rafael insistiu que não sabia, temeroso de que a experiência de anos de tiroteio e briga de faca de Tota no Rio tornaria fácil que ele trucidasse Fábio.

Eu dizia nãããoo. Não vou a lugar nenhum. Tenho que ir para casa. Não sei onde ele mora.

Rafael

Então, Tota se lembrou que seu cavalo entregara a cocaína na pousada nova de Fábio em Canggu. Rafael foi embora ligando desesperadamente para Fábio. Mas seu telefone estava desligado.

Tota e seu cavalo logo acharam a pousada de Fábio. Tota bateu no portão da frente, mas ninguém respondeu. Decidiu estacionar o carro perto do muro o bastante para usá-lo como escada. Lá dentro, as luzes estavam acesas e uma música tocava, mas não havia sinal de movimento. Tota se dirigiu às portas de vidro da suíte principal. Viu Fábio dormindo na cama ao lado de uma de suas

prostitutas. Aquilo não deixou Tota irritado. Ele adorava dividir suas garotas, mas seu amigo estava prestes a ir para o inferno.

Acordado e em choque, Fábio era puxado para fora de seu quarto, os pés primeiro, ia sendo arrastado pelas escadas de mármore que levavam para a piscina. Tota o atirou na água e ficou em pé berrando palavrões e balançando a mão cheia de notas falsas de US\$ 100. Então mergulhou, agarrou Fábio em um mata-leão e tentou afogá-lo. “Por que me roubou, filho da puta?”, gritava. De tempos em tempos, deixava Fábio subir, pegar um pouco de ar e tossir, então o afogava de novo, segurando cada vez por mais tempo.

O cavalo, também um Hells Angel, ficara espiando sobre o muro, em pé no carro. Ele tinha feito muita coisa ruim no Brasil também, vários assassinatos brutais, e podia ver que Tota estava quase matando Fábio afogado. Gritou “Tota, não, não mata ele, já chega”. Mas Tota estava tão fora de si que o cavalo teve de saltar o muro e pular na piscina para segurá-lo.

Fábio estava quase inconsciente. Deixaram-no na borda da piscina dando um ultimato: “Você tem dois dias para devolver minha droga ou meu dinheiro, senão está morto”. Tota não sabia se Fábio tinha lhe passado a perna ou não. Fábio não tinha, mas sabia que era viver ou morrer, dependendo de conseguir o dinheiro ou não. Estava com medo, pedia ajuda, desesperado, a seus amigos e outros traficantes, implorava, “Ele vai me matar, cara. Por favor, me ajuda, cara”. Ele pensou em vender sua pousada, mas tinha apenas 48 horas. No último minuto, tomou emprestados US\$ 45 mil do indonésio rico dono do bar que ele administrava, e que também era um comprador de drogas. Fábio prometeu pagar com juros.

Fábio me ligou e disse “ah, porra, muito bom, consegui o dinheiro”.

Rafael

Não demorou muito e Tota e Fábio eram amigos de novo, com o gângster organizando uma orgia para limpar todos os rancores que ainda existissem entre eles. No fim, ele acreditava que Fábio não tinha nada a ver com o dinheiro falso, simplesmente estava tão desesperado para cheirar cocaína que não checou quem era o comprador — que também nunca mais apareceu.

No dia em que Fábio deu o dinheiro a Tota, eles apertaram as mãos e foram

jantar com as duas garotas dele e um novo acréscimo ao grupo — uma loira sueca deslumbrante que participava empolgada nas orgias de Tota e também os ajudava a caçar mais garotas noite adentro. Tota adorava usar suas mulheres atraentes para atrair mais mulheres atraentes e, com sua tendência de pagar a conta e distribuir cocaína gratuita, ele e seu grupo usualmente conseguiam as mulheres mais lindas que passavam férias em Bali.

Eles conseguiam tantas mulheres, gatas, porque elas eram sempre gatas, e Tota era meio exótico. As mulheres ocidentais gostam de um macho latino, sabe, forte. Ele tinha um bom papo com as mulheres. A sueca também falava um monte de merda, caçavam juntos, porque mulher atrai mulher. As prostitutas, a sueca... Ele tinha uma equipe para caçar garotas e a cocaína também ajudava.

Rafael

Naquela noite eles tinham ido ao Restaurante Zanzibar, na praia de Legian, e pegaram uma atriz pornô inglesa. Ela era perfeita, pois não se importava de Tota filmar a orgia. Quando eles voltaram ao hotel, a sueca se recusou a começar sem o amigo sexy de Tota, Rafael. Tota ligou para ele. Estava em casa com a esposa e com os filhos, mas, assim que eles foram dormir, Rafael correu para o quarto de hotel de Tota.

Eu fui, bati na porta e porra, já estava uma loucura, cocaína na mesa, duas garrafas de champanhe. Fumaça de cigarro por todo lado, música alta. Tava muito foda, uma grande orgia.

Rafael

Assim que ele entrou, as garotas lhe arrancaram as roupas, pré-instruídas por Tota a fazer isso. Fábio e Tota ficaram observando e dando risada, então Tota interrompeu, gritando, “espera, espera, espera, deixa eu filmar isso”. Tota era um diretor pornô frustrado e adorava fazer seus filmes de sacanagem explícita. Ele queria usar Rafael, sabendo que seu amigo estava sempre disposto a fazer parte de orgias, mesmo ser dirigido para posições excêntricas, mas que se recusava veementemente a ser filmado.

Tota era um pervertido! Tinha tudo planejado. Sabia exatamente como ia fazer.

Rafael

A orgia durou mais algumas horas, com as garotas esporadicamente correndo para a mesa para usar um pouco do que restava dos dois quilos de cocaína ruim. Com o nariz hipersensível pelo uso exagerado, Rafael nem podia tocar no pó; então entornava champanhe entre as cenas quentes e estranhas que Tota lhe mandava fazer. “Levanta aquela perna, você vem aqui, abre as pernas, se curva”, ia dirigindo ele bruscamente, às vezes até movendo os corpos e tocando Rafael onde ele não queria que nenhum homem o tocasse. Uma das cenas preferidas de Tota era seu sanduíche de sexo, quando pedia para as garotas deitarem uma em cima da outra com as pernas abertas para que Rafael revezasse entre elas.

Fábio, em sua roupa noturna usual, camisa preta e *jeans* preto, não estava interessado em participar, e passou todo o tempo cheirando cocaína, dando risada e fazendo graça. “Ei, Rafael, tá indo bem, cara.” Algumas vezes, Tota tirava o sarongue e se juntava, usando um aumentador de pênis para ficar maior. Geralmente preferia dar tapas nas bundas das garotas gritando “rebola, rebola” e usar sua mala de bugigangas, como um vibrador negro ou um vibrador de metal em forma de ovo.

Não sei como ele tem essa imaginação para criar esse tipo de cena.

Rafael

A noite terminou com Rafael vestindo as roupas, exausto, e cambaleando para a rua ainda com a voz de Tota sumindo a distância, “volta, ainda temos duas garrafas de champanhe, volta, *bencong*, volta”.

Tota era conhecido por sua energia interminável para sexo, jogos, festas e loucas palhaçadas. Diziam que uma vez, no Brasil, preparou uma surpresa para sua namorada. Ela se bronzeava com várias amigas em Ipanema, no Rio, quando um helicóptero pousou na areia perto dela. De sob as hélices ainda girando vieram dois garçons de terno e gravata correndo até ela, balançando pratos de *sushi*, uma garrafa de Veuve Clicquot, um buquê de flores e um pequeno bilhete, “com amor, Tota”. Quando o helicóptero decolou, fez chover pétalas de flores. O

mestre do espetáculo tinha conseguido de novo, ainda que essa relação não tenha durado muito.

Por vezes, Rafael chegava ao quarto de hotel de Tota em Bali, batia na porta e, quando entrava depois de ouvi-lo gritar “entra, está aberta”, descobria que ele estava transando. Rafael se virava imediatamente para ir embora, dizendo “volto depois”, e Tota respondia “não, fica, venha, *bencong*, entra aqui, sem problemas, podemos brincar juntos”.

“Não, não, não.”

Os dois iam juntos para boates, Tota adorava enviar seu amigo *sexy* para caçar garotas; não que ele precisasse de ajuda para isso. Tota inventava histórias, dizia que Rafael era uma estrela de TV famosa no Brasil, sempre empurrando-o para pegar essa gata australiana ou aquela francesinha gostosa. Rafael geralmente tinha o mesmo gosto de Tota e entrava no jogo. O plano de Tota era de sempre conseguir fazer uma orgia quando voltasse ao quarto do hotel, e, com sua equipe, sempre conseguia que as presas topassem tudo. Uma noite, Tota estava empurrando Rafael para falar com uma italiana.

O Tota me falou “os peitos dela tão olhando pra lua”. Ela era linda — cabelos escuros, olhos verdes, linda, linda. Tota fazia essas piadas e eram sempre sacanagem, o jeito que ele fala, tipo “Já fez sexo com dois caras ao mesmo tempo? Meu desempenho é ótimo — eu e o Rafael somos os melhores”.

Eu disse “cala a boca, cara”, e ele perguntou “Quer fazer sexo com Rafael na minha frente?” e ela respondeu “vamos”. Ele disse “Estou só brincando, queria testar você. Porque todas as italianas se fingem de santas, mas têm o diabo no corpo”. Ela disse “já fiz sexo com dois caras, foi muito bom”, e ele perguntou “Gosta de garotas?” e ela respondeu “sim”. Uau... Tota estava feliz.

*A sueca também falava merda, eles caçavam juntos, tinham uma vítima, uma boa isca. Então fomos para uma boate menor, a música estava alta, e Tota e a sueca fizeram uma dança *sexy*. Ela fingia fazer um boquete nele. Ele é como um dançarino carioca, e todos os cariocas sabem sambar, e ele sambava.*

Ele disse “Quer uma bebida?”. E a italiana respondeu “ai, já estou meio bêbada”.

E eu digo “ah, não tem problema ficar bêbada, tenho remédio”. E ela “O quê?”. “Quer um pouco de cocaína?” Ela respondeu “ai, bem que eu estou precisando de um pouquinho. Posso te pagar”. “Não, fica com o dinheiro.”

Tota vira pra mim e pisca o olho, hora de partir... Ele diz “vamos para minha casa, não trago cocaína aqui porque tenho medo da polícia, Bali é muito perigosa, mas podemos ir lá, cheirar umas carreiras e voltar”. Pura mentira, ele só quer pegar a garota.

Rafael

De volta no quarto de Tota — com champanhe francês, cocaína abundante e o Carioca dançando — seu harém tira a roupa dizendo “nossa, que calor”. Tota tira a camisa dizendo para Rafael “tira a sua também, cara, mostra pra ela seus músculos”. Ele responde “me deixa”, mas logo a dança e a conversa sensuais de Tota, as carreiras generosas de cocaína e seu harém nu funcionaram como mágica. A garota nova olhou para Rafael com olhos famintos e o quarto virou uma orgia, com Tota na direção e Rafael às vezes fazendo pausas só para admirar as garotas juntas. Essa era uma típica noite de festa com Tota.

Rafael sabia que era a cocaína a responsável pela participação dessas mulheres em cenas bizarras de sexo; seu comportamento era efeito direto de estarem de férias em Bali, não eram assim em casa.

Às vezes, eu guardava o número delas e, quando ia para Holanda ou algum lugar a negócios, marcava de encontrá-las e elas eram totalmente diferentes. Eram esnobes. Nem me davam atenção. Em Bali, era tipo “uau, Rafael, você é o cara” — faziam de tudo para estar comigo.

Quando viajo para seus países, elas têm uma vida normal, trabalham, algumas são casadas. Eu ligo, elas dizem “Ah, onde você está?”. “Amsterdã.” “Ai, meu Deus! Vamos nos encontrar em um café... Ah, Rafael, tenho que contar uma coisa. Sou casada.”

“Ah, sem problema... eu também.” Eu nunca minto quando conheço uma

garota, eu digo na hora “sou casado e tenho filhos”, porque só quero trepar, não quero um relacionamento ou romance. E eu digo “tenho esposa, filhos”. Se elas continuam comigo, já sabem que só vamos para um rala e rola e tchau.

Às vezes, penso em mentir... “Ah, sou solteiro”, mas não gosto de fazer isso.

Rafael

Em Bali, Rafael pegava mulheres, encontrava-as em bares, boates ou festas privadas, e corria com elas para uma pousada em Ubud por algumas noites ou para seu resort favorito, Nikko Bali. Os funcionários estavam familiarizados com ele, cumprimentavam “olá, senhor Rafael”, às vezes até perguntavam demais, dizendo “Ah, onde está sua namorada?” quando ele já estava com outra.

A maioria das mulheres era europeia... Francesas, italianas, muitas suecas, finlandesas, norueguesas, as mulheres nórdicas... Elas vêm aqui passar uma semana, querem transar. Eu vou na festa, pego uma, vou para o Nikko, faço check-in e passo a noite, sempre levo cocaína comigo e fazemos sexo selvagem, bebemos, usamos drogas e, no dia seguinte, levo de volta pro hotel dela e vou para casa.

Dá uma merda grande em casa, minha esposa “Onde você tava?”, “Estava em uma festa, cala a boca”. Ou “estava fechando um negócio em um hotel”... Inventava uma história, sabe... Era fácil.

Sua esposa desconfiava que você saía com outras mulheres?

Um pouco... Ela era muito ciumenta. Nunca me pegou. Algumas vezes eu tinha uma namorada secreta também... Só para transar, nada mais. Brasileira, australiana, sabe, às vezes sueca também.

Era uma vida de sonho; e todos os caras que me viam fazendo isso ficavam com inveja. “Porra, Rafael, te vi ontem com uma loira... Meu Deus, de onde ela é? Como pegou essa gata?” Eles ficavam curiosos como era tão fácil para mim trocar de mulher toda noite desse jeito.

Às vezes, eu estava ocupado com uma gata e outra também gata aparecia me procurando, perguntando pros meus amigos “Você é brasileiro? Conhece o Rafael, que tem cabelo comprido? Onde ele está? Estou procurando, você o conhece?”. E eles diziam “Não... O Rafael não tá aqui”, mas eu já tava com outra gata e ela tinha chegado tarde.

Então tinha uma fila à sua espera?

Exato. Às vezes eu me metia em encrenca, porque eu tinha duas ou três mulheres ao mesmo tempo... Rafael, Rafael, Rafael. Merda, qual vou pegar? Sempre escolhia uma, sabe, e dizia “Por favor, pode me esperar na esquina do Circle K. Eu vou te buscar em cinco minutos, porque minha namorada está aqui... Nós terminamos, mas ainda assim é melhor você ir lá”. “Ok”, e elas iam. Eu falo merda fácil, sabe. Ela vai embora sozinha. Eu corro para o banheiro, pego a garota de moto e fujo.

Já pegou mais de uma ao mesmo tempo?

Sim, às vezes era engraçado, porque, normalmente, as garotas nórdicas gostam. Eu venho com duas e começo a beijar uma e a outra quer beijar junto. Fico com uma de cada lado. Todos os brasileiros, meus amigos, ficavam tipo “ah, Rafael, vem aqui, me apresenta”. E eu dizia “vamos para outro lugar”, mas era difícil, porque os caras me seguiam de moto. Eu tinha que parar, “ei, vão embora”. Porque as garotas sempre diziam “não, não, só você, não queremos mais ninguém, só você”.

CAPÍTULO OITO

O REI DO SUCO

DE LIMÃO

O estilo de vida de Rafael gerava inveja nos outros, mesmo nos que diziam ser seus amigos. Um dia, recebeu uma ligação de Marco, o rei do Suco de Limão, com uma proposta de negócio. Marco explicou que estava em Amsterdã com um cavalo perfeito, um lutador campeão de jiu-jítsu de 140 quilos. O rapaz estava viajando a Tóquio para competir no famoso Pride Fighting Championship. Lá, os lutadores brasileiros eram tidos como deuses e passavam direto nos aeroportos, sem serem revistados.

No Japão, eles amam os lutadores brasileiros. Colocam um tapete vermelho no aeroporto, não checam nada.

Rafael

Marco resolvera enviar vinte mil pílulas de *ecstasy* com o lutador, e embora o lutador quisesse comprá-las em Amsterdã, Marco sabia que as melhores eram as do Chino, e também que a alfândega de Bali era mais fácil de penetrar e já estariam mais perto do Japão. Como Chino não faria negócio diretamente com Marco, ele pediu a Rafael para intermediar, ganhando uma comissão.

Chegando a Bali, encontraram Rafael na casa de Marco em Bali Village. Rafael já estava com receio, pois Marco tinha reputação de pagar atrasado e não ser confiável.

“Conseguiu o *ecstasy*?”, perguntou o lutador.

“Sim, mas primeiro a grana.”

Ele não tinha, queria pagar após a entrega, assegurava a Rafael que ia dar certo. “É fácil, eles não me revistam porque sou um lutador”, disse ele, empinando-se um pouco em uma postura de machão.

Rafael sentiu uma ameaça velada, mas preferiu ignorá-la. “Obrigado, mas sem acordo”, disse, levantando-se para ir embora. “Se te pegam, ou se você morre,

quem vai pagar Chino?”

Marco interveio, desesperado para não perder o negócio. “Rafael, vamos, por favor, cara, eu te garanto o dinheiro.” Ele sabia que Rafael era coração mole, já tinha investido em várias de suas entregas. “Eu te pago US\$ 1 de lucro por pílula — são os US\$ 20 mil mais fáceis de sua vida. Por favor, eu te garanto, eu te garanto.”

E aí eu fui burro. Eu disse ok.

Rafael

Rafael ligou para Chino e contou a jogada. “Sem problema”, disse Chino, “você tem crédito comigo de todo jeito”. Com dinheiro de sobra, atipicamente Rafael deixara um quilo de cocaína com Chino e estava esperando ser pago com dois *jet-skis*. Chino perguntou quem estava organizando a entrega.

“Marco.”

“O cara do Suco de Limão?”

“Sim.”

Chino conhecia bem a má reputação do famoso vendedor de maconha. “Esse cara é um merda, cara. Não estou com bom pressentimento.”

Rafael lhe disse que estava decidido. “Vou ajudar esse cara, ele é meu amigo.”

“Ok, eu te dou as pílulas, mas se der merda, vou descontar do teu quilo que tenho aqui.” Chino não tinha nada a perder, mas Rafael tinha.

Alguns dias depois, um dos soldados de Chino encontrou com Rafael no calçadão movimentado da praia de Legian. Cercados de turistas se bronzeando e passeando, eles fizeram a troca, rápida e discreta. Suas motos pararam lado a lado, motor ligado, o homem de Chino passou para Rafael uma bolsa normal com vinte mil pílulas de *ecstasy*. Rafael rapidamente a colocou embaixo de seu assento e acelerou para o quarto de Marco em Bali Village, que ficava virando a esquina.

Não tinham muito tempo. O lutador viajava naquela noite e queria ele mesmo empacotar a droga. Mas seu método era ruim e perigoso. Rafael e Marco o observaram enfiar casualmente os pacotes de pílulas em sua bermuda de *lycra* de ciclista e vestir outra bermuda por cima. “Não acho que ficou bom, o que

acham?”, perguntou o lutador.

Rafael levantou em um pulo, apalpou as coxas naturalmente grossas do lutador, mas que agora pareciam balões gigantes. “Você tá certo. Vai direto para a prisão, assim.”

O traficante André chegou momentos depois. Ele não fazia parte desse negócio, mas se ofereceu para ajudar. O lutador pediu sua opinião. “Tá maluco, cara? Pensa que isso é coisa pra criança?” André se ajoelhou puxando a bermuda do lutador para baixo e logo começou a reajustar a droga nas coxas dele. Mas o campeão de luta machão estava começando a ficar nervoso.

Eu comecei a colar os sacos de ecstasy com fita adesiva na perna dele e o cara começou a tremer e suar. Morrendo de medo. Totalmente. Marco disse para ele, “olha, filho da puta, no ringue você parece um leão, agora parece uma criança prestes a mijar nas calças, você tá tremendo como um covarde”.

André

As insinuações de Marco só pioraram o nervosismo do lutador. Agora ele não queria mais ir. Tentando fazê-lo virar macho de novo, André o intimou. “Irmão, precisa me ouvir. Você nos chamou para esse serviço. Não viemos aqui com vinte mil pílulas de *ecstasy* pra você ficar com medo. Agora tem a máfia chinesa atrás da gente e você quer dar para trás. Vamos, porra. Você vai.”

Rafael e André já tinham tido um cavalo pego na Austrália com bermuda de lycra de ciclista. Haviam enviado um inglês com cocaína nas calças para entregar ao famoso comprador de Rafael em Sidney, que sempre pedia mais. O cavalo escolhera voar para Brisbane e então descer de carro para Sidney, evitando seu ostensivamente vigiado aeroporto. Mas, em Brisbane, cães farejadores o denunciaram.

No avião, quando foi mijar, sentiu o cheiro da cocaína e pensou “ai, meu Deus, vão me descobrir”.

Por que ele não jogou tudo na privada então?

Ele achava que ia dar problema com a gente.

Rafael

André tinha organizado a entrega do inglês em Bali, desde colar a droga com fita adesiva nas pernas dele até enviá-lo ao aeroporto. Como planejado, quando o cavalo chegou a Brisbane, telefonou a André, que estava esperando num quarto do Hotel Bali Subak, onde haviam arrumado as malas. André treinava seus cavalos a usar o método “passo um, passo dois” criado por ele. Após passar pela alfândega, eles estavam instruídos a ligar e falar “passo um, ok” e, após pegar o dinheiro, “passo dois, ok”. Dessa vez, ele não falara isso. Luzes de alerta se acenderam. André perguntou “passo um, ok?”.

“Não.” Era alerta vermelho; o pesadelo de um chefe do tráfico. A polícia o estava escutando. André entrou em modo de crise, bateu o telefone. Com passos rápidos, colocou tudo que tinha em um lençol no chão, fechou com um nó e fugiu dali sem perder tempo. Policiais invadiram o quarto momentos depois. O método testado e aprovado dos dois passos de André o salvara — por pouco. Mas seu cavalo caíra.

Um britânico foi sentenciado a oito anos de prisão por tentar entrar na Austrália com uma carga de cocaína estimada em mais de US\$ 1 milhão. O agente de viagens nascido no Reino Unido foi pego com quase 3 quilos de cocaína enfiados em dois pares de calças de ciclismo que ele vestia em um voo vindo de Bali... A Suprema Corte de Brisbane foi informada de que Mark Allan Stables estava trabalhando em Bali quando concordou em levar a droga para um grupo de brasileiros, para pagar suas dívidas... A Polícia Federal australiana ainda está em busca do grupo de brasileiros que Stables afirma estar por trás do caso.

AAP, 1º de outubro de 2001

Eu lembro quando esse Mark foi preso, porque é muito dinheiro perdido quando alguém cai... É ruim para o negócio.

Você perdeu o contato após ele ser preso?

Perdi totalmente o contato. Mas, dois ou três anos depois, ele bateu na minha porta. Eu lembro que era Natal, eu estava fazendo a festa de Natal em casa e ele

chegou. Quando vi ele, pensei, “porra, ele deve ter vindo aqui junto com a Interpol para me prender”, porque ele tinha saído muito cedo da prisão. Eu disse “Onde está a Interpol? Estão aí contigo ou eles vêm depois?”. Mas ele só respondeu “De jeito nenhum. Só preciso de dinheiro”.

Esse cara é bem magro, minha idade, mas estava com a saúde tão ruim que parecia estar morrendo de câncer ou coisa parecida. A pele branca, olhos pretos, nós o chamávamos de “Já Morreu”. Falávamos “Cadê o Já Morreu?”. Eu lembro de ter perguntado “Qual era a pior coisa do seu tempo na prisão australiana?”, “Brigas”. Ele disse que, uma vez, estava falando no telefone e um cara quebrou seu dente e seu nariz do nada.

Rafael

Ele estava pedindo dinheiro, mas, em vez disso, Rafael lhe deu um trabalho, escalando-o para vender cinquenta mil pílulas de *ecstasy* de Chino e ganhar uma comissão. Rafael alugou um quarto para ele ficar de babá das pílulas e fazer as entregas sempre que fosse chamado. Para Rafael, não era apenas dinheiro, mas era um seguro também.

Eu pensava que se agora ele quisesse me foder, teria um problema também. Mas ele não me entregou, fez um bom trabalho e desapareceu. Nunca mais ouvi falar dele.

Rafael

De volta ao quarto de Marco. André, Rafael e Marco sabiam que um cavalo podia ser pego independentemente de a droga estar empacotada com perfeição ou de ele ser um reverenciado campeão de luta. O tráfico era sempre arriscado, mas o risco podia ser minimizado se você fosse um profissional e usasse de habilidade. Esses três tinham vasta experiência e naquele dia sabiam que o lutador assustado estava fadado a ser preso. Um cego conseguiria ver seu nervosismo. Então, mudando de planos no último minuto, decidiram colocar as pílulas na vela de um parapente, para que ele pudesse despachá-las em vez de vesti-las. André tinha uma sobrando em seu quarto e correu para buscá-la,

enquanto Rafael correu para comprar papel carbono para empacotar as pílulas fazendo-as invisíveis ao raio X. Foi um ritmo intenso.

Eu pensava em como André ia empacotar a merda, e ele simplesmente pôs carbono em volta, enrolando tudo, e enfiou na mala. Porra, era um empacotamento muito amador, foi muito na pressa.

Rafael

Alguns minutos antes do embarque, conseguiram entregar o lutador, um pouco mais relaxado agora, no Aeroporto de Denpasar. Mesmo com sua crise de nervos, ele teve sucesso.

Mesmo assim, Rafael fora passado para trás. Uma semana depois, todos simplesmente tinham sumido; Marco não atendia ao telefone e o lutador nunca mais deu notícia, a partir do instante em que ligara para Rafael de Tóquio comemorando ter conseguido. Dois meses depois, Rafael ainda não tinha sido pago. Estava furioso. Anna também aumentava sua ira fazendo sermão sobre ele ter sido burro de confiar nos outros.

A merda foi grande. Minha mulher disse “você é estúpido de ter dado crédito a esses filhos da puta, eles vão te foder”.

Tota me contou a história depois: Marco lhe dissera em Amsterdã “Então, tenho um cara em Bali, ele pensa que é alguma coisa, mas é um merdinha. Vamos fazer um dinheiro em cima dele, é fácil, porque ele é muito gente boa. Ele acredita em tudo que eu falo”.

Tota perguntou “Quem é esse cara?”.

“Rafael.”

Tota disse “Por que quer foder com ele? O cara é legal”. E então Tota perguntou “Como quer sacaneá-lo?”.

Ele respondeu “tenho um cara que quer comprar vinte mil pílulas de ecstasy e

Rafael conhece um cara em Bali com as melhores. Vamos comprar com o Rafael, pegamos fiado, não precisamos pagar. Ele já é rico, não precisa de mais dinheiro, o filho da puta”. E então vieram aqui.

Marco tinha inveja do meu sucesso. Ele ficou em segundo com seu Suco de Limão, não fazia tanto dinheiro como eu com a cocaína. Tinha inveja de todas as mulheres, meu estilo de vida, casa, carro, roupas, ser VIP em todos os lugares. Eu sinto que ele vivia muito insatisfeito. Aí tentou me foder.

Rafael

Após descobrir ter sido passado para trás, Rafael sabia que tinha de se vingar, tanto pelo seu orgulho pessoal como para demonstrar que não era otário. Marco viajara a Amsterdã para organizar outra entrega de Suco de Limão, logo depois de voltar de Tóquio, mas Rafael ouvira que agora estava em Bali, escondido na casa de Fernando, um amigo em comum. Rafael ligou “Onde está Marco?”.

“Não sei”, respondeu Fernando, num dueto com sussurros de Marco dizendo “fala pro filho da puta que não estou aqui”.

Rafael bateu o telefone, pegou uma faca e saiu correndo.

Eu tava tipo “porra, vou matar ele”.

Ele dirigiu direto para a casa de Fernando. Outro traficante, Paulo, abriu a porta. Foi simpático, mas viu a faca de Rafael no bolso. “O que é isso, Rafael?”

“Você sabe o que é, meu amigo, é a porra de uma faca e serve para enfiar no pescoço do Marco. Sei que ele tá aqui. Você é um filho da puta também por esconder ele”, disse Rafael, caminhando pela casa.

“Rafael, calma”, pediu Paulo.

“Não, me diz logo onde ele está.”

Cansado de andar de um lado para outro, Rafael agarrou Paulo pelo pescoço, colocando a faca em sua garganta. “Onde ele está?”

“Ele está em Padang, ele foi para Padang.”

Rafael acelerou para Padang Padang, um local de surfe que ele conhecia intimamente. De cima de uma ponte que cruza a enseada que leva à praia, ele avistou Marco na areia. Rafael desceu correndo os degraus curvos que passavam

entre árvores e pedras, e lhe davam cobertura para uma entrada rápida e de surpresa na praia.

Vários dos cavalos de Marco estavam sentados na areia olhando para o mar. Marco estava um pouco mais afastado, com a cabeça apoiada em seu bote de borracha. Rafael se esgueirou atrás de Marco e então correu gritando “Ei, filho da puta, o que acha que tá fazendo?”. Marco deu um salto, assustado.

Ele me olhou como se tivesse visto um fantasma. Então tentou ser arrogante. “Por que veio aqui? Se quer me bater, bate.” Eu estava tão puto, usei toda a minha força, fui direto nele e pow! Minha mão ficou doída por dois dias. Marco voou para o outro lado do bote. Aí coloquei a faca no pescoço dele... Disse “agora você vai morrer, filho da puta”.

Rafael

Rafael mantinha o joelho no peito de Marco enquanto os cavalos, agora todos de pé, se aproximavam, ameaçadores. Rafael pensou rápido. Olhou para a ponte lá no alto, cheia de nativos recostados, e acenou. Previsivelmente, eles todos acenaram de volta. “Pensam que vim aqui sozinho?”, gritou Rafael para os homens de Marco, apontando para a ponte. “Aqueles são os homens de Chino e, se vocês encostarem em mim, eles vão matar vocês.” Todos conheciam Chino e recuaram na hora. Rafael se levantou e pôs o pé no pescoço de Marco. “Querem tentar encostar em mim, venham e toquem em mim.”

Resmungando, Marco implorou “Rafael, por favor”. Rafael guardou a faca de volta no bolso enquanto curiosos começavam a se aproximar. Fernando e outro amigo mútuo saíam da água depois de surfar. Olhando para Marco estirado na areia, Fernando disse “Eu te falei, cara, não faz isso com o Rafael, ele vai te foder. Agora olha aí o que você fez”.

Rafael ignorou o papo-furado e, apertando mais forte o pé no pescoço de Marco, gritou “eu quero meu dinheiro agora, filho da puta”. Pegou uma câmera de um canto do bote de Marco e a colocou no pescoço. “Agora, vou levar tudo que você tem. O que mais? Dá o relógio.” Arrancou o Rolex do pulso dele, percebeu que era falso, mas colocou no bolso mesmo assim.

“Eu tenho dinheiro, por favor, não me mata, por favor.”

Rafael olhou para o traidor. “Eu vou te matar, otário, mas primeiro quero minha grana. Agora, levanta e vamos embora, filho da puta.” Os homens de Marco abriram caminho para o chefão enraivecido passar com seu refém.

Eu fiquei, tipo, um demônio.

Enquanto caminhavam, um estranho tirou uma foto sem pensar nas consequências. Rafael ficou maluco, puxou a faca de seu bolso e apontou para ele gritando “você, vem aqui, filho da puta, me dá a porra dessa câmera agora”. O estranho entregou a câmera instantaneamente.

Um dos cavalos de Marco tentou acalmá-lo. “Rafael, vamos, não faça isso.”

Rafael se virou com a faca pronto para atacar. “Quer me enfrentar também, filho da puta, venha, tenta a sorte”, gritou. Cortava o ar com a faca, provocando quem tentasse dar um passo, então segurou Marco e ordenou “Marco, venha comigo, venha”.

Ele foi como um cão.

O clima no carro estava tenso. “Como você vai me pagar, filho da puta?” Rafael explodiu. “Eu quero meus US\$ 20 mil mais o custo das pílulas.”

Marco estava amedrontado, pronto para concordar com qualquer exigência. “Eu tenho US\$ 3 mil em dinheiro agora; eu vou te dar. Vamos para meu quarto.”

Em Bali Village, Marco deu os US\$ 3 mil para Rafael, duas pranchas de surfe e outra câmera. Rafael fez sua própria varredura, pegando tudo o que tinha valor, inclusive um parapente, mesmo sabendo que Marco precisava dele para seus transportes de Suco de Limão, e seu passaporte. “Não quero essa merda, quero meu dinheiro. Você tem duas semanas. Se não pagar, eu primeiro queimo o passaporte só pra te complicar. Depois, eu te torturo e o resto é segredo. Você vai ter que esperar pra ver o que vou fazer.” Rafael estava mais tranquilo agora, tentando assustá-lo até que se rendesse.

Funcionou. Marco conseguiu juntar a maior parte do que devia em duas semanas.

Todo mundo na ilha falava sobre isso. Ninguém esperava que chegasse nesse ponto. Eu era o cara mais legal do mundo e aí perdi a cabeça. Mas ninguém tentou me foder depois disso. Porque Marco era o rei, o cara mais famoso aqui, e

aí eu fiz ele parecer um covarde na frente do bando todo na praia. Não sei por que ninguém tinha feito isso antes, ele era mau, fazia merda com todo mundo, coisas pequenas tipo pegar grana e prometer “amanhã eu te trago Suco de Limão” e aí “ah, amanhã, amanhã”. Mas teve que ser eu pra dar uma lição nele.

Depois disso, voltamos a ser amigos. Ele disse “pô, nunca pensei que você fosse me dar uma porrada daquela”. Eu respondi “Eu nunca pensei que você fosse me foder daquele jeito. Tem sorte que não enfiei a faca; eu estava pronto. Eu queria limpar meu nome e o melhor jeito era te matar e deixar todo mundo com medo, ninguém mais ia me passar para trás. Porque você sabe como as pessoas falam, todo mundo ia dizer ‘pô, o Rafael matou o Marco, não mexe com ele, ele pode te matar’... Tipo como eu disse para o Marco, “você vai ser meu marketing para me tornar um bad boy”. Ele disse “desculpa, eu estava chapado de cocaína, aí eu te via cheio de dinheiro, carro, moto, fiquei com olho grande”.

Rafael

Marco sacaneava todo mundo, atrasava o pagamento dos cavalos, não entregava o Suco de Limão na data marcada e era, em geral, arrogante.

Ele era um grande filho da puta na hora de pagar — amanhã, amanhã, amanhã. E então os cavalos ou outras pessoas ficavam putos, queriam bater nele, mas se você briga, nunca vai ver a cor do dinheiro. É o que ele quer. Perca a cabeça, dê um murro nele, aí, porra, aí que você não ganha mais nada. Era difícil trabalhar com ele.

André

O fato de ser o rei do Suco de Limão de Bali dera a Marco o poder e a glória que o fizeram crer ser um vencedor. Ele viera de baixo, insinuando-se entre os ricos usando sua grande personalidade e presença de espírito. Seu caráter sociável e animado fora sua entrada para a vida de *playboy* desde que era adolescente no Brasil.

Ele era um palhaço, muito engraçado, sempre cheio de piadas, mas bastante arrogante. Ele realmente gostava de ser admirado, um cara muito egocêntrico e sempre querendo ser o centro das atenções. Vivia fingindo ser o traficante número um de Bali, mas ele só vendia maconha. Se você só vende maconha, não é nada comparado a quem vende cocaína ou ecstasy ou heroína, a não ser que esteja traficando toneladas de maconha.

Ele sempre pensava que era o melhor, porque todo mundo sempre o procurava para conseguir a melhor maconha da ilha, agia sempre como se estivesse no topo do mundo... Andava por aí cheio de si... Sentava nos restaurantes todo arrogante, sempre o superior.

Como assim?

O jeito que ele falava com as pessoas... Sempre gostava de se sentir importante. Uma vez, começou a falar que se chamava Max, porque ele era o “máximo”. Eu falava “Dá um tempo, Max o caralho”. O Max era o mínimo, não o máximo. Mas ele era um cara engraçado.

Alberto, traficante

A fortuna do rei do Suco de Limão teve altos e baixos desde quando ele era criança. Começara a vida com talheres de prata na mesa, mas que logo oxidaram. Ele nasceu em uma família rica de Manaus, filho de uma jovem modelo cujo pai era um endinheirado homem da mídia. Mas a vida ficou sombria para ele quando, ainda criança, viu seu pai bater em sua mãe. Mudaram-se para o Rio, onde sua mãe logo foi embora deixando para trás seus dois filhos pequenos.

Minha mãe fugiu de casa quando eu tinha três anos, porque meu pai batia nela. Não uso o sobrenome dele porque tenho muita raiva. Eu o vi bater em minha mãe. Eu era bem criança, mas até hoje consigo lembrar.

Marco

Ainda houve dinheiro por um período, o suficiente para proporcionar a Marco

dez anos de aulas de asa-delta — e uma babá e uma empregada em um bom apartamento a cinquenta metros da praia de Ipanema. Quando o dinheiro acabou, ele se tornou o garoto pobre da floresta amazônica, misturando-se com crianças ricas do Rio e ganhando o apelido de Curumim. Mas era popular, conquistando seu lugar no grupo de elite por fazer todos darem risada.

Ele se tornou um garoto de praia, com todos os brinquedos dos amigos ricos como pranchas de surfe, *jet-ski* e asa-delta, cortesias de seu melhor amigo, Beto, o ídolo de Marco, que parecia ter tudo: pais que o amavam, boa aparência, dinheiro e tantas mulheres lindas como qualquer astro de *rock*. Também era um ótimo e diversificado esportista, jogava principalmente tênis, surfava e voava de asa-delta. Seu pai era um magnata carioca do ramo imobiliário. Se a família viajava para esquiar em Aspen, ou ia para a Europa em um feriado, levavam o pequeno Marco, pagando tudo e também dando dinheiro para ele gastar como quisesse.

Marco era o cara mais engraçado do grupo, e pobre. Aí a família ia esquiar em Aspen e “vamos levar o Marco, porque ele é engraçado, tão legal, faz piada o tempo todo”.

Rafael

Meu amigo Beto estava sempre usando cocaína, mas era um cara forte, loiro, muito mais bonito que eu. Eu não sou nada comparado a ele; ele é um cara muito bonito e muito rico. Mais de cem mulheres querem casar com ele. Mas, olha, o cara fez tudo por mim. Quando eu fiz dezesseis anos, ele me deu um Volkswagen verde. Eu não tinha carteira de habilitação, mas sabia dirigir. Fui seu motorista por dois anos. Eu o levava até o topo do morro para ele pular de asa-delta e o buscava lá embaixo na praia. O Beto falava que, se eu batesse, “sem problema, o papai compra um novo”. Essa família me levou para a Europa, os Estados Unidos, todo lugar, porque antes eu não tinha dinheiro, nem dinheiro nem família. Essa era a situação.

Marco

Mas a generosidade de Beto também tinha um preço. Endividado e quatro anos

mais novo, Marco fazia qualquer coisa para agradar ao seu melhor amigo. Beto logo mandou seu jovem palhaço hilário, de apenas catorze anos, subir às perigosas favelas cariocas para buscar cocaína. O garoto obedecia como um cachorrinho agradecido.

Eu mexi com drogas por muito tempo no Brasil. Meu amigo Beto me colocou nesse negócio quando eu era criança. Ele me empurrava para comprar cocaína, mas não para vender — ele era usuário. Ele me levava até a entrada da favela, parava o carro e dizia “vai”. Então eu subia por vinte minutos até o topo, com minha mochila da escola nas costas, passava por vários policiais perigosos com arma. Lá no topo, alguém gritava... “Moleque, o que quer? Branca ou preta?” Preta é maconha, branca é cocaína. “Eu quero branca.” “Aaah, boa, moleque.” Eu dizia “eu gosto de cocaína”. Mentira. Nunca usei cocaína. Eu era pequeno, era uma criança. Eu subo com minha lancheira e desço com um monte de cocaína para o meu amigo.

Marco

Não demorou muito para Marco começar a encher mais coisas que sua lancheira. Começando a voar de asa-delta aos catorze anos de idade, logo percebeu que tinha um talento natural. Aos dezesseis, já competia internacionalmente, com sua primeira viagem para fora do país sendo para Bogotá, Colômbia, o reino de Pablo Escobar. Marco venceu e voltou para casa com o troféu de ouro nas mãos e neve branquinha na cueca.

Beto me disse “Marco, leva isso”. Então cheguei de volta ao Brasil com outros sete pilotos, um troféu e cem gramas de cocaína na cueca. Ninguém revistou nada.

Marco

Para Marco, era o esquema perfeito; o tráfico lhe proporcionava dinheiro para viajar e as viagens lhe possibilitavam traficar. Isso o lançou para a vida de *playboy*. Na sua segunda viagem para os Estados Unidos, aos dezessete anos, sua carreira comercial de traficante começou.

Acredite, quando fui para a Califórnia teve um cara tipo Pablo Escobar — um chefão, vendia drogas pelo Brasil e pelo mundo —, veio até mim e disse “Marco, ouça. Você vai para os Estados Unidos. Tenho muitos amigos lá, você pode fazer bastante dinheiro”. Eu levei três quilos na primeira vez, passei fácil. Tinha outro Pablo Escobar... E ele veio atrás da minha asa-delta.

Eu competia no mundo inteiro e sempre levava drogas. Levei cocaína para os Estados Unidos, Itália, Espanha, Portugal, Suíça, Alemanha, Austrália, todo lugar. Sou um campeão brasileiro, quando chego, eles checam as bagagens, mas não checam direito.

Marco

O tráfico trouxe o primeiro dinheiro que Marco ganhara na vida. Deu-lhe liberdade para voar, e ele passeava pelo céu do Rio, às vezes a 900 metros de altura — tão alto que os braços do Cristo Redentor até desapareciam. Às vezes, fazia voos com outros dez ou vinte pilotos, voando perto uns dos outros para conversar, antes de fazer manobras no ar como um deus — com adrenalina nas veias e paz no coração. Para aumentar a sensação de encanto, geralmente fumava um baseado antes de decolar.

Pô, é a melhor coisa, sabe; uma sensação muito boa se você fuma um antes de voar. Uau. Eu sempre fumava e voava, fumava e voava, sabe, tipo uma meditação. Eu voei em muitos lugares do seu país [Austrália], sabe. Voiei em todos os lugares lá: Adelaide, Stanwell Park, Byron Bay, Gold Coast, voei por tudo. Participei de campeonatos por doze anos, sempre levava cocaína.

Marco

Um acidente quase fatal quando ele tinha dezenove anos lhe deu uma sensação de ser invencível. Fora como se um anjo estivesse em seu ombro. Ele bateu a asa-delta em um paredão de pedra no Rio. Milagrosamente, a asa ficou pendurada em um galho isolado, deixando-o precariamente balançando a setecentos metros de altura. Um amigo se aproximou, também de asa-delta, gritando “Marco, tá tudo bem?”. Não houve resposta, mas o amigo não podia arriscar uma

aproximação e também ficar preso. Dois helicópteros voaram para resgatá-lo, mas foi uma missão complexa e sensível para assegurar que o vento das hélices não o fizesse cair em um abismo mortal.

Fiquei pendurado na árvore por quatro horas e meia. Precisei de dois helicópteros pra me resgatar, porque minha posição na pedra era negativa (côncava), então não conseguiam me pegar. Depois de quatro horas, um dos pilotos me salvou. Foi como um milagre. Eu não tinha ferimentos e saí na TV, nos jornais e no rádio.

Logo após suas entrevistas de TV, ele pegou emprestada outra asa-delta, foi para o topo do morro e decolou de novo. Aqueles que o conheciam não ficaram surpresos.

O acidente aumentou seu senso de invencibilidade, que já o ajudava no tráfico de drogas — ele nunca demonstrava medo —, mas essa crença também o tornou perigosamente imprudente.

Empolgado, voou pelo mundo inteiro com o cabo da asa-delta sempre cheio de pó, inclusive para países notoriamente difíceis de penetrar, como a Austrália. Fora duas vezes para competições em Sidney ganhando o dobro da sua taxa usual, US\$ 10 mil o quilo — “os australianos amam tanto cocaína”. Entrou em Sidney em sua primeira viagem com cinco quilos, junto com um time de doze pilotos brasileiros. “Havia vinte asas-deltas e só uma com droga — a minha. Mas eles não revistam mesmo.” Na segunda viagem a Sidney, levou sete quilos, dando a um amigo a dica de levar cocaína também, dizendo que era fácil. Marco entrou, mas seu amigo, e um parceiro dele, não.

Quando vim da segunda vez, liguei pro meu amigo no Brasil, disse para vir, que não tinha problema.

Voei Rio-Los Angeles, Los Angeles-Honolulu, Honolulu-Sidney. Meu amigo veio por outro caminho; voou Rio, Argentina, Auckland, Sidney. Mas, em Auckland, tinha um cachorrinho bem pequeno que encontrou a droga na asa-delta dele. Não o prenderam porque estava em trânsito, então ligaram para a polícia australiana e disseram “tem dois brasileiros chegando com drogas escondidas em asas-deltas”.

Eles foram presos?

Sim, meu amigo ficou na prisão por cinco anos e meio em Sidney.

Marco

O tribunal foi informado de que 20 pacotes de cocaína, pesando mais de 2,6 quilos, foram trazidos da América do Sul para a Austrália, comprimidos dentro das estruturas desmontadas de uma asa-delta... Em sua defesa, Sonino, um campeão brasileiro de asa-delta, disse que vinha à Austrália para um campeonato mundial de asa-delta em janeiro.

Sydney Morning Herald, 13 de novembro de 1987

Marco não se intimidou pela má-sorte dos amigos. O tráfico era seu jogo; ele era descarado, confiante e amava isso. Mas tinha uma tendência a provocar sua sorte. Saindo de Sidney carregado com dinheiro de droga, arriscou uma piada camicase, sendo louco de provocar um oficial da imigração. Tirou um maço com US\$ 10 mil e balançou as notas na frente do rosto do oficial, “você é maluco, cara, eu queria ficar aqui mais dois, três meses, tenho US\$ 10 mil para gastar, todo esse dinheiro aqui, mas você só me deu um mês de visto”.

Eu tava fazendo piada pro cara. Sempre estou brincando, sabe, é meu maior problema. Sempre fazendo piada. O cara me deixou entrar no avião, o motor já estava ligado... E então a porta abre de novo, dois policiais entraram olhando de um lado ao outro... Então disseram, “é ele”, e aí, “você, siga a gente, vamos”. Eu sigo eles para uma sala pequena, pego minha mochila, os outros US\$ 28 mil de dentro de meu livro profissional [contendo fotos e seu currículo]. Ele me pergunta “Tem mais dinheiro?”. Eu digo “tenho”.

Marco

Marco tinha US\$ 38 mil, mas nenhum dólar australiano. Seguindo conselho de seu comprador de Sidney, passara dias circulando por Kings Cross, carregando sacolas plásticas de compras com dólares australianos para trocar em bancos e

casas de câmbio. Então, legalmente, o dinheiro não pertencia à Austrália. Funcionou.

Após quarenta e cinco minutos, eles me perguntaram muitas coisas, sabe, eu comecei a fazer piada, piadas e mais piadas. Eu disse para o policial “você pode dizer que é dinheiro de drogas, pode falar o que quiser, mas esse dinheiro pertence aos Estados Unidos e não a você, cara”. Eu disse “Cara, você vai ter que me matar pra levar meu dinheiro. Vai ter que atirar em mim. Se quiser ficar com o meu dinheiro, vou fazer barulho aqui... Ligar para a embaixada e tudo. Esse dinheiro não te pertence.” Já tinham passado quarenta e cinco minutos, as pessoas esperando dentro do avião. Eu disse “O que você quer?” e o policial me diz “da próxima vez, eu pego você”. E aí eu digo pra ele “ok, te vejo da próxima vez, tchau tchau”.

Marco

Quando não estava atravessando o globo com sua asa-delta cheia de cocaína, Marco passava o tempo dando aulas e também voando de *trike*, asa-delta motorizada, sobre as praias do Rio com propagandas de empresas como McDonald’s, Coca-Cola e Pepsi. Voou para Bali pela primeira vez quando tinha quase trinta anos de idade, após um grande amigo insistir que ele viesse. Ele logo se encantou pelo estilo de vida que a ilha tropical oferecia. A água azul transparente do mar e os dias de sol o deixavam nadar, surfar, andar de *jet-ski* e de asa-delta sem parar.

Minha vida era 24 horas ativa — de manhã, surfando, à tarde, voando. Eu amo esportes, faço esportes o tempo inteiro.

Marco

Logo, estava se revezando entre três casas, em Bali, no Rio e em Amsterdã, rapidamente ficando conhecido em Bali como “o cara”, ou chefe da maconha de alta qualidade, vendendo para estrangeiros moradores da ilha, turistas e surfistas em geral. Em Amsterdã, tinha uma máquina de raio X em casa, para verificar se as drogas estavam invisíveis antes de enviar os cavalos para Bali ou para o Brasil.

Marco era o melhor para vender para esse tipo de gente rica, alta sociedade mesmo, gente rica. Esse tipo de gente gosta de skank, a melhor maconha — é como beber champanhe francês. O nível certo de gente, gente que mora em mansão, esses são seus clientes. Nenhum desses fuma maconha da Sumatra. Cheiro ruim, gosto ruim. Eles querem da melhor.

André

Ele era o cara pra se comprar maconha. Qualquer um que fosse alguém e quisesse comprar maconha comprava dele. Tinha o monopólio. Andava por aí de moto com proteção para vento amarela fosforescente com Suco de Limão escrito em cima. Os caras avisavam ele “O que tá fazendo, cara? Por que não vai direto na polícia colocar as algemas?”. Todos sabiam que Suco de Limão era maconha. Tenho certeza que os policiais sabiam. E ele ficava, tipo, fazendo propaganda, sabe?

Gabriel, surfista americano

Marco foi o pioneiro nas entregas de Suco de Limão e também introduziu a ideia inspirada de usar parapente para transportar a maconha. Isso mudou o jogo, possibilitava aos cavalos carregar até doze quilos de uma vez. Muitos dos grandes traficantes, como Rafael e Dimitrius, começaram como cavalos de Marco, e a maioria dos seus amigos faziam entregas, mesmo que menores, escondidas nos sapatos.

Os cavalos de Marco eram com frequência bem-educados, de classe média ou ricos, incluindo um dos principais modelos brasileiros, que trabalhava para Armani e Gucci viajando entre América do Sul, Europa e Bali. Com sua fama e beleza, ele passava pelas alfândegas com checagens falhas, facilmente traficando quilos de maconha. Ele era um *playboy* que tinha tido casos com estrelas do porte de Madonna e da Princesa Stephanie, de Mônaco, e uma vez trabalhara com Cindy Crawford, impressionando os amigos quando ficou conversando com ela em um bar à noite em Bali.

Ele trazia grandes quantidades, três quilos, seis quilos. Todos os meus amigos

trazem Suco de Limão para Bali. Ninguém tocava nele porque era famoso.

Marco

Era o cara mais bonito que já vi na vida. O filho da puta era lindo. Melhor amigo de Curumim. Curumim gostava de sair com ele porque ele era um dos rostos mais famosos do mundo, naquele tempo. Todas as mulheres se matavam pra transar com ele. Eu tinha ciúme, porque todas queriam ele. Ele pegava todas as gatas ricas; até a Princesa de Mônaco, ele comeu a Madonna, ele era o cara.

Rafael

Marco pagava aos seus cavalos por volta de US\$ 2 mil o quilo, ainda tendo um grande lucro mesmo após deduzir as despesas de hotéis e passagens aéreas. Ele comprava um quilo de maconha em Amsterdã por US\$ 3 mil e em Bali vendia vinte e cinco gramas por US\$ 500, o que equivalia a US\$ 20 mil por quilo.

A maioria dos caras em Bali começou seus negócios trabalhando para Marco. Marco foi o primeiro, e quase todos começaram transportando drogas para ele.

André

Marco vivia uma vida de elite, fazendo um curso de *chef* em Lausanne, Suíça — “cozinheiro bem, pode acreditar” —, fazia *snowboard* nos Alpes austríacos e fazia *snowboard* em Bali; outra expressão criada por ele que ficara famosa como um eufemismo para o uso de cocaína. Presenteava amigos com viagens de barco para surfar, uma vez pagara para Rafael viajar para Sidney com ele. Era sempre engraçado, conversando com todo mundo nos aviões e nos bares, cheirando cocaína no banheiro dos aviões, pagando rodadas de bebidas, cantando “Never Can Say Goodbye”, de Gloria Gaynor. O clima era sempre elétrico em volta de Marco.

Ele sempre testava os limites, brincava com o destino. Voando de asa-delta em Sidney com Rafael, ele insistia em decolar de locais proibidos, e acabavam sendo perseguidos pela polícia. Viajava também sempre com drogas para uso pessoal, uma vez quase foi pego. “Eu tinha cem gramas de cocaína e trinta gramas de

Suco de Limão, mas dessa vez fiz pequenos ovos e enfiei no cu.”

Chegando ao Aeroporto de Sidney com Rafael, Marco recolhia suas bagagens da esteira quando um pequeno cachorro começou a cheirar seu traseiro. O caso virou uma piada recorrente entre os traficantes: “peida quando pega as malas”. De novo, conseguiu não ser pego.

Ele sempre cheirava dentro dos aviões. Toda vez que viajava, enfiava uns pacotes no cu para uso próprio, era maluco.

André

Sua vida era um espetáculo — vivia seu sonho, até que um dia bateu o parapente em Bali e morreu. Por anos, fizera piadas sobre parapentes serem “sacos de plástico”, desprezando esse esporte em comparação com asa-delta. Mas, em uma tarde atípica, voando de “saco plástico”, perdeu o controle e caiu de uma altura de centenas de metros.

Inconsciente no chão, com sangue saindo do nariz e da boca, parecia acabado. Quebrara o fêmur, bacia e o tornozelo e rompera o intestino. “Quando o médico em Denpasar me viu, falou que eu tava morto.” Mas Gui, seu amigo de longa data, aquele que o ajudara em sua primeira queda anos antes, não desistiria sem lutar.

Gui organizou um avião para levá-lo a Singapura, onde ele teria um tratamento médico melhor — em Bali, já falavam em amputar seu pé. Enquanto esperavam o avião, Marco, que perdera três litros de sangue, recebeu uma transfusão de um amigo. Foram 24 horas para conseguir um voo, pois o piloto insistia em pagamento adiantado. Assim que recebeu o dinheiro, decolaram.

Quando voavam sobre Jacarta, Marco sofreu um ataque cardíaco e morreu, mas foi ressuscitado. Com o oxigênio terminando, Gui pediu para o piloto descer. O avião fez um *pit stop* em Jacarta para se reabastecer de oxigênio. Marco estava em estado crítico, variando entre estados conscientes e inconscientes. Quando finalmente chegaram ao Hospital Geral de Singapura, ele estava em péssimas condições e parecia que não aguentaria.

Essa é a história mais emocionante da minha vida. Quando sofri o acidente, eu morri. Mas Marco ressuscita. Ah, você não acredita, não acredita... Meu coração

parou e voltou na primeira vez. Parou a segunda vez dentro do voo. A terceira, em Jacarta. Tive três ataques cardíacos. Você não acredita...

Em Singapura, fiquei em coma por um mês, o médico disse “Marco está morto”, trouxeram o padre, minha mãe veio, ele disse “Marco já morreu”. E aí ele fez uma reza, “Maria, tchau tchau pro Marco”, e então o padre disse para minha mãe “você tem que pagar US\$ 100”. Minha mãe dá o dinheiro ao padre. O padre vai embora... Após cinco minutos, eu abro os olhos, “mamãe, mamãe”. Aí minha mãe tentou achar o padre, mas ele já tinha escapado.

Marco

Após três meses entrando e saindo do coma, Marco se recuperou bem, a ponto de conseguir fugir, escapando de Singapura sem pagar a conta do hospital. Era de mais de US\$ 200 mil e, mesmo após acionar o seguro e os amigos ajudarem, ele ainda devia mais de US\$ 50 mil. Nos dois anos seguintes, ele ficou em cadeiras de rodas, mas soube utilizá-las a seu favor para traficar Suco de Limão para Bali.

Seus amigos pensavam que o acidente pudesse fazê-lo menos instável, menos descuidado e menos arrogante, mas acabou exacerbando essas suas características. Ele caíra do céu, desafiara a morte pela segunda vez; agora, apesar de ficar manco para o resto da vida, acreditava realmente que era invencível. Rafael estava trabalhando cada vez menos com ele desde o acidente e, após a tentativa de trapaça com o *ecstasy*, boicotou qualquer trabalho com ele, ainda que tenha acabado se envolvendo com ele depois na mais mortal das entregas.

Após o acidente, ele falava merda de todo mundo, fazia fofoca. Se sabia de alguma entrega, contava para as pessoas erradas só para sacanear. Era maluco. Cara, só ajudei esse filho da puta, dei cocaína, dei dinheiro, dei mulheres, dei de tudo e depois ele tentou me foder. Esse cara é um problema ambulante — ele fala demais. Comecei a me afastar, porque eu acho que ele é maluco.

Rafael

CAPÍTULO NOVE

O ENCANTADOR

DE CAVALOS

Ainda que os rapazes às vezes brigassem entre si, logo voltavam a se divertir juntos. Uma noite, Rafael convidou vários para jantar em um dos melhores restaurantes de Bali, Warisan. Após um sucesso com quatro quilos, ele estava pagando. Sentaram em uma arejada mesa de canto com vista para as plantações de arroz. Alguns deles estavam com namoradas ou prostitutas bastante jovens, e logo virou uma festa, com champanhe abundante na mesa e cocaína nevando no banheiro. Mas o ambiente tranquilo estava prestes a mudar.

Nós celebrávamos, o cavalo tinha acabado de chegar com quatro quilos. Dinheiro entrando. Eu estava muito feliz.

Rafael

Um brasileiro caminhou até um dos traficantes, Júlio Preto, que vagamente o conhecia, perguntando se podia tirar uma foto de Júlio. Mas era só uma desculpa. Em vez disso, ele virou e tirou uma foto de Marco. Marco percebeu e sentiu o perigo, voou até Rafael, perguntando “Quem é esse?”. Rafael não sabia e também não se importava, até Marco dizer “acho que é um policial”.

“Hein? Por quê?” Rafael, de repente, era todo ouvidos. Apesar de todas as palhaçadas de Marco, seus instintos eram bons. “Somos os únicos traficantes aqui, e o cara tem uma câmara, porra, é muita coincidência.” Rafael avaliou o homem enquanto ele conversava com Júlio Preto, mas ele notou o olhar de Rafael.

Aproximou-se dizendo “oi” e, rápido como um raio, tirou uma foto de Rafael. Instintivamente, Rafael agarrou a câmara: “Ei, por que me fotografou?”. O homem resistiu, tentando puxar a câmara de volta, mas era ou ingênuo ou estúpido, pois não teria chance de brigar com aquele grupo.

Brás correu para trás dele e, num mata-leão, apertou seu pescoço, cortando o fluxo de sangue para o cérebro dele e fazendo-o desmaiar, então o deitou no chão. Rafael correu para checar os bolsos do homem, mas não encontrou nada.

O restaurante era grande, com mesas bem espalhadas, e os demais clientes não pareceram notar a confusão. Mas um garçom correu diretamente até eles perguntando “O que houve?”. Um pré-requisito de todo bom traficante é ficar calmo quando a situação esquenta e inventar uma história rápido, então Rafael facilmente voltou a seus gracejos usuais. “Ah, esse cara tá bebaço, desculpe. Vamos levá-lo embora antes que vomite.” Rafael e Brás o levantaram do chão, colocaram os braços dele em seus ombros e o arrastaram dali.

Após jogá-lo na calçada, Brás bateu em seu rosto para trazer o sangue de volta à circulação normal e, quando ele ia acordando, segurou-o pelo pescoço. Rafael perguntou “Por que me fotografou, filho da puta? Quem é você?”.

Seus olhos estavam arregalados, mas ele não falava. Brás apertou seu pescoço. Rafael pegou a câmera, arrancou o filme de dentro e jogou-a no peito do homem. “Filho da puta, não queremos te ver de novo. Senão, vamos te matar. Dessa vez, vamos te dar uma chance, mas é melhor correr se quer ficar vivo.”

Eles o viram se levantar e sair correndo. Os traficantes não deixaram que o incidente estragasse a noite, mas um pouco do clima tinha se quebrado. Suspeitavam que o homem trabalhava para uma milícia brasileira conhecida por sequestrar filhos de traficantes ricos para exigir resgate. Quem quer que aquele homem fosse, sabiam que não era coisa boa.

Os *playboys* tinham que ser tão cuidadosos com policiais brasileiros quanto com policiais de Bali, pois muitos passavam vários meses do ano no Brasil e os policiais já sabiam de suas movimentações entre Amsterdã, Bali e Brasil. Marco dividia seu apartamento em Amsterdã com outro traficante, André, para dividir o custo. Como Marco, André vivia entre Bali, Holanda e Brasil. Diferentemente dele, porém, André era cuidadoso ao extremo com seu dinheiro, construindo um império, mas já estava sendo observado pela polícia.

Ainda que André passasse bastante tempo em Bali nas festas com os demais, ele era um empreendedor, com dois restaurantes de luxo, uma boate e uma mansão em frente ao mar, com piscina e academia privada, em Garopaba, uma praia exclusiva e área de *resorts* do sul do Brasil. Também tinha dois apartamentos em São Paulo e uma participação em um acampamento de

surfistas em Sumatra, Indonésia. Dirigia um carro de US\$ 100 mil e viajava para o Havaí e para a Europa ao menos uma vez por mês. Ele vivia em Bali por vários meses do ano, durante a estação de surfe, que coincidia com o inverno no Brasil, quando sua cidade de praia praticamente ficava fechada e seus restaurantes também. Ele gastava uma fortuna em passagens aéreas.

Para ele, era para isso que vendia drogas — para ficar milionário. E estava funcionando.

Todo mês, eu mando cocaína para a Europa e lucro € 50 mil ou todo mês dois quilos, três quilos e ganho € 50 mil, € 100 mil de lucro. No Brasil, minha vida era linda pra caralho.

André

Para André, a vida era ter a possibilidade de acordar no Brasil, ter a extravagância de voar a Paris para ver um *show* do David Guetta e dali ir para o Havaí ou para Bali surfar alguns dias depois. Viver momento a momento o fazia sentir-se vivo. Mas uma vida tão autoindulgente quanto esta custava muita grana, e fora um estranho incidente uma noite, quando tinha apenas dezenove anos, que lhe dera a chave para viver seus sonhos impulsivos.

Ele era inteligente, estudado e educado, vinha de uma rica família de classe média-alta. Suas irmãs eram médicas, ele era a ovelha negra. Quando adolescente, sacrificara a família, preferindo viver uma vida agitada e cheia de gastos a ter uma rotina monótona. Cursava turismo na universidade e trabalhava casualmente na empresa de pesca do pai, vendendo camarão para os restaurantes mais caros de São Paulo, quando, uma noite, viu chover dinheiro.

Estava em casa e um capitão de um barco do meu pai veio e disse “Ei, André, você fuma maconha, não?”. Eu fiquei surpreso. Disse “Sim, Mestre Antonio, você sabe que gosto de maconha. Por quê?”. Ele disse “a praia está cheia de maconha”. E me mostrou uma lata de abacaxi em calda cheia de maconha de qualidade muito, muito boa. Foi o ponto de virada da minha vida.

André correu para a praia e viu centenas de latas de abacaxi molhadas espalhadas na areia. Com a ajuda da lua cheia, correu recolhendo 108 latas e as

guardou na casa de praia do pai. No dia seguinte, viu as manchetes dos jornais. A polícia tinha interceptado um navio que passava pela costa brasileira e dois contêineres carregados com vinte toneladas de maconha, em latas de abacaxi em calda, foram atiradas ao mar para evitar o flagrante. Para André, parecia ser Natal e aquilo o empurrou para uma nova e decadente vida. Sozinho.

Um dia tenho um carro velho, que encho de camarões e vou vender em São Paulo para ganhar dinheiro. No dia seguinte, tenho US\$ 108 mil em maconha, compro um carro novo e estaciono na minha casa em São Paulo. Meu pai apenas olha para mim, olha para o carro e não diz nada. Jantamos em família; depois, ele me chama para seu escritório e diz “André, sei que está vendendo drogas. Sei que tem várias latas na casa da praia. Você tem dois dias para se livrar delas”.

Meu pai é um homem do porto, é durão. Tem três filhas maravilhosas; não precisa de um doidão por perto. Ele me diz, “Se quiser morar nesta casa, pode morar. Para de fazer isso e pode continuar a ter família. Mas se quiser ser um traficante, por favor, vá embora”. Eu tinha dezenove anos de idade, US\$ 100 mil no bolso e ele me deu essa opção. Fui direto para a Califórnia.

Ele logo virou um requisitado traficante em Los Angeles, vendendo cocaína, LSD e maconha, geralmente patinando pelo calçadão de Venice Beach com uma mochila. Convivia com vários surfistas, principalmente mexicanos e brasileiros, que dividiam quartos em um condomínio. Os mexicanos traziam drogas pela fronteira em Tijuana, então, conseguir o produto era fácil. André passava seus dias vendendo e surfando, com viagens regulares para pegar ondas gigantes no Havaí. Não demorou muito para se juntar ao grande fluxo de surfistas que iam para Bali.

Aos vinte e dois anos, com uma mochila no ombro, cheia de roupas e LSD, ele entrou no covil dos surfistas, o Hotel Aquarius na rua principal de Kuta. Era a primeira vez de André em Bali, e era o início dos anos 1990, então a cidade ainda era bem básica, com poucos hotéis e fedorentos esgotos a céu aberto correndo paralelamente às ruas. André fez *check-in*, pegou sua prancha e foi para a praia.

Em poucos dias, conectou-se com os traficantes peruanos da ilha, os precursores da cocaína, que pagavam facilmente sua vida de festa e surfe

trazendo a droga de casa. O LSD de André não vendia, mas ele logo aprendeu que cocaína era a droga da vez.

Eu vi esses peruanos super-ricos em Bali: Poca, Mário, Borrador e Jerome. Grandes hotéis, melhores carros, grandes lanchas; viviam como reis. Isso abriu meus olhos, me fez ficar interessado em trazer drogas para Bali. Esses caras me apresentaram para os compradores de cocaína, para as lanchas, as melhores ondas, muitas mulheres, carros, tudo. Vim para ficar um mês, fiquei três e voltei com a mente fervilhando: “uau, esse lugar é maravilhoso”. Perfeito para mim, porque conheci os peruanos e me senti no paraíso. Eles eram as pessoas mais amigáveis, sempre sorrindo. Se você tem dinheiro em Bali, vive como um rei. E comecei a trazer droga para cá.

André fez três entregas de cocaína em Bali colocando um ou dois quilos em caixas de som. Na primeira vez que vendeu para Chino e ganhou US\$ 40 mil, foi fisgado. Mas ele era inteligente, sabia que, se você é esperto, vira um investidor ou um chefe, para evitar o risco de carregar a droga. Logo começou a usar um estábulo de cavalos para trazer cocaína do Brasil para Bali e Amsterdã. E, com sua tática de reabastecer os cavalos em Amsterdã com *ecstasy* e maconha, seu negócio explodiu. De repente, o mundo era seu parque de diversões... Do jeito que sempre imaginara.

Você alcança um nível de vida muito alto, sabe? Ir para o aeroporto pegar um voo é tão normal como pegar um ônibus.

André também, às vezes, fazia seus cavalos transportarem o dinheiro — chegando a € 300 mil em notas de € 500 escondidas em compartimentos secretos de suas maletas. “Se a polícia no Brasil te flagra com € 200 mil, eles ou te matam ou roubam o dinheiro. O grande risco é no Brasil.”

O risco na Europa era ter o dinheiro confiscado, como André descobriu um dia. Saindo da Holanda com € 100 mil, ele foi revistado. A alfândega encontrou dois pacotes de notas de € 500 escondidas em sua cueca. Pegaram o dinheiro, fizeram-no assinar um documento em holandês e então o liberaram para voltar ao Brasil. Ele imediatamente telefonou para um advogado, que conhecia um

advogado especial em Amsterdã, que trabalhava exclusivamente para traficantes.

Esse cara me perguntou “Quanto dinheiro?”. “€ 100 mil.” “Assinou alguma coisa?” “Sim.” “Estava em holandês?” “Sim.” “Você entende holandês?” “Não.” “Ok, vai conseguir seu dinheiro de volta.” Esse cara consegue o dinheiro e envia para meu advogado no Brasil. Paguei vinte por cento para os dois; perdi € 20 mil, mas foi melhor que perder tudo.

E só porque te obrigaram a assinar algo que não conseguia entender?

Sim. Na Holanda, são muito, muito detalhistas nas leis.

André só investiu grandes somas em seus negócios quando seu pai morreu, usando a desculpa de uma herança para justificar seu enriquecimento súbito.

Quando meu pai morreu, funcionou para mim socialmente como uma grande lavagem de dinheiro. Meu pai não era rico, mas tinha um pouco. Eu disse para minhas irmãs “Não quero nada. Podem dividir entre vocês e a mamãe. Não preciso do dinheiro”. Mas, para todas as outras pessoas, eu falava “ah, agora chegou minha hora, porque meu pai morreu e me deixou bastante dinheiro”. Agora podia realizar meus sonhos, construir meu restaurante, construir minha casa.

Ele saboreava o prestígio de ser jovem, bem vestido, ter sucesso, invariavelmente com uma mulher linda nos braços, mas temia que seu álibi um dia caísse.

Eu realmente me importava com minha posição na cidade, na sociedade. Ninguém suspeitava de mim. Todos me olhavam como um homem de negócios de sucesso. Boa vida, vinha para Bali por seis meses, vivia no Brasil por três meses, outros três meses no Havaí. Sempre trabalhando nos meus restaurantes, as pessoas olhavam, “pô, esse é um cara de sucesso”.

E você gostava dessa imagem?

Sim. Mas sempre tinha medo da verdade.

Seu restaurante tailandês venceu o prêmio de Melhor Restaurante Oriental várias vezes e seu restaurante japonês, com um espaço especial inspirado em Bali, também estava explodindo. Mas ele não se sentia confortável com os elogios, certo de que, com o dinheiro que lavava comprando móveis balineses importados e até uniformes criados em Bali para seus funcionários, até um idiota poderia criar um ambiente incrível.

Eu nunca gostava de falar muito, tipo, “pô, eu sou muito foda, meu restaurante é o melhor”. Nunca gostei desses elogios. É realmente muito, muito lindo, mas por que meu restaurante é bonito? Por que é o melhor? Porque eu tinha US\$ 1 milhão sobrando por ano. Se não consigo criar o melhor restaurante, sou estúpido. Eu também não queria chamar atenção para mim. “Uau... Como esse cara tem tanto dinheiro se o restaurante só abre três meses por ano?”

Vendo seu sucesso e ouvindo boatos, jovens rapazes ou garotas se aproximavam dele pedindo para fazer alguma entrega. Um dia, um francês de vinte e dois anos, apelidado de Fox, cujo pai trabalhava no consulado francês, pediu-lhe trabalho. Fox teve sorte no momento de sua aproximação, André estava prestes a ir para Bali e sempre gostava de enviar alguns quilos antes para ter dinheiro para festas quando chegasse lá.

Mais tarde Fox iria conhecer Rafael, trabalhar com ele e passá-lo para trás. Mas, em sua primeira entrega, como fazia com seus cavalos iniciantes, André o pôs sob vigilância por três dias. O objetivo do sistema de André era minimizar o risco de insucesso assegurando que os cavalos estivessem tranquilos para a entrega.

Dois ou três dias antes do voo são sempre dias nervosos para os cavalos. Eles pensam “pô, posso ir para a prisão”, a mente nunca para. Então, quando estou no Brasil, levo o cavalo para a praia. “Você voa sexta, venha na quarta.” Quando chegam, estão assustados, cavalos iniciantes estão sempre com medo. Então eu faço os caras viverem uma vida de sonhos: o melhor hotel na frente da praia, alugo um carro legal para eles por uns dois dias. “Ah, gosta de festas, conheço o melhor lugar,

“você vai ter entrada VIP hoje à noite.” Então o cara se sente bem, fica confiante. Você tem que incorporar esse personagem — “agora sou o cara, vou para Bali passar minhas férias. Estava em um lindo lugar no Brasil, agora estou indo para Bali. Vou para meu paraíso passar férias”. Esquecem que estão levando cocaína.

Também pergunto normalmente “O que vai fazer com o dinheiro?”. Todos têm sonhos; o cavalo sempre tem alguma coisa que quer comprar. Eu pergunto “Por que está fazendo isso?”. “Ah, quero comprar um carro, quero mudar de casa.” Só pergunto uma vez para o cavalo “Tem certeza que quer fazer isso? Sabe dos riscos? Da pena de morte?”. “Sim.” Após dizerem sim, não pergunto mais, só falo de coisa boa. Você já põe cem por cento do dinheiro no bolso deles. “Que carro quer comprar?” “Ah, aquele carro preto, porque é bonito”, eles começam a mentalizar, a ver o sucesso. Eu li O Segredo, é realmente aquilo. Mentalização, essa é a grande verdade do mundo; você é o que você pensa; você atrai para si aquilo que você pensa.

É como uma lavagem cerebral. Dois ou três dias para lavar o cérebro do cara, para fazer ele ficar realmente confiante, aí ele vai para Bali sem preocupações.

André também lhes comprava um bom tênis, roupas — geralmente uma camisa polo básica, azul ou branca — e uma mala preta padrão, para que pudessem se misturar com os milhares de turistas reais no caminho. Ele tinha o hábito de assistir a programas de TV policiais como *Banged Up Abroad* [“Férias na Prisão”] e *Behind Bars*, para aprender com os erros dos outros ou detalhes das ações policiais. Seu objetivo era ensinar o máximo possível de truques para seus cavalos.

Ele tinha sido chamado para trabalhar com os cartéis colombianos e transportar toneladas de cocaína, mas, além das penas draconianas aplicadas aos traficantes pegos com toneladas, André não concordava com a filosofia do cartel de enviar dezenas de cavalos sem treinamento, pessoas simples — que geralmente não falavam inglês e nunca haviam voado —, contabilizando como dano colateral no plano de negócios que uma porcentagem deles fosse presa. Eram números, não vidas, e André preferia tentar fazer de todo cavalo um vencedor.

Posso explicar a diferença entre uma mula e um cavalo? Mulas não são o tipo de pessoa que trabalha para mim. Pessoas que vêm a Bali para curtir a vida, esses são cavalos de verdade. Mas mulas, não cavalos, são realmente pessoas desesperadas. Pessoas muito pobres, não falam inglês e caem como moscas... É assim que funcionam os negócios colombianos e peruanos; eles enviam mulas para voar, por vezes mandam cinco de uma vez, sabem que três serão presas. Mas, para eles, isso não importa. É apenas um número a menos em sua contabilidade. Só os grandes cartéis trabalham assim, como os colombianos e peruanos; têm vinte toneladas e sabem que vão perder duas toneladas no caminho. Ainda assim, ganham muito, muito dinheiro porque conseguem enviar dezoito toneladas com sucesso. Não é meu jeito de trabalhar. Tenho um cara, cinco quilos de cocaína e, se perco dois, já é uma perda grande.

André

Oficiais da alfândega do Aeroporto Hato, em Curaçao, concretizaram uma apreensão recorde em agosto de 2002, quando o Príncipe Willem-Alexander e sua esposa, Máxima, estavam a bordo de um voo para Amsterdã, após um tour pelas Antilhas¹. Noventa e nove contrabandistas fizeram check-in no voo, acreditando que os passageiros não seriam revistados havendo membros da família real a bordo.

Spiegel Online, 11 de fevereiro de 2004

Existem 32 voos por semana desse tipo (das Antilhas Holandesas, no Caribe — um ponto de apoio do tráfico de cocaína —, para Amsterdã), com uma média de 40 passageiros em cada voo levando drogas. No último ano, 2.176 contrabandistas das Antilhas foram presos em Schiphol (Aeroporto de Amsterdã) junto com seis toneladas de cocaína.

The Mail on Sunday, Londres, 15 de fevereiro de 2004

Na minha maneira de trabalhar, envio um cavalo e coloco toda a minha energia para fazer com que ele tenha sucesso. Não envio dez sabendo que vou perder

cinco. Não gosto de brincar com a vida das outras pessoas. Qualquer um que pegue três, cinco, sete anos de prisão — independentemente de ser no Brasil, Europa ou Bali —, isso destrói uma vida. Não gosto. Se isso ocorre, eu ajudo, envio dinheiro, pago advogados, dou suporte à família. Não gosto de ver meus cavalos serem presos. Trabalho um a um, gosto de ter sucesso. Ensino-lhes passo a passo, como uma criança. Converso por dois dias sobre seu comportamento no aeroporto. Em casa, tenho DVDs para ensinar detalhes sobre os aeroportos. Fui com minha namorada e gravei tudo... “Ah, amor, venha aqui”, fingia estar filmando ela... Mas uso para mostrar aos cavalos. “Olha, aqui é o guichê da Polícia Federal, não pare ali na frente, nunca fique muito tempo na sala de embarque ou em filas.” Tipo... Se o voo é às 22h, não entre na sala de embarque às 20h... Entre em lojas, veja relógios na loja da Rolex, avalie todos os celulares da loja da Nokia, faça perguntas. Gaste o tempo dentro das lojas, não nas áreas públicas. Por quê? Os policiais à paisana estão sempre procurando coisas suspeitas nas áreas comuns... O cara lendo jornal e olhando em volta o tempo inteiro... Nervoso. Isso é suspeito. Eles verificam as filas também. Mas, se você está dentro de uma loja, você é um turista. Policiais não olham ali dentro. Pouco antes de o embarque terminar, vá para a sala e entre direto no avião. Aí acaba ficando só um ou dois minutos na área de risco. São dicas pequenas, simples, mas fazem toda a diferença entre a liberdade e a prisão.

André

André tomou para si a responsabilidade de entender o estado psicológico dos cavalos, sabia que não era apenas uma questão de dinheiro e adrenalina, mas de poder e *status* também. Quase sempre, após uma primeira entrega, ele observava com prazer seus cavalos saírem para comprar óculos escuros de marcas caras.

Isso é típico dos cavalos. É conhecido: noventa ou noventa e cinco por cento dos cavalos, quando recebem seu primeiro pagamento, saem e compram algo para se exhibir, “agora sou alguém, agora sou bom o bastante”. E isso é muita, muita burrice. Porque o cara põe a vida em risco para comprar um relógio de US\$ 3 mil. É mais engraçado ainda em Bali, porque, às vezes, a mula é uma mula

mesmo, burrona — vem aqui para Bali, gasta o dinheiro em óculos falsos, relógios falsos, porque Bali é cheia de produtos piratas. A mula vai... “Ah, olha o que comprei.” Eu digo “pô, é bonito, mas é pirata”. “Ah, não!” Burros.

Apesar do seu regime de treinamento, muitos cavalos acabavam sendo presos; era um risco do jogo, pura má-sorte algumas vezes, mas geralmente devido a detalhes que poderiam ter sido evitados, como um cavalo que Dimitrius, o Grego, tinha chamado para entregar 7,3 quilos em Bali dentro de uma prancha de surfe. Ele caiu simplesmente porque não tinha a aparência certa para o papel que estava desempenhando.

A tez pálida de um homem que levava duas pranchas de surfe em um voo internacional provocou suspeitas nos seguranças de um aeroporto brasileiro, que afirmaram ter encontrado quase 7 quilos de cocaína escondidos em um pacote entre as pranchas. Luis Alberto Faria Cafiero, 27 anos, foi preso sexta-feira em São Paulo antes de embarcar em um voo para Johannesburgo, África do Sul, com conexão para Bali, Indonésia. “Ele não parecia alguém que vive na praia”, disse o policial federal Isaias Santos Vilela.

AP Worldstream, 11 de outubro de 2003

Esse detalhe, aparentemente pequeno, da falta de uma pele bronzeada teve depois consequências explosivas para Dimitrius, quando o cavalo virou um informante da polícia. “Eu conheço os benefícios de ser um delator”, disse ele em seu testemunho judicial.

Quantos de seus cavalos foram presos?

Muitos, mais de dez.

Em Bali?

Não, nunca. Dois caíram na França, quatro cavalos em Amsterdã, no Peru, na Austrália... Muitos. Mas por sorte nunca no Brasil, porque o Brasil é o pior, a lei é dura e as cadeias são terríveis.

Foi o primeiro alerta vermelho para André em relação à própria segurança quando um de seus melhores cavalos, Coelho, foi preso no Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, tentando embarcar para Amsterdã. Passar pela alfândega de Paris ou Bruxelas e dali pegar um voo doméstico, ou dirigir até Amsterdã, era uma tática considerada segura. Coelho já tinha feito dez entregas, conhecia o jogo, mas se tornou convencido. Fez a besteira de carregar um cinzeiro de prata na bagagem, que ele usava para fumar baseados. Sua arrogância coincidiu com uma má-sorte. Em seu voo, um grupo de doze peruanos foi preso levando cocaína no estômago, o que gerou uma busca intensiva em todos a bordo. Após encontrar o cinzeiro sujo, revistaram Coelho e o prenderam com quatro quilos de cocaína em sua asa-delta. Coelho foi pressionado para entregar seu chefe, mas, sabendo das graves consequências de entregar alguém, não o fez, dizendo que traficava por conta própria.

Ele não queria morrer. Disse “comprei isso para uso pessoal, eu estava maluco, totalmente viciado, perdi a cabeça e trouxe isso para mim”. Essa é a melhor coisa para se dizer, porque a punição diminui, para viciados.

Coelho saiu após apenas onze meses na cadeia. Mas sua prisão trouxe más notícias para André. Coelho lhe telefonou da prisão um dia dizendo que dois policiais do DEA (Departamento Antidrogas dos Estados Unidos) haviam feito perguntas específicas sobre ele.

Eu disse “Que porra você tá falando, Coelho?”. “Dois caras vieram aqui, uma mulher e um homem do DEA, e perguntaram de você pelo nome, disseram ‘Ei, você trabalha para o André? Entregue o cara e você fica menos tempo na prisão’”. Eu disse “Mas como eles fizeram essa conexão?” e ele disse “não sei, só estou contando o que aconteceu”. Eu disse “porra, agora estou fodido”. Depois disso, fiquei alerta. Essa é a primeira luz vermelha, pá, pum, e o DEA estava atrás de mim. Comecei a me perguntar: por quê?

Não demorou muito para André descobrir por que tinha entrado no radar desse Departamento. Fora uma caprichosa mudança de planos de última hora que o

denunciara. Ele tinha viajado ao Peru no ano anterior para comprar trinta quilos de cocaína com um parceiro, um veterano do tráfico de sessenta e cinco anos e cabelos brancos. Contrataram três cavalos para levarem dez quilos cada, mas, quando um não apareceu, o parceiro decidiu fazer a entrega, após anos sendo somente chefe. Rapidamente entusiasmado com a ideia, ele queria voar de Lima para São Paulo e de lá para Amsterdã.

André não estava empolgado. O perigo era que tinha convivido por cinco dias em Lima com o parceiro, usando sua identidade real, seu passaporte original, ficando no mesmo hotel, jantando junto, com câmeras de circuito fechado certamente filmando tudo. Se soubesse que o homem iria fazer a entrega, André não teria se aproximado dele em público. Com a mudança abrupta de último minuto, André empacotou o parapente dos dois cavalos, sempre preferindo fazer isso pessoalmente, com precisão e cuidado, e pegou seu voo — partindo quatro horas antes de seu parceiro para evitar estar no mesmo voo que ele ou chegar imediatamente depois, em caso de falha.

Seu parceiro foi pego. Os aeroportos peruanos eram difíceis, com o DEA trabalhando com policiais locais, e não era necessária muita coisa para criar suspeitas. O homem já tinha feito mais de vinte entregas, mas, desta vez, cometera um erro. Ele vestia um terno de executivo e carregava um parapente, e essa contradição em sua aparência levantou suspeitas. A polícia do Peru e o DEA o prenderam com dez quilos. Ele não delatou ninguém, mas André tinha certeza de que o DEA investigara com quem o homem tivera contato em Lima.

Foi o início dos meus problemas, porque, depois disso, sabia que o DEA conhecia meu rosto, meu passaporte.

Mas André não desacelerou os negócios. Consciente de estar na mira, passou a tomar cuidados extras, mas continuou a boa vida. Como Marco e muitos outros, passava grandes temporadas em Bali, interrompidas por breves viagens ocasionais para fechar negócios. Como dividiam um apartamento em Amsterdã, André e Marco convenientemente trabalhavam juntos em várias entregas. Se André estava em Amsterdã, Marco às vezes organizava um cavalo e pedia que André o encontrasse. Ninguém jamais fez favor de graça, mas André topava para ganhar comissões, geralmente comprando Suco de Limão ou *ecstasy* e

reabastecendo o cavalo para que ele voltasse carregado ao Brasil.

Apesar de trabalhar com Marco, André lamentava as palhaçadas e a falta de cuidado com dinheiro do rei do Suco de Limão. André era sua antítese, capitalista impiedoso e detalhista quando o assunto era dinheiro.

Nunca gostei de trabalhar muito com Marco, porque quando faço meus negócios gosto de tudo certinho. Eu pago cinco, vendo por dez, ganho o lucro, limpo como água. O Marco é totalmente diferente. “Ah, eu compro dois quilos, quero dar duzentos gramas para meu vizinho, duzentos gramas para você, porque você tem olhos lindos.” Aaaahh... Eu dizia “Ei, espera, cara, onde está seu lucro?”. Pra mim, isso é burrice. Se ponho minha vida em risco, não vou desperdiçar. O Marco é maluco.

Eram as intermináveis brincadeiras bobas de Marco que perturbavam André — como uma vez em que Marco lhe telefonou no Brasil, do apartamento deles em Amsterdã, perguntando se conhecia alguém que vendesse trinta gramas de cocaína para ele usar no fim de semana. André conhecia e o vendedor mandou um entregador. O entregador sumiu. Aconteceu que Marco o convidara, a um completo estranho, para passar três dias cheirando todos os US\$ 3 mil de cocaína. Outra vez, André e Marco investiram em uma entrega de dois quilos para Bali. André vendeu a carga para Chino e depois descobriu que Marco a estava recomprando, em pequenas quantidades, pelo preço mais alto praticado nas ruas.

Eu conversei com Chino, tranquilo, porque ele é meu amigo, “Ei, Chino, tá tudo certo?”. “Estou bem, mas estou muito puto com o Marco — ele me liga dez vezes por dia!” “Por quê?” “Para comprar cocaína.” “Você está vendendo cocaína para o Marco?... Por quanto?” “US\$ 150 o grama.” “Tá brincando?” O Marco tinha vendido para ele por US\$ 60 o grama, agora estava recomprando por US\$ 150. Negócio bom da porra. Esse é um exemplo típico de como ele faz umas burradas.

CAPÍTULO DEZ

007

Na terça-feira, a polícia indonésia interrogou 13 turistas europeus presos na ilha de Bali durante o que a polícia chamou de “festa da droga” em uma pousada alugada... O grupo incluía nove cidadãos franceses, três italianos e um suíço... Os oficiais confiscaram 2,5 gramas de cocaína e 10,2 gramas de haxixe... A polícia na Indonésia, onde antes pouca importância era dada a crimes relacionados com drogas, declarou guerra aos traficantes e aos usuários no último ano...

Agência France-Presse, 22 de agosto de 2000

Criticado por suas tentativas infrutíferas de combater o tráfico, o governo decidiu mudar de estratégia... A presidenta também demonstrou seu desapontamento com as penas leves dadas a traficantes condenados... “Grandes criminosos, como produtores e traficantes, deveriam receber a pena de morte. Para mim, é melhor que uma pessoa receba a pena capital do que ver uma comunidade inteira viciada em drogas”, disse ela...

A Indonésia se tornou conhecida não apenas como um ponto de trânsito para traficantes internacionais, mas também como um país produtor.

Jakarta Post, 30 de outubro de 2001

As pessoas costumavam brincar “está nevando em Bali, está nevando em Bali”. Eu brincava com meus amigos, “sou o único dirigindo um Jimny que vale uma Ferrari”, porque todas as portas estavam recheadas com cocaína.

Alberto

Quanto mais nevava em Bali, mais quente ficava. Policiais à paisana passaram a

frequentar as noites; infiltrando-se em boates, bares e restaurantes, invadindo pousadas luxuosas e casas de estrangeiros residentes, muitas vezes após um traficante balinês ou um funcionário vingativo ganhar uma comissão pela informação.

O ritmo dos traficantes, porém, não diminuía. O traficante peruano Alberto vivia vigiando seu retrovisor. Com a panelinha dos grandes chefões abertamente fazendo festa todas as noites e gastando dinheiro nos mesmos restaurantes, bares e boates, tinha certeza de que os investigadores da Inteligência da polícia sabiam exatamente quem eles eram. A ilha era pequena. Mas, para Alberto, isso apenas trazia mais emoção ao jogo. Adorava ser mais esperto que os policiais, jamais permitindo que o pegassem em flagrante, usava o labirinto infinito dos quartos de hotéis de Bali, entrando por uma porta e saindo por outra, sumindo na multidão de turistas.

Você está sempre na beira do precipício, sempre arriscando a vida, não importa quantas vezes já tenha passado por isso. Eu amava aquele sentimento de adrenalina pura correndo nas veias. Era viciado nisso. Mais do que o dinheiro, era essa emoção que me mantinha ativo. A qualquer momento que você abre uma mala cheia de cocaína, sua vida pode terminar ali. Se a pessoa errada bate na sua porta, sua vida está acabada.

Alberto

Para se assegurar de que a pessoa errada não batesse à sua porta, Alberto não confiava em quase ninguém. Um dia, um peruano querendo vender dois quilos de pó que tinha trazido para Bali contatou Alberto pedindo que fosse seu agente de vendas. Alberto rapidamente encontrou alguns compradores italianos e organizou o fechamento do negócio para as 18h no resort cinco estrelas Nikko Bali. Alberto e seu cliente reservaram um quarto de US\$ 350 para que pudessem festejar depois de receberem a mala de dinheiro. Os italianos estavam no mesmo andar e Alberto aguardava que seu contato, aquele que tinha lhe indicado os compradores, ligasse, para que todos pudessem se encontrar, num primeiro momento sem a cocaína. Mas, quando ligou, cometeu o erro tático de usar o telefone do quarto, em vez do celular. O negócio desmoronou na hora.

“Ei, que porra é essa de ligar pro quarto? Agora os italianos sabem onde estamos”, gritou Alberto.

“Sim, tudo bem, são meus amigos”, respondeu o contato. Mas não estava tudo bem; esses compradores eram novos e podiam ser policiais disfarçados. Era vital que não soubessem onde estava a droga antes de se conhecerem.

O cliente de Alberto entrou em pânico. “Porra, vamos sair daqui agora.” Alberto estava tenso também, mas sugeriu apenas que trocassem de quarto. Mas o cliente já correria para a porta e Alberto foi atrás dele.

Corremos direto para fora, entramos no carro e fomos embora. Ele estava maluco. Não tivemos tempo de pegar as roupas nem nada. Ele dirigiu até Jimbaran e me deixou no Hotel InterContinental. Eu disse para ele, “isso é uma burrice, é arriscado”, porque eu estava de chinelos, bermuda de surfe, camiseta e uma pequena mala, chegando a um hotel cinco estrelas para reservar um quarto de US\$ 375, sem bagagem, sem passaporte, parecendo um perdido... Eu era uma figura muito incomum, estranha... Estava tudo errado. Você não quer parecer fora do normal; quer se misturar sem chamar atenção. Sempre faço check-in em bons hotéis de jeans, sapatos, camisa social, passo perfume, tomo banho, me barbeio, caminho com estilo. Nunca entro com uma mochila, parecendo que não posso pagar um hotel desse nível.

Eu estava completamente nervoso... Então entrei no hotel; como sempre, eu tinha uma história. “Ah, extraviaram minhas malas, posso fazer o check-in amanhã? Amanhã, vou pegar meu passaporte e minha bagagem.” Mas eu pensei, “que merda, isso é muito suspeito, é muita burrice”.

Alberto foi direto para o quarto, trancou a porta e pôs uma cadeira contra ela. Então, encheu a banheira com água, abriu a mala com cocaína e a deixou no chão do banheiro, preparado para o pior.

Fui ao banheiro talvez umas cinco vezes naquela noite. Tive uma diarreia pesada por causa do estresse. Deixei a mala com cocaína ao lado da banheira, aí, se eles arrombassem a porta, eu podia simplesmente correr para o banheiro e jogar tudo na água — ela some em um segundo.

Foi uma noite interminável de sono interrompido, cochilando e acordando de um salto, assustado com o menor barulho, tentando ouvir se os guardas se posicionavam atrás da porta. Foi um alívio ainda estar deitado de manhã na cama macia do hotel cinco estrelas, e não jogado em um chão de concreto numa cela de delegacia, como visualizou diversas vezes durante a noite.

Hora de ir embora, correu escada abaixo, pulou em um táxi e foi para o popular Hotel Padma, de quatro estrelas, na praia de Legian. Era seu abrigo preferido, o hotel onde se sentia mais confortável e fazia a maioria de seus negócios, ocasionalmente duas ou três vezes na semana.

Quando cheguei, pensei “ufa”. Eu adorava fazer negócios lá. Conhecia o hotel e me sentia seguro. Tem muitas rotas de fuga; você pode fugir para a praia, correr para o lado e todos os quartos têm varanda, então se pode pular, e um grande jardim também, então tinha bastante lugar para se esconder. E eram vários prédios diferentes, então montávamos uns esquemas. Eu reservava um quarto e um amigo reservava outro. Então, se bum, eu corria com a mala para seu quarto e ele para o meu. Daí, se alguém estivesse me seguindo e soubesse qual quarto eu tinha reservado, eu não estava mais lá. Estava um passo à frente.

Naquela manhã, ele fez seu truque “abracadabra, sumiu”, mas ainda estava nervoso, queria se livrar da droga rápido. O negócio com os italianos tinha caído, mas Alberto encontrara outro comprador, entregou a cocaína e estava seguro. Desta vez.

Enquanto não fecha o negócio, você está sentado em uma bomba, e você tem aquele sentimento irritante, tipo, ok, pode ser meu último. Você não quer pensar nisso, mas sempre fica com o pensamento na cabeça que sua vida está na corda bamba naquela hora, são momentos cruciais. Quando termina, você tem uma mala cheia de dinheiro e um sentimento tipo “Sim, consegui de novo, porra! Ufa... Terminou”. Você fica muito feliz, é hora da festa.

Assim como Rafael, André e Marco, Alberto fora seduzido pelo estilo de vida em Bali. Viajou pela primeira vez para surfar nas férias, conheceu uma australiana e passou um ano acumulando grandes dívidas e multas por ficar além do tempo

permitido pelo visto. Então, quando Poca, um dos irmãos Diaz, que conhecera em uma festa, lhe ofereceu um jeito simples de pagar todas as suas dívidas em uma rápida viagem ao Peru, topou.

Topei porque me dei conta que tinha muita gente fazendo isso, e eu precisava de grana. Eu estava endividado, com várias contas acumuladas, então tentei a sorte. Cruzei o globo, peguei uma mala com 2,5 quilos, coloquei nas costas e aí começou o filme O Expresso da Meia-Noite.

Ele passou duas semanas surfando em Lima, para criar um álibi. Então, no último dia, o contato local de Poca lhe entregou a mochila carregada. Daquele momento em diante, seus músculos enrijeceram, em cada conexão da viagem ele se imaginava na cadeia, só esperando a porta da cela se fechar: “Eu pensava ter cinquenta por cento de chance de ser preso”.

Estava sozinho e sabia que, se fosse preso, ninguém viria correndo para ajudar, então decidiu seguir as próprias regras, usar seus instintos. Em vez de se arriscar no aeroporto de Lima, como aconselhado, pegou um ônibus para Santiago, Chile. Tipicamente, todas as malas foram descarregadas na fronteira e revistadas uma a uma. Alberto observava, tenso, os cães farejadores andarem entre as malas. “Esta é sua?”, perguntou um policial. “Sim, é minha”, respondeu Alberto, fingindo não se importar enquanto o homem abria o zíper da sua mochila para deixar o labrador farejar. Alberto travou de terror por alguns segundos, mas o cachorro perdeu o interesse rapidamente. O *spray* repelente tinha funcionado.

Seu próximo teste foi a conferência do passaporte. Alberto chegou à frente da fila. O oficial da imigração era um malvado clichê, risível se não fosse um momento tão assustador. Era malhado, tinha mãos largas, cabeça e rosto grandes e usava bigode e óculos Ray-Ban espelhados. Alberto lhe entregou o passaporte. Ele levantou os óculos — era de noite —, fitou Alberto nos olhos e perguntou “Qual seu nome completo e data de nascimento?”. Eram questões aparentemente inofensivas, mas inteligentes em sua simplicidade para pegar alguém viajando com passaporte falso, que poderia se atrapalhar pelo nervosismo. Alberto estava usando seu nome real e tinha ensaiado mentalmente durante toda a viagem de ônibus para o famoso questionário da fronteira.

Foi um dos momentos mais assustadores da minha vida. Eu estava pirando, mas fiquei com o sangue frio... Minha vida dependia disso.

Ele venceu a inquisição chilena, mas passou as 48 horas seguintes como uma criança assustada em um trem fantasma: sentado na beira do banco, esperando a próxima assombração aparecer a qualquer hora. Diferentemente de Marco, ele não tinha uma autoconfiança inquebrável, embora fosse bom em mascarar seu terror com uma indiferença corajosa.

Coisas simples, que em um voo normal sem drogas não significariam nada, viravam segundos de coração disparado; como descobrir que sua mala seria despachada apenas até Kuala Lumpur, onde teria de pegá-la e fazer novo *check-in*. Se fosse pego lá, o destino era pena de morte por enforcamento. Uma voz na sua cabeça gritava “Abortar, abortar, abortar!”. Quando seu avião aterrissou na Argentina, fazendo conexão em Buenos Aires, já estava mais calmo e, mesmo que pudesse criar suspeitas, pediu para sua bagagem ser redirecionada diretamente para Bali. “Sem problema, senhor”, respondeu a atendente, mas uma assombração apareceu quando ela pediu para trazerem sua mala. Colocou-a no guichê, bem na frente dele. “Esta é a sua mala, senhor?”

Ele respirou fundo. “Sim, é minha mala.”

Por fora, eu parecia calmo, mas estava tremendo por dentro. Ela arrancou a etiqueta e colocou uma nova com destino direto para Denpasar. Eu pensei “Uau... que alívio”.

Mas não por muito tempo. Enquanto esperava na fila para o novo embarque, seu nome ecoou pelo sistema de som do aeroporto; chamavam-no para o guichê da companhia aérea. Ele congelou, músculos enrijecidos, dificuldade para respirar. Havia encontrado a droga. Ele tinha que correr, mas para onde? Pensava rápido. Olhava para os lados procurando uma rota de fuga. Talvez uma janela do banheiro? Não, estava no segundo piso, mesmo se conseguisse pular, nunca escaparia pelas cercas do aeroporto. Estava travado, mergulhado em um pesadelo em que era perseguido, mas não conseguia correr.

Eu pensava “É isso. Deu pra mim. Ah, porra, certeza que encontraram a droga”.

Meu coração estava disparado, eu procurava algum lugar pra fugir. Então pensei em me fazer de bobo. Inventei rápido uma história na cabeça: “troquei minha prancha por essa mala com um cara, Pablo, não sabia que tinha isso dentro”. Ia insistir nessa história até o fim.

“O Senhor Alberto Lopez já passou? Já está dentro do avião?”

“Ainda não.”

“Ok, quando aparecer, por favor, segure-o, temos um problema.”

Alberto, terceiro na fila, ouviu a conversa, mas manteve o plano. Era sua única opção; não era possível voltar atrás. Com a adrenalina correndo nas veias, ele mostrou seu cartão de embarque já se preparando para ver a polícia surgir, certo de que eram seus últimos segundos de liberdade. “Obrigada, senhor”, disse a atendente, deixando-o passar. Parecia surreal, como se alguém estivesse fazendo uma brincadeira de mau gosto com ele, divertindo-se ao vê-lo sofrer. Tremendo, sem demonstrar, ele entrou no avião, encontrou seu lugar e se sentou.

Eu estava me preparando mentalmente para ser torturado. Tinha ouvido que era o que faziam ali. Estava apenas esperando a Polícia Federal entrar. Então, a comissária se aproxima e diz “Ah, com licença, é o Sr. Lopez? Temos um probleminha, o avião está com overbooking e venderam seu assento para uma família que está viajando em grupo. O senhor se importaria em se mudar para a cabine executiva?”. Eu pensei “obrigado, Deus, nunca mais vou fazer isso de novo”. Finalmente chegou a Bali, pegou a mala e, a despeito do nervosismo, passou sem problemas pela alfândega, vibrando com uma felicidade intensa do outro lado.

Passei como uma criança chegando na Disney, muito feliz. Saí do aeroporto e vi meu amigo australiano esperando. Eu não sabia que ele estaria ali, mas ele conhecia os traficantes e tinha sido pago para me buscar. Ele não disse uma palavra, apenas sorriu, se virou e caminhou até o estacionamento. Eu fui atrás mantendo uma distância, até que pulamos no carro e comemoramos. “Sim, consegui!... Jurava que ia ficar preso para o resto da vida, mas eu consegui, porra!” Nós piramos.

Haviam sido dois dias de nervos à flor da pele e momentos arriscados, mas agora

estava seguro e com dinheiro transbordando dos bolsos. A viagem também lhe premiara com mais uma coisa: uma carreira nova. Ele se provara sangue-frio em momentos quentes e logo se tornou requisitado pelos peruanos Poca e Jerome, e pelos chefões balineses, que o contratavam para buscar cavalos, esconder drogas, encontrar compradores, entregar amostras e fechar negócios. No futuro, operaria apenas dentro de Bali, sem se arriscar em aeroportos. A porta se abriu para o maravilhoso submundo de festas elegantes, pessoas ricas e importantes, pousadas de luxo, mulheres bonitas e mais dinheiro do que a maioria das pessoas vê ao longo de toda uma vida.

Havia um lado glamouroso nesse negócio. Você se sentia muito importante; havia toda uma fantasia em volta. Sempre que ia fechar um negócio, eu entrava em modo agente secreto. Virava uma pessoa completamente diferente, tipo James Bond ou coisa parecida. Tinha sempre que ser o melhor, estar um passo à frente, inventar histórias, ficar em hotéis e dirigir pelas ruas sempre de olho se estava sendo seguido. Vivia como dentro de um filme, tipo o filme Conspiração Tequila. Eu atuava como um agente secreto de filme até terminar o negócio, então voltava ao normal para a minha vida de surfista, de velejar e surfar. Eu tinha tipo duas vidas paralelas.

Um dia, colocando-se em modo agente secreto, foi encontrar um grande comprador indonésio que queria 4,5 quilos. Alberto se sentia confortável porque o cliente era rico. Se surgisse algum problema, podia pagar para não ser preso, em vez de delatar seu fornecedor. Os pequenos contrabandistas indonésios é que eram perigosos, como foi descobrir depois. Nesse dia, o comprador pediu para encontrá-lo na praia. Alberto não gostou da ideia; sua casa eram os hotéis.

Ia vender 4,5 quilos de cocaína e ele queria fazer isso na praia. Eu disse “eu realmente não gostaria de fazer isso na praia, a praia é muito aberta”. E ele disse “Não, eu quero na praia; é o melhor jeito. Quero te encontrar hoje, te mostro o lugar”.

Alberto dirigiu seu carro alugado até o local combinado, ao lado de uma rua em Seminyak, viu o carro do comprador à frente e ligou, “estou no carro atrás de

você, um Daihatsu Feroza azul”.

“Ok, me siga.” Alberto o seguiu até a praia de Canggu, por acaso perto da casa de Rafael. O comprador virou em uma rua estreita, parou o carro e ligou. “Vê o local ali na frente?”

“Sim.”

“Ok, é lá que vamos fechar o negócio amanhã.”

“Ok, sem problemas.”

Alberto dirigiu para casa, estacionou o carro e caminhou até uma locadora de veículos, alugando um novo carro, com película escura nas janelas. Ele o deixou estacionado no subsolo de um supermercado. Era uma estratégia que usava frequentemente para confundir e escapar, se a polícia o estivesse perseguindo. Sumia no estacionamento com um carro, trocava de roupa e saía com um carro diferente. Já estaria longe enquanto eles permaneceriam sentados esperando que ele saísse.

Às 14h do dia seguinte, três horas antes do combinado, Alberto dirigiu seu carro número um com 4,5 quilos de pó escondidos na porta, até uma cafeteria. Sentou a uma mesa na janela, pediu um café e observou se estava sendo seguido. Assim que se certificou de que não estava, começou sua missão secreta.

Entrei em modo 007. Uma hora antes do encontro, dirigi até o supermercado, estacionei o carro, troquei de camisa, coloquei um boné e outros óculos escuros, aí tirei a cocaína e a pus na mochila, caminhei até o carro novo e fui embora. Se alguém tivesse me visto entrar, nunca imaginaria que eu saí no outro carro, com janelas pretas, boné, óculos escuros enormes e camisa diferente. Era uma precaução extra — estilo 007.

Alberto dirigiu até o local combinado em Canggu, estacionando atrás do carro do comprador. Os dois saíram juntos, trocaram saudações e cada um perguntou se o outro tinha trazido sua parte. Estavam quebrando regras ao trocar dinheiro por drogas de imediato, mas Alberto se sentia seguro. Em sincronia, caminharam para seus respectivos carros, pegaram suas mochilas, voltaram a se aproximar e fizeram a troca na lateral da rua, ao ar livre, com vista para o mar e o pôr do sol. “Então, está tudo aqui?”, perguntou Alberto.

“Sim, está tudo aí”, respondeu o comprador, fazendo, em seguida, a mesma

pergunta.

“Sim, está tudo aí”, respondeu Alberto. Cada um colocou a mochila no carro sem nem mesmo uma olhada rápida para verificar o conteúdo.

Eu podia ter colocado areia na mochila dele e ele, papel na minha. É bem difícil, sabe, tem que confiar.

Os dois homens apertaram as mãos, olhando-se nos olhos intensamente, olhares que diziam “ok, confio em você”, falavam bastante sem dizer palavra alguma, sabiam que era uma grande confiança de US\$ 200 mil. Então, voltaram para seus carros e partiram, cada um para seu lado.

Foi totalmente baseado em confiança. O negócio mais rápido que fiz na vida. E acho que foi um dos jeitos mais seguros que fechei negócio. Ninguém nunca iria imaginar que aquilo era venda de droga; apenas cumprimentos, troca de mochilas, sem nem abrir, aperto de mãos e despedidas.

Voltei para casa, contei o dinheiro, perfeito, tudo lindo, sem faltar uma única nota de US\$ 100. Foi um negócio como entre cavalheiros de verdade.

Então você o encontrou depois disso?

Várias vezes, fizemos vários negócios depois.

*

Alberto costumava fazer um ou dois grandes negócios por semana e vender pequenas quantidades para amigos ou estrangeiros residentes por um preço mais alto. Um cliente era Gabriel, um surfista de ondas grandes de Los Angeles; outro era um famoso fotógrafo australiano de surfe, que morreu, aparentemente de picada de aranha, um dia depois de comprar cocaína peruana pura de Alberto.

Eu estive com ele no dia anterior e ele queria comprar cocaína, e consegui um pouco para ele. No dia seguinte, descobri que tinha morrido e achei que fosse de overdose — foi o que pensei na hora.

Era comum Alberto e outros traficantes ouvirem falar de pessoas morrendo de overdose em Bali. Alberto mesmo quase sofreu uma quando, em seu aniversário,

um amigo desenhou a letra A de Alberto com um grama inteiro em um prato — e ele cheirou tudo de uma vez.

Não acredito que não tive uma overdose daquela vez. Cheirei tudo de uma vez. Bang. Aquilo podia ter me matado. Puro pó peruano, cocaína da melhor qualidade... Eu podia ter morrido de overdose na hora. Tenho muita sorte de ter tolerância alta, mas continuei cheirando carreiras com eles e, de repente, meu coração acelerou, podia sentir o bum bum bum, era difícil respirar, então comecei a tomar um monte de uísque com Coca-Cola, vodca e limonada, bebi bastante porque isso te estabiliza de volta. Tive que sair dali e me sentar em um canto. Eu me senti muito mal por um tempo, paranoico e enjoado. Se você usa muito, sente que vai morrer.

Alberto tinha muitos clientes pequenos, eram sua renda fixa quando os grandes negócios paravam por um ou dois meses. Vender era parte de sua rotina diária e seus clientes conheciam os códigos. “Podemos tomar um café mais tarde? Acho que vou trazer três amigos, tudo bem?” Isso significava que o cliente queria três gramas. Vendia outras drogas também e, quando não sabia exatamente o que o cliente queria, falava em código “Ok, quer café preto?”, para haxixe, “Ou prefere tomar com leite?”, para cocaína.

“Você fala o que vem na cabeça na hora usando as cores branca, preta, verde, ok, vamos tomar um café mais tarde.”

Ele era sempre prudente, e ia para o café cedo para colar o pacote com drogas embaixo de uma cadeira, usando fita adesiva ou Band-aid, evitando tê-las nos bolsos quando o cliente chegasse. Então trocava de lugar, pedia comida ou café e ligava para o contato, dizendo “ok, estou aqui no Café Moca”, — ou Bali Deli, ou Zanzibar, ou Bali Bakery — sempre variando os locais — “Pode vir aqui agora?”.

A pessoa vinha e sentava. “Então, você quis dizer que queria três gramas de Charlie?”, perguntava Alberto.

“Sim, sim.”

“Ok. Tem US\$ 300?”

“Sim, onde está?”

“Embaixo da sua cadeira, ponha a mão ali.”

Vender drogas grama a grama, a menor porção que vendia, era arriscado

porque o expunha a muitas pessoas, e demandava que circulasse de moto com o produto. Para minimizar o risco, geralmente carregava apenas três ou quatro gramas no capacete, cada uma em um pacote plástico a vácuo, enrolada e adesivada — ficando do tamanho de um lápis de dois centímetros.

Na moto, ele às vezes via um motociclista suspeito atrás, e fazia caminhos erráticos para conferir. Se ele continuasse atrás, ele acelerava com tudo e sempre conseguia se livrar, mas isso também confirmava que os policiais conheciam os traficantes da ilha.

Tinha gente em todo o lugar fazendo operações. A cena tava quente. Eu sempre me mantinha atento que podia estar sendo seguido, sempre ficava com um olho no retrovisor, sempre.

Alberto

Quando estava ocupado, usava dois telefones, andava de moto com um em cada ouvido, os microfones pendurados balançando, para que pudesse conversar dirigindo. Às vezes, as ligações eram internacionais — sempre em código, senão ele desligava. “Boas ondas em Bali no momento? Boa hora para levar umas pranchas para surfar?”

“Sim, traz o máximo de pranchas que puder, o surfe está ótimo.”

Aqueles foram os dias mais estressantes da minha vida, eu passava o tempo todo andando de moto com os dois telefones tocando. Era uma loucura.

Como parte da preparação para seus negócios, ele também usava os diversos hotéis quatro estrelas da ilha para guardar os quilos de pó. Reservava um quarto, pagando US\$ 150 ou US\$ 200 por noite, usava nome falso prometendo trazer o passaporte mais tarde, então deixava a mochila no quarto por algumas noites; simultaneamente, alugava outro quarto com outro nome falso em um hotel próximo, para que pudesse ficar perto da cocaína, mas sem precisar dormir em cima dela.

Se os dias passassem e ele não encontrasse um comprador, ele economizava dinheiro deixando a mala no guarda-volumes do hotel. “Olha só, estou indo surfar em Lombok. Volto em cinco dias, posso deixar minha mala aqui, por

favor?”, mentia ele, fazendo uma pergunta normal para um turista. Na realidade, ia caçar algum comprador em Bali. Sem saber, o hotel cuidava de uma grande mala de drogas. A maioria dos traficantes usava esse truque.

Um amigo de Alberto estava usando essa estratégia quando foi preso. Deixara um quilo de haxixe e 1,8 quilo de cocaína no depósito do Padma Hotel, dizendo aos funcionários que ia para o norte de Bali, Lovina, por uns dias. Contudo, tinha ficado em Legian para encontrar um comprador e agora estava sentado em uma cela quente e lotada da cadeia, com todo seu dinheiro preso em forma de droga no depósito do Padma. Sob o risco de ter de passar anos na infernal penitenciária de Bali, Kerobokan, se não conseguisse algum dinheiro, implorou desesperadamente para seus amigos irem buscar a mala. O risco era grande.

Ele precisava do dinheiro muito rápido e pediu para diversos amigos, “por favor, alguém me ajuda, dou trinta ou quarenta por cento do que tem lá, por favor, preciso de ajuda, vá, pegue a carga e venda”. Mas todos simplesmente fugiam, como é normal quando alguém é preso. Todo mundo fica com muito medo, “ei, não me liga mais”. Todos trocam seus telefones, jogam fora o chip do aparelho. Ninguém atendia ligações desse cara porque não dava para saber se ele estava cooperando com os policiais. Talvez ele tivesse oferecido delatar nomes para ganhar a liberdade. Acontecia bastante, pessoas são presas e a polícia oferece um acordo: “Ok, você trabalha pra gente e a gente te libera. Nos dá alguém maior e ‘trocamos as cabeças’ e te liberamos”. E ficavam nessas trocas, como uma bola de neve, pegando sempre alguém maior. Então ninguém sabia se ele estava tentando entregar alguém, ninguém quis tocar nele. Mas eu pensei “Quer saber de uma coisa? Vou fazer isso”. Todos os caras ficaram espantados com a minha coragem.

Alberto ligou para o Padma e inventou uma história para ter acesso à bagagem do amigo, então ligou de novo fingindo ser seu amigo em Lovina, dando permissão. Estava tudo preparado. O funcionário do hotel confirmou que lhe entregaria a mala, então Alberto pegou um táxi até o Padma Hotel, ainda sem saber se era uma armação.

Você estava nervoso?

Pra caralho. Estava realmente nervoso pra caralho. Fui de táxi até o Padma, sempre olhando no retrovisor se estava sendo seguido, atenção total. Cheguei lá cagando nas calças, mas fingindo confiança; fui até a recepção observando todos os cantos possíveis, visão em 360 graus, para ver se alguém me espiava, ao mesmo tempo em que tentava não levantar suspeitas. Tudo parecia tranquilo, então falei com a recepcionista “Olá, meu nome é Sr. Ricardo, acabei de chegar da Tailândia. Sou de Buenos Aires e meu amigo estava hospedado aqui e deixou uma mala e me pediu para vir buscar”.

Eles educadamente entregaram a mala cheia de droga para Alberto, que reservou um quarto e combinou de encontrar com um comprador que já tinha conseguido. Ao fim do dia, a missão estava cumprida.

Peguei todo o dinheiro e liguei para meu amigo, dizendo “feito”. Nenhum amigo meu conseguia acreditar. Foi mais uma situação que me fez ganhar muito respeito de todo mundo. Por que vivia fazendo coisas que ninguém faria.

Alberto variava de audaciosos nervos de aço para paranoias vertiginosas. Na maior parte dos dias a vida estava mergulhada em algum grau de paranoia, e o uso indiscriminado de cocaína só exacerbava esse traço, atrapalhando seus instintos. Em uma manhã quente, após dois dias e duas noites de festa ininterrupta, com amigos entrando e saindo, usando cocaína no seu quarto, entrou em uma paranoia profunda. Sentado na cama do quarto do hotel onde estava morando, passou a jurar que os indonésios do quarto ao lado eram policiais se preparando para pegá-lo em flagrante com os 250 gramas de pó que ele guardava. Percebia-os observando suspeitamente sua varanda quando entravam e saíam do quarto.

“Comecei a ficar paranoico mesmo. Eu tinha que levar a droga embora o quanto antes.”

Cego pelo pânico, cochichou com um amigo. “Tem alguma coisa errada, cara, estão aqui pra me pegar. Tenho que levar a droga imediatamente.”

“Ok, vamos”, concordou o amigo. Alberto pegou o pacote plástico de cocaína, correu para fora, buscou mais pacotes escondidos no jardim e os empilhou na cabeça, cobrindo com um boné. “Eram tipo dois ou três canelones de cem gramas cada.”

Então, no calor do meio-dia, eles pularam no carro e dirigiram do hotel em Kuta até a praia de Legian. A areia estava lotada com famílias de férias, aproveitando felizes seus dias no paraíso sem ter noção do submundo frenético que as rodeava. Alberto encontrou um lugar relativamente escondido, uma moita atrás de uma pequena duna. Furtivamente cavou um buraco e enterrou a cocaína. Seu amigo ficou de guarda observando em volta, preparado para assoviar caso alguém se aproximasse. Alberto também tomou cuidado para que o amigo não visse onde exatamente estava escondendo a droga. Com o grama a US\$ 100, aquilo valia ao menos US\$ 25 mil, e ele não confiava em ninguém. Alberto então voltou ao hotel e dormiu o resto do dia e da noite, recuperando o sono perdido após noites de sexo, drogas e festa sem parar.

Na noite seguinte, por volta das 21h, seu cliente, que o pagara para cuidar do pó, ligou pedindo a cocaína com urgência. “Encontrei um cara que quer comprar tudo”, disse.

“Merda, não posso ir buscar agora de noite”, respondeu Alberto. Mas o cliente não podia esperar. Insistiu.

“Tem que ser agora, já.”

“Vou buscar de manhã, não é seguro ir agora.”

“Não, tem que ser agora.”

Alberto desistiu, “ok, vou lá buscar”, mesmo sabendo que era péssima ideia.

Ele não estava mais chapado, mas seu instinto paranoico recomeçou a se manifestar. A essa hora da noite, a área da praia ficava cheia de traficantes balineses, contrabandistas falsos e policiais à paisana espreitando pelas sombras, prendendo, algumas noites, dezenas de nativos, a maioria traficantes de drogas falsas, soltando-os no dia seguinte. Para Alberto, o risco era grande.

Eu sabia que aquele local era muito, muito perigoso de frequentar à noite, porque muitos policiais vão para lá, porque muitos traficantes ficam por ali. Durante o dia, é cheio de famílias, à noite, cheio de policiais, então a hora segura era pelas 10h ou 11h. Eu tive que ir às 21h ou 22h para buscar a droga.

Após ligar para o mesmo amigo que o acompanhara no dia anterior, dirigiram até o local, quase em frente ao Double Six, uma boate famosa por seus seguranças serem membros da gangue Laskar e venderem drogas impunemente.

Alberto se preparou e caminhou até o esconderijo.

Meu amigo ficou de guarda. Eu tive que cavar por vinte ou trinta minutos para encontrar, então peguei, escondi na bermuda e caminhei até meu amigo. Ele me disse “Porra, vieram dois caras bem suspeitos, indonésios, perguntaram o que eu fazia aqui. E eu disse que tava esperando um amigo que tava mijando no mato. Um daqueles caras lá”.

Eles estavam vindo em nossa direção. Eu disse, “merda, vamos para a praia”, e entramos no mar, eles tinham vindo atrás da gente, nos seguindo, e pararam fingindo conversar. Eu pensei, “Porra, esses caras são policiais, não vou sair do mar, aqui é seguro. Se vierem gritando ‘parados, polícia’, posso rasgar os pacotes e a droga desaparece na água. Sem flagrante”. Então falei para meu amigo “Não vou voltar para a areia. Se me pegam, vai ser flagrante”. Estava com a água quase na cintura, ele estava na beira, só com os pés na água, eu disse “vamos andando até Kuta”.

Alberto foi pelas águas e seu amigo pela beira do mar. A praia era intermitentemente iluminada por bares e hotéis que projetavam luz na água para fazerem efeitos bonitos. Mas havia pontos escuros entre os restaurantes e também sombras de grandes palmeiras. Alberto podia ver os dois homens caminhando pela areia, entrando e saindo das luzes. Notou que pararam subitamente, quando outros dois surgiram das sombras vindo na direção contrária. No meio das ondas, segurando os pacotes de cocaína, o pânico de Alberto só aumentava, acelerava os passos o quanto podia dentro da água e mantinha um olho nas figuras sombrias que se multiplicavam na praia, certamente investigadores da polícia.

Tinham aparência suspeita, com bigodes e rostos bravos. Eu podia adivinhar só pelo jeito que andavam, sabe? Então, do nada, apareceram mais dois, e mais dois. Eu pensava... “Porra, cara, agora estão falando no rádio ‘pessoal, tem dois suspeitos caminhando na água vindo do Double Six’...” Era o que eu imaginava. Não vi ninguém falando no rádio, mas eu pensava “ah, com certeza já chamaram reforço pelo rádio ou pelo celular”, deviam ter chamado “temos dois suspeitos caminhando no mar, vamos fazer mais um flagrante”.

Alberto tinha certeza de que mais policiais estavam sendo chamados para sair de seus esconderijos em restaurantes e bares ali perto. Para todos os lados onde olhava, havia mais vultos saindo furtivamente das sombras. Eles estavam fechando o certo.

Toda hora passava por mais dois, e aí mais dois, ou mais três... Eu pensava "Porra, agora fodeu. O que faço?". Até pensei em amarrar os pacotes na bermuda e sair nadando, nadando, nadando para longe, até eles não conseguirem mais me ver.

Já tinha caminhado quase dois quilômetros pela água, de Legian a Kuta, e homens continuavam saindo das sombras por todos os lados. Ele não aguentava mais. "Porra, chega, vou jogar essa merda fora", disse para seu amigo, ainda chapinhando na beirada. "Quero que seja minha testemunha de que estou jogando fora por causa de todos esses policiais."

"Não, não, você está sendo paranoico."

"Não, cara, não vou arriscar minha vida por duzentos gramas. Eles são detetives, se quiser, vai lá falar com eles." Aquilo calou seu amigo.

"Não vou lá, não."

"Então vai se foder, cara, vou jogar fora, olha, olha aqui, estou jogando tudo fora no mar", dizia, enquanto rasgava os pacotes e jogava todo o pó nas ondas.

Finalmente livre do flagrante, ele saiu exausto da água e caminhou pela areia passando pelos homens, alguns sentados na praia e outros em um restaurante logo atrás. Alberto tinha certeza de que eles tinham assistido a todo o seu *show* na água.

Caminhei por eles, tinham cortes de cabelo de militar e um deles me perguntou "Quer vender seu celular?" e todos começaram a rir. Então, acho que me viram jogando toda a merda, me livrando de todas as evidências, e sabiam que eu tinha tido um puta prejuízo, aí me viram falando no telefone e tiraram sarro. Não acho que foi paranoia. Até hoje, tenho certeza absoluta de que eram policiais.

Em pouco tempo, todos ficariam paranoicos.

CAPÍTULO ONZE

MUITO QUENTE

Quando o boom de drogas começou, tinha várias festas grandes, festa da lua cheia, festas temáticas que tinha de ir fantasiado. Nós controlávamos todas as drogas aqui.

Tínhamos a maior quantidade e a melhor qualidade. Os melhores DJs do mundo começaram a vir para Bali, e faziam festas enormes — a festa do azul, do branco, festa do vermelho, festa do tigre — todo mundo chapado de droga. Tinha muita, em Bali; muito ácido, muito ecstasy, muita cocaína, muita heroína. Aconteciam várias festas da lua cheia. E muitas pessoas sofrendo overdose. Isso foi logo antes de começarem as grandes apreensões. Então, acho que foi esquentando, esquentando, até o ponto em que ferveu e eles pensaram “ok, agora já é demais”. Foi um processo lento até chegar ao ponto em que passou do limite. Aí veio o lado negro da história.

Você frequentava essas festas?

Sim, todas elas. Todas. Dava para comprar ecstasy em qualquer boate, e pílulas novas e baratas o tempo todo — a pomba branca, o McDonald’s azul, o Batman verde — eram tão boas. Bali estava inundada com ecstasy. O consumo era massivo de drogas muito fortes, como pó de ecstasy e MDMA em pó... E cocaína, mas isso mais para o fim das festas. Tinha muita festa na praia, em hotéis, montes de droga.

Ninguém se preocupava com a polícia?

As pessoas se preocupavam um pouco, mas não eram muito paranoicas. Não vendiam livremente, mas era um período em que bastava falar com algum

morador de Bali, ou alguém que vinha frequentemente, para comprar drogas. Dava para comprar em qualquer festa, naquela época.

Alberto

Festas regadas a droga eram exuberantes. A ilha paradisíaca tremia ao som da música eletrônica dos melhores DJs do mundo, com raios de luz passeando freneticamente pelo céu, música explodindo de caixas de som gigantes na praia, rostos pintados, dançarinos fazendo acrobacias com fogo. Muitos dos milhares de participantes das festas da lua cheia em Nusa Dua, Gnan Gnan, Canggu e Uluwatu usavam drogas psicodélicas, assim como os participantes de outras festas selvagens em Ku De Ta, Blue Ocean ou Double Six, nas praias, nos bares e hotéis.

Alberto, Rafael, Marco, Ruggiero, Fábio, André e Tota sempre frequentavam essas festas, se divertindo e também vendendo um pouco. Rafael muitas vezes se trancava em banheiros femininos com uma garota para cheirar cocaína com ela na cabine fechada.

Uma noite, Rafael dirigia sua Harley para uma festa nos rochedos de Nyang Nyang, perto de Uluwatu, com pílulas e cocaína no bolso, preparado para fazer a festa. A maresia estava pulsando com a música eletrônica, o céu iluminado com lasers, e mais de três mil pessoas dançavam, mas acabou não entrando na festa aquela noite.

Cheguei um pouco tarde e vi policiais se esgueirando para perto da festa. Pensei “porra, estou com droga aqui”. Então fiquei na moto, voltei um pouco pela estrada e esperei para ver o que acontecia. Eles atacaram, foram até o DJ, “parados, polícia”, eu me mandei na hora. Ainda ouvi mais vindo, muitos carros e pequenos caminhões com mais policiais dentro.

Rafael

De repente, Bali estava pegando fogo. Policiais disfarçados agora circulavam como tubarões, e Rafael logo percebeu seu erro.

Eu era muito famoso. Fiz do jeito errado, muito barulho, tipo “sou o cara, foda-se”.

Foi louca essa época, gente demais sabia de mim; uma grande quantidade de cavalos estava vindo aqui, conversavam com amigos; ficavam bêbados nas boates, “ah, Rafael virou o grande traficante da ilha, é rico agora, tem uma mansão em Canggu, várias motos, carrões, ele é um mafioso”.

Sua antiga mula Bárbara continuava perigosamente tagarela, apontando-o como uma celebridade quando ele chegava às festas e comentando com quem estivesse por perto “Quer drogas? Esse é o cara”.

Ela estava me fodendo, naquela época. Eu estava cego, gostava de ser famoso, de chegar com uma corrente grande, camisa preta aberta até a cintura, meu cabelo longo e ondulado. Era fácil me localizar quando eu chegava em algum lugar, sempre com um grupo de amigos, as pessoas chamavam “Rafael, Rafael”. E se alguém perguntasse “Quem é esse cara?”, a Bárbara já contava “Ah, é o grande traficante da ilha. Trabalho para ele. Uma vez, peguei a mala errada”. Ah, porra, ela falava para todo mundo. Maluca. Todo mundo estava evitando a Bárbara porque ela falava demais.

Outros cavalos também estavam falando demais, exibindo-se em boates ou na praia dizendo que transportavam drogas para os mafiosos da ilha. Alguns dos traficantes pequenos, que compravam de Rafael centenas de gramas para depois vender aos poucos, também eram tolamente indiscretos em relação à sua fonte.

As pessoas com frequência vinham até ele em boates e restaurantes falando “se cuida, cara, você está quente”, mas na frase seguinte já pedindo para comprar um pouco de cocaína. Rafael ignorava essas observações; deixavam-no irritado. Até a noite no bar Déjà Vu, quando o aviso veio de um dos homens de Chino.

De repente, alguém vem até mim no meio do rock’n’roll e diz “Rafael, toma cuidado, cara, tem gente te procurando, polícia australiana”. “Sério?” “Sim, o Chino ouviu algumas coisas.” Aí me toquei “porra, é sério mesmo”.

Com policiais na folha de pagamento de Chino, ignorar um conselho dele seria suicídio. Pulou em sua moto e correu para casa, dizendo à empregada para encharcar o piso de madeira com água. No seu quarto no andar de cima, Rafael se ajoelhou e começou a retirar pequenas pedras de cocaína alojadas nas fissuras

do piso onde ele às vezes fazia os pacotes. “Entre as madeiras, encontrei pedrinhas suficientes para me deixar preso por bastante tempo.” Levou todos os plásticos e outras evidências para a praia e os queimou, reuniu malas de dinheiro para esconder e foi até Uluwatu jogar seu telefone de cima do precipício. “Fui até a ponta do abismo, foi como uma cerimônia de boa sorte.”

Na manhã seguinte após a intensa faxina, foi ter com Chino. “O que aconteceu, Chino?”

“Toma cuidado, cara, um policial veio aqui tratar de outros assuntos e seu nome surgiu no meio. Estão te procurando. Toma cuidado, precisa tentar ser mais discreto, não compra tanta coisa, pare de sair à noite, fique de canto.”

Rafael agora estava preparado, esperando os policiais aparecerem. Demorou apenas dois dias. Percebeu um Toyota Kijang preto com película escura nas janelas o perseguindo e fez um pequeno teste: duas viradas bruscas para ruas menos movimentadas. O Kijang fez as mesmas manobras, mas Rafael se manteve tranquilo; esperava que logo iriam revistar sua casa, mas tinha sumido com as evidências. Quando chegou em casa, o carro parou a cem metros de seu portão. Rafael correu escada acima, fechou as cortinas de seu quarto-aquário e ficou espiando com seu binóculo potente. Os policiais não conseguiam vê-lo, mas ele podia observá-los espiando sua casa com seu próprio binóculo.

Tenho lentes muito boas, conseguia ver todos os movimentos deles. Eles tinham umas merdinhas de binóculos, bem pequenos. O meu era gigante, de US\$ 400, que comprei em Singapura. Muito bom, eu conseguia ver todos os movimentos deles; três caras, a maior parte do tempo dentro do carro, saíam às vezes para mijar, fumar um cigarro e voltavam para dentro. Mas era óbvio, fácil de ver que eram policiais indonésios.

E aí eu fiquei pensando “merda, eles vão entrar, eles vão entrar” e até liguei para meu amigo Chino. “Chino, os caras estão aqui, o que faço?” “Não faça nada. Fica quieto. Veja TV. Eles não vão fazer nada. Relaxa. Mas limpe sua casa, não deixe nenhuma evidência.” “Ok, está tudo limpo já.”

Naquela noite, o carro foi embora pela meia-noite, mas outro apareceu algumas horas depois, parando em uma posição ligeiramente diferente. No dia seguinte, Rafael estava pronto para brincar com eles. Decidiu surfar.

Pensei “ok, amigos, vamos curtir” e fiz os caras darem um tour por Bali. Fui na internet, onde tem onda boa hoje?... Nusa Dua. “Vamos para Nusa Dua, amigos”, e aí dirigi acelerado até Nusa Dua. Eles me seguiram. Só surfei por duas horas, eles me esperaram, fingiam não ter interesse, assoviavam, olhavam em volta, mas eu sabia que eram policiais disfarçados. Não muito disfarçados... Muito burros — o bigode, Ray-Ban, o típico corte de cabelo, calça jeans e botas, quase um uniforme.

Todos os dias, Rafael passou a ficar horas na água e, na saída, passava pelos policiais, divertia-se com a fingida falta de interesse deles, e voltava correndo para casa rindo enquanto via que tentavam acompanhá-lo na perseguição. Mas, após dias sendo seguido incansavelmente, ele começou a se irritar. Espiando com seu binóculo caro, conseguia vê-los acendendo cigarros dentro do carro. Uma noite, caminhou até lá com um cigarro apagado e pediu fogo.

Às vezes eu ficava puto, sabe, porra, esses caras colados na minha porta. Eu conseguia ver a luz dos cigarros acesos no escuro. Fui até lá vestido só com um sarongue, só para me mostrar, pelado, com um cigarro apagado, fui até o carro deles e bati no vidro, “Opa, me emprestam um isqueiro?”. Eles me emprestam. “Obrigado.” E aí fui passear na praia. Voltei, “opa, tchau, boa noite”. E entrei em casa de novo. Depois de meia hora, foram embora.

Foi seguido durante a semana inteira e continuou fingindo ser um monge surfista, dando-lhes nada mais que uma boa visitação pela ilha deles e algumas horas de praia.

Parei de usar droga, parei tudo, só surfava e eles me seguiam pra todo lado. Tirei bastante sarro; às vezes trazia eles até Tanah Lot ou Uluwatu para um tour e voltava para casa. Dava risada no carro... São tão burros. Aí, no fim, concluíram que eu era o cara errado. Não saía nem para jantar. Acho que tive sorte também, porque eles não eram tão profissionais. Nem vieram até minha casa... Não daquela vez.

Rafael sabia agora que tinha de fazer seus negócios com mais discrição — não

aceitou mais nenhum cliente pequeno, só fechava entregas com pessoas que já conhecia e evitava festas e jantares.

No meu tempo de glamour eu gostava de me exhibir, tipo, “eu sou o cara”. Aí acabei pagando por isso, porque ficou difícil de me esconder; sempre me telefonavam “tenho um novo comprador”.

O menor uso de cocaína também lhe deu mais foco e quebrou seu sentimento de que era invencível, jogando uma luz mais realista na vulnerabilidade da sua vida de sonhos.

Conseguia pensar melhor em como me proteger. Porque, quando eu tava chapado... “Ah, foda-se, não me importo.” Mas fiquei mais consciente da situação, fiquei mais quieto.

Passou a usar novas táticas; não trazia mais droga para casa, exceto uma pequena quantidade para uso pessoal escondida em sua escova de dentes elétrica. Usava hotéis para guardar os quilos de cocaína ou escondia embaixo do banco de sua moto, que ele pagava aos amigos em cocaína para deixar estacionada nas casas deles, e vivia trocando os esconderijos. Viveu mais discretamente, usando sua Honda comum, capacete preto e jaqueta preta, camuflando-se entre os milhares de motoqueiros de Bali. Os dias chuvosos eram recebidos com alegria, pois possibilitavam que se cobrisse inteiramente com um poncho plástico balinês e se tornasse indistinguível.

Agora, enquanto dirigia por Bali, percebia pelo retrovisor várias vezes estar sendo seguido. Em certos momentos, parava o carro ou desligava a moto e descobria que não passava de paranoia; mas em outros momentos eram policiais — ainda o estavam vigiando. Tudo o que fazia agora era com muita cautela, incluindo as visitas aos depósitos. Tentava ir apenas uma vez por semana, sempre dando voltas no quarteirão algumas vezes antes de entrar na rua, incógnito em seu traje preto e dirigindo sua discreta Honda.

Para continuar sua vida de fachada como surfista e homem de família, entrava na água todo dia às 6h, independentemente de ter tido uma noite agitada ou não. Começara a frequentar festas de novo, após algumas semanas de paranoia aguda e vida monástica. Mas era uma nova pessoa que havia emergido, sua natureza

exibicionista fora eclipsada pelo instinto de sobrevivência.

Foi o início de uma época cuidadosa. Antes, eu mandava tudo se foder. Aí comecei a perceber meu erro de ser muito exibido. Comecei a pensar “acho que vou vender minhas motos, elas me fazem um alvo fácil. Não vou mais a alguns lugares, porque os policiais disfarçados conhecem os restaurantes chiques e fechei alguns negócios por lá”. Continuei indo a festas, mas com mais cuidado.

Usava truques, como estacionar a Honda ao lado de uma boate à tarde e, na mesma noite, ir com seu carrão chamativo até lá, fingir entrar, mas escapar de moto para uma festa do outro lado da ilha.

Aí as pessoas viam meu carro; “ah, ele está aqui”. Muitos amigos diziam “Vi seu carro em Ku De Ta na noite passada; eu fui lá também, como não te vi, cara?”... “Ah, porque conheci duas gatas, fui para a casa delas e fumamos uns baseados”... Sempre mentira. Mas funcionava, me ajudou bastante.

Se amigos ou clientes telefonassem pedindo drogas, dizia que levaria à noite, mas pedia silêncio: “Cuidado, não contem para ninguém... Estou quente”. Algumas noites, saía com uma de suas motos chamativas, porque poderia ultrapassar qualquer um, se precisasse. “Ninguém me alcança. Sou um bom motorista também, não dá para me seguir, impossível.” Se não houvesse um lugar onde estacionar fora da rua, onde pudesse esconder a moto sob um pano, ele nem ia. Ou parava a um quilômetro da festa e caminhava o trecho que faltava.

Com o passar dos meses, a paranoia diminuiu, mas algumas vezes ainda sentia olhares vindos das sombras e continuou com suas regras rígidas. Fábio veio até ele tremendo, um dia. No dia anterior, quando estava na praia de Legian em frente ao seu restaurante, apenas olhando as ondas, policiais disfarçados o agarraram e o jogaram em um carro — ou seja: basicamente, um sequestro. Levaram-no até a frente da casa de Rafael com uma arma apontada para seu joelho, exigindo informações. Ele apenas repetia “Rafael é um homem de família, um surfista”. Após algumas horas de interrogatório deixaram-no ir, mas Fábio estava desesperado, já falava em vender tudo e abandonar o paraíso.

Rafael não tinha certeza se acreditava na história de Fábio — na verdade, não

queria acreditar.

Mais notícias ruins chegaram quando um cavalo de Rafael e Poca foi preso ao chegar a Bali com dois quilos de cocaína. Poca lidou com isso de modo rápido e discreto, pagou US\$ 30 mil para a polícia soltar o cavalo após duas semanas na delegacia, sem deixar que a prisão fosse parar na mídia. Mas Rafael continuava nervoso, pois não sabia se o cavalo tinha citado seu nome. Voltou para sua vida quieta, fazendo nova limpeza em sua casa, de novo encharcando os pisos com água, e mudando seus hábitos.

Quando soube da notícia, “puta merda”... Joguei meu telefone de novo, dessa vez do costão em Padang, e fiz novamente todos os procedimentos; fiquei na minha, não usei mais drogas. Eu estava com muito medo. Parei com tudo por alguns meses, desapareci. Eu me escondi; ficava em casa, surfava e dormia, surfava e dormia. Estava muito preocupado. Depois disso, parei de fazer negócios pequenos, como vender um grama aqui e outro lá, foquei em vender quilos. Muito mais seguro.

Rafael agora só usava cavalos que não viviam em Bali, para que, assim que passassem pela alfândega e fizessem a entrega, ele pudesse mandá-los de volta para casa imediatamente. Proteger sua liberdade era a prioridade, mas estava ficando cada vez mais difícil.

Um dia, sem mais nem menos, recebeu uma ligação de Alberto contando-lhe, literalmente, o pesadelo de um traficante.

Alberto me ligou dizendo “Estou com tanto medo. Tive um sonho ruim em que fui preso e alguém estava procurando por você também”. Eu disse, “Alberto, esquece isso, cara, fica limpo. Estamos em agosto, hora de ficar na sua, então, se você está se sentindo assim, siga seu pressentimento, vá para Lombok”.

Mas Alberto estava ocupado vendendo nas festas. Era alta temporada e André acabara de chegar à ilha com um cavalo trazendo três quilos de cocaína e duas mil pílulas de *ecstasy* de Amsterdã, e dera algumas pílulas para Alberto vender. Era algo incomum entre os grandes negócios de Alberto, ele corria riscos não só vendendo muito volume em pequenas quantidades como também negociando

com pequenos traficantes locais, algo que qualquer ocidental sabia ser perigoso.

Os indonésios, quando são pequenos traficantes... Todo mundo fica nervoso com eles, são os mais perigosos; todos sabem que eles conversam com a polícia. Ninguém se preocupa com os grandes traficantes, são os pequenos que trazem problema. Não pensam duas vezes antes de entregar alguns nomes; não são fortes.

Alberto

Dois dias após seu pesadelo, Alberto estava entregando pílulas para um indonésio com quem já fizera dois negócios anteriormente. Combinaram de se encontrar pela hora do almoço, mas Alberto se atrasou. O indonésio ficou ligando, perguntando a que horas ele chegaria. Quando, finalmente, estava próximo do local, Alberto ligou dizendo que estaria lá em alguns minutos. Tinha receio de fazer negócio com um nativo, mas tinha outras coisas na cabeça, naquela noite ainda ia fazer três entregas — uma às 22h em um restaurante, outra às 23h em um supermercado e outra logo a seguir — mas sempre transportando a droga de uma única transação por vez. Era um dia agitado. Estacionou sua moto e andou até a loja do nativo.

Quando estava entrando na loja do cara, tive um sentimento estranho — um instinto. Olhei para o lado e tinha uns caras, tipo três ou quatro, conversando sentados na calçada ao lado da porta da loja, todos indonésios. Por meio segundo, cruzei o olhar com um deles; ele olhou direto no meu olho. Naquela hora parece que levei um choque pelo corpo inteiro, como se tivesse sido atingido por um raio. Na hora eu sabia, é isso, tem alguma coisa errada. Fiquei arrepiado, com calafrios. Sexto sentido.

Ficou com vontade de correr?

Não, estava entrando já, então não podia simplesmente me virar e correr. Se eu corresse dali eles iam atirar, ou me perseguir e me espancar; e, se eu corresse, mostrava que era culpado; você não corre se é inocente. Sabia que não podia fazer nada. Não tinha saída. Não tive tempo para pensar. Aconteceu em poucos

segundos. Tudo demorou como quatro ou cinco segundos.

Aí eu entrei e ele estava esperando por mim. Em vez de apertarmos as mãos e “ok, deixa eu ver o dinheiro” e contar as notas, como fazíamos, pus a mão dentro da cueca e falei “aqui, aqui, aqui”, dei o pacote com pílulas e peguei o dinheiro. Queria me livrar logo daquilo. Não queria que estivesse comigo. Sem pensar — foi no instinto. Eu me sentia muito estranho. Só queria conferir o dinheiro, nem ia contar nota a nota, só ver se a quantidade parecia certa; era uma venda de US\$ 1.500, venda pequena. Aí eu sairia, pularia na moto e contaria em casa o dinheiro. Falei “ok, tudo certo”, e pus no meu bolso.

De repente, todos aqueles caras lá de fora entraram correndo. Um me segurou pela camisa e pôs uma arma na minha cabeça, disse “polícia, não se mexa”. E eu pensei “caralho, que merda”. Tudo durou menos de cinco segundos.

Outro cara chegou e colocou a mão no meu peito, só para sentir meu coração batendo, e estava tum, tum, tum, tum, e ele sorriu, um sorriso do diabo, tipo “á-há, te pegamos”. Porra, foram bem maldosos. Eu disse “não sei do que estão falando”. Eles me revistaram, não encontraram nada e não podiam acreditar. Acharam que eu tinha mais no bolso, mas só tinha o dinheiro.

Ficaram muito bravos, putos, estavam fazendo uma prisão, ficavam muito putos nessas horas. Eu me lembro de ver duas armas diferentes naquela cena, uma na minha cabeça e outra na mão de outro deles.

Perguntaram “Pra que é esse dinheiro?” e eu respondi “É meu. Qual o problema? Não é contra a lei”. Eles falaram tipo “ok, revistem o outro cara”. Não acreditavam que a droga pudesse estar com ele, era para terem flagrado ela comigo. Eu era o alvo, mas como fui muito rápido, na hora que entrei já dei a droga para ele.

Aí revistaram o cara e encontraram no bolso dele, aí perguntaram “De quem comprou isso?”. E eu olhei bem no olho dele, tipo, não vai me entregar... E aí ele aponta o dedo na minha cara e diz “é dele, acabei de comprar desse cara”.

Só pensei “filho da puta de merda, fraco”, parecia uma galinha me entregando. Eu disse “mentira, eu nunca vi esse cara na vida”, aí o cara que tava com a arma na minha cabeça me deu um soco na cara. “Cala a boca”... Bum... “Mentira.”

Depois disso, me colocaram no carro e, enquanto dirigiam, ficavam falando “pegamos você”. Eu falava “não, a droga não era minha”. O cara me deu um tapa e disse “Sabemos que é tua. Acha que somos burros?”. Pararam o carro e estacionaram em um lugar deserto, um estacionamento, ligaram a luz de dentro do carro e começaram a me interrogar. **“De quem você comprou e blablá?”**

Tinha quatro ou cinco caras no carro e eu ainda achava que dava para fazer um acordo. Falei “Ok, como podemos resolver isso? Posso dar dinheiro e sair limpo?”. Eles falaram “Quanto dinheiro quer dar?”. “Ok, eu posso dar US\$ 20 mil para vocês me deixarem ir; só me soltem que eu consigo arranjar o dinheiro em um dia.” Eu já tinha ouvido falar que esse era o preço padrão. Aí o cara na minha frente simplesmente se vira e — bum — me dá um soco na testa.

Não é um lugar estranho para dar um soco?

Não quebra seu nariz; não faz sangrar nem deixa marcas. Ele disse “Acha que somos burros? Acha que simplesmente vai pagar US\$ 20 mil e ir embora? Não é tão fácil. Estamos te seguindo há bastante tempo, sabemos dos seus negócios. Queremos nomes”. Ah, merda.

E foi aí que tudo começou. Eles falaram “Ok, onde você mora?”. E fomos para minha casa, começaram a procurar pelo jardim com lanternas, revistaram tudo, tudo. Aí fomos todos para dentro de casa. Acho que eram cinco policiais. Eles disseram “senta e não se mexe”, e um ficou sentado ao meu lado. Estavam todos putos e irritados. Eu só fiquei sentado, boca fechada. Reviraram meu armário, todos os bolsos das minhas roupas, minhas malas, todas as gavetas, tudo. Continuavam me perguntando “Onde está?” e eu dizia “Por favor, sintam-se em casa, tragam os cães farejadores se quiserem, não tenho nada”. A cada cinco ou dez minutos, eles perguntavam “Então, onde está? Vamos, conta” — gritavam, putos, nervosos, não eram gentis.

Eu disse “não vão encontrar nada; estão perdendo tempo”. E eles estavam muito putos porque queriam que eu confessasse “ok, eu tenho uns pacotes”. Eu só pensava “Ok, como eu saio dessa agora?”. Não sabia o que fazer. Mas eu continuava achando que ia dar tudo certo, que ia terminar logo, tipo, no dia seguinte ia estar livre. Eu pensava que talvez eles fossem aceitar os US\$ 20 mil quando não encontrassem nada.

Eles revistaram a casa por uma hora e meia ou duas e não acharam nada. Pegaram meu telefone e disseram “ok, liga para alguém agora, organiza uma venda e você sai livre”. Eu disse “porra, não sei do que estão falando, eu não vendo essas coisas”. Eles disseram “Mentira, não somos burros. Se quiser fazer do jeito mais difícil, podemos fazer”.

Alberto

Os policiais o vendaram, algemaram-no com as mãos nas costas e o fizeram entrar no Kijang preto. Quando a porta bateu, Alberto sabia que era um mau sinal. Aqueles policiais não iam levá-lo para a delegacia desse jeito; seu destino era mais sombrio. Pronto, seus anos de pensamentos paranoicos e pesadelos se concretizaram. O jogo tinha acabado.

CAPÍTULO DOZE

PARAÍSO

SOMBRIO

Bali pode ser o paraíso em um minuto e o inferno no seguinte. Você vive a fantasia, o sonho, mas um dia acorda. E no dia que acorda não sabe onde vai estar, em que tipo de inferno se meteu.

Alberto

As pessoas vêm aqui pensando que certamente é um paraíso, mas vira um inferno muito, muito rápido.

André

Com os olhos vendados, Alberto estava agachado no carro, com medo e vulnerável, desesperadamente focando no ziguezague do carro para tentar descobrir para onde o levavam. Mas não adiantou. Logo perdeu noção da direção e quando pararam, cerca de quarenta e cinco minutos depois, tinha uma vaga sensação de estarem perto de Ubud — conhecido como o coração pacífico e *hippie* de Bali, uma ironia, considerando o que provavelmente aconteceria com ele ali.

Quando o arrancaram da traseira do carro, conseguiu ver por baixo da venda luzes à frente e sujeira sob os pés. A noite estava estranhamente quieta, mas era possível ouvir ao longe o barulho de uma rua movimentada. Ali, a escuridão o envolvia, e ele imaginava vastos campos de arroz — o que batia com as histórias que ouvira sobre pessoas serem levadas pela polícia de Bali para casas isoladas e sem janelas, e serem espancadas.

Empurraram-no por um pequeno portão de ferro de uma casa. Inclinando a cabeça um pouco para trás, conseguiu ver paredes descascadas, tijolos à mostra e chão de concreto — uma casa ainda em construção. Viu cinco pares de pés em

sandálias de couro — cada uma um pouco diferente; algo que em breve usaria para reconhecer seus sequestradores. O ar estava tenso; os policiais estavam irritados e, para Alberto, vendado e impotente ali em pé, vulnerável e algemado, todos os sons pareciam crescer em intensidade por causa do medo e da cegueira.

Ele estremeceu quando os policiais o pegaram pelos braços e o arrastaram até um quarto, forçando-o a se sentar na beira de uma cama. A porta bateu e então bum, tudo começou, uma chuva brutal de socos em seu estômago, costelas e costas; levava tapas na cara enquanto alguém usava uma tábua de madeira para bater em sua cabeça. Estava indefeso, as mãos algemadas nas costas impedindo até que levantasse os braços para proteger o rosto. Era contra qualquer instinto humano, mas o único jeito era render seu corpo aos golpes. Mesmo apertando os dentes, não conseguia parar de gritar de dor.

Por volta de uma hora depois, os policiais saíram batendo a porta, deixando-o caído na cama, muito machucado e tremendo. Ele sabia que era apenas o primeiro *round*; que voltariam para espancá-lo de novo até que ele entregasse algum nome. Naquele momento, André, o dono das pílulas, e Rafael, cujo nome os policiais já tinham mencionado, estavam em abençoada ignorância de seus apuros, e não sabiam quão perto estavam de cair no mesmo buraco sombrio se seu amigo não aguentasse a tortura. Enquanto Alberto tentava acalmar a respiração e seu pulso, também rezava para ter forças para suportar o que ainda estava por vir sem se entregar.

O pior foram as pancadas na cabeça com um pau. Era um grande pedaço de madeira, pesado e sólido. Eles me batiam ao lado da orelha, em cima da cabeça, perto da testa, na nuca. Um me batia com a madeira e outro me dava socos na costela ou tapas na cara, juntos, os dois ao mesmo tempo. Minhas mãos algemadas nas costas. Eles me espancaram por uma hora, duas horas, foram embora, já estava com vários galos na cabeça, aí eles voltaram duas horas depois e batiam bem em cima dos galos. Isso dói muito... Você quer chorar; eles te fazem ver estrelas. Foi pesado. É a pior dor, a pior.

Alberto

Sempre que eles saíam do quarto, Alberto caía na beira da cama, sentindo-se

cada vez mais fraco, quase desmaiando, mas sua mente continuava a procurar uma saída. Até ali, oferecer dinheiro não funcionara. Os policiais queriam criar um efeito dominó, porque ganhariam muito mais dinheiro no fim, se chegassem aos grandes chefões.

Em alguns momentos, simplesmente ficava sentado como um zumbi, esperando a porta ser escancarada, as sandálias entrarem e o martírio recomeçar. Nos pequenos intervalos de silêncio, ouvia sinos de vacas caminhando a distância ou uma buzina, e havia um zumbido constante de uma rua movimentada ao longe. Os ruídos do mundo normal do lado de fora soavam surreais para ele, ali no cativeiro, que parecia um planeta girando em um eixo diferente, um universo paralelo à calma externa dos campos de arroz e sinos de vacas.

Ainda acreditava estar perto de Ubud — onde, a alguns metros dali, pessoas encontravam sua paz interior meditando e fazendo aulas de ioga, ou tomando um coquetel relaxante em uma piscina infinita. Eles próprios bem poderiam estar em outro planeta. Pensou na ironia da fama balinesa de ser pacífica e com pessoas gentis, quando essas mesmas pessoas o estavam espancando sadicamente e com prazer, tentando dobrá-lo.

Durante as surras, faziam pausas e rosnavam “vamos, desembucha, fala alguns nomes”. Insistiam para que entregasse alguém e, assim, eles pudessem “trocar cabeças”, libertando-o. Seguravam seu celular em frente ao rosto, provocando, “Quer fazer uma ligação? Veja, aqui está seu telefone”, e deixavam-no cair em seu colo. Atiravam nomes no ar. “Conhece o cara da cocaína? Rafael?” Alberto continuava negando com a cabeça. Seu telefone estava cheio de números de traficantes, mas estava tranquilo que os policiais não conseguiriam decifrar os apelidos.

Os policiais começaram a enviar mensagens aleatórias: “Me consegue um pouco de haxixe?”. Mas ninguém desse meio jamais usava palavras diretas, apenas eufemismos, então ninguém foi estúpido o suficiente para responder. Alberto continuava com seu discurso, “eu não vendo drogas”, sabendo que suas negativas só pioravam sua situação, mas convicto — no âmago de seu ser — de que nunca entregaria seus amigos.

Ratos de merda. Eu me recuso a dividir a mesma mesa, o mesmo bar, com pessoas desse tipo. Você vai ser forte o bastante para comer a própria merda ou vai

entregar sua mãe para fugir dos seus problemas? Em resumo, a questão é essa, e é a mais importante.

Alberto

Ele sabia que o espancamento brutal terminaria em algum momento, mas, se virasse um rato, sabia que sua alma nunca se recuperaria. Então se manteve estoicamente negando e absorvendo a dor, tentando descobrir um jeito rápido de terminar a tortura.

O tempo todo sentado na cama, vendado e algemado, eu só pensava “Como vou sair dessa?”. Aí ouvia a porta se abrir novamente e “ok, lá vamos nós de novo”. Eu conseguia ver por baixo da venda os pés se aproximando, as sandálias de couro, então sabia que eram os mesmos caras.

Aí eles começavam tudo de novo, socos, golpes na cabeça, bum, tapa na cara, bum, soco na costela, diziam “vamos, desembucha, fala nomes, nos ajuda a te ajudar, vamos” e batiam, batiam, batiam. Às vezes, colocavam um pedaço de madeira em cima dos meus dedos do pé, descalços, e um cara vinha e pisava com tudo e eu via estrelas, berrava “aaaah porraaa”. “Vamos, é só falar”, e tudo se repetia.

Então, no fim, depois de dois dias, perceberam que eu não ia falar nem entregar ninguém — eu já tinha virado a porra de um zumbi — e finalmente vieram dizendo “Ok, vamos. Você não vai nos ajudar, então vai ficar na cadeia por dez ou quinze anos, é isso que quer?”. Eu respondi “ok, se tem que ser assim, pode ser, mas, por favor, me levem para a delegacia. Eu gostaria de poder ajudar, mas não posso”. “Mentira.”

Então você foi educado com eles?

Supereducado; eles têm você na mão, a última coisa que quer é dizer “ei, vai se foder, seu porco filho da puta”, ou alguma coisa desse tipo. Eu já tinha levado porrada demais.

Em dois dias, não me deixaram sozinho por mais de duas horas; não dormi nem um minuto, não fui ao banheiro nem uma única vez, não comi absolutamente nada. Talvez tenham me dado um ou dois copos de água quando um tentava se fingir de bonzinho para ganhar minha confiança. Um cara me batia, bum, bum, bum, e outro cara “ei, já deu, vai embora”. Aí vinha e “cara, quero te ajudar de verdade, fala comigo”. Eu disse “por favor, um copo de água”. “Ok.” Ele trouxe o copo de água, mas não falei nada mesmo assim... Bum, o cara mau volta, recomeça a me espancar. Sempre dois me batendo ao mesmo tempo.

Alberto

Finalmente, ele foi jogado dentro do carro, retiraram sua venda e o levaram para a delegacia, onde a próxima fase do inferno iria começar. Seu estado era péssimo, mas não disse nada enquanto faziam sua ficha. Quando entrou na cela superlotada, todos os trinta presos, pouco mais ou menos, se viraram para olhá-lo. “Oi”, murmurou, e encontrou um lugar apertado entre o mar de homens no chão de concreto. Estava tremendo, muito machucado, sem ideia do que aconteceria, mas rezava para não precisar ficar ali muito tempo. Os presos se amontoavam como sardinha e, sem janelas, com apenas um pequeno ventilador, havia um forte cheiro de mofo misturado com fumaça, dos infinitos cigarros que pendiam da maioria das bocas.

O chão de concreto piorava sua dor, mas, durante os intermináveis dias, não havia escolha a não ser ficar sentado na diminuta cela, geralmente jogando cartas, sem nem poder esticar direito as pernas. Apelidou a cela de concreto infernalmente quente de “congelador” — porque sua vida congelara, não tinha nada para fazer a não ser esperar para descobrir seu destino. Falou pouco do seu espancamento, mas, se alguém perguntava, reagia com indiferença e achava que aquilo tinha sido tranquilo. Os nativos sofriam brutalidades ainda piores, pois não havia possibilidade de intervenção do consulado, não que Alberto tivesse tentado. Os indonésios frequentemente levavam tiros na perna, muitos andavam pelas prisões com cicatrizes de bala para provar.

Alberto sempre temera ser pego e trancafiado em uma cela minúscula, mas a realidade era ainda pior. Dividia com trinta homens um único e imundo orifício sanitário no chão; não tinham camas, nem lençóis ou travesseiros — usava um

livro para apoiar a cabeça. À noite, os homens suados se deitavam enfileirados como um pacote de salsichas, dormindo lado a lado no concreto duro — o que já era desconfortável para qualquer um, mas, para Alberto, com seus machucados, se tornava insuportável, dificultando sua recuperação.

Havia sempre tensão e discussões, todos preocupados com seus casos. A maioria tentava fechar acordo com policiais antes de o processo ser levado à promotoria, quando se tornava impossível escapar discretamente — evitando a penitenciária ou o tribunal — e o preço para um acordo subia, pois mais gente precisaria receber propina.

Alberto recebeu muitas visitas, geralmente de nativos enviados por seus amigos com dinheiro e comida. Nenhum dos traficantes podia se arriscar a ir, chamando atenção para si mesmos. Assim que chegara, Alberto emprestara um telefone para ligar para Rafael, avisando-o de que os policiais tinham falado seu nome várias vezes. Rafael já sabia que estava no radar da polícia, mas esse foi mais um alerta vermelho, que o fez voltar para sua vida de surfe e abstinência.

Limpei tudo de novo, parei isso, parei aquilo, cortei o telefone, mudei o número. Eu já estava quente, porque, quando Alberto foi pego, já me perseguiam fazia alguns anos. Parei de vender. Fiquei na minha. Acordava às 5h, fazia ioga, surfava e voltava. Levava meus filhos para a escola. Nadava, surfava. Não usava cocaína, ah, algumas vezes um pouquinho só, da que eu escondia na escova de dentes elétrica.

Rafael

Alberto também ligou para André, avisando-o do perigo e pedindo ajuda, já que as pílulas eram dele. André prometeu falar com o advogado de Alberto e tentar fazer um acordo com os policiais, mas não conseguiram antes de ele ser enviado à Penitenciária Kerobokan.

A essa altura, Alberto ansiava em ir para a penitenciária, onde, como ouvira, poderia andar ao ar livre, jogar tênis e malhar. Se lhe tivessem dito, dois meses antes, que ele estaria ansioso para ir para a famosa prisão de Bali, ele diria que estavam loucos, mas agora, com os músculos definindo e uma palidez doentia, ele mal podia esperar. Quando finalmente o enviaram para lá, sentiu um grande

alívio ao ver o céu azul e um gramado verde. Mas seu surto de otimismo murchou como um balão furado, quando o azul e o verde brilhantes foram substituídos pela fumaça cinza-azulada de uma nova cela de concreto. Quando o guarda bateu a porta, ele se viu novamente em uma cela superlotada, quente, cheia de fumaça de cigarro e sem janelas. Desta vez, um cheiro pútrido saturava o ar.

Tinha muita coisa feia e nojenta ali; o banheiro da primeira cela que fiquei estava quebrado, então as pessoas cagavam em sacos plásticos, fechavam com um nó e jogavam pela janela. Eram entre doze ou quinze pessoas apertadas ali.

Alberto

A vida melhorou bastante assim que pagou por volta de US\$ 150 a um guarda e foi transferido para uma cela menos lotada, em um bloco que concentrava a maior parte dos cerca de cinquenta ocidentais ali presos. Era o bloco da festa, com música sem parar, drogas e bebida. As celas tinham aparelhos de som, TVs, DVDs, e seus novos colegas fizeram um jantar de boas-vindas para ele com queijo feta, salada de azeitonas e cerveja gelada — uma das melhores refeições que já comera na vida. Os outros presos eram de todos os cantos do mundo, a maioria também presa por drogas, e lhe deram dicas, como pagar uma propina extra para os guardas deixarem que seus amigos levassem colchão, travesseiros, roupas, comida, livros e revistas.

Aí comecei a me organizar e ter uma vida lá dentro. Pintamos a cela inteira, comprei caixinhas de som para ouvir música. Eu sentia tipo “ok, ainda estou no inferno, mas esse inferno é muito melhor do que onde eu estive nos últimos dois meses”. O maior estresse era esperar pela minha sentença, porque nunca dá para saber o que vem. Comecei a ter algumas feridas no corpo que cresciam cada vez mais, ficou bem ruim, doíam e coçavam. Eram causadas pelo estresse e também, acho, porque quando limpavam a caixa d’água, encontraram três gatos mortos dentro — um já estava quase decomposto. Era o suprimento de água para a cadeia inteira e usávamos para tomar banho.

Alberto

André continuava batalhando por ele do lado de fora e tinha pago US\$ 30 mil a um advogado para tentar um acordo com a polícia e o juiz, que prometiam uma sentença baixa se o valor fosse alto. Mas todos sabiam que qualquer coisa ainda poderia acontecer. André sentia ser sua responsabilidade ajudar Alberto, que fora pego com suas drogas, mas tinha de se precaver e manter distância para não ser envolvido no caso. Usou a estratégia de dizer que era um amigo da família e estava apenas ajudando.

Você paga, paga, paga. Paguei o advogado, mas não me aproximei, porque para mim é perigoso. Apenas paguei o advogado e disse “a família dele me mandou esse dinheiro para tentar ajudar o caso, porque sou amigo deles”.

Você o visitou?

Não, só mandei dinheiro e comida algumas vezes.

André

Seis meses intermináveis se passaram até que Alberto descobrisse seu destino.

O réu Alberto Lopez, envolvido no tráfico de 33 pílulas de ecstasy, foi sentenciado a apenas 1,5 ano de prisão, ontem, em uma audiência no Tribunal Estadual de Denpasar.

Denpost, fevereiro de 2003

A prisão era literalmente na esquina da casa luxuosa que Alberto, anteriormente, dividira com os irmãos Diaz, Mário e Poca, e o traficante Jerome. Era uma dicotomia vertiginosa entre sua antiga vida de decadência e esta vida de celas primitivas de concreto e gatos em decomposição, mas ambas estavam insanamente próximas, separadas apenas por um muro branco de concreto. Saber que sua bela vida estava atormentadoramente próxima deixava-o deprimido, mas ele se consolava ao pensar que, na verdade, tinha tido sorte.

Brinquei com fogo por anos e anos e anos e queimei só a ponta do dedo. Muita gente brincou só uma vez e queimou o corpo inteiro. Fui pego com uma quantia pequena e só fiquei preso por pouco tempo — um tempão para mim — mas, ainda assim, se pensar nas quantidades que eu vendia...

Se não tivesse pago os US\$ 30 mil, quanto tempo de pena acha que teria recebido?

Provavelmente oito ou dez anos.

Foi isso que o advogado te contou?

Sim.

Alberto

*

O repentino cerco da divisão de narcóticos às drogas criou um alvoroço. Ninguém estava seguro; todos eram alvo, desde os grandes traficantes como Rafael, os estrangeiros ricos que cheiravam tranquilamente em casa no fim do dia, até pequenos traficantes nativos, usuários e turistas de férias. A polícia antidrogas estava agindo freneticamente para tentar flagrantes, trabalhando com os já presos para realizar a famosa “troca de cabeças”, pagando em dinheiro vivo por pistas — especialmente se levassem à captura de um ocidental, seu principal alvo — e chutando portas.

Não era simplesmente para limpar Bali das drogas; longe disso. Aquilo tinha sido o catalisador, mas a repressão e as sentenças mais duras subitamente criaram um novo negócio, produzindo um fluxo de caixa torrencial que da noite para o dia tornou vários balineses mais ricos do que jamais poderiam ter sonhado. Antes, os ocidentais que viviam e faziam festa em Bali sabiam que, se flagrados com uma pequena quantidade de usuário, podiam comprar um “passe-livre de liberdade” por US\$ 1 mil ou US\$ 2 mil. Agora, se pegos com um baseado ou algumas poucas pílulas de *ecstasy* em casa, a taxa para evitar que o problema saísse porta afora saltara para US\$ 30 mil ou até US\$ 50 mil. Os policiais, cujo salário mensal não chegava a US\$ 200, ganhavam na loteria toda vez que chutavam uma porta.

Toda a polícia estava correndo como louca, tentando prender o máximo de pessoas. Era tipo “ok, a ‘maratona da prisão’ começou, estão correndo atrás de todo mundo, prendendo adoidado, todo dia apareciam histórias tipo ‘pô, tal pessoa foi presa’”. Aí uma hora começaram a competir; tinha bastante disputa entre os times antidrogas da polícia. Os que prendiam mais eram os que ficavam mais ricos, isso é fato.

Alberto

Era um ótimo negócio para eles — não tinham custo nenhum, apenas chutavam uma porta e saíam com US\$ 50 mil de dinheiro fácil. Ótimo negócio. Se você não paga, é preso. Uma merda.

Rafael

A maior parte dos estrangeiros presos com drogas em Bali evita cumprir suas sentenças ao subornar autoridades do notoriamente corrupto sistema judiciário da Indonésia.

AAP, 25 de julho de 2002

Eu te digo, todo mundo estava sendo pago. Os estrangeiros estavam deixando esses caras ricos. O juiz dirigia um Mercedes branco novinho. Perceberam que finalmente conseguiriam fazer muito dinheiro desse jeito, achavam que todo estrangeiro era como a gente, se estivermos tomando uma cerveja na praia, somos milionários. Eles cercaram vários estrangeiros ao mesmo tempo e começaram este negócio. Acho que foram os policiais que primeiro pensaram nisso — que havia uma máquina de fazer dinheiro, uma galinha dos ovos de ouro na cidade deles.

Gabriel, surfista americano

Não era apenas a polícia que estava lucrando com o novo negócio; todos, de delatores a promotores, advogados e juizes, estavam de repente recebendo heranças inesperadas. Até jornalistas locais estavam ganhando. Advogados se aproximavam deles para manter os casos de seus clientes fora dos jornais, ou ao

menos restritos a uma breve história não na primeira página, para evitar os holofotes de modo que as cortes pudessem mais facilmente aceitar propina em troca de uma sentença leve, sem atrair o escrutínio do público.

Se sou uma estrangeira morando em Bali e sou pega com quatro gramas de cocaína em casa, quanto tenho que pagar para não sair no jornal?

Depende de quanto dinheiro você tem. Quanto mais rica for, mais alto é o preço. Se eu sei que você tem um iate ou um jatinho, talvez faça um preço diferenciado. Às vezes, se era uma história muito grande, eu nem pegava dinheiro.

Como funciona o esquema?

Na maioria das vezes é por meio do advogado. “Tenho um cliente e ele não quer ser exposto no jornal, pode me ajudar, por favor? Tenho uma fortuna, quero dividi-la com você, ok? Fui claro?” Ou algo desse tipo.

Quais são esses casos grandes que geralmente os advogados tentam abafar da imprensa?

Casos de droga envolvendo estrangeiros.

E você fala para seus jornalistas “não cubra esse caso hoje”?

Sim.

E se os jornalistas perguntam o motivo?

O negócio é meu. “Você tem que escolher, ou obedece minha ordem ou saia do escritório.”

Editor de um dos maiores jornais de Bali

Ainda que os estrangeiros moradores da ilha pudessem facilmente pagar uma propina para que o problema não saísse de suas casas, nem sempre funcionava.

Alguns não tinham acesso rápido a uma grande quantia, ou seu caso já tinha chegado aos jornais, e era muito tarde para driblar a atenção. A esta altura, advogados, junto com a polícia e os juizes, precisavam criar táticas para aplicar penas leves sem levantar a bandeira vermelha de propinas e sem alertar a *Indonesian Corruption Watch* (ICW) [Observatório Indonésio da Corrupção], uma atuante organização sem fins lucrativos criada em junho de 1998 como cão de guarda contra subornos.

Os truques usados às vezes eram tão simples quanto mentir sobre a quantidade real de droga encontrada, ou ler uma sentença no tribunal, perante o escrutínio público para depois, discretamente, alterar a pena nos documentos que seriam encaminhados à prisão. Convenientemente, os arquivos não ficavam armazenados em computadores.

O inglês Steve Turner pagou uma propina de US\$ 35 mil para reduzir sua pena de seis anos, anunciada no tribunal, para três anos, evitando que se levantassem questões sobre por que ele ficaria preso só por três anos por milhares de pílulas de *ecstasy*, quando balineses pobres pegavam quatro anos de prisão pela posse de uma ou duas pílulas apenas.

O dinheiro fala alto para traficantes. A Indonésia é famosa pela corrupção, sendo rotina ficar quase entre os últimos nos rankings de corrupção global, e essa podridão tem se espalhado por alguns setores da polícia e do judiciário. Uma fonte explica que os estrangeiros mais espertos e ricos pegos com droga conseguem liberação após subornar policiais, enquanto outros, menos sortudos, são mantidos na prisão pagando propinas até não terem mais nada, e serem deportados imediatamente.

The Australian, 13 de novembro de 2004

Advogados, no papel de negociantes, mantinham segredo sobre suas táticas por razões óbvias, mas, no caso de Ronnie, irmão do famoso *chef* inglês Gordon Ramsay, pego com heroína em um banheiro público de Kuta, seu advogado usou a mídia para pedir dinheiro a Gordon, deixando claro que o dinheiro compra a justiça na Indonésia.

O advogado de Ronnie criticou o famoso chef. “O dinheiro ajuda muito os advogados aqui... Ajuda as rodas da justiça a girarem com mais suavidade”, disse ele. “Não sei como seu irmão pode ser tão cruel. Ele poderia, mas prefere não ajudar”, disse o advogado para o Daily Express.

Daily Express, 18 de julho de 2007

Todos os ocidentais eram vistos como uma árvore de dinheiro em potencial, mas, quando era revelado que eram super-ricos ou tinham conexões com milionários, viravam possíveis minas de ouro. Quando a imprensa expôs o caso de Ronnie como o irmão do multimilionário Gordon, espalhou-se como um incêndio pela Penitenciária Kerobokan que o irmão do novo detento era o *chef* da Rainha da Inglaterra — não exatamente, mas perto o bastante. Ronnie podia não ter um iate ou um jatinho, mas seu irmão tinha, e isso bastava.

Com seus olhos azuis penetrantes, Ronnie era a cara do irmão, apesar de sua magreza, do corpo maltratado pelas drogas e seu visual doentio serem o oposto da atlética aparência de Gordon. Mesmo com todo o dinheiro potencial que o caso poderia trazer para o sistema judiciário de Bali, ninguém estava ganhando nada, porque Gordon tinha cortado relações com seu irmão viciado. Ronnie não tinha acesso à fortuna do irmão e estava quase sem dinheiro.

O viciado em heroína Ronnie, de 38 anos, recebeu pena de 10 anos em uma sombria prisão balinesa após ser encontrado jogado em um banheiro público na ilha, com uma seringa e um pacote de £ 10 da droga assassina. As paredes do banheiro estavam sujas com fezes e pichações ofensivas. Um curativo ensanguentado estava jogado no chão. Apenas alguém realmente desesperado consideraria até mesmo entrar ali, que dirá enrolar uma perna da calça para injetar no pé a droga comprada na rua.

Sunday Mirror, 11 de março de 2007

Gordon se recusava a enviar dinheiro, tendo já alegadamente gasto £ 300 mil para ajudar Ronnie a se livrar das drogas. Foi quando Ronnie e seu advogado começaram uma campanha de difamação, apelando por meio da imprensa

reunida fora da corte de Denpasar para que seu irmão enviasse dinheiro.

“Eu disse a ele ‘Gordon, por favor, me ajuda. Não tenho mais ninguém com quem contar’. Foram explícitos comigo — com um advogado, eu poderia sair em alguns meses, mas, sem nenhum, vou apodrecer nesse inferno por dez anos inteiros. Eu poderia morrer aqui...”

“Só a cozinha de Gordon custa £ 500 mil e ele tem uma Ferrari. Por menos de um jogo de pneus ele poderia me tirar da prisão. Eu me sinto como se estivesse sido abandonado para morrer.”

Sunday Mirror, 11 de março de 2007

“Eu pedi ajuda a ele. Ele sabe que preciso”, reclamou o viciado de 39 anos de seu irmão famoso, cuja fortuna estimada chega a mais de £ 60 milhões, de uma rede internacional de restaurantes, programas de TV e livros. “Mas ele decidiu não me ajudar. Não tenho notícia nenhuma da minha família. É muito triste.”

Daily Express, 18 de julho de 2007

Ronnie ficou apenas dez meses preso, com o juiz explicando ter sido brando na pena porque Ronnie se declarou culpado e mostrara remorso. Sem engraxar as mãos certas, era impossível conseguir uma pena tão pequena, então, de algum jeito, ele finalmente conseguira o dinheiro necessário para “fazer as rodas da justiça girarem com mais suavidade”.

*

O australiano Richard Stephens viajava por Bali de férias quando foi preso após comprar alguns canudos cheios de heroína de um traficante em Kampung Flores, em Denpasar, famoso ponto de venda de heroína da ilha. Richard ficara esperando enquanto o traficante abria sua mochila Adidas, tirava um maço de Peter Jackson Extra Light, jogava fora os últimos cigarros e inseria ali seis canudos pequenos de heroína, que pesavam um total de 3 gramas. Quando a polícia o parou alguns momentos depois em sua moto, foi direto na mochila Adidas, tirou o maço e encontrou os canudos.

Eu não era um contrabandista nem nada, era para uso pessoal, mas foi uma armação da polícia, na verdade, eu até vi quando eles pagaram o informante com dinheiro que tiraram da minha carteira.

Richard Stephens

Não é incomum que os traficantes avisem a polícia se o comprador é estrangeiro, às vezes ganham um bom lucro pela informação.

WA Today, 7 de outubro de 2011

Os policiais levaram Richard para um café, deram-lhe uma xícara de chá e disseram-lhe para pagar US\$ 10 mil, explicando em um inglês ruim “vai te ajudar, você vai voltar para casa logo”. Para se comunicarem melhor, Richard pegou um livro de frases em indonésio e o policial apontou *uang lebih*, “mais dinheiro”.

“Ah, quer mais dinheiro?”, perguntou Richard em inglês.

“Yes, Yes”, respondeu o policial com brilho nos olhos.

Ele percebeu que eu tinha entendido o que ele queria, mas fui burro e disse “não, vai se foder, não vou entrar no esquema da polícia”. Eu disse “sem dinheiro, você não vai ganhar mais nada”, e ele riu. Eu me perguntei por que ele ria tanto e nem me importei na hora. Aí percebi, quando cheguei na delegacia, e nos dias seguintes, que dá para comprar sua liberdade no início — tivemos nossa chance, mas depois ficou tarde demais, muita gente já tinha nos visto e muita gente teria que ser paga. Aí tive de ir para a prisão. Se você fica quieto e paga na hora, pode sair livre sem ninguém saber.

Richard

Perder a chance de fazer um acordo logo no início só garantia que o valor da propina disparasse, pois mais pessoas precisariam ser pagas e esconder o suborno ficava mais difícil. Richard contratou uma advogada para fazer sua negociação.

A advogada veio até mim e disse “nos ofereceram um acordo; querem 275 milhões

de rúpias” — a conta dava 55 mil dólares australianos —, e continuou “isso se você pagar até uma certa data, se atrasar um dia, não aceitam mais o pagamento”.

Se atrasasse, o custo subiria para US\$ 180 mil.

Quem seria pago?

A polícia queria aquilo; ia ser dividido entre advogados, juízes, todo mundo. São parasitas, são parasitas de verdade; tudo é dinheiro, dinheiro, dinheiro. Acabou custando US\$ 55 mil à minha família para conseguir me trazer para casa. Se eu não tivesse pago aquilo, teria pego quinze anos... Estavam pedindo quinze anos.

Richard

Richard acabou ficando preso apenas três meses.

*

Dinheiro não era sempre a recompensa para delatores, a vingança também desempenhava um papel, com pousadas de estrangeiros sendo invadidas após a delação de um indonésio vingativo. Komang trabalhava para uma empresa suíça de exportação de móveis e recebia US\$ 250 por mês mais comissões, um ótimo salário para Bali. Mas, quando o francês Gerard se mudou para a ilha para cuidar do *marketing* da empresa, Komang perdeu o emprego. Amargurado, acreditando que Gerard falara mal de seu trabalho para o chefe suíço, elaborou um plano de vingança. Usando a empregada balinesa de Gerard para roubar um cigarro de sua casa, passou para um amigo policial testar. Era maconha; então dois policiais fizeram uma busca na casa, encontraram uma pequena quantidade da droga e o prenderam. Sem acesso rápido a uma grande quantia, Gerard foi levado para as celas de concreto da delegacia e depois transferido para a Penitenciária Kerobokan. Após conseguir levantar o dinheiro, conseguiu um acordo e recebeu uma pena branda de dois anos.

Komang não conseguiu seu emprego de volta, mas foi uma grande satisfação ver o francês cair.

Eu fiquei um pouco alegre por ele ser preso. Eu odiava muito ele, porque tinha perdido meu emprego, perdi minha vida, estava muito bravo.

Komang

Alberto via regularmente seu delator balinês na Penitenciária Kerobokan, mas não perdeu tempo tentando vingança. Havia muitos nativos na prisão que tinham “trocado cabeças”, só para depois verem negadas suas liberdades prometidas e terem de conviver com suas vítimas. Era um choque para Alberto, porque, na América do Sul, o destino de um delator é geralmente o caixão. Mas, em Bali, delações eram comuns, o que explicava por que o esquema de “troca de cabeças” era usado com tanta frequência.

Eles são delatores naturais, desde o berço.

Alberto

Alberto e seu grupo, porém, logo veriam um dentre eles se transformar em rato.

CAPÍTULO TREZE

GAROTA INGLESA

DESAPARECIDA

Enquanto definhava na Penitenciária Kerobokan, Alberto não ouvia um pio de seus amigos traficantes peruanos, os gordos irmãos Diaz Juan (Poca) e Mário, nem de José Henrici (o Borrador). Rafael foi visitá-lo com sacolas de comida do Bali Deli, mas os peruanos não ligaram, não enviaram dinheiro nem comida; ficaram de fora, pois tinham os próprios problemas. Não apenas por estarem quentes no radar da polícia, mas porque a namorada inglesa de Borrador estava ameaçando entregá-los.

A paranoia normal de Poca, exacerbada pela prisão de Alberto e as operações policiais, significava que as ameaças da moça, perigosas a qualquer tempo, ocorriam em um momento particularmente ruim. Os traficantes de Bali podiam ser caras inteligentes, educados e políglotas que adoravam surfe, festas, hotéis cinco estrelas e vinhos finos, mas podia ser mortal esquecer que se tratava de traficantes — geralmente chapados e paranoicos, sempre pisando em ovos, com muito mais a perder do que a maioria. A qualquer momento, suas vidas espetaculares poderiam ir a pique espetacularmente em direção ao inferno, conforme tinham acabado de ver acontecer com a de Alberto.

Uma noite, Rafael estava em um restaurante de Seminyak, Madés Warung, quando viu um cartaz de “desaparecida” na parede. Reconheceu o rosto da namorada inglesa de Borrador. Após Jando ter espancado Borrador na rua por tentar atravessar o negócio, Rafael o tinha visto poucas vezes, e conhecia a inglesa apenas de vista, mas ouvira Poca e Mário falando nervosos sobre ela.

Reclamavam que ela era problema, “essa puta fala demais, blablablá, fala demais”. Ela falava merda para Poca e Mário... Tipo, “vou falar pra polícia o que vocês estão fazendo”.

Rafael

Ela era legal. Era meio louca, mas era legal.

Alberto

A inglesa Kate Osborne namorava Borrador havia alguns anos, morava com ele e, como confidenciara à mãe, esperava se casar com ele. Ela era uma atraente garota do norte da Inglaterra, de Carlisle — aparentemente uma pessoa cujo envolvimento com o submundo das drogas seria improvável. Irmã do meio entre três irmãs de uma família de classe média alta, crescera em meio a um grupo de amigos inteligentes, urbanos e ambiciosos. Adorava viajar e já tinha dado a volta ao mundo de mochila nas costas, com várias viagens a Bali — como muitos, fora cativada pela ilha ensolarada, seus habitantes sorridentes e exótica cultura.

Teve desde cedo a impressão de não querer viver a tediosa vida de classe média. Então não viveu. Mudou-se para Bali e se apaixonou por um traficante. Encaixava-se perfeitamente no lugar-comum de boas garotas que se apaixonam por *bad boys*. Borrador era um traficante latino inconstante e viciado em cocaína. Ela era uma menina cheia de energia, decidida e bem-criada que logo se viu seduzida pelo submundo de Bali — observando o jogo de perto, vendo os intrincados detalhes dos negócios, mas não gostando do que via.

Mas amava seu *bad boy*. Então, um dia, os dois sumiram.

A comida de seu cachorro acabou e fazia semanas que seus amigos não a viam. Patrick e Liz, os pais de Kate, ainda não sabiam disso quando dispararam o alarme. A um mundo de distância, no Reino Unido, eles estavam preocupados, pois não tinham notícias de sua filha fazia mais de um mês, e ela sempre ligava a cada dez dias. O temor de que havia algo errado na Ilha dos Deuses virou realidade quando Kate não ligou para casa no seu aniversário. Seus pais foram os primeiros a avisar as autoridades.

“As coisas vão piorando gradualmente e você pensa ‘O que está havendo?’ quando perde o contato”, disse o Sr. Osborne.

The Times, 4 de junho de 2003

“Todo tipo de coisa terrível passa pela cabeça” — Sr. Osborne.

Daily Mail, 4 de junho de 2003

Nenhum dos amigos de Kate reportou seu desaparecimento. Aqueles que vendiam drogas, obviamente, não foram à polícia avisar, mas outros amigos estrangeiros também ficaram em silêncio. Os ocidentais eram céticos quanto à polícia de Bali, cuja corrupção era tão endêmica que era preciso pagar propina até para conseguir fazer um boletim de ocorrência. O mais próximo que a maioria chegava dos policiais, fora quando eram pegos com droga, era em operações de rua, sendo algumas vezes parados por dirigir sem capacete e outras sem motivo algum, mas sempre intimados a pagar 50 mil ou 100 mil rúpias (entre US\$ 5 e US\$ 10) antes de serem liberados. Essa dinâmica era tão parte da vida em Bali como a música de gamelão.

Após ligarem para o cônsul britânico em Bali, para a polícia britânica, a local e também para a Interpol, os pais de Kate se viram de repente vivendo um pesadelo. Não eram boas notícias, conforme seus piores medos foram sendo confirmados por fatos.

Kate fora vista pela última vez algumas semanas antes, na noite da Sexta-Feira Santa. Sua empregada a vira deixando a casa às 22h30 vestida para uma festa. Fora para o Woodstock Bar em Legian, bebera cerveja — em ótimo humor, de acordo com o *barman* — e dera carona para um amigo holandês às 2h da madrugada.

Uma semana depois, seu jipe Daihatsu alugado foi encontrado abandonado no estacionamento do Aeroporto Internacional de Denpasar, com as portas trancadas, a chave na ignição e um pneu vazio. Mas não havia registros de ela ter tomado voo algum. Sua amada cachorra Maisie fora abandonada sem comida nem providências para que alguém cuidasse dela; suas duas contas bancárias permaneciam intocadas; nenhuma atividade fora registrada em suas contas de *e-mail*, e seu passaporte e bolsa haviam desaparecido.

Os pais de Kate criaram um *website* e falaram com a imprensa na Inglaterra. Sua história era o pior pesadelo de qualquer família e instantaneamente virou manchete pelo mundo.

Os pais de uma designer gráfica inglesa que sumiu em Bali há quase seis semanas falaram ontem sobre seu medo de que ela tenha sido sequestrada ou assassinada.

Ontem, sua mãe falou para a imprensa: “Continuamos fortes. Temos que acreditar que a Kate vai de algum modo ressurgir. Se alguém a sequestrou, então eu peço ‘Por favor, pelo amor de Deus, devolva-a para nós. Entre em contato’. Eu rezo todos os dias pela segurança dela”.

Telegraph, Reino Unido, 4 de junho de 2003

Mas a história tinha mais mistérios. Borrador também sumira. Em sua última ligação para a mãe, Kate dissera que “Joseph” tinha ido visitar a família no Peru e devia voltar logo. Quando se descobriu que ele também estava desaparecido, que devia a Kate pelo menos £ 20 mil e que, às vezes, batia brutalmente nela, Borrador se tornou obviamente o principal suspeito.

O mistério do carro, o cachorro abandonado e o desaparecimento de amigos surfistas de Bali normalmente não gerariam um alerta em uma ilha aonde as pessoas vêm para fugir de suas vidas cotidianas. A grande preocupação vem do comportamento violento de Henrici, algo típico de um pequeno grupo de surfistas latino-americanos que possuem reputação de serem agressivos.

“Ela realmente o amava muito”, disse a empregada de Kate, Ni Ketut Dya, de 32 anos, “mas eles brigavam toda hora”. Em um depoimento à polícia indonésia, a empregada disse que uma vez ficara tão assustada com uma briga entre os dois que chegara a ligar para a delegacia. Os ânimos já tinham se acalmado quando a polícia chegou, disse ela.

Uma noite, em meados de março, uma testemunha ocular afirmou que viu Henrici bater em Kate na frente de clientes no Woodstock Café. “O gerente o atirou para fora, mas ele esperou por Kate, se escondeu atrás do carro e a atacou quando ela saiu”, disse a testemunha. Ela precisou ser atendida no hospital com ferimentos e cortes.

Sunday Times, 15 de junho de 2003

“Não tenho muito o que falar sobre ele”, disse a Sra. Osborne. “Falei apenas uma

vez com ele bem rápido ao telefone.”

The Times, 4 de junho de 2003

No norte da Inglaterra, agoniados por não poderem fazer nada, com a investigação avançando afluentemente devagar, e suspeitando de pouco esforço por parte da polícia, os pais de Kate decidiram voar para Bali — sua primeira viagem à Indonésia — com dois detetives ingleses.

A Sra. Osborne, segurando as lágrimas, disse: “É difícil e, sendo honesta, se torna cada vez mais frustrante e excessivamente preocupante”.

Yorkshire Post, 3 de junho de 2003

O pai de Kate, Patrick, de 64 anos, ex-diretor da Cavaghan & Gray, uma empresa alimentícia de Carlisle, e sua mulher disseram estar “incrivelmente frustrados” com a escassez e o vagar das informações que vinham de Bali. Seu objetivo é viajar para lá para falar com policiais e pessoas locais em uma tentativa de jogar luz sobre seus últimos momentos conhecidos.

The Times, 4 de junho de 2003

Sendo diplomáticos, os dois detetives ingleses rapidamente disseram que a investigação era liderada pelos indonésios, tendo o cuidado de não pisar em nenhum calo, enquanto tentavam conduzir a polícia de Bali na direção certa.

O inspetor chefe, detetive Bill Whitehead, da polícia de Cumbria, juntou-se à polícia indonésia, deixando claro que localizar o namorado era a prioridade. No fim desta semana, ele vai se reunir com agentes da Interpol.

The Times, 4 de junho de 2003

O Sr. Whitehead disse que, se estivesse à frente das investigações, tentaria encontrar e conversar com o namorado de Kate. Ele adicionou: “Seria uma das primeiras coisas que eu faria, logicamente”.

BBC, 3 de junho de 2003

Os detetives também avisaram aos pais vulneráveis sobre a corrupção em Bali e a existência de muitas pessoas oferecendo informação falsa em troca de dinheiro.

A dificuldade com fontes daquela parte do mundo é que há uma tendência para informar com base em boatos não confirmados, apenas para receber a recompensa financeira. Parte do nosso trabalho era avisar a família sobre essa exploração.

Inspetor chefe detetive Bill Whitehead

No dia em que os Osbornes pegaram o voo, a mãe de Kate falou aos jornalistas, “não vamos desistir nunca da busca por Kate e acreditamos que vamos encontrá-la”. Mas dez dias depois eles voltaram para casa, nem um pouco mais próximos de esclarecerem o pesadelo.

Em vez disso, tinham uma nova dúvida — quem era a pessoa misteriosa para quem sua filha ligara às 4h14 da madrugada no dia do seu desaparecimento? Os registros do telefone de Kate, conseguidos em Bali, mostravam que ela havia feito não apenas esta chamada muito cedo, mas também enviado seis mensagens de texto para o mesmo número ao longo daquela noite. Eram as últimas pistas da existência de sua filha. Ainda assim, eles não sabiam de quem era o número.

O principal esforço deve ser em encontrar a pessoa que Kate contactou às 4h14 da manhã, descobrir a natureza da conversa e o porquê das diversas mensagens enviadas na noite anterior.

Inspetor chefe detetive Bill Whitehead, em The Journal, de Newcastle, Reino Unido, 3 de julho de 2003

Ainda que a viagem para a ilha não tivesse trazido respostas, possibilitou aos angustiados pais uma conexão intangível com a filha desaparecida.

A Sra. Osborne disse: “Foi muito difícil entrar em sua casa e ver suas coisas, mas também foi bom, porque dava para sentir a Kate, nos sentimos próximos dela”.

Seu pai disse: “Vivemos com a esperança de ela estar viva, mas, com o passar do tempo, essa esperança está diminuindo”.

The Journal, 3 de julho de 2003

Os traficantes de Bali estavam conscientes de que o desaparecimento da namorada de Borrador explodira em manchetes mundiais, com boatos entre eles de que policiais australianos, a Scotland Yard e a Interpol agora entravam na investigação e esticavam seus tentáculos por Bali, incluindo o envio de policiais à paisana para se fingirem de turistas em festas. Alguns dos traficantes, na verdade, sabiam onde Borrador estava, mas todos ficavam em surdina, mantendo-se tão longe do problema quanto possível.

Ninguém queria virar o centro das atenções nem ter o nome publicado na imprensa. Jornalistas já tinham se aproximado de conhecidos de Borrador envolvidos com drogas, chegando até a escreverem histórias especificamente nomeando Alberto como um “notório” amigo de Borrador — ainda que, ironicamente, os feios muros brancos da Penitenciária Kerobokan o protegessem do tiroteio do lado de fora.

Um dos alegadamente grandes amigos do Sr. Henrici, Alberto Lopez, foi sentenciado a 18 meses de prisão, em fevereiro, por posse de pílulas de ecstasy. Lopez, uma figura conhecida na cena do surfe em Bali, foi julgado pela alta corte de Denpasar, Bali, em fevereiro deste ano, por posse de pílulas de ecstasy, e recebeu pena de 18 meses de prisão.

Sunday Times, 15 de junho de 2003

A questão se complica pelos muitos rumores espalhados, mas até agora não confirmados, de que o namorado da Srta. Osborne, José Henrici, estava envolvido com venda de drogas e que devia a ela até £ 21 mil. Acredita-se que ele usasse ao menos outros três codinomes.

The Guardian, 17 de junho de 2003

Eles estão ansiosos para localizar o namorado desaparecido dela, que tinha ligação

com o submundo sul-americano. O peruano José Henrici, também de 35 anos, tem um histórico de prisões por tráfico de drogas.

Daily Mail, 16 de junho de 2003

Os pais de Kate estavam de volta à Inglaterra fazia vários dias quando chegaram notícias explicando exatamente o porquê de eles não terem encontrado Borrador em Bali. Uma simples razão: ele fora preso tentando contrabandear 4,2 quilos de cocaína pela fronteira do Peru com o Brasil e agora estava trancado no meio da floresta peruana em uma cela que mais parecia uma masmorra. Como tinha viajado com um passaporte argentino falso, com o nome de Carlos Navarro Lanatta, levou algum tempo até as autoridades descobrirem sua real identidade. Ele usara esse passaporte para deixar Bali três meses antes — três semanas antes do sumiço de Kate — pretensamente para ver a família, mas, na realidade, para fazer uma entrega para Poca. Sua prisão se deu dez dias antes de Kate desaparecer, então tinha o álibi perfeito.

O namorado de uma mulher britânica desaparecida em Bali há mais de dez semanas foi preso do outro lado do mundo. José Henrici, 35, está preso no Peru, seu país natal... Henrici, um surfista profissional suspeito de ter ligações com o crime organizado, foi preso sob a acusação de tráfico de drogas na cidade de Puerto Maldonado, nos Andes.

Daily Mail, 1º de julho de 2003

O surfista profissional Henrici, 35, está preso na cadeia Puerto Maldonado, conhecida como “buraco do inferno”, no meio da floresta peruana.

News of the World, 6 de julho de 2003

Henrici está agora aguardando julgamento em Puerto Maldonado, mais de 800 quilômetros a leste de Lima. Se for considerado culpado, pode pegar até cinco anos de prisão.

News and Star, Reino Unido, 24 de julho de 2003

Borrador falou sobre Kate a um jornalista peruano, dizendo que ela fizera ameaças de contar à polícia que ele era um traficante. Ele foi indiferente e fez troça do desaparecimento dela, de nenhuma maneira um namorado amoroso e preocupado.

“Ela poderia estar em um hotel numa ilha remota na Indonésia, rindo de tudo o que está acontecendo”, ele diz. “É o que eu acho que está acontecendo. Acho que ela está fazendo isso para jogar a culpa em mim. Eu não matei e não tenho a menor ideia de onde ela está.”

Caretas, Lima, 24 de julho de 2003

Dias após a chegada da notícia da prisão de Borrador, o jornal britânico *News of the World* publicou uma matéria exclusiva com declarações chocantes dele, afirmando que Poca e Mário tinham ordenado o assassinato de Kate para evitar que ela expusesse um segredo sombrio que eles todos compartilhavam.

A britânica desaparecida Kate Osborne pode ter sido assassinada por chefes do tráfico — após ela tê-los ajudado a fingir suas mortes no ataque à bomba em uma boate de Bali. Os homens aguardavam julgamento na Indonésia e perceberam que a confusão sobre as mortes no atentado oferecia a oportunidade perfeita para “desaparecerem” para sempre. Acredita-se que Kate tenha adicionado os nomes de três traficantes à lista de mortos quando se ofereceu como voluntária para ajudar os oficiais como tradutora, na sequência do ataque.

As alegações extraordinárias sobre o mistério do desaparecimento de Kate foram reveladas hoje pelo namorado dela, José Henrici. Ele admite ser um dos três traficantes — e hoje se encontra em uma cadeia do Peru aguardando uma pena dura por tráfico de cocaína. Ele acredita que os outros dois traficantes, os irmãos conhecidos como Juan Mendoza Diaz e Mário Alfonso, encomendaram a morte de Kate, de 35 anos, para se assegurarem de que o segredo nunca fosse revelado... A alegação de Henrici é a mais recente reviravolta no mistério do desaparecimento da inglesa... O News of the World confirmou que Kate — que falava o idioma local — trabalhou com agências humanitárias e com o consulado

inglês, ajudando a organizar a lista de mortos, feridos e desaparecidos... As polícias do Peru e da Indonésia temem que Kate poderia ter sido alvo como o elo perdido da conspiração. A fonte complementou: “Teme-se que os traficantes tomaram essa decisão por Kate ser a única de fora da gangue que sabia de tudo o que ocorrerá”.

News of the World, 6 de julho de 2003

Poca e Mário não estavam enfrentando julgamento em Bali, mas estavam quentes e eram perseguidos. A história do *News of the World* foi desacreditada pelo detetive Whitehead, que afirmou que Kate só estava “fazendo a ponte com as vítimas britânicas e suas famílias, não tendo habilidade de impactar outras nacionalidades”.

A despeito de ter contado ao jornalista do *News of the World* que Juan Diaz era traficante, Borrador negou essa informação em uma entrevista a um jornalista peruano que sabia ser Poca o apelido de Juan.

— *Você conhece Juan José Mendoza Diaz, cujo apelido é Poca?*

— *Sim, é um amigo peruano que vive na Indonésia.*

— *Ele vende drogas?*

— *Não, é um fotógrafo, tira fotos de surfistas. Faz vídeos, edita, esse é seu trabalho. Não sei se já teve contato com drogas.*

Caretas, 10 de julho de 2003

Acrescentando um peso significativo à teoria de que Kate foi assassinada por Poca, ou por um matador de aluguel — fácil de achar em Bali entre gangues mercenárias como a Laskar —, foi a revelação de que Poca era a pessoa misteriosa para quem ela ligara às 4h da madrugada. Mas a polícia não teve chance de falar com os irmãos Diaz, pois eles haviam fugido da ilha.

Com a Interpol e a polícia britânica envolvidas, era um momento inquietante para o tráfico. A maioria dos traficantes tinha as próprias teorias, com boatos

circulando que Poca tinha dado uma *overdose* em Kate e jogado seu corpo em um campo de arroz, embora nenhum corpo tenha sido encontrado. Todos mantinham distância. Ninguém queria falar com a polícia. Rafael pegava ondas como um lunático, fazendo viagens de surfe para longe, vendendo apenas em quilos, não em pequenas quantidades, e mantendo-se discreto.

Eu estava um pouco quente, de todo jeito... E quando soube de toda essa merda que eles se envolveram, fiquei longe, porque os peruanos estavam encrencados. E eles também não vieram até mim, simplesmente desapareceram; com a polícia britânica vindo aqui, com certeza se cagaram e saíram correndo. Eu acho que é por isso que sumiram — Borrador (José), Poca, Jerome. Acho que nunca vão voltar, simplesmente desapareceram depois dessa coisa com essa moça.

Rafael

Seis meses depois, com Borrador preso, nenhum paradeiro dos irmãos Diaz e sem novas notícias, os pais de Kate perderam as esperanças. Sabiam que sua filha nunca faria essa tortura com eles se estivesse viva. Fizeram uma declaração pública pela imprensa.

Após uma extensa investigação sobre o desaparecimento de nossa filha Kate, somos agora forçados a concluir que ela foi assassinada. Foram seis meses de estresse inimaginável para toda a família, enquanto vivíamos na esperança de Kate ser encontrada viva.

The Journal, 11 de outubro de 2003

Um ano após o desaparecimento, a família de Kate organizou uma cerimônia em memória da filha na Inglaterra. O pesadelo nunca terminaria, mas ao menos puderam dizer adeus. O inspetor chefe detetive Whitehead, que os acompanhara por toda a investigação, confirmou que a polícia britânica também acreditava que Kate tinha sido assassinada.

Falando pela primeira vez sobre o que acredita ter acontecido com Kate, o inspetor chefe detetive Bill Whitehead disse que ela recebera a visita dos irmãos

dois dias antes de sumir. Ela enviou seis mensagens de texto na noite de seu desaparecimento para o telefone de Juan Diaz, e sua última ligação — às 4h14 da madrugada de 18 de abril — foi para ele.

“Os irmãos eram sócios de José Henrici e sinto que Kate suspeitava que José fizesse entregas de drogas para eles”, disse o detetive. “De fato, sua prisão no Peru com 4,2 quilos de cocaína confirma isso. Há evidências de que ela era pouco discreta sobre a atividade deles, e isso podia ser uma ameaça significativa para seus negócios.

“Havia quatro coisas que poderiam ter acontecido com Kate: ter desaparecido por vontade própria, ter sofrido um acidente, ter se suicidado ou ter sido assassinada. Analisando os fatos, acredito ser altamente provável que ela tenha sido assassinada.”

The Journal, 21 de abril de 2004

CAPÍTULO CATORZE

PEGUE-ME SE

PUDER

Enquanto a busca por Kate acontecia em Bali, o rei do Suco de Limão, Marco, estava no Peru fazendo o que Borrador fazia ao ser preso, semanas antes — comprando cocaína em Lima e levando para Bali, com uma parada no Brasil. Como Borrador, Marco não queria arriscar os aeroportos peruanos, cheios de implacáveis agentes antidrogas locais e do DEA americano, agentes do FBI e cães farejadores. Em vez disso, flutuava pacificamente em um barco no Rio Amazonas.

Marco dormia em sua rede, que, junto com várias outras penduradas, formava faixas coloridas pelo *deck*, enquanto o barco navegava rio abaixo. Era lotado e barulhento, mas Marco parecia não se importar, relaxava curtindo a vida. Nenhum dos cerca de duzentos turistas acampados também em redes imaginaria que o tranquilo piloto de asa-delta brasileiro trazia um carregamento de drogas.

Marco voltara a traficar cocaína, tendo como investidores vários traficantes de Bali — incluindo Dimitrius, Rafael e até ele mesmo. Tendo acabado de fazer uma entrega de três quilos até Bali, decidiu aumentar a aposta e mostrar aos jovens cavalos como se fazia. Dessa vez, carregava audaciosos 13,7 quilos. Acabara de buscá-los em Lima, Peru, e pegara um barco até a cidade de Iquitos, onde trocou de embarcação e agora passava três dias e três noites descendo o rio em direção à tripla fronteira entre Colômbia, Peru e Brasil.

Fui do Peru até a casa da minha avó na Amazônia pelo rio. Linda viagem... Você precisa fazer. O barqueiro é legal, tem restaurante, ar-condicionado, parece uma casa no rio. Mais de duzentos turistas, todos mochileiros. À noite, a gente dorme em redes, como se fosse embaixo de árvores. Cheguei a Manaus, ninguém checkou nada, e fui para a casa da minha avó.

Com quase catorze quilos de cocaína?

Sim, no Peru eu tinha mais de cem quilos. No Peru, cocaína é como Coca-Cola.

Marco

Após se despedir de sua avó de noventa e dois anos, partiu do Brasil em direção a Bali confiante de que conseguiria cruzar o globo como todas as outras vezes. Durante a conexão em Amsterdã, desobedeceu a uma regra básica ao ligar do seu celular para amigos em Bali e dar sua data de chegada. Era um suicídio em potencial. André recebeu uma dessas ligações.

Ele disse “Ei, André, é o Marco. Sou o cara; amanhã chego a Bali — golaço, muita grana. Vamos ao clube amanhã quando eu chegar”. Eu disse “Não fala merda no telefone, filho da puta. Em vinte anos, não aprendeu nada? Por favor, não fala essas coisas. Se cuida”. Você nunca deve falar a data que a merda vai chegar.

André

Marco, porém, não se perturbou. Saiu de Amsterdã em um voo da KLM para Jacarta, onde passaria pela alfândega e pegaria um voo doméstico para Bali. Chegou ao Aeroporto de Jacarta às 17h15 de um sábado.

A casa estava para cair.

Caminhou até sua asa-delta na esteira e a colocou nas costas. Um carregador pegou suas outras malas e foram até a alfândega. As malas passaram. Mas Marco não estava em segurança ainda. Ele sentiu isso também. Naquela tarde, alguma coisa estava acontecendo. A presença da polícia era ostensiva. Seu amigo de longa data, que trabalhava como oficial de alfândega e sempre o ajudava a trazer eletrônicos de Singapura sem pagar taxas, veio até ele avisando que havia uma ameaça de bomba; a polícia antiterrorismo estava trabalhando no aeroporto e o chefe da alfândega insistia em passar a asa-delta pelo raio X.

Marco estava preparado para isso. Já tinha passado por outros antes. Mas, dessa vez, enquanto passavam, quatro dos seis tubos tinham uma mancha escura na imagem. “O que tem aí dentro?”, perguntou o chefe da alfândega. Inquieto, batendo um pé no chão, Marco explicou rapidamente que alguns tubos eram feitos de fibra de carbono, que bloqueava raios X. Não satisfeito com a

explicação, o oficial tirou uma faca do exército suíço e começou a batucar nos tubos; o som era mais fino nos tubos ocos do que naqueles carregados com cocaína. “O que tem aqui dentro?”, perguntou ele, mais sério.

Marco procurava algo em sua mochila. “Só um momento, chefe”, respondeu com voz estridente.

Agora agitado, o oficial rosnou, “Onde está seu passaporte?”

“Calma, por favor. Espera um segundo.” Marco continuava remexendo em sua mochila, até que finalmente tirou seu *book* profissional. O livro continha mais de trezentas fotos e seu currículo, algo que ele sempre carregava como prova de que era piloto. Estava pronto para argumentações de praxe.

“Cara, sou piloto profissional”, disse ele apontando para as fotos. “São tubos especiais para acrobacias no ar, para dar *looping*.” O oficial balançava sua cabeça. O discurso treinado de Marco estava falhando; se mostrava ansioso, nervoso. A situação estava prestes a piorar. O oficial ordenou “espere aqui”; e foi buscar equipamento para abrir os tubos. Marco se deu conta: ia cair com a maior carga que já transportara na vida. A não ser que fizesse algo rápido.

Sabia que tinha apenas uma chance. Era naquela hora ou nunca mais. Não havia tempo para pensar. Ele não podia lutar, a fuga era a única esperança. O aeroporto estava em frenesi, pessoas por todos os lados, dois voos lotados da Garuda tinham chegado junto com o de Marco. Olhava desesperado de um lado para o outro, o coração disparado.

Na fração de segundo em que o oficial da alfândega se virou, Marco aproveitou a chance. Em um piscar de olhos ele sumiu, a adrenalina correndo por seu corpo e lhe dando uma fantástica agilidade, apesar de ele ser manco, para ziguezaguear, esconder-se e escorregar para fora do aeroporto lotado, intocado pela polícia. No estacionamento, pulou em um mototáxi aleatório, gritando “vamos”.

“Terminal Um?” perguntou o motorista.

“Sim, sim”, gritou Marco, se segurando no motorista enquanto ele acelerava.

Sou o David Copperfield, irmão, posso desaparecer em um minuto, é por isso que você precisa me prender. Eu posso voar sem asas.

Marco

O vento batia no rosto de Marco enquanto o motoqueiro corria pelas ruas. Ele se sentia vivo. Estava em fuga, era um foragido. Sentia-se exultante por aqueles momentos — fizera algo que ninguém jamais ousaria. Na sua cabeça, aquilo parecia um filme. Quando chegaram ao Terminal Um, pulou da garupa da moto, deu 50 mil rúpias para o motoqueiro e se jogou no banco traseiro de um táxi. “Me leva para um hotel barato”, disse ele, procurando em volta se a polícia ainda o perseguia.

Quando o motorista parou em frente ao Hotel Central Jakarta, pelo menos vinte policiais estavam em frente ao portão — sem relação com o caso de Marco, mas ele tinha que se manter invisível. “Ai, meu Deus, vamos. Me leva para um *shopping*.” Ali poderia se esconder no meio da multidão. Policiais cercavam o *shopping* também, mas ele desceu mesmo assim.

Tinha por volta de US\$ 120 e comprou roupas baratas para se trocar. Depois, passou as horas seguintes andando sem rumo, em círculos intermináveis dentro do *shopping*, sem saber o que fazer, o pânico aumentando. Pelas 23h, os longos corredores pareciam fantasmagóricos, com poucos clientes ainda perambulando. As luzes começaram a ser desligadas e as portas de metal, a serem baixadas. Não era mais o santuário da camuflagem, bem ao contrário. Hora de partir. Subiu as escadas em direção à noite e logo encontrou um táxi que o levaria a algum hotel barato.

Sem querer expor seu passaporte, guardado no bolso, ele criou uma história, disse à recepcionista que sua namorada chegaria mais tarde com sua identidade. Quando entrou no quarto, pegou uma cerveja do frigobar, sentou na cama e acendeu um baseado de Suco de Limão que trazia de Amsterdã; algo insano de se carregar quando se transporta quilos de cocaína na mala, mas sua autoconfiança despreocupada sempre o mantivera intocável — até ali.

Comprou um cartão telefônico e, de madrugada, desceu à recepção para usá-lo. Ligou para Carlino, o principal investidor dessa entrega, que pagara pelos voos, hotéis e equipamentos, e esperava em Bali por cinco quilos dos 13,7 que ele trazia. Carlino atendeu, mas se recusou a acreditar na história implausível de Marco.

Carlino me disse “Não me fode, cara. Se não trouxer minha asa-delta agora, eu te mato. Onde está a porra da droga?”. Eu disse “acredita em mim, irmão, tive um

problema”. Ele disse “Você está falando merda. Vou te matar, filho da puta. Roubou a cocaína”. “Não, acredite em mim, é verdade, irmão, a polícia pegou tudo.” Dimitrius e Carlino desconfiavam da história porque pensavam “Por que esse cara tá aqui e não a asa-delta?”. Achavam que eu tinha escondido ela em algum lugar.

Marco

Marco voltou para o quarto para se deitar, exausto, mas sem conseguir dormir, uma paranoia intensa o mantinha alerta. Aquilo tinha se tornado um jogo mortal de gato e rato.

Às 6h, vestindo a calça nova, camisa e boné da Nike, saiu do hotel. O sol ainda nascia, mas as ruas já estavam cheias. Após tomar café da manhã em um hotel cinco estrelas próximo dali, pegou um táxi até um terminal de ônibus, seguindo o conselho da recepcionista. Estava lotado de policiais. Marco chamava atenção por ser o único ocidental, mas escondeu o rosto com o boné, comprou uma passagem e embarcou, aliviado de que logo estaria com seus amigos de Bali, que o iriam ajudar. Era problema deles também.

No ônibus, Marco não dormiu, tanto pela paranoia quanto de pânico pelo modo maníaco como o motorista costurava pela estrada. Sinais de luz e buzinas se revezavam ao longo da viagem. Marco tentava permanecer calmo. Tinha de se manter atento. Um passo errado agora seria fatal. O ônibus atravessou de balsa de Java para Bali, onde houve a checagem rotineira de documentos. Marco já dera 100 mil rúpias ao motorista para que o deixasse ficar no ônibus, dizendo que estava com o pé machucado. Fingiu dormir e conseguiu escapar mais uma vez da polícia.

Três horas depois, o ônibus estava próximo do destino, o Terminal de Ônibus de Denpasar. Exausto, mas em modo de sobrevivência, Marco se aproximou do motorista. “Escuta, amigo, preciso ficar em Kuta, pode abrir a porta aqui?” Ele deu mais 100 mil rúpias. Com a palavra mágica do dinheiro, a porta se abriu e Marco pulou enquanto o ônibus desacelerava.

Seus instintos o salvaram de novo. O terminal já estava sob vigilância, com policiais distribuindo fotos do fugitivo. Eles acreditavam que Marco fugira para Bali, pois muitas das trezentas fotos de seu *book* deixado no aeroporto de Jacarta

tinham sido tiradas na ilha.

Agora em ambiente familiar, seu ego ressurgiu a pleno vapor. Passou a agir de modo bizarro, quase provocando a polícia para pegá-lo se fosse capaz. Em vez de ir direto a um esconderijo, foi de táxi a seu restaurante favorito, o agitado La Lucciola, um local caro em frente ao mar frequentado em sua maioria por ocidentais. De lá, ligou para Rafael, que investira involuntariamente nessa entrega, mas planejando não se envolver. Dimitrius, outro investidor, apareceu, assim como Ron — um amigo rico que viajara junto com Marco para servir como cavalo de apoio em sua chegada. André, seu parceiro no aluguel de Amsterdã, também veio, mesmo sem ser investidor daquela entrega.

Marco esperava os amigos sentado a uma mesa exposta, com seu boné rosa e branco da Nike e óculos escuros. Ele estava agitado, como era típico, indiscretamente se levantando da cadeira e voltando a se sentar; andando de um lado para outro com uma taça de vinho na mão, ia até a pequena passarela que levava ao estacionamento para ver se os amigos tinham aparecido. Assim que os viu, correu até eles.

Ele estava feliz como uma criança. “Ei, pessoal, ninguém me pega. Sou o Mad Max, o David Copperfield, ninguém me pega. Sou o cara.” Dimitrius, o grego, estava puto da cara. “Que porra é essa, cala a boca. Está maluco, cara? Deixou cocaína lá. O Ron me falou que você cheirou cocaína no voo. Que porra está fazendo com meu dinheiro? Você perdeu todo o dinheiro da operação e agora a polícia está te perseguindo. Você é muito burro.” Ele estava muito bravo. Todos estavam, sabe? Eu, Rafael, o Grego, todos estavam putos, porque não é uma situação feliz, mas Marco estava feliz. “Oh, Mad Max, blablablá.” Mad Max estava feliz.

André

Levaram Marco para o carro e mostraram o jornal do dia. “Isso é real, irmão, esse é o *Jakarta Post*”, disse Dimitrius, apontando. “Dá uma olhada... Marco Archer Moreira, o porra do traficante de drogas brasileiro, na capa. Olha isso!”

Um piloto de asa-delta brasileiro tentou entrar com 13,7 quilos de cocaína pelo

Aeroporto Internacional Sockarno-Hatta em Tangerang no sábado à tarde, mas conseguiu escapar. Seu paradeiro é desconhecido, mas oficiais tributários e da alfândega suspeitam que Marco Archer Moreira tenha fugido para Bali. Esta é a maior tentativa de contrabando de cocaína no país este ano. Se condenado, ele pode receber a pena de morte.

Jakarta Post, 4 de agosto de 2003

Quando viu o jornal, ele percebeu que estava com problemas. Nessa hora se tocou como o problema era grande, “pô, não posso ficar no La Lucciola”, mas após alguns segundos voltou a ser o mesmo cara burro de sempre. “Ah, então vou para Lombok. Carlino vai me ajudar.” Carlino era o italiano que tinha encomendado a maior parte da cocaína. Ele estava puto, porque todo mundo sabia que Marco estava usando drogas enquanto trazia.

No avião?

Idiota. Todas as vezes ele cheirava, até no avião, não é normal. Chama a atenção. O Marco estava muito, muito chapado de cocaína quando foi pego. Sei disso porque ouvi umas dez vezes o Samuel falar. Chegaram juntos. Se o Marco estivesse um cara normal, não teria problema, mas estava muito nervoso e isso chamou a atenção da polícia. Se fosse profissional, teria passado fácil, fácil. Totalmente burro. Estava levando dinheiro, milhões de dólares, e ficava usando droga. Não faz sentido. Dá para imaginar que conseguiu fugir?... É tão louco, um cara manco daquele jeito, como conseguiu escapar do aeroporto?

André

Apesar da fúria geral, era regra do jogo ajudar um cavalo que caía, especialmente um amigo. Dimitrius levou Marco para a casa de Carlino. Carlino estava fumegando, rapidamente começaram a discutir sobre o porquê de Marco ter sido pego. O custo da entrega fora de US\$ 40 mil, mas o grande problema era a perda dos lucros gigantescos que teriam. André abandonou o barco; não era problema dele, pra começo de conversa, pois não era um investidor da entrega. Carlino, no

entanto, tinha de se assegurar que Marco não o delatasse se fosse pego. Levou-o até um hotel simples em Sanur e mandou que ficasse escondido. Nos dias seguintes, Carlino o visitou com notícias e suprimentos. Com sua hiperatividade típica, Marco ficou rapidamente entediado. Várias vezes, após pintar seu cabelo de vermelho e seu rosto com protetor solar colorido, ele desceu para esticar as pernas no saguão do hotel e assistir TV. Descobriu que era o assunto do momento quando viu seu rosto aparecer na tela.

Não era surpresa. Ele tinha sumido, durante um alerta de bomba, por baixo dos narizes de dezenas de policiais e agentes de alfândega rubros e claramente ineptos. Era esperado que a segurança fosse extremamente rígida, mas falhou em capturar um homem manco de quarenta e dois anos. Era uma história internacional absurdamente vergonhosa, e os indonésios estavam humilhados. Isso custaria alguns empregos e agora era questão de honra. Queriam Marco enquadrado, especialmente após abrirem os tubos da asa-delta e encontrarem 13,7 quilos de pó. Passaram a perseguir o traficante com um empenho sem precedentes.

Oficiais tributários e de alfândega fecharam o acesso a todos os portos e aeroportos do país em um esforço para encontrar Moreira, que continua foragido. O chefe de tributos e alfândega do aeroporto Sockarno-Hatta, Jusuf Indarto, disse que Moreira não era apenas um entregador, mas parte de uma quadrilha internacional de tráfico. “Ele é um atleta brasileiro”, disse ele mostrando a foto de Moreira em um jornal do Brasil.

Jakarta Post, 6 de agosto de 2003

Despistar a polícia teria sido bem mais fácil se Marco não tivesse deixado seu *book* profissional para trás. Isso deu aos policiais acesso a centenas de fotos dele e de seus amigos, possibilitando-os de seguir a trilha fotográfica e fazer operações em seus lugares favoritos — o clube, o Bali Village, as pousadas dos amigos — e interrogar pessoas, fazendo a busca por Kate Osborne, dois meses antes, parecer coisa de criança.

Após três dias no hotel, Carlino falou para Marco que era hora de se mudar. “Marco, a coisa está quente aqui, você tem que ir embora. A polícia tem fotos em

todos os cantos.” Eles decidiram abastecer o luxuoso catamarã de Carlino com comida para que Marco velejasse até o Brasil.

Mas o filho da puta do Carlino não quis abrir mão do barco. Eu estava pronto para velejar da Indonésia até o Brasil e ele mudou de ideia. Eu disse “irmão, não esquece de mim, vão me dar pena de morte, cara”. Mas ele não queria que o barco fosse para o Brasil; queria que ficasse em Bali, para as mulheres e tudo o mais. O barco é foda, vale US\$ 250 mil. Gigante. Fantástico.

Marco

Marco continuou a se comportar de modo bizarro. Ele estava assustado, mas tinha uma confiança fatalista de que tudo ficaria bem; ele já desafiara as probabilidades durante anos, inclusive vencera a morte por duas vezes. Desta vez, porém, seu senso de invencibilidade era uma ilusão. Estava sendo desleixado, como se aquilo fosse um jogo que ele pudesse se dar ao luxo de perder.

Marco estava muito, muito calmo. Não se tocava que sua vida corria perigo. Para ele, era só mais uma aventura.

Como ele podia não perceber o perigo?

Após o acidente, Marco ficou um pouco maluco. Ele pensava “Sou imortal. Se não morri no acidente de asa-delta, nada vai me matar”. Repetia isso dez mil vezes, “vi a morte de perto, mas a morte não consegue me pegar”. Ele é burro, sabe? Não tem nenhum plano. “Vou para Lombok.” Não se tocava como a situação era perigosa. Se percebesse por alguns segundos como sua situação estava quente, não teria ficado na praia fazendo churrasco.

André

Ele não tinha um plano, inventava enquanto fugia; fez uma série de movimentos irregulares — pagava nativos para pular de ilha em ilha em seus barcos e encontrar lugares aleatórios para dormir — que tiravam a polícia de sua cola, mas que deixavam muitas pistas.

Fugi de moto, de carro, moto de novo, barco, o Samuel veio comigo. Ele foi uma vez para Bali para buscar dinheiro, maconha, comida. Na segunda vez, já estava muito perigoso, foi buscar meu passaporte, mas tinha sumido. Um amigo queimou meu passaporte. Ele estava com medo. Eu sou burro, você sabe, fugi do aeroporto — ninguém faz isso —, mas fiz a besteira de confiar e deixar meu passaporte com o Dimitrius e ele o queimou.

Marco

Todos os traficantes sentiam o clima quente em torno de Marco. Pessoas próximas a ele estavam aterrorizadas de serem ligadas ao caso, especialmente os investidores. Dimitrius tinha concordado em guardar o passaporte de Marco, mas com as constantes operações policiais, ficou com medo de ser flagrado com o documento. Tentou passá-lo para Rafael, depois o queimou.

Ele me mostrou o passaporte. Eu disse “cara, leva isso para longe de mim, esse passaporte está muito quente”. Ele disse “o Marco me disse para queimar”. Eu disse “Não queima, cara, fica com ele, talvez ele precise para escapar, mas eu não quero saber. Tchau!”.

Rafael

Marco adotou uma identidade falsa de Sr. John Miller, um turista meio mexicano, meio californiano. Junto com seu fiel amigo e cavalo Samuel, alugaram bangalôs em Nusa Lembongan, uma ilha perto de Bali, e passavam os dias surfando, grelhando peixe e lagostas na brasa, bebendo vinho branco e cerveja e usando cocaína e prostitutas, cortesia dos US\$ 3 mil e um pacote de pó que Carlino lhes dera.

Após alguns dias, Marco sentiu que era hora de mudar de esconderijo. Alugou um pequeno barco por meio de um menino balinês, Roni, que tinha virado amigo deles, e cruzaram para Gili Trawangan, uma ilha próxima dali. Tentando diminuir os rastros que deixavam, alugaram imediatamente um novo barco e foram para Scar Reef, um famoso ponto de surfe, na ilha de Sumbawa. Roni não foi, mas sabia do plano deles — o que, de certa forma, minava toda a estratégia. Chegando lá, passaram mais tempo surfando, bebendo e usando cocaína. E

também escolheram uma prostituta de um bordel local para passar alguns dias no bangalô com eles.

Em ligações regulares para Carlino, Marco se mantinha informado sobre os passos da polícia. Apesar de suas bravatas arrogantes, começava a se sentir doentamente paranoico. Nenhum nível de autoconfiança ou de pó poderia imunizá-lo contra a arrepiante realidade de ter em seu pé, caçando-o como um cão, centenas de militares armados e investigadores policiais. Fazia dias que não dormia.

Mas, longe de tentar ficar invisível e se camuflar na massa de turistas, o extrovertido Marco logo tinha vários amigos nativos acenando e chamando “Olá, John, *como estas, amigo?*” sempre que passava com seu grande sombreiro mexicano. Após oito dias, o mar ficou sem onda e Marco decidiu que era uma hora tão boa quanto outra qualquer para que Samuel fosse de barco a Bali buscar suprimentos. Também sentiu que era hora de se separarem um pouco, já que seu *book* profissional trazia dezenas de fotos dos dois juntos em Bali e no Peru.

Um dia depois de Samuel partir, Carlino ligou com um alerta vermelho, “Saia da ilha agora. A polícia já está em um barco indo até aí”. Marco desligou e, agindo rápido, pagou a um garoto local para levá-lo de moto até a marina. Tinha escapado de novo; era abençoado, charmoso, invencível, e logo estava confortavelmente sentado em um barco, bebendo cerveja gelada sob o sol quente, com seu sombreiro, enquanto um velho sem dentes o levava para a Ilha Moyo, como aconselhado por Carlino.

Horas depois, com o sol se pondo, ainda não havia sinal da ilha. O velho parecia estar navegando em círculos. Marco fora informado de que ficava a apenas quinze quilômetros de Sumbawa, e começou a ficar preocupado. Finalmente, então, viram algumas luzes.

Enquanto o velho arrastava o barco até a areia, diversos seguranças e o gerente australiano de um *resort* se aproximaram bruscamente. Ainda com seu sombreiro, Marco perguntou se podia alugar um quarto barato. Não, não podia. Nessa pequena ilha de reserva natural, só havia um lugar para se hospedar — o luxuoso *resort* cinco estrelas Amanwana, composto de vinte tendas elegantes e com ar-condicionado. O local era apenas para turistas classe A, que gastavam milhares de dólares por dia em férias ultrassofisticadas, chegando e saindo de hidroaviões Cessna C-208 privados.

O gerente australiano informou que o quarto mais barato custava US\$ 800 por noite. Marco sabia exatamente onde tinha caído. Ficara uma vez em um dos três *resorts* Aman de Bali, pagando por volta de US\$ 1 mil pela diária.

Naquela noite, porém, ele decididamente não poderia pagar tanto, mas o gerente ofereceu uma cama em um bangalô para empregados ao lado do *resort*. Marco deu seu nome — Sr. John Miller — e se arrependeu na hora do erro.

Uma hora depois, ele estava deitado em uma cama limpa e confortável, mas não conseguia dormir. Sabia que não deveria ter usado o nome John Miller — a polícia já o conheceria, a esta hora. Revirou-se a noite inteira e ao nascer do sol estava acordado, de pé com suas malas na praia, esperando o barco de pesca que iria buscá-lo. Tinha feito a reserva na noite anterior com um garoto local. Ficou aliviado quando viu o barco a distância e acenou. Era tarde demais para correr quando percebeu seu erro. O barco estava cheio de policiais, todos com armas em punho, prontos para atirar se ele fizesse um só movimento.

“Então, Marco... pegamos você”, brincou um dos policiais enquanto apontava uma arma para suas pernas. “Vou enfiar uma bala em cada uma das suas pernas. O chefe do aeroporto que me pediu.” Era algo usual que a polícia indonésia fazia com os nativos, geralmente justificando que o suspeito tentara fugir.

Marco tentou pensar rápido. “*Tunggu sebentar* [Espera um minuto], chefe, já estou machucado.” Levantou a camisa mostrando as cicatrizes terríveis de seu último acidente. Implorou para que não atirassem. Jurou que contaria tudo.

Certamente não a compaixão dos policiais, mas a centena de testemunhas locais que se aproximava, foi o que impediu os tiros naquela manhã. Em vez disso, a polícia algemou Marco e amarrou suas pernas e braços, garantindo que David Copperfield não tivesse a menor chance de, desta vez, fazer seu truque de desaparecimento.

Enquanto as ricas areias da Ilha Moyo sumiam a distância, os policiais começaram a abrir as escotilhas do barco, e foram surgindo as cabeças das pessoas que eles haviam prendido para chegar até ele. O menino balinês Roni tinha sido brutalmente espancado e falara tudo o que sabia, possibilitando à polícia chegar até Sumbawa. Ali, vários nativos falaram abertamente sobre o carismático Sr. Miller e a polícia logo encontrou o garoto que levava Marco à marina na noite anterior. Na marina, prenderam também o velho desdentado assim que ele ancorara o barco. Nenhum deles tinha tido a mais ínfima suspeita

de estar ajudando e abrigando o homem mais procurado da Indonésia.

Em todo lugar que a polícia chegava, encontrava esses caras, espancava e trancava no barco até encontrar Marco na praia.

Rafael

Durante a viagem de volta até Sumbawa, Marco foi informado de que causara embaraço e fúria agudos, e a demissão de muitos oficiais. Sua história era manchete nacional, com as pessoas acompanhando ansiosamente a caçada; até mesmo os presidiários acompanhavam. Após ver sua foto no jornal, uma mulher na Penitenciária Kerobokan, apelidada de Monstro Negro, afirmou que Marco era pai de seu filho — embora o bebê tivesse sido concebido com um preso escocês através das barras de sua cela.

Agora, enquanto se aproximavam da marina, policiais e curiosos se amontoavam em volta do barco que trazia o famoso fugitivo e seus comparsas suspeitos. A polícia, de arma em punho, tirou Marco da embarcação e o levou através da multidão até um Kijang preto com película escura nos vidros — e com quatro homens armados no interior.

O menino Roni sentou ao lado de Marco e, durante a viagem, perguntou por que ele mentira; se soubesse a verdade, poderia ter escondido Marco tão bem que a polícia nunca o acharia.

Pegaram uma balsa até outra ilha, Lombok. De novo, uma multidão de curiosos e policiais esperava no porto. Não era todo dia que pegavam um peixe tão grande. A polícia vendou Marco e colocou um capuz preto em sua cabeça. Ele estava aterrorizado, não fazia suas usuais gracinhas, pois ignorava que tortura estava por vir. Roni, ainda ao seu lado, tentava acalmar o amigo ansioso. Chegando ao destino, Marco foi levado a um hotel cinco estrelas e algemado à cama. Quando retiraram o capuz e a venda, viu uma dúzia de policiais espalhados no quarto segurando submetralhadoras, com um fluxo contínuo de outros entrando e saindo para dar uma olhada no famoso fugitivo.

O interrogatório implacável durou três dias. Acusavam Roni de ajudar o fugitivo a se esconder. Marco continuava dizendo que o menino não sabia de nada, e pedindo que o deixassem ir. A polícia também tentava localizar o outro homem que locais diziam ter visto, Samuel, o amigo do Sr. Miller. Mas, após a

prisão de Marco, Samuel fugira voando de Bali até a Ilha Batam, de lá para Singapura e depois, livre, para casa. Marco estava feliz por o amigo estar seguro, mas agora se sentia realmente solitário.

Durante o interrogatório, foi tratado surpreendentemente bem; cercado por armas, mas com água e comida à vontade do serviço de quarto — pedindo sempre camarão, *nasi goreng* [arroz frito] e cervejas. Diferentemente de Alberto, Marco procurava cooperar, usando seu dom de oratória para responder com prazer e educação às infindáveis perguntas, contando histórias de sua viagem de barco pela Amazônia e confessando o nome de seu chefe — o californiano John Miller, que, infelizmente, tinha sumido.

Criei uma história profissional. Disse que o chefe era John Miller, o grande traficante dos Estados Unidos. Eu não podia falar o nome do meu chefe de jeito nenhum, porque ele era o único que me ajudava. Se eu o denunciasse, quem iria me ajudar? De jeito nenhum, cara. Precisa atirar em mim pra conseguir que eu fale o nome.

Marco

John Miller é um nome falso. John Miller não existe. John Miller é Samuel e Carlino e Marco, porque os três eram os chefes. Usaram o nome John Miller porque Miller é uma cerveja no Brasil, uma cerveja americana.

André

Três dias depois, Marco foi de novo transferido em um comboio policial de volta a Bali e algemado em outro quarto de hotel — dessa vez, no centro de Kuta. Foi finalmente acusado por tráfico de drogas sob a lei número 22/1997 sobre narcóticos — que implica pena de morte por fuzilamento se condenado — e enviado para a Penitenciária Tangerang, perto de Jacarta, para aguardar o julgamento.

Três dias após a fuga de Marco, enquanto ele ainda se escondia em Bali, uma bomba explodiu em Jacarta. Um indonésio de vinte e oito anos dirigira um Toyota Kijang pela pista de táxis até o JW Marriott Hotel e detonara a bomba em frente à entrada. Doze pessoas morreram, incluindo ele próprio, e outras 150

ficaram feridas. Seis dias mais tarde, a organização terrorista al-Qaeda assumiu a responsabilidade pelos ataques, dizendo que o atentado fora “um tapa fatal na cara dos Estados Unidos e seus aliados na muçulmana Jacarta, onde a fé estava sendo maculada pela presença suja de americanos e australianos”. A polícia havia recebido uma pista de um terrorista preso duas semanas antes do atentado, e essa fora a razão da segurança reforçada no aeroporto. Marco fora, por acaso, só mais uma vítima indireta.

Mesmo assim, seus parceiros em Bali ainda o culpavam por ter sido pego, alegando que seu uso de cocaína durante o voo o fizera ficar nervoso, inquieto e altamente suspeito.

Seu destino estava agora nas mãos da justiça, e a decisão viria dentro de um ano.

CAPÍTULO QUINZE

DESTINOS

Enquanto a nuvem negra da morte pairava sobre Marco, ele se mantinha de bom humor e brincalhão na cadeia, regalando os demais detentos com histórias de sua fuga mágica, mas esperançoso de ver Carlino fazer mágica também, encontrando um bom advogado e uma brecha na lei. Naquele momento, Carlino se mantinha distante; as coisas estavam quentes e perigosas, mas ele logo tentaria colocar em prática um plano para salvar a vida do amigo.

Em Bali, a prisão do carismático rei do Suco de Limão tinha paralisado momentaneamente os negócios. O fato mexeu com os traficantes, pois todos eles o conheciam bem, e muitos tinham investido na entrega.

Involuntariamente, até Rafael tinha apostado na entrega fatal de Marco, influenciado cegamente por seu intermediário. Rafael começara a usar um policial brasileiro corrupto, amigo de infância de André, para colocar dinheiro em certos projetos. O policial voava frequentemente para Bali levando cocaína confiscada em apreensões no Brasil. Daquela vez, tinha encontrado com Marco no Rio e, ao ser informado da entrega, investiu no cavalo. Consciente de que Rafael se recusava a trabalhar com Marco após a trapaça com o *ecstasy* no Japão, não falou nada.

Meu intermediário não me falou que era com Marco, porque sabia que eu ia dizer “não trabalho com esse filho da puta”. E, após a merda ser apreendida em Jacarta, ele diz “desculpa, perdemos a grana”. Eu falei “Hã?... Por quê?” e ele diz “eu financiei o Curumim; estávamos juntos na entrega dele”. Eu disse “Você tá maluco, cara? Por que deu dinheiro para esse otário? Ele não sabe o que faz, está sempre drogado. Por isso foi preso, porque estava drogado no voo”.

Esse foi um projeto ruim. Gente demais estava envolvida. Umas vinte pessoas colocaram dinheiro e muitas sabiam que a merda estava vindo, porque o Curumim falava demais no telefone com todo mundo, cagada totalmente

amadora; não planejou, usou cocaína e fez tudo na loucura. Fodeu tudo. Eu acho que ele estava chapado, se comportou mal. Eles suspeitaram e aí ele correu.

Rafael

Rafael tinha acabado de receber dois quilos de uma entrega, mas os guardou; estava muito quente para nevar em Bali.

Era sempre assim; quente e frio, quente e frio, mas na verdade eu tinha acabado de receber dois quilos quando Marco foi preso. Estávamos comemorando o sucesso e, de repente, o Marco aparece na TV. “Ah, merda, meu Deus, porra, a polícia vai vir para cima de todos nós.” Um amigo me disse para vender rápido. Eu disse “Não, vou guardar essa merda, esconder, esperar algumas semanas e aí vendemos. Não vamos vender nada agora, esquece”. Mas fomos cuidadosos pra vender a porra porque ninguém queria fazer nada. Todos diziam “está quente demais, está quente”.

Rafael

Rafael estava levando cada vez mais droga do Brasil para Barcelona e Amsterdã, onde tinha compradores, e para a Suécia, terra natal de sua mulher. Em Bali, o jogo agora era de táticas furtivas. Ele estava sobrevivendo com base em seus instintos, se movimentando com cuidado, congelando as ações quando ficava quente, esperando, e então recomeçando quando a área estava limpa, mas sempre com discrição. Algumas vezes ele notava pessoas disfarçadamente perseguindo sua moto, ou policiais à paisana rondando sua casa, e então se escondia.

Eu ficava quieto, não saía; acordava às 6h, surfava, voltava para casa, almoçava, surfava de novo, dormia cedo; acordei cedo por vários meses.

Rafael

Na época da prisão de Marco, Rafael viu outros amigos serem pegos em Bali. Um deles, Ruggiero, um surfista brasileiro, estava vendendo para ele e para André quando Rafael recebeu uma ligação urgente de Chino, “fala para seu

amigo Rock que ele vai ser preso”.

“O quê? Por quê?”

“Só fala isso — rápido.”

Apelidado de Rock’n’Roll, Ruggiero vendia pequenos pacotes de cocaína, comercializando a droga de Rafael no varejo por preços altos para estrangeiros residentes ricos e mantendo um pequeno estoque escondido em um quarto de hotel barato. Era um traficantezinho, um intermediário, mas suas vendas financiavam seu surfe e seu estilo de vida *playboy*. Com poucas pessoas agora dispostas a se arriscar na venda miúda, era a vez do latino de cabelo escuro e fala rápida. Conseguira vários clientes, incluindo alguns de Alberto, e estava ocupado vendendo, surfando e cheirando, assim como tentando montar um negócio legítimo de aluguel e vendas de pousadas de luxo.

Todos sabiam que esses caras estavam caindo como pedras de dominó, então, quando o outro cara (Alberto) foi preso, o Ruggiero aproveitou. Só tinha um burro na época com coragem suficiente para fazer isso; era lucrativo, mas mais quente que o inferno. Ele estava fazendo bastante dinheiro, mas preparando a própria cova.

Gabriel, surfista americano

Apesar de estar quente, Rock’n’Roll se mantinha *blasé*, ostentando maços gigantes de notas para os amigos. Uma noite, mostrou a Rafael US\$ 10 mil em dinheiro. “Eu disse ‘Cara, tá maluco? Para, Ruggiero, vai com calma. Guarda o dinheiro em um cofre; por que está mostrando para todo mundo, seu louco?’” Ele dirigia bêbado, aos berros, com pó ou haxixe nos bolsos, frequentemente cheirando cocaína nos balcões de lugares como Ku De Ta, tão abertamente que todos os seus amigos o avisavam para tomar cuidado.

Um dos clientes de Ruggiero, o surfista americano de ondas gigantes Gabriel, tinha visto seus traficantes anteriores serem presos, inclusive Alberto. Fazia anos que vinha para Bali em todas as temporadas de surfe, comprando de Rafael, depois de Alberto e agora de Ruggiero. Também não era bom moço, usava drogas e, com sua bermuda Quiksilver florida e sem camisa, acelerava de moto pela ilha bebendo cerveja Bintang. Ele com frequência também trazia maconha

escondida na cueca no voo de Los Angeles para Bali, sempre subornando com US\$ 200 um oficial da alfândega para não ser revistado.

A gente simplesmente escondia na cueca e cruzava os dedos. Mas tínhamos um cara lá... Eu ia para o escritório dele, pagava uns duzentos dólares e saíamos sem sermos revistados. O truque é o dinheiro.

Gabriel

Embora corresse os próprios riscos, Gabriel sentia que seu traficante e amigo Ruggiero estava exagerando, agindo perigosamente como se fosse o Scarface de Bali.

Eu ficava um pouco com medo de estar perto dele, sabia que ele sempre levava um pacote gordo no bolso e eu podia me dar mal só por estar do lado. Fui para a casa dele uma vez e ele estava pesando a merda; tinha um quilo de cocaína e estava dividindo em pequenos pacotes de um grama, centenas deles, e eu pensei “Meu Deus!”. Simplesmente virei e fui embora. Ele parecia maluco, fazia bem ali — sabe, sem nem esconder nem nada —, só colocava uma toalha por cima... Estava quente pra caralho.

Então mantive distância. Ele estava muito solto, dirigindo por aí no meio da noite com cinquenta pacotes de pó.

Cinquenta pacotes?

Ele tinha pacotes em abundância. Era o cara do momento que fornecia para todo mundo; era o único que tinha, e queria ter tudo pronto, para poder sair pras ruas e vender sempre que alguém pedisse — “aqui está”, tipo loja de conveniência.

E você o via tirando a droga do bolso?

Sim. Eu dizia “você perdeu a cabeça”, chacoalhava ele pelo braço. “Você vai ser preso.” Mas ele continuava chamando atenção para si, totalmente bêbado e falador, cheirando carreiras na porra da mesa do jantar.

Você viu isso?

Sim, ele não escondia, fazia sempre que saíamos para jantar. Agia estilo Scarface. Eu tinha visto todo mundo cair; tinha visto três caras antes dele que estavam fornecendo pra cidade, e eles foram presos e as pessoas falavam que ele iria ser pego, mas ele parecia não ouvir ou não se importar.

Gabriel

Após a ligação de Chino, Rafael correu até a casa de Ruggiero para passar o aviso.

“Ruggiero, toma cuidado, cara. O Chino disse que estão procurando por você.” Mas ele desprezou o conselho.

“Cai fora, eu sou um cara da rua, você é um homem de família. Eu sei o que estou fazendo, cara; você só está paranoico.” Rafael foi embora com um mau pressentimento. Chino não disparava alertas gratuitos. Chino também alertou André, que saiu correndo para avisá-lo.

Peguei minha moto e fui para a casa do Ruggiero com a minha namorada. Quando cheguei, ele estava sentado ao estilo Ruggiero, de pernas abertas e coçando o saco, eu disse “vim te falar que o Chino disse pra você tomar cuidado”. E ele respondeu “não ligo se a polícia vier aqui — eu vou chutá-los pra fora da minha casa”.

André

No dia seguinte, após assistir a um lindo pôr do sol em um bar na praia de Seminyak, Ruggiero subiu na moto. Esse era o último pôr do sol que veria por um bom tempo. Duas motos com quatro homens subitamente bloquearam seu caminho e, em poucos segundos, policiais pularam das motos e saíram de um carro, cercando-o e gritando “polícia, polícia”. Empurram-no contra o carro, algemaram suas mãos atrás das costas e o revistaram, encontrando um pote plástico com haxixe em seu bolso. Ruggiero, em choque, observava os policiais rindo e se abraçando. Seguraram o haxixe em frente ao seu rosto provocando, “Está vendo? O que é isso? Você vai para a cadeia”.

Caí do paraíso ao inferno em um piscar de olhos.

A polícia já sabia onde ele escondia a droga, e foram todos para o hotel, onde alegam ter encontrado 146 gramas de haxixe, quarenta e três gramas de cocaína e uma pílula verde de *ecstasy* — embora Ruggiero tenha contestado essa versão durante o julgamento, dizendo que as quantidades eram muito menores.

Na manhã seguinte, às 9h30, o traficante argentino de haxixe Frederico estava sentado no Yopa Café em Legian com sua namorada israelense Hanna, fazendo uma entrega. Enquanto Hanna pedia um café e um chá, Frederico caminhou até o banheiro. Sentiu que algo estava errado. De repente, quatro homens o cercaram. Era uma armadilha, um pesadelo inacreditável. Frederico perdeu a cabeça, derrubou um policial e arremessou a droga por cima da parede. No segundo seguinte, estava imobilizado no chão.

Hanna assistia a tudo em choque. Na rua, um trânsito começou a se formar, com motos parando de modo abrupto e interrompendo totalmente a circulação; uma multidão se juntava para assistir àquela ação matutina — um homem grande sendo imobilizado no chão por outros três, e um quarto escalando a parede para recuperar o pacote, que continha 301 gramas de haxixe. Como aranhas, esses policiais tinham tecido uma teia e capturado sua presa. Os traficantes já suspeitavam de quem os ajudara.

A notícia se espalhava rápido quando alguém era preso. André recebeu uma ligação pedindo que ajudasse seu fornecedor Ruggiero, mas dispensou. Já tentara ajudar, mas seus esforços tinham sido displicentemente ignorados, na época, como uma tolice pueril. Agora era tarde demais e seu altruísmo também se esgotara.

Recebi uma ligação, “oh, o Ruggiero, Ruggiero foi preso, você precisa ajudar”. Eu disse “Eu sabia havia dois dias. Fui avisá-lo, agora não quero mais ver esse merda. Não quero enviar dinheiro, não quero ajudar. Ele teve sua chance. Esse caso pra mim é uma estupidez, desculpe, não ligue de novo”. Se alguém diz “fuja, porque amanhã você vai ser preso”, você precisa ouvir; a gente não brinca. O cara era simplesmente muito, muito arrogante.

André

Rafael também se negou a ajudar quando ficou aparente para ele que Ruggiero tinha delatado Frederico para tentar se salvar. Ele negou, mas os traficantes tinham certeza e a própria polícia divulgou para a imprensa.

Ruggiero revelou sua rede de contatos, que também envolvia Frederico Vieyra Garcia, 24, da Argentina.

Jakarta Post, 16 de julho de 2003

É por isso que tenho um probleminha com o Ruggiero. Quando ele foi preso, entregou o argentino. Ruggiero era para ter sido liberado, mas, no fim, se fodeu também, os dois foram para a prisão. Sorte dele que o Frederico era um cagão. No Brasil, ele estaria morto.

Eu devia ter ajudado mais ele, mas não ajudei por causa disso. Não acho justo. Para nosso grupo, foi um pouco triste, não demos muito apoio para ele depois disso. A gente era bons amigos, mas quando ele fez isso meus sentimentos mudaram completamente... Eu estava puto com ele, mas triste também.

Rafael

Agora, Ruggiero, Alberto e Frederico estavam todos juntos na Penitenciária Kerobokan e, como muitos prisioneiros, tentavam rapidamente fechar um acordo. Frederico conseguiu, pagando, que sua pena de cinco anos fosse reduzida para dois, o número simplesmente foi alterado no papel entregue à penitenciária.

Ruggiero não teve a mesma sorte. A notícia de que era um delator se espalhou, com todos certos de que ele, além de Frederico, tinha tentado entregar outros, como uma estrangeira residente rica que era sua cliente regular. Aparecera de repente em sua casa com um pouco de cocaína e, embora ela não tivesse dinheiro para pagar na hora, ele atipicamente fez a entrega a crédito. Após Ruggiero ir embora, a garota sentiu que era armação e jogou a droga no vaso sanitário. Trinta minutos depois, a polícia batia à sua porta.

A garota pra quem ele tentou armar, ela é uma princesa, é de uma família real de algum lugar da Europa, é bem importante e bem conectada com muita gente rica

e poderosa de Bali também, e todos ficaram putos. E todos pensaram “ok, foda-se esse cara, vai ter que pagar pelo que tentou fazer”. Ele fez exatamente o que a gente cresce sabendo que é a pior coisa que alguém pode fazer...

Todo mundo estava puto que ele tinha tentado entregar algumas pessoas, ninguém queria mais ajudar. Todo mundo pensava “foda-se ele, tomara que queime no inferno”. E muita gente fez o que pôde pra foder o caso dele ainda mais.

Ele sabe disso?

Sim, sabe. É por isso que pegou uma pena tão grande por tão pouca droga. Se ele se comportasse como eu me comportei quando fui preso, teria pego três ou quatro anos, com certeza. Mas tinha muita gente dizendo para a promotoria e para os juízes “não ajude esse cara”.

Os promotores ouviram?

Sim, se você tem gente chegando e dizendo “se ajudar esse cara, vamos denunciar no Corruption Watch”, a situação fica delicada. Então nesse caso não teve acordo.

Alberto

O advogado de Ruggiero vinha prometendo conseguir uma pena de seis meses por 300 milhões de rúpias (US\$ 43 mil), mas, na véspera de seu julgamento, com o pagamento já feito, o advogado trouxe más notícias.

Ele veio me ver pouco antes de eu ouvir minha sentença e disse “ouça, temos um problema”. Eu disse “você me prometeu seis meses”. Ele disse “eles não querem mais o dinheiro e até estão considerando prisão perpétua”. Eu disse “O quê? Desculpa, pode repetir isso?”. Ele disse “prisão perpétua”. Senti o chão tremer.

Ruggiero

A pena foi de onze anos — drástica se comparada com outras como a do inglês

Steve Turner, que pegara três anos por oito mil pílulas de *ecstasy*, ou as de Alberto e de Frederico, de dois anos cada.

*

Pouco tempo depois, o surfista americano de ondas gigantes Gabriel, cliente de Ruggiero, se juntou a eles na Penitenciária Kerobokan. Integrante da turma festeira, tinha assistido a seus amigos serem presos. “Por isso que me surpreendi, estava testemunhando toda a merda de perto.” Vivia seguindo as ondas do Haváí ao Taiti, Bali e Austrália, onde até noivara, uma vez. Mas, no último ano e meio, fixara-se em Bali, planejando começar um serviço de armazenamento de pranchas de surfe com o irmão. Estivera com Marco dias antes de sua viagem fatal e vira Ruggiero, Alberto e Frederico caírem, como se fosse algum tipo de filme de terror.

Marco era outro desses caras tipo Scarface — ele extraía um tipo de fama e de glamour da coisa toda. Era uma imagem com a qual eu não concordava. Marco é um cara muito bom, sensacional, mas tinha uma mentalidade burra — “ninguém me pega” — e todos esses caras circulavam por aí como Tony Montana.

Gabriel

Uma tarde, saindo de uma pousada de luxo perto da Penitenciária Kerobokan e prestes a subir em sua moto, três homens se aproximaram dizendo que tinham um mandado para revistar seu quarto. Inicialmente, Gabriel não acreditou que eram policiais.

Um cara apontou para a camiseta, onde estava escrito “Polícia”, e disse “eu, polícia” e eu disse “Posso comprar uma dessas em Kuta. Não me importa o que está escrito na camiseta”. Outro cara vem e “veja, tenho isso, um distintivo”. Eu disse “isso dá para comprar também”. Então vem um terceiro e mostra uma arma e pensei “ok, talvez sejam da polícia”. Eu não queria acreditar. Eu não era traficante; não vendia drogas como o Ruggiero. Não queria deixá-los entrar só porque tinham camisetas da polícia, mas o velho balinês sogro do dono da pousada me convenceu. Ele disse “são policiais de verdade e esse é um mandado de verdade e eles vão revistar seu quarto”.

Eu os mantive do lado de fora por meia hora. Estava preocupado que fosse uma armação. Sempre tinha esse pensamento na cabeça: “não mexa com a polícia, eles podem te incriminar, podem fazer o que quiserem”. E estava pensando “não quero esses caras no meu quarto, talvez um baseado ou outra coisa caia do meu saco de golfe, alguma besteira”. Simplesmente não queria que eles entrassem. Eram sete, um chefe e seis com roupas normais, e entraram todos ao mesmo tempo. E fizeram a busca todos ao mesmo tempo.

Gabriel

Enquanto a polícia revistava seu quarto, remexendo suas roupas, malas, armários, gavetas, guarda-louças e até embaixo da cama, ele observava contrariado, mas calmo. Mas toda vez que eles tocavam sua impressionante coleção de vinte e duas pranchas de surfe, ele estremecia imperceptivelmente, ficava tenso, segurava a respiração, consciente de que estavam chegando perto. Procuravam entre as pranchas, ficava quente, mais quente, pelando e então... Foram embora — até a próxima vez. Tinham chegado tão perto. Em um bolso de velcro da corda que segura a prancha ao pé, Gabriel escondia sua cocaína para uso pessoal e, talvez, duas ou três pílulas de *ecstasy*.

Enquanto procuravam, pegaram as pranchas nas mãos umas dez vezes, e em cada uma eu ficava “oopa, ai meu Deus”. Eu pensava que poderiam encontrar, mesmo achando que, provavelmente, não iam nem ver. Mas fiquei preocupado.

Gabriel

O chefe o levava algumas vezes para fora, fingindo-se de bonzinho, falando “queremos te ajudar; mostra onde estão as drogas”. Após seis longas horas e nenhuma droga, um outro policial o levou para fora para tentar a mesma estratégia. Assim que voltou para dentro do quarto, o chefe sorriu para ele.

Voltei para o quarto e o cara estava com o braço enterrado no meu travesseiro. Logo que entrei ele fala “a-haaa” e tira do travesseiro um pequeno pacote plástico azul e diz “senhores, drogas, heroína”. Eu disse “sem chance, isso não é meu”. Primeiro, eu não guardo drogas dentro da merda de um travesseiro e, segundo,

como ele sabe que é heroína se tinha acabado de encontrar?

Os policiais mudaram assim que o chefe tirou a droga lá de dentro; ficaram maldosos. Riam com afetação “á-há, te pegamos” e eu dizia “nãoooo”. Corria pelo quarto, batia os pés, socava a cama gritando “Nãoooo. Nãooooo, cara, não, não, não, não façam isso. Não é minha. Não façam isso comigo”.

Ele simplesmente sorria pra mim e dizia “te pegamos” e eu tava puto pra caralho, cara. Eu pensava “isso não é real, isso não é real, não pode estar acontecendo”. Porque eu sabia que a pior coisa é ser preso em um lugar como Bali, então quando começou a cair a ficha que esse cara tava mesmo querendo me prender com aquela merda, eu fiquei com medo, fiquei preocupado. Eles me algemaram na hora e começaram a destruir meu quarto e, pior, pegaram todo meu dinheiro.

Eles roubaram metade de tudo o que eu tinha. Os caras enchiam malas antes de ir embora, estavam roubando minhas coisas. Fui saindo tão humilhado e vi um cara vestindo minha melhor roupa da Quiksilver — nem servia nele. Pegou minha jaqueta jeans também. Ao sair, eles levaram tudo que conseguiam carregar. Eu me sentia tão humilhado vendo aqueles tampinhas usando minhas roupas. Tipo, sou um cara grande — eles iam saindo da pousada me levando como um troféu e vestindo minhas roupas. Pareciam uns otários, porque são baixinhos e vestiam minhas roupas gigantes — não ficavam bem nas roupas, mas achavam que ficavam.

Não acredito que esses babacas armaram para mim, cara. Achei que isso só acontecesse em filmes. Aí me levaram para a delegacia e fecharam a grade da cela atrás de mim e caí na real.

Gabriel

*

Na cela, conheceu Juri Angione. Juri era um joalheiro italiano de vinte e quatro anos que era parte do plano fracassado de Carlino para ajudar Marco. Carlino

tinha pedido ao compatriota, que vivia em Bali com sua namorada do Timor, para fazer uma entrega emergencial para conseguir o dinheiro necessário para salvar Marco do pelotão de fuzilamento. Juri já fizera entre vinte e trinta entregas internacionais, levando a droga tanto na mala quanto no estômago.

Dessa vez, Juri aceitou o serviço de Carlino e voou para o Brasil para buscar a capa de prancha de surfe com cocaína. Juri percebeu instantaneamente que estava mal empacotada, mas decidiu arriscar de todo jeito, voou do Brasil para Amsterdã, depois para Bali com conexão em Bancoc, evitando a rota fracassada, maculada de Marco. Mas, em vez de ajudá-lo, juntou-se a ele. A alfândega de Bali flagrou Juri com 5,26 quilos na capa de sua prancha.

Autoridades do aeroporto da ilha de Bali prenderam um italiano de 24 anos na quarta-feira à tarde por tentar entrar na Indonésia com 5,26 quilos de cocaína, cujo valor de venda nas ruas gira em torno de 4,5 bilhões de rúpias (US\$ 600 mil).

Uma busca minuciosa em sua bagagem encontrou três pranchas de surfe, duas roupas e dois pares de sapatilhas de neoprene, um snorkel e 29 pacotes plásticos escondidos na costura interna da mala. Enrolados em papel carbono preto, os pacotes continham um pó branco suspeito, que um teste simples confirmou tratar-se de cocaína de alta qualidade. (Juri) Angione admitiu que a mala, as roupas, os calçados e as pranchas eram seus, mas negou conhecimento da cocaína.

Jakarta Post, 4 de dezembro de 2003

Como você estava se sentindo?

Juri: Ferrado. Sim, ferrado. Muito mal... Era a primeira vez que eu trazia algo para outra pessoa. Sempre trago para mim. Sempre empacoto as minhas malas. Sou usuário. Fiz isso porque era uma emergência para Marco. Tinham que achar alguém para trazer mais droga e fazer dinheiro para ajudar Marco. Eu nem conhecia ele na época. Mas, para ajudar meu chefe, eu disse “sim, ok, eu vou”.

A droga ia ser vendida em Bali?

Juri: Não, na Nova Zelândia e na Austrália.

Você ia levar até lá?

Juri: Não, eu não. Outra pessoa ia levar de barco.

Colega de cela: De catamarã.

O plano de Carlino era enviar a cocaína para a Austrália em seu catamarã, como teria feito com sua parte da carga que Marco tentara trazer.

Em vez disso, agora tinha dois homens potencialmente prestes a encarar o pelotão de fuzilamento.

Eu lembro que a comunidade de traficantes ficou meio... Até eu fiquei... Disse "Porra, cara, quem esse cara pensa que é?". Ele tem o problema do Marco e aí manda outro cara para ajudar e fode com mais um — era até, na verdade, um bom amigo meu.

Rafael

CAPÍTULO DEZESSEIS

NATAL

BRANCO

Marco repetia milhões de vezes depois do acidente, “se não morri no acidente, nada vai me matar”. Era como se ele desafiasse a morte, buscase a morte. É muito louco, tipo carma, você atrai se pensa demais nas coisas. Um maluco da porra, o cara repetia todo dia “não posso morrer, não posso morrer”. Agora está no corredor da morte esperando para morrer. Parece que a energia dele atraiu a morte. Tipo o livro O Segredo, exatamente desse jeito.

André

Todo mundo no Brasil que era amigo dele, nós todos tentamos conseguir dinheiro de todo lado e mandar para ele tentar pagar a polícia. Mas a coisa tinha ficado tão grande que não dava mais para fazer um acordo, sabe? Ele não é um cara ruim, é um cara bom.

Pardal

O americano Gabriel falava frequentemente por telefone de sua cela em Bali com Marco, que aguardava julgamento em uma cela em Java. “Eu estava ao telefone com ele o tempo todo. Ele estava sempre de alto-astrol, é incrível como ele consegue.”

Outro amigo, Danilo, um fotógrafo brasileiro vivendo em Bali, o visitava frequentemente na cadeia para tirar fotos. Marco usava seus talentos culinários para preparar a comida que o amigo trazia e, depois, servir almoço para Danilo em sua cela privada, sempre como uma companhia alegre e risonha.

Danilo viu uma ponta de preocupação nele apenas uma vez. Estavam juntos na cela do tribunal, uma semana antes do veredito, e Marco virou para ele perguntando “Você acha que vão mesmo me matar?”. Era um momento tocante e

Danilo tirou uma foto. No tribunal, Marco disse que precisava do dinheiro da droga para pagar uma conta antiga de US\$ 80 mil do hospital de Singapura.

No dia do veredito, uma semana depois, Marco estava com alto-astral novamente, de pé atrás das barras da cela, inclusive conversando e dando risada com jornalistas.

Ele não estava levando aquilo a sério, achava que ia conseguir escapar de algum jeito, não demonstrava nenhuma emoção — não estava com medo.

Danilo

Antes de entrar no tribunal, Marco disse a Danilo que lhe daria a oportunidade de tirar uma boa foto. “Ele disse ‘presta atenção, quando me derem a pena de morte, vou virar o rosto’”.

A pena capital era amplamente esperada, pois Carlino não tinha conseguido um acordo — o caso era muito chamativo, e, com a prisão de Juri, tinham fracassado em conseguir uma quantia significativa. Assim, o pequeno garoto de grande personalidade da selva amazônica ouviu sua sentença, sentado no tribunal, de cabeça baixa.

“Ele é culpado de importar uma droga tipo 1, cocaína, e a corte pune o acusado com pena de morte”, disse o juiz Suprpto. “O acusado fazia parte de uma rede internacional de narcotráfico que tem ameaçado o país.”

Moreira, 42, fez um gesto cortês com a mão para o tribunal após o veredito, e seu advogado disse que irá recorrer. O juiz censurou Moreira pela fuga no aeroporto, em agosto, quando oficiais da alfândega o questionaram sobre a asa-delta. Perguntado por repórteres sobre como conseguira escapar das autoridades no aeroporto, Moreira disse “sou David Copperfield” — em referência ao mágico americano.

Reuters News, 8 de junho de 2004

A história de Marco foi manchete no Brasil, com matérias citando que ele poderia ser morto por um elefante esmagando sua cabeça.

O brasileiro condenado à morte poderá ser executado com uma patada de elefante esmagando-lhe o crânio. Ou, se seus executores empregarem aquilo que chamam de “método mais humanitário”, ele então poderá ser fuzilado.

Istoé Independente, 16 de junho de 2004

O brasileiro Marco Archer, conhecido entre as comunidades de surfe e asa-delta por “Curumim”, foi condenado à morte, ontem, pela corte da Indonésia... As execuções são realizadas por um pelotão de fuzilamento ou por esmagamento da cabeça pela pata de um elefante.

Waves, 8 de junho de 2004

As histórias de esmagamento de cabeça continuaram mesmo após serem refutadas pela embaixada da Indonésia em Brasília.

A Embaixada da Indonésia em Brasília negou, como chegou a ser divulgado pela imprensa, que Moreira, caso seja condenado à pena de morte, venha a ter a cabeça esmagada por um elefante. O condenado é executado com tiros de fuzil.

Folha de S. Paulo, 26 de maio de 2004

Logo após o veredito, Marco foi levado de volta ao veículo da polícia e, pela janela, pediu a Danilo que lhe levasse duas cervejas na cadeia.

Na verdade, levei três cervejas para ele. Fui logo depois até a cadeia, ele estava perturbado, dava para ver que estava emocionado; ele não falou nada, mas precisava de uma cerveja para digerir tudo. Não fiquei muito tempo, não queria ficar porque também era difícil para mim, o que eu ia falar para o cara?

Danilo

Ver Marco receber a pena de morte, com seu futuro sendo agora um túnel escuro que levava até o pelotão de fuzilamento, foi um balde de água fria para todos os traficantes. Execução sempre foi uma possibilidade vaga e impensável, mas agora

seria real e os cavalos mais espertos ficaram cautelosos. Mas isso não deteve Dimitrius, que organizou uma entrega para Bali apenas poucas semanas depois, usando um homem de trinta e dois anos de classe média alta do sul do Brasil.

Rodrigo Gularte era a ovelha negra de uma família rica. Começou cheirando solventes na adolescência e, a despeito de sua mãe tentar encaminhá-lo para várias profissões, ele escolheu ser traficante. Era bonito, tinha fala mansa e foi apelidado de Fraldinha pelos amigos em Bali “porque reclamava como um bebê”. Partiu do Brasil com oito pranchas de surfe, seis delas cheias de cocaína, e dois amigos, para fazer parecer tratar-se de uma viagem de férias. Às 15h, a caminho de Bali, fizeram conexão em Jacarta.

Os oficiais da alfândega perceberam os três amigos “agitados e nervosos” e, quando a máquina de raio X mostrou objetos estranhos em seis pranchas, foram levados para uma sala de segurança. Observaram uma das pranchas ser aberta e revelar dois sacos plásticos, cada um com 500 gramas de pó branco. O resto das pranchas foi também cortado e outros dez pacotes foram descobertos.

Pranchas de surfe são muito suspeitas, óbvias, não funcionam. Frank (De Castro Dias) já tinha destruído essa alternativa. Foi um serviço ruim também. Não precisava nem colocar no raio X, só segurar contra a luz e já dava para ver.

Rafael

Inacreditavelmente, Rodrigo aceitara fazer essa entrega para Dimitrius apenas poucas semanas depois de Marco ser mandado para o corredor da morte.

A pena de morte aplicada ao brasileiro Marco Archer Cardoso Moreira em 8 de junho por tentar trazer 13,7 quilos de cocaína do Peru aparentemente fracassou em deter três compatriotas de tentarem a mesma coisa na semana passada... No sábado, oficiais da força-tarefa de interdição do Aeroporto Internacional Sockarno-Hatta prenderam os três brasileiros por tentarem trazer de São Paulo 6 quilos de cocaína em seis das oito pranchas de surfe que carregavam... “A agência suspeita fortemente que os três têm ligação com John Miller, a pessoa que deu a Moreira a ordem de trazer a cocaína”, disse Makbul (diretor da Agência Nacional de Narcóticos), complementando que Miller continuava foragido.

Jakarta Post, 6 de agosto de 2004

Rodrigo admitiu a culpa imediatamente, absolvendo seus dois amigos, e agora encararia sozinho a provável pena de morte.

*

Enquanto isso, em Bali, o joalheiro italiano Juri e o surfista americano Gabriel tentavam conseguir um acordo.

Os dois ocidentais vinham dividindo o chão de concreto da cela na delegacia, dormindo sobre toalhas, até que Gabriel começou a distribuir dinheiro. “Eu sempre tinha US\$ 1 mil no bolso.” Ele foi o primeiro a quem permitiram que dormisse em um colchão fino, e logo já estava recebendo entregas de *margaritas* na cela. Quando foi transferido para a Penitenciária Kerobokan, pagou US\$ 1 mil para sair da abjeta ala comum e poder ficar no bloco dos estrangeiros, dividindo a cela com o traficante de haxixe argentino Frederico. Logo ficou famoso entre os guardas por suas boas propinas, chamavam-no de “Gabriel América”.

Como a maioria, ele tentava ansiosamente fechar um acordo e conseguir sair. Uma manhã, a polícia o levou, junto com seu advogado William a reunião com a promotoria. Logo depois, William se encontrou com o juiz e o acordo foi feito. Por US\$ 50 mil, Gabriel receberia a pena de três anos e seis meses. William tinha apenas que lhes pagar uma hora antes de o tribunal abrir, às 7h do dia do veredito.

Algemado no ônibus, a caminho de seu último dia de julgamento, Gabriel estava estressado, desesperadamente esperando que o acordo desse certo.

O William tinha o dinheiro certinho para o acordo, estava tudo preparado, e eu estava mais do que pronto para deixar tudo para trás, porque a cabeça fica confusa quando você não sabe que pena vai receber. Eu estava com tudo bem elaborado. Fui para a corte, estava sentado na cela esperando e chamaram meu nome. Mas eu ainda não tinha visto o William; ele sempre estava lá quando eu ia para a corte — ia ao meu encontro na grade.

Então o promotor veio até mim. Tinha um olhar bravo. Eu perguntava “O que

houve? O que houve? Onde está William?“. Eu estava pirando e ele nem me olhava. Simplesmente me agarrou pelo braço e me arrastou até a sala do julgamento. Eu já estava lá sentado e nada, o William nunca apareceu. Então, todos os juízes que tinham de receber o pagamento naquela manhã não receberam. Estavam putos, cara. Estavam todos bravos pra caralho e recebi oito anos. Aí o promotor me levou de volta para a cela e não disse uma palavra.

Eu não sabia o que dizer. Entreguei minhas calças para conseguir esse acordo, ia dar tudo certo. Então descobri quando voltei para a cela que William tinha morrido na noite anterior. Tínhamos conseguido os US\$ 50 mil e ele morreu antes de entregar o dinheiro. Todo aquele tempo eu criei esperanças, gastei dinheiro, todo o planejamento feito para esse grande dia do veredito e o cara morre na noite anterior. Eu não podia acreditar, mas era verdade. Todo mundo ficou chocado. Pensei “Meu Deus, meus problemas não estão terminando, acabaram de começar. Não posso ficar aqui por oito anos. O terrorista que matou doze pessoas no atentado do Marriott em Jacarta pegou dez anos“. Como pode eu pegar oito anos por um saquinho no travesseiro e esse terrorista pegar dez? Eu não podia viver com isso. Foi aí que virei um fantasma. Parecia um zumbi.

Conseguiu seu dinheiro de volta?

Não, nem um centavo. A mulher dele era uma vadia, levou todo o meu dinheiro.

Gabriel

O italiano Juri também estava trabalhando em um acordo para evitar virar, literalmente, um morto-vivo. Preso com cinco quilos de cocaína no aeroporto, seu destino seria parecido com o de Marco. Sua devota família na Itália estava tentando a todo custo juntar dinheiro para ajudá-lo, mas flagrantes em aeroportos estavam cada vez mais difíceis de serem negociados, tanto pela grande exposição na mídia que geravam como pelo número de pessoas que envolviam. Qualquer veredito menor que pena perpétua geraria suspeitas. Contratar o advogado mais caro da cidade o salvou. Juri pegou prisão perpétua, com uma

caríssima piscadela que a pena cairia para quinze anos, algum tempo depois.

Gabriel estava devastado por sua dupla má-sorte. Tentava entender, encontrar algum sentido naquilo... Talvez fosse o carma das drogas. Vagando pela prisão, ele estava miserável, um zumbi, bebendo cerveja para fugir da realidade, atordoado com a ideia de acordar no inferno todos os dias pelos próximos oito anos. Então recebeu uma dica do chefe da penitenciária para telefonar ao advogado de Juri.

Liguei para o cara e ele veio todo cavalheiro e cheio de si, “Gabriel, me diz quanto tempo você quer”. “Quanto tempo quero ficar preso?” “Sim, me diz quanto tempo e eu te digo o preço.” Abri a boca e disse “não consigo ficar aqui mais de dois anos”. Eu devia ter dito um ano. Burro. De todo jeito, ele disse “tudo certo, dois anos, eu te dou dois anos por US\$ 30 mil”.

Liguei para meus pais e eles “O quê? Mais dinheiro? Outra furada?”. Eles não queriam mais se envolver. Mas convenci meu irmão. Então terminei pagando um advogado corrupto para conseguir baixar minha pena. Ele conseguiu uma mulher do tribunal para mudar de oito para dois anos, aí quando a papelada veio aqui para a penitenciária, já dizia dois anos. A administração aqui sabia disso, mas no tribunal era segredo. Esse advogado estava cuidando de vários casos de estrangeiros, ele era o cara.

Gabriel

Como muitos dos demais ocidentais, Gabriel também distribuía dinheiro para sobreviver na prisão, pagando por todos os itens básicos como papel higiênico, sabão, água e comida. Para manter a sanidade, também pagava para que guardas trouxessem cerveja, pratos de seus restaurantes favoritos e alguns dias passeio fora da prisão. Os ocidentais estavam injetando uma fortuna nos bolsos dos agentes penitenciários, da polícia e do judiciário.

O Hotel Kerobokan era uma árvore de dinheiro para os indonésios envolvidos, de policiais e juízes a agentes penitenciários. Eles nunca veriam US\$ 30 mil na vida e, de repente, todas essas blitzes de policiais aconteceram e todo mundo ganhou

com isso — o juiz, o diretor e os funcionários da penitenciária. Esse pessoal fez Kerobokan virar uma máquina de fazer dinheiro.

Eles armavam a coisa de um jeito para extorquir ocidentais com suas pequenas quantidades de droga, era assim que eu via. Não era como se estivessem tentando acabar com a criminalidade ou com as drogas, eles estavam tentando pegar pessoas como eu para tentar tirar todo o dinheiro delas, assustá-las e às famílias para que mandassem dinheiro.

Os policiais prendiam todo mundo por qualquer coisa. Pessoas chegavam na prisão toda semana de diferentes cantos do mundo — Grécia, França, Brasil, Peru, Austrália, África — e todas, como eu, pensando a mesma coisa: temos que conseguir dinheiro para subornar esses caras para que nos deixem ir para casa. Todo mundo tinha um plano ou um acordo para fazer. Não conheci nenhum estrangeiro que não tivesse um acordo programado para sair dessa encrenca.

É incrível o tanto de dinheiro que fazem. Tive que pagar ao diretor US\$ 1 mil só para mudar para uma parte melhor da prisão; o chefe de polícia roubou meus tacos de golfe de US\$ 2 mil; paguei gente para mudar minha sentença; é pagar, pagar, pagar. São sanguessugas. A coisa toda me custou US\$ 200 mil.

Gabriel

Rafael foi apenas uma vez fazer uma visita aos amigos em Kerobokan, chegando com os braços cheios de sacolas de comida de Bali Deli. O grupo se juntou, feliz de vê-lo, entregando cartas para que ele postasse e pedindo que comprasse créditos de telefone. Ruggiero se ofereceu para vender droga barata a Rafael, explicando que a prisão era um mercado frenético, com as melhores e mais baratas drogas da ilha. Ruggiero já estava vendendo para clientes, geralmente garotas instruídas a irem de saia, para que pudessem inserir o pacote como um absorvente interno, evitando o risco de serem pegas quando saíssem.

Sempre digo para elas “a única condição é que você enfie na boceta, não no bolso. Se for revistada e presa, vou ter problemas”.

Ruggiero

Rafael também viu o irmão gêmeo de Chino, Toto, lá dentro. “Todos os dentes dele estavam pretos. Era viciado em heroína, acho, e parecia um drogado.” Depois dessa primeira visita, Rafael não voltou. Era deprimente e dava calafrios demais.

Tive que voltar para casa e deitar, aquilo sugou toda a minha energia. Por isso me recusei a voltar lá. Eu enviava pessoas com comida, dinheiro, crédito de celular, mas não queria ter nenhuma conexão mais, não precisava ir lá.

Rafael

*

Enquanto Gabriel e os demais lidavam com guardas e policiais corruptos em Bali, Rafael estava pronto para ir ao Brasil comprar dez quilos do pó confiscado por seu intermediário Cláudio, que trabalhava na polícia de São Paulo. Quando Rafael chegou, Cláudio lhe disse que a apreensão tinha sido adiada; ele teria de esperar uma semana. Rafael não queria. Então, Cláudio sugeriu falarem com seu chefe, que estava sentado em cem quilos de cocaína que poderiam ser vendidos imediatamente.

Rafael não acreditou. Negociar com policiais era brincar com o diabo e a ideia de entrar no covil deles era insana.

“Está maluco, cara?”, respondeu Rafael. “O cara vai me dar a cocaína, pegar todo meu dinheiro e aí me botar a pulseira.”

Mas Cláudio jurou que era seguro. “Não, o cara é legal, é surfista também. Falei de você para ele, sobre sua escola de surfe.”

“Não cara, de jeito nenhum”, retrucou Rafael.

“Ok, cara, se não quiser fazer negócio com ele, tem que sentar e esperar uma semana.”

Contrariando seus instintos, que gritavam, Rafael concordou. “Ok, vamos... Vamos encontrar o filho da puta. Mas ele vai me entregar hoje?”, perguntou Rafael.

“Sim, tem um estoque de cem quilos.”

Aí me vi entrando no prédio da polícia em São Paulo, seis andares, várias salas. Peguei o elevador, andei, olhei, todo mundo me olhou, todos policiais, sabe? Cheios de ouro, têm muito mau gosto para se vestir. Ah, porra, parecem caipiras, não se vestem bem, usam botas, chapéus. Aí ele me levou para o escritório do chefe para negociar. O chefão ali era a porra de um traficante. Eu estava pensando que aquilo só poderia ser um sonho, quando sentei na mesa de um dos maiores delegados de São Paulo para comprar cocaína.

Rafael

Após uma rápida introdução, foram direto ao assunto. “Quanto?”, perguntou Rafael.

“€ 7 mil o quilo.” Cláudio havia lhe prometido que seria por € 5 mil.

“Porra, cara, você falou € 5 mil, por que mudou agora para € 7 mil?”, reclamou.

“Porque é da boa”, argumentou o delegado.

“Bem, eu trouxe € 50 mil para comprar dez quilos. É a minha oferta”, contrapôs Rafael.

O delegado se fez de difícil. “Pô, não dá. É € 7 mil mesmo”, disse.

Rafael rapidamente inventou uma história. “Você vai ferrar com meu empacotamento, porque ele precisa ter dez quilos e não tenho dinheiro para comprar a € 7 mil”, argumentou ele. “Então, por favor, cara, € 5 mil o quilo é uma puta grana, você não tem nenhum custo, cara. É só sair e derrubar algumas portas para conseguir esta merda. Vamos, pessoal, não sejam gananciosos.”

E aí deu certo, minhas palavras funcionaram. O cara disse “ok, € 5 mil”. E depois perguntou “Como vai empacotar?” e eu disse “cara, eu conto o milagre mas não revelo o nome do santo”. “Ok. Bom, a cocaína está aqui no camburão, posso entregar pra você, caso contrário pode ser preso no caminho.”

Então entramos na porra do camburão preto e branco. Meu amigo e outro policial, não o delegado, sentaram na frente, eu sentei atrás com a janela aberta, o grande saco com dez quilos do lado, e aí eles falam “bora fumar um baseado”. Eu disse “é, bora fumar um”. Havia um pouco de trânsito, então eu disse “vamos acender o baseado e ligar a sirene, vamos acelerar”. “Ok.” ... Todo mundo abriu

caminho para o acostamento e simplesmente passamos. Foi engraçado, sabe? Eu pensava tipo... O mundo é muito louco.

Rafael

Os empacotadores de Rafael estavam esperando para inserir a droga nos mastros de windsurfe. Ele enviaria a cocaína para Amsterdã em dois lotes. Agora usava geralmente FedEx e DHL. A taxa de sucesso era um pouco menor que a dos cavalos, mas com menos aborrecimentos. Podia facilmente enviar uma prancha com dois mastros — um pequeno para vento forte, um maior para vento leve —, o que era normal para atletas de windsurfe carregarem e significava que ele conseguia traficar mais cocaína sem levantar suspeitas.

Dessa vez, colocou 1,5 quilo em cada um dos quatro mastros e enviou esses seis quilos via FedEx para seu amigo Fábio, um de seus melhores cavalos, que já fizera cerca de cinco entregas para Bali e tinha o apelido de Psicopata. Mas houve um contratempo. Apesar de o rastreamento por computador mostrar que a encomenda chegara a Amsterdã, não fora entregue ao Psicopata no dia marcado. Ele ligou para Rafael, que ainda estava no Brasil esperando a confirmação da chegada antes de voltar para Bali; “porra, cara, o negócio não chegou”.

O radar de Rafael disparou na hora. Era alerta vermelho. Muito suspeito. “Aborta, aborta, corre, corre”, avisou.

“Ok, tá”, concordou o Psicopata. Mas então desapareceu. Por dez dias, Rafael não conseguiu contato, até que recebeu as más notícias. O Psicopata tinha ignorado seu aviso, ido até a FedEx, dado seu nome e confirmado que o pacote era seu. Em um segundo, estava algemado. Pegou dois anos. Rafael perdeu um bom dinheiro.

Meu amigo foi preso nessa. Fábio Psicopata; é jovem, legal, maluco. Adorava drogas. Não dava a mínima pra nada. Por isso foi pego.

Rafael

Os outros quatro quilos foram transportados por um cavalo e chegaram com sucesso até o comprador em Amsterdã, cobrindo todo o prejuízo.

*

Embora Rafael agora vendesse muita cocaína na Suécia e por toda a Europa, a pena de morte de Marco não o impediu de continuar seus negócios em Bali. Quando voltou, já tinha um novo projeto com Fox — o jovem francês que trabalhara antes para André —, cinco quilos chegando do Peru e passando pela Malásia antes de seguir para Bali e Sidney.

Mas a entrega estava amaldiçoada. Rafael e Fox saíram de Bali para encontrar um cavalo no aeroporto da Malásia, os voos estavam coordenados para chegarem juntos. O voo de Bali sofreu um atraso de duas horas e, quando finalmente chegaram, o cavalo tinha sumido. Dessa vez, o entregador não era muito inteligente, era mais no estilo mula, nem falava inglês. Estranhamente, não ligara para o *batfone* de Rafael — ele comprava um telefone barato para cada serviço, usava exclusivamente para aquele serviço, e depois o jogava fora. O cavalo tinha simplesmente desaparecido. Rafael não sabia se fora roubo, prisão ou estupidez mesmo.

Porra, eu pensei, cadê o cara? Onde ele foi? Não tínhamos ideia. Primeiro, pensei que ele tinha sido pego, porque não ligou quando chegou no aeroporto, aí falei “porra, perdemos cinco quilos de cocaína, ah, perdemos tudo”.

Rafael

Por um acaso do destino, encontraram o cavalo perdido. Assim que entraram nervosos e irritados em um táxi, Rafael ouviu o taxista murmurar palavras mágicas: “Peguei um cara com esse mesmo tipo de mala há algumas horas”.

“O quê? Uma mala igual a esta?”, perguntou Rafael, apontando para sua mala com a prancha de windsurfê.

“Sim.”

“Para onde levou ele?”

“Para um hotel”, respondeu o taxista.

“Pô, corre para lá.”

Aí cheguei no hotel, bati na porta do quarto e ele “Quem é?”. Eu disse “sou eu”, e o cavalo abriu a porta. Ele estava de fio dental... Olhei para aquela cueca dele, fio

dental, um homem normal não usa isso. Eu disse “Cara, veste alguma coisa, por que tá com isso?”. Ele se ajoelhou chorando, “Ah, graças a Deus, obrigado, Deus”. Sul-americanos são bastante religiosos. Eu disse “O que tá fazendo?”. Ele estava com medo; não conseguia falar, não conseguiu ligar porque tinha perdido meu número, tava havia horas no hotel sem saber o que fazer. Esse cara era tão burro, tentou até ligar para a família, mas não conseguiu discar, não sabia o código.

Rafael

Aliviado, Rafael foi para outro quarto arrumar os mastros, colocando um com 2,5 quilos em uma mala diferente para mandar por *courier* ao comprador surfista de Sidney. Em outra mala, colocou outros 2,5 quilos para seu cavalo de fio dental terminar a entrega até Bali. A parada na Malásia era estratégica para sair do radar, e ajudava na passagem pelas alfândegas de Bali e da Austrália. O cavalo passou fácil pela de Bali, mas em Sidney o negócio caiu.

O comprador australiano de Rafael ficou fora do ar, não respondia a nenhuma ligação ou mensagem. Era um mistério caro. Para tentar desvendá-lo, Rafael enviou Pardal, que estava de volta a Bali. Pardal era um detetive atípico, as coisas sempre davam errado ao seu redor.

Ele estava sempre de olho roxo, braço quebrado, sempre se envolvia em merda. Gosta de discutir, de brigar, mas não sabe lutar e sempre leva porrada. As pessoas batem nele porque é magrelão.

Rafael

Pardal estava disponível, pois viera a Bali para tirar férias e surfar, dividindo um quarto com Fox na casa de Rafael, embaixo da caixa d'água. Rafael lhe ofereceu US\$ 1 mil para voar até Sidney e caçar o comprador e Pardal de pernas magras, que nunca tinha visitado a Austrália, topou alegremente. Antes de partir, Pardal e Fox checaram na internet se os mastros de windsurfe enviados por FedEx tinham chegado mesmo a Newcastle, cidade próxima a Sidney. Sim, haviam sido entregues.

Pardal saiu de Bali e de cara se meteu em problemas. Uma checagem rotineira de bagagem no Aeroporto de Sidney detectou traços de cocaína em sua mala.

Com seu passaporte inglês mostrando a rota Rio-Bali-Sidney e com sua aparência nervosa e comportamento agitado, Pardal se encaixava no perfil de traficante. De repente, policiais o cercaram, criando um espetáculo. Curiosos olhavam. Pardal não estava feliz. Sabia que não tinha nada com ele.

Rafael tinha enrolado um pôster de Ganesh (o deus hindu com cabeça de elefante, reverenciado por “remover obstáculos”), aberto o zíper da maleta de Pardal e colocado ali dentro dizendo “isso é para dar boa sorte”. Então fechara o zíper. Pardal tinha certeza de que um pouco de cocaína devia ter vazado dos poros de Rafael e deixado um rastro invisível no zíper. Agora, o velho Ganesh estava criando obstáculos; os oficiais de imigração estavam tirando suas meias, sua cueca, vasculhavam os bolsos de sua calça, revistando tudo. Pardal estava irritado, mas se mantinha calmo. Já calculava como ia processá-los por estragar sua “imagem”.

Eu parecia um criminoso, porque a polícia estava fazendo uma festa em cima de mim; dois ou três policiais tirando sarro. Não era bom para minha imagem. Checaram todas as costuras da minha mala, meus sapatos, todas as minhas calças, todos os meus casacos, todas as minhas camisas, e passaram a mala várias vezes no raio X. Não ficavam satisfeitos, passavam de novo a mala, não aparecia nada, passavam de novo. Finalmente, ainda não satisfeitos, me levaram para o hospital para fazer raio X do estômago.

Pardal

Ele ficou furioso, mas ou fazia raio X do estômago ou seria retido por 48 horas, até que defecasse. Os policiais da alfândega tinham certeza de que haviam pego um traficante de drogas. Eles tinham, de fato, mas o traficante estava em seu dia de folga.

Pardal foi liberado depois de quatro horas, indignado e furioso, mas livre para completar sua missão. Pegou um trem para Newcastle, foi para um hotel barato e ligou para Rafael para contar as novidades. Imediatamente desconfiado, Rafael lhe aconselhou a checar se as malas não estavam com um *chip* de rastreamento. Paranoico em seus melhores dias, Pardal revirou caoticamente suas roupas, jogou tudo no chão, verificou a maleta contra a luz, girando e revirando-a em todas as

direções. Finalmente desistiu, ainda não convencido de a maleta estar livre de dispositivos de espionagem.

No dia seguinte ele confrontou o surfista, que explicou ter confiado em seus instintos afiados — tinha certeza de que a carga estava quente e rejeitou o pacote quando a FedEx tentou entregar. Usando o sistema de Rafael, o nome do surfista estava escrito incorretamente, então poderia negar ser o dono, se achasse necessário. Quarenta e cinco minutos depois, viu um carro suspeito rondando sua casa. Alguma coisa estava errada. Tinha certeza de que os policiais estavam preparados para lhe colocar uma pulseira assim que aceitasse a encomenda. Então não aceitou. Também cortou contato com Rafael, como uma precaução extra, caso as ligações estivessem sendo gravadas. Pardal entendeu, mas sua missão estava incompleta até que o surfista ligasse para Rafael. Ele o fez naquela noite. Rafael ficou desapontado. Era um grande prejuízo, mas melhor que uma prisão.

Agora, Pardal mal podia esperar para ir embora de Sidney. A cidade estava fria e era pouco amigável, nada do que imaginara. Mas sua volta rápida levantou suspeitas de novo no aeroporto. Foi interrogado e suas malas levadas para vistoria. Em sua mente paranoica, tinha certeza de que estavam removendo o *chip* rastreador. Perdeu a cabeça, gritando que não tinha gostado do país, e que ia embora depressa porque fora tratado como um criminoso, humilhado e, ainda por cima, fazia frio demais.

Eu disse várias coisas... Não sei por que não me prenderam, não respeitei o cara. Comecei a berrar para ele “Amigo, quero ir embora, não tenho drogas; vocês, australianos, são malucos. Quero ir para Bali. Não quero mais ficar aqui, cadê minha mala? Por que faz isso comigo? Três dias atrás fizeram a mesma coisa, me levaram para o hospital, fizeram alguma coisa na minha maleta”. Tentaram me acalmar; o cara disse “não fizemos nada na mala, toma, pode ir”. Acho que tiraram o chip da maleta quando foram fazer a vistoria, aí devolveram.

Pardal

Quando voltou a Bali, contou para todo mundo que planejava exigir que o consulado britânico processasse a alfândega australiana por estragar sua imagem.

Era típico do Pardal. Para tornar tudo ainda mais farsesco havia o fato de que, apenas alguns meses depois, ele realmente foi para lá fazer uma entrega de droga. Incrivelmente, apenas alguns meses após a tripla tragédia da prisão de Rodrigo, da perpétua recebida por Juri e da pena de morte aplicada a Marco. E Pardal conhecia Marco bem. Até o ajudara a exercitar as pernas após o acidente, acompanhando-o enquanto Marco andava de muletas por dias inteiros nas praias de Nusa Dua.

Todo mundo me falava “Como consegue fazer isso logo depois de o Marco receber pena de morte?”. Mas, na minha cabeça, eu só ia no mesmo avião que Narco, não estava carregando. Eu tinha medo por esse meu amigo. Ele estava com um pouco de medo, porque também era amigo do Marco. A gente era louco.

Pardal

Essa era outra entrega em que Fox e Rafael investiram juntos. Seus cavalos eram Pardal e seu amigo Narco, cujo pai era um delegado de polícia brasileiro; tinham ido do Rio para São Paulo e Fox foi buscá-los no aeroporto. Fox os levou para a mansão de dez milhões de dólares de sua mãe, onde lhes deu dois mastros carregados; o maior com 1,7 quilo de cocaína, o menor com 1,3 quilo. Para deixá-los mais tranquilos, afundou os mastros na piscina da casa da mãe. Se a água não entrasse, o cheiro não sairia.

Narco era o entregador, Pardal foi como apoio. Decididos a tentar uma rota diferente, voaram primeiro para Buenos Aires e depois para Bali, onde conseguiram entrar facilmente. Apesar do crescente número de grandes apreensões — incluindo a da bela estudante australiana Schapelle Corby, presa com 4,2 quilos de maconha na capa de sua prancha de *bodyboarding* um mês antes —, a maioria dos cavalos continuava entrando com facilidade. Chino, que tomou para si a tarefa de acompanhar os casos, estimou que apenas dois por cento dos traficantes que entravam eram pegos.

Depois de pegar um táxi para o hotel, Pardal e Narco alugaram um carro, amarraram a prancha de windsurfe e os mastros no teto e ligaram para Rafael enquanto dirigiam para sua casa. Rafael estava sentado em um café na praia, bebendo Coca-Cola e observando as ondas. Não quis dizer nada ao telefone, mas

o lugar para esconder os mastros ainda não estava pronto. “Irmão, pode ficar com os mastros até amanhã? O menino do bangalô onde quero guardar tá ocupado hoje”, pediu ele para Pardal.

“Ok, claro.”

Naquela noite, Pardal deixou o carro, com os mastros carregados de droga no teto, no estacionamento do hotel em Legian. No dia seguinte, entregou-os a Rafael e se mudou de volta para o pequeno quarto embaixo da caixa d’água, pronto para começar suas férias de surfe. Algumas semanas depois, Rafael pediu que ele se mudasse para um bangalô atrás da casa, onde ainda guardava um dos mastros. Rafael precisava que Pardal os vigiasse por um tempo. Ele concordou. Mas, como tipicamente acontecia com esse cavalo, as coisas deram errado.

Pardal ia embora no Natal e, alguns dias antes, pediu um pequeno presente de quatro ou cinco gramas para Rafael. Queria vender para seu amigo Feijão, em Uluwatu, e juntar um dinheiro para comprar sarongues para levar para o Rio.

Na véspera de Natal, Rafael e Anna deram sua generosa festa de Natal. Havia uma mesa suntuosa de comida do Brasil, da Suécia e de Bali, com peixe fresco, peru, cerveja, champanhe, refrigerantes e cocaína. Vinte e cinco pessoas participaram. Crianças correndo por todos os lados, música alta, pessoas nadando na piscina, mergulhando da varanda do quarto — e várias, discretamente, cheirando cocaína no andar de cima.

Pelo fim da noite, Pardal pediu a Rafael seu pequeno presente de Natal. Rafael disse “não, pode cheirar um pouco lá em cima, mas só isso”. Não queria o risco de ver Pardal circulando drogado com pacotes de cocaína. As coisas estavam muito quentes.

Pardal, bêbado, ficou furioso. “Você me fez dormir uma semana em cima dessa cocaína, se a polícia me pegasse, eu tava fodido”, gritou, passando a mão na garganta.

Rafael foi duro. “Desculpa, meu amigo. Não. Se te dou isso, você vai sair por aí maluco. Vai falar merda.”

“Ok, sem problema”, respondeu Pardal, sarcástico.

Conforme a festa ia terminando, seu ressentimento aumentava. Pardal se sentia merecedor de um pouco de pó, depois de passar uma semana sentado naquela bomba-relógio. Outro amigo em comum, Júlio, um viciado — aquele em cuja boca André enviara capangas da Laskar para enfiarem uma arma —, começou a

incitar Pardal. E ele acabava de provar o ponto de Rafael ao contar sobre o mastro de cocaína para Júlio. Ninguém deveria saber daquilo.

“Vamos, podemos ir lá abrir. Olha o que ele fez contigo”, provocava Júlio. “Você dormiu uma semana com essa coisa. Vamos, bora pegar um pouco da cocaína do Rafael. Você precisa de grana, está quebrado, não pode voltar para o Brasil sem grana. Você pediu, ele disse não, então vamos lá pegar”, insistia Júlio, ansioso por um Natal branco.

O Júlio estava me pressionando um monte, e tinha passado o dia inteiro na casa do Rafael, era amigo dele — que amigo! Se eu estivesse sozinho, não teria feito.

Pardal

Por volta da meia-noite, Júlio correu para sua casa, próxima dali, pegou uma faca afiada, uma fita adesiva e foi encontrar Pardal no bangalô.

Pardal atacou o mastro. Teve dificuldade. Rafael havia aperfeiçoado uma técnica com uma ferramenta de cortar tubos para prendê-los bem e conseguir serrar com precisão. Isso evitava que resquícios do alumínio se misturassem com a cocaína. Como sempre, o método de Pardal foi desastrado. Serrou como um maníaco, cortando-se nas mãos, enquanto Júlio esperava sentado como um cãozinho ansioso, segurando um cardápio de restaurante aberto embaixo, preparado para pegar a cocaína que caísse. Mas ela não caiu. Estava compactada como cimento. Pardal raspou aproximadamente dez gramas (US\$ 1 mil). Júlio pegou quatro gramas; Pardal, seis gramas, guardando no plástico de seu maço de cigarros. Antes de ir embora, Pardal usou a fita adesiva trazida por Júlio para tentar remendar o mastro. Então, fugiu para a casa de seu amigo em Uluwatu, certo de que Rafael não ficaria feliz ao descobrir que nevara na noite de Natal.

Rafael descobriu o roubo na manhã seguinte. Depois de tentar ligar para Pardal, andou até o bangalô, destrancou a porta com uma chave reserva, checkou a mala e viu os traços de neve e o mastro destruído. Explodiu.

Fiquei maluco... Eu queria pegar o cara e encher de porrada. Mas ele fugiu.

Rafael

O pior era que o mastro ia voar para Singapura. Seria um trabalho gigante tirar toda a cocaína e enfiá-la em um novo mastro, menos os gramas roubados, mais as impurezas do alumínio. Rafael buscou Narco no hotel e passou o dia de Natal vasculhando Bali em busca de Pardal. Não o encontrou. Pardal fora para o aeroporto muitas horas antes do seu voo, para se esconder.

Rafael me perseguia como um gato caçando um rato, “Onde está o Pardal? Pau no cu”, estava puto comigo. Passou o dia inteiro me procurando; correu para vários lugares, não conseguiu me achar, aí depois trouxe o Narco para o aeroporto. Narco me disse no avião “o Rafael está puto com você”. Eu estava puto com o Rafael também. Se visse ele, acho que ia querer brigar — ia dar um soco nele. Ele estava bravo, mas tinha um monte de dinheiro no bolso. Eu estava bravo e sem dinheiro. Quebrado. Eu sabia que ia dar problema para Rafael, mas ele que se foda.

Quando cheguei ao Brasil, ele falava o tempo todo pela internet “é melhor você tomar cuidado, eu vou te matar, eu vou te matar”, toda hora “eu vou te matar”. Eu disse “Ah, vai me matar... Lembre-se que você tem família aqui, seu pai, sua mãe... Eu gosto deles, mas não fala demais, porque, mesmo que eu não consiga ir aí te pegar, eu pego sua família”. Ninguém é bom o tempo inteiro. Eu não sou perfeito. Se eu tivesse que matar alguém, eu matava. Estava maluco.

Não existem grandes amigos nesse negócio, nas drogas. Achamos que somos, mas, no primeiro problema, toda a amizade vai pro ralo. Viramos inimigos.

Pardal

CAPÍTULO DEZESSETE

OPERAÇÃO

PLAYBOY

Também não tinha sido um Natal muito bom para André. Era alta temporada no Brasil, período que geralmente passava em um de seus restaurantes sofisticados. Não neste ano.

Policiais brasileiros vinham observando as idas e vindas e o estilo de vida refinado do grupo de Bali.

André sabia que estava mais quente do que nunca, desde que Coelho lhe telefonara da prisão em Paris, dizendo que o DEA citara seu nome. Estava mais cuidadoso agora, percebia os zíperes de suas malas sempre em lugares diferentes após cada voo. Tinha certeza de que a polícia estava esperando que fizesse alguma besteira, para pegá-lo em flagrante. Mas era inteligente; eles precisariam de uma denúncia. Com sua namorada Gisele, passara a maior parte do ano em Bali e no Havaí. Estava com receio de ir ao Brasil, mas era padrinho de casamento do seu melhor amigo, e a cerimônia seria em seu lindo restaurante em Santa Catarina.

Ele e Gisele chegaram ao aeroporto e se encaminharam direto para o restaurante. Ficaram no casamento por duas horas e foram para a casa de praia de André. Ninguém, a não ser os presentes no restaurante, sabia que ele estava de volta, mas o telefone de casa tocou. Observou o aparelho tocando, em dúvida, até que atendeu. “Alô”.

Era a mãe de um cavalo preso semanas antes, mas não fazendo uma entrega de André. “Você precisa mandar dinheiro para meu filho, ele precisa de sua ajuda.” O coração de André disparou. Não era o tipo de conversa para se ter em uma linha fixa.

“Desculpa, ligou no número errado. Não te conheço. Não sei do que tá falando”, respondeu.

Ela tentou de novo. “Eu sei quem você é, André.” Ele desligou. Era uma armadilha; ela usara seu nome para ligá-lo ao caso. Os policiais estavam se

aproximando e ele tinha que fugir rápido. Em poucos minutos, tinha sumido. Após mandar Gisele ir para a casa da mãe, pegou a mala, deixou as luzes ligadas para despistar, correu pelo jardim e depois cruzou três quilômetros de floresta em um morro até a casa de um amigo. Esse amigo o levou ao aeroporto e ele voltou direto para o Havaí.

Por vinte e cinco dias, ficou de frente para o mar no condomínio de luxo de um amigo, dentro de um campo de golfe. Mas até aquela estada glamourosa perdia o brilho se ele não estava lá por escolha. A alta temporada estava começando no Brasil e seus restaurantes ficariam lotados. Gisele ficava ligando, pedindo que ele voltasse para o Natal.

Ele concordou. Os policiais não tinham nada contra ele; ele tinha uma boa reputação de homem de negócios. Voou para São Paulo, suas malas atrasaram. Quando apareceram, os zíperes tinham sido mexidos. Ao desfazer a mala em casa, viu que suas roupas dobradas cuidadosamente tinham sido reviradas. Não havia mais dúvida — ele estava no radar da polícia. Tinha de ser extremamente cuidadoso.

Naquela noite, dormiu em sua casa de praia, acordando cedo para surfar durante o nascer do sol. Era uma estonteante manhã de primavera. Colocou sua prancha de *kitesurf* atrás do carro, então notou dois homens à espreita do lado de fora do portão. Seu coração acelerou. Eram policiais, com certeza. Virou-se e caminhou energicamente dando a volta na casa para chegar à praia.

Quando passava ao lado da piscina, o sol nascia no horizonte — a luz extraordinária da manhã —, mas ele nem notou, estava focado na fuga. Era tarde demais. O jardim explodiu em agitação. Homens saltaram para fora de arbustos, pularam a cerca, vieram para ele gritando “parado, parado, não se mexa”. Cercaram-no apontando-lhe rifles AR-15 semiautomáticos e berrando “no chão, não se mexa ou vai levar tiro”.

O coração de André batia forte. Chegara o momento que tanto temia. Caiu de joelhos e levantou os braços. De todas as direções, homens apontavam armas para ele, gritavam “no chão, deita no chão”. André se deitou de barriga para baixo, virando a cabeça para o lado. Os canos dos rifles chegaram mais perto. Ainda gritavam “mãos atrás da cabeça”. André as colocou na nuca. Uma bota pisou nelas, amassando a lateral de seu rosto contra a grama. “Não se mexa ou estouro sua cabeça”, gritou um policial.

Enquanto estava deitado com o rosto amassado na grama, pensamentos frenéticos percorriam sua mente: ligar para um advogado... Não tem drogas na casa... Subornar os policiais. Antes mesmo de se dar conta, já gritava “Tenho dinheiro. Tenho dinheiro no cofre. Não precisam usar violência”. Se fosse um homem de negócios inocente, que não esperava visita da polícia, pensaria que os homens fossem ladrões. Então, assumiu o papel. “Meu dinheiro está no cofre. Abro para vocês, aí podem ir embora.”

Nesse momento, ouviu pela primeira vez a voz de um homem que, em breve, se tornaria seu arqui-inimigo. “Não somos ladrões, André, somos da Polícia Federal.” O policial se inclinou e mostrou o distintivo para a cara amassada de André. “Sou Delegado da Divisão de Repressão a Entorpecentes e venho te seguindo faz três anos. Tua casa caiu, André.” O delegado ordenou que o policial tirasse a bota da nuca de André. Outro se aproximou e algemou suas mãos para trás. “Levanta”, ordenou o delegado, segurando-o pela camisa e o puxando para cima.

Quando ficou em pé, André viu ao menos quinze policiais ao seu redor.

Eles estavam com um puta medo. Não sabiam o que ia acontecer. Para eles, era mais estressante do que para mim, porque era uma operação grande pra caralho. Eles sabem que sou um traficante, não sabem se vou atirar neles, ou se talvez um segurança meu apareça e atire. Esses caras se prepararam para isso por semanas, e às 5h daquela madrugada receberam a chamada para a missão. Antes disso, para não vazarem a informação, ninguém tinha sido informado aonde iria. Ligaram para todo mundo às 4h, às 5h... “Agora vamos para tal casa, você vai para essa casa.” Então os caras chegam cheios de adrenalina e fazem toda essa cena de Hollywood.

André

André também tinha se preparado para esse dia. Ensaiara na cabeça como reagir a uma situação dessas desde quando escapara para o Havaí. Não ia se acovardar, jogaria duro — era um homem de negócios respeitável. Aquelas armas não o amedrontavam. O Brasil estava cheio de armas; ele mesmo tinha uma em seu restaurante e até os “aviões” do tráfico as portavam. Sabia que obedecer e se

acovardar perante cada demanda deles só pioraria a situação. Tinha de jogar duro, agir como o empreendedor respeitável que fingia ser.

Os policiais levaram André para dentro da casa, e ele percebeu que o delegado e seu parceiro eram os dois homens que avistara no portão. O delegado Fernando Caieron era o chefe da Operação Playboy, uma investigação — já com um ano de duração — sobre jovens ricos que traficavam drogas entre a Indonésia, Holanda e Brasil. André era sua primeira grande presa.

Dentro da casa, os policiais faziam a busca e o delegado Caieron perguntava a André onde ele guardava seu dinheiro. André esperava que isso fosse um sinal do interesse do policial em fechar um acordo, desconhecia até que ponto a investigação já ganhara escala.

“Ok, vamos para o meu quarto.” André os guiou por sua opulenta suíte de pedra e mármore. Tiraram suas algemas para que pudesse mostrar o esconderijo. Ele manipulou fechaduras invisíveis em um banco de mármore e, como mágica, o banco desceu pela parede de pedra, revelando o cofre logo atrás.

André digitou o código, abriu o cofre e foi bruscamente ordenado a se afastar. O delegado Caieron remexeu tudo, encontrou documentos e passaporte, mas nada de dinheiro nem drogas.

No caminho de volta para a sala, André discretamente ofereceu ao delegado Caieron € 150 mil para que ele e seus homens fossem embora. O delegado da Narcóticos tinha trabalhado duro no caso, havia pessoalmente fomentado a Operação Playboy, e, mesmo que quisesse aceitar o dinheiro, estava de mãos amarradas. “Não, eu não posso. Tem muita gente envolvida nesta operação e eu preciso mostrar alguém na mídia.”

Já de volta à sala, os homens mandaram que André se sentasse em sua espreguiçadeira balinesa de madeira, coberta de almofadas, enquanto continuavam a busca pela casa. O delegado Caieron começou a usar conhecidos jogos mentais da Polícia Federal.

Esse policial, Fernando Caieron, é um especialista nesse tipo de manipulação mental. Ele não dá um único tapa em ninguém, não dá porrada, só usa pressão mental.

André

“Eu vou te dar trinta anos de prisão, André. É um tempo longo, muito longo”, começou. “Mas, se nos ajudar, pode talvez pegar só dez anos. Se não ajudar, te dou vinte ou trinta anos de cadeia.”

André rebateu. “Porra, não fala merda, você não me dá nada. Você é um policial. Se quer ser juiz, tem que estudar pelo menos mais dez anos. Não me trate como criança, por favor.”

“Fala onde está seu dinheiro e podemos te ajudar”, continuou Caieron.

“Ah, claro! Quer meu dinheiro para me ajudar? Entra na minha casa com armas, quer me colocar na cadeia e quer meu dinheiro para me ajudar? Por favor, não pense que sou um otário. Se quer me ajudar, então me diz quanto quer — talvez eu possa te ajudar, talvez não. Mas, se quer usar meu dinheiro contra mim, não fala comigo; me prende e chama meu advogado.”

“Ah, você se acha esperto, André, mas nós te pegamos. Agora posso trazer mulheres para sua casa, nadar na sua piscina, usar seu carro.”

André o olhou incrédulo; sentiu que a tática estava tão evidente que não era digna do mestre da manipulação. “Pode tentar”, disse ele.

“Eu vou tentar.”

André não ia se entregar. “Ok, faça o melhor que puder, cara, pode usar minha piscina, pode trazer mulher. Essa é só uma das minhas casas pelo mundo; acha que ligo pra ela?”

“Nós te conhecemos, André, estamos te seguindo há três anos.”

“Bom, então sabem que não tenho drogas em casa; por que vieram aqui com esta baita operação?”

“Não viemos só na sua casa, André. Nesse momento, a polícia está no seu restaurante, na casa da sua namorada, no seu depósito.”

A polícia foi às minhas quatro casas na cidade, a duas casas minhas em outra cidade, a muitos lugares, oito ou nove, ao mesmo tempo, no Brasil — às 6h da manhã.

André

André continuou tentando disputar com o policial seus próprios jogos mentais, já que se achava também um mestre do poder mental, usara-o por anos com seus

cavalos. Quanto mais pessoal ficava Caieron, mais irônico André se tornava, sentindo que estava começando a irritá-lo.

“Agora vou pra casa da Gisele, vou colocar sua namorada na cadeia”, disse o delegado.

“Por que falar assim comigo? Primeiro... Faça seu trabalho, mas não deixa isso ser pessoal, porque você também tem família, e eu também posso transformar numa questão pessoal.”

“Ah, então agora posso te acusar de estar me ameaçando.”

“Não, só estou te avisando.”

Os guardas ainda revistavam a casa. Na verdade, essa era a casa dos sonhos de André, com um grande “fator uau”. Fora matéria de revistas de luxo brasileiras. Era uma grande casa estilo balinês com quatro quartos, pé-direito alto, construída em uma encosta em frente à praia. Toda a decoração, das almofadas de seda às cadeiras e móveis maiores, tinha sido feita sob medida em Bali. O negócio paralelo de André era a importação de móveis balineses — que também o ajudava na lavagem de dinheiro — e sua casa era um *showroom* ideal. Esse negócio também lhe dava um bom álibi para passar bastante tempo em Bali.

Esses móveis balineses eram um bom álibi pra minha família, para a sociedade local. Todo mundo olhava — o cara tá indo bem, o cara tá trabalhando. Às vezes, diziam “uau, você trabalha muito; precisa viajar todo mês”.

André

No jardim de trás ficava a piscina de frente para o mar, que dava uma vista espetacular desde a sala de estar, com estátuas de deuses balineses derramando água na piscina. Atrás dessa cena ficavam a praia e o azul sem fim do mar; a casa era cercada de montanhas e floresta, com bambus gigantes e arbustos. Era o tipo de luxo que ele imaginava desde quando, adolescente, recolhera as latas de abacaxi na praia.

André estava ficando irritado vendo os policiais revirarem tudo, aparecendo com o que ele rapidamente menosprezou como sendo uma evidência imbecil. Encontraram uma pilha de quase oitenta sacos plásticos verdes com *zip lock* e berraram, excitados, “vejam, vejam, isso é prova, pacotes para embalar cocaína”.

André interveio. “Ah, sim, podem por favor abrir o congelador para mim?”

“Por quê?”

“Podem abrir o congelador?”

“Ok, quer nos mostrar drogas dentro dele?”

“Não, meus peixes, carnes, minha comida, guardo tudo nesses pacotes. Achem que eu guardo os sacos plásticos que uso para embalar cocaína na minha casa?”

Após trinta minutos, perdeu a paciência. Não havia motivo para ser educado com esses policiais e, quanto mais tempo permanecessem ali, maiores seriam as chances de plantarem algo contra ele. Queria ir embora rápido, sem mais conversa furada. Começou a usar uma nova tática: gritar como um maníaco, “por favor, por favor, ajuda, alguém me ajuda, por favor”.

Parecia um maluco, pirado. Berrava e berrava para meus vizinhos.

André

Virando para o delegado Caieron e seus homens, gritou “Que porra estão fazendo na minha casa? Saiam da minha casa. Onde está seu mandado? Quero ver a papelada. Não vi nada ainda. Quero meu advogado. Você me prendeu, agora me leva para a delegacia. Eu preciso falar com meu advogado”.

Sem saber da operação da Polícia Federal, a Polícia Militar apareceu. Estavam respondendo a um chamado feito quarenta minutos antes por um vizinho que ouvira os gritos e testemunhara vultos pulando a cerca. Dois agentes federais saíram para falar com eles. O delegado Caieron cedeu, “ok, André, vamos”.

Enquanto André esperava sentado na delegacia, uma porta para uma sala adjacente se abriu. Viu ali sentado um de seus cavalos: Luiz Renato Pinheiro, um amigo de infância. André percebeu imediatamente que ele o tinha delatado. Ergueu as mãos algemadas e passou o dedão pelo pescoço, como uma faca. Luiz se assustou com aquilo e logo juntou as mãos em um gesto de “por favor, me perdoa”. Ele estava iludido. André nunca fora do tipo que perdoava.

Esse cara, o Luiz, foi preso com seis mil pílulas de ecstasy. Eu emprestei o dinheiro para ele comprar tudo isso porque, dois dias antes de eu viajar para o Havaí com a Gisele, ele veio até minha casa e disse “Ei, André, estou totalmente falido, pode me ajudar?”. Eu disse “Cara, não estou trabalhando, vou sair de férias

com a Gisele pro Havaí. Não quero mexer com drogas agora, estou dando um tempo”. Ele disse “Pô, irmão, por favor, me empresta um dinheiro, liga para seus contatos em Amsterdã?”. Eu disse “ok, vou te emprestar € 10 mil, você vai para a Holanda comprar dez mil pílulas, traz pra cá, vende como quiser e só devolve o que te emprestei e mais cem gramas de maconha, para eu ter o que fumar durante o verão”. “Ah, André, perfeito, obrigado, você é meu irmão.”

André

Apesar de ser prudente com dinheiro, André não se importou em emprestar essa quantia relativamente pequena a um amigo de infância, dado que tinha mais de meio milhão de euros no banco e em vários outros lugares. Luiz e André tinham crescido no mesmo bairro, jogado futebol na rua, surfado e ido a festas juntos. Alguns anos depois dessa época, Luiz pediu um trabalho para André, para conseguir pagar contas da família, e acabou fazendo cinco entregas. Com isso, André tinha confiança em que Luiz sabia as manhas e conseguiria se organizar sozinho. Mas foi um espetacular tiro no pé. Luiz embalara as pílulas dentro de um parapente e entrou sem problemas no aeroporto. Mas, após uma pista de que ele trabalhava para André, o delegado Caieron passou a segui-lo. Luiz e sua parceira, Cristiane, foram presos com seis mil pílulas de *ecstasy* em sacos plásticos verdes com *zip lock* na mesma manhã que André. Luiz “cooperou espontaneamente” dizendo que as pílulas eram do amigo.

Este cavalo me entregou. Falou tudo para a polícia: “Conheço o André há mais de vinte anos. Ele é um grande traficante do sul do Brasil. O maior”.

André

Mais tarde, André recebeu a notícia de que seu amigo de infância fora morto com vinte e cinco tiros, em um típico assassinato de delatores.

No Brasil, matam alcaguetes assim. Às vezes, cortam a garganta e puxam a língua pra fora; chamam de “gravata italiana”. Fazem isso para ensinar todo mundo, “se quer dedurar alguém, dá uma olhada nessa foto, e aí, tem certeza que quer ser dedo-duro?”. Meu amigo policial me contou que alguém atirou no cara

vinte e cinco vezes. Eu estava na prisão, mas todo mundo acha que alguém fez aquilo por mim. Eu também acho.

André

André recebera dois telefonemas na prisão de pessoas se oferecendo para matar Luiz. Mas, falando em uma linha insegura na cadeia, sua resposta fora sempre a mesma: “faça o que achar melhor”. André não tinha prova de que Luiz estava morto, mas, se fosse verdade, sentia que ele recebera o que merecia.

Eu disse “Ele que se foda. Morto? Ah, ótimo”. Perdi minha vida; perdi minha casa porque precisei vender para pagar os advogados; perdi meu amor, a Gisele; perdi minha família. O cara realmente destruiu minha vida. Para quê? Porque fez merda. Era coisa dele, não minha. E por isso não coloco a cabeça no travesseiro dizendo “ah, coitadinho, está morto”. Boa sorte para ele no céu, no paraíso, no inferno... Não sei para onde Deus mandou essa pobre alma, porque ele era uma pobre alma. Se você não tem uma estrutura forte, alma suficiente... Se você não é forte o bastante para ser preso, para lidar com policiais, então não brinca de vender drogas, porque provavelmente vai ter que lidar com isso um dia. Como esse cara, “ah, vou para Amsterdã para comprar e vender”, mas sem poder interno suficiente, sem força o bastante quando o policial fala “você...”. “Ok, sim, fui eu, fui eu.” O cara falou, falou, falou. E o pior é que ele era tipo família para mim.

André

Mas a emboscada na piscina de André não ocorrera apenas pelas pílulas de ecstasy de Luiz.

Outro cavalo falante fornecera evidências contra ele semanas antes. De novo, a queda de André fora resultado de mais um favor. Seu corrupto amigo policial Cláudio lhe ligara perguntando se não tinha um cavalo sobrando para fazer uma entrega em Amsterdã, pois acabara de confiscar oito quilos de cocaína. André lhe disse que Diego Amaral estava livre. Quando Diego ia saindo de São Paulo, foi pego. Diego fechou um acordo com o delegado Caieron — cuja missão obsessiva era pegar quem “comandava a operação”.

Não é fácil pegar esses caras, mas, quando você pega, a sensação é ótima, é tão intensa quanto a dificuldade.

Delegado Caieron

Foi um ótimo dia para o delegado quando Diego entregou André, cuspidando tanto nomes quanto informações detalhadas de suas entregas para ele. Informou à polícia sobre seu serviço anterior, alguns meses antes; transportara três quilos em mastros de windsurfe, entregues na sua casa por André, até Amsterdã — onde André os vendera e, juntos, contaram os € 66 mil em um quarto de hotel. Com parte desse valor, André comprou dez mil pílulas de *ecstasy* e 2,2 quilos de *skank*, empacotou em um *kitesurf* junto com mais € 25 mil em dinheiro e enviou tudo com Diego de volta para casa. Uma semana depois, apresentou Diego para um cavalo de uma nova entrega, oferecendo-lhe uma chance de investir.

Mas, antes de Caieron poder usar essa informação, tinha de esperar o retorno de André. A emboscada se deu seis semanas depois. O delegado acusou André pelos oito quilos de cocaína de Diego, pelas seis mil pílulas de *ecstasy* de Luiz e por lavagem de dinheiro.

André foi enviado para a prisão para aguardar julgamento — uma queda meteórica de sua vida anterior de luxo. A perda de *status* e de liberdade o machucou bastante, especialmente porque fora seu amor pelo sol poente e por voar pelo mundo que o atraiu ao tráfico.

Quando você entra na prisão, é como um sonho ruim, um pesadelo. Leva umas semanas ou meses para cair a ficha “é verdade, estou aqui”. Porque você fica paralisado, fica chocado.

André

Com sua mente afiada, André nunca aceitaria aquele destino sem lutar. Em uma sexta-feira à noite, exatamente 120 dias após ser jogado numa cela, conseguiu sair, graças a um pagamento de US\$ 50 mil que seu advogado fez a um Ministro do Supremo para conseguir fiança, atravessando os tribunais inferiores para evitar qualquer chance de perder a causa.

Nesse dia, quando saí, todo mundo ficou puto, os policiais estavam furiosos e frustrados. Meu advogado foi até a prisão às 22h, porque não queria ninguém me vendo — nada de imprensa, porque ele é esperto. Se você sai no jornal, chama a atenção dos outros ministros. Então você simplesmente escorrega pra fora.

Mas o diretor da penitenciária veio até mim dizendo “Você está sendo liberado porque este país é uma merda. A Polícia Federal passou três anos te procurando, três anos para te pegar, e agora você paga esse advogado filho da puta e pode sair — um traficante grande como você de volta às ruas. Estou com nojo da minha profissão”. O cara tava bravo. Não tava tão puto comigo, comigo ele foi educado.

André

O delegado Caieron também recebeu a notícia, e correu até a prisão para verificar a papelada, tentar descobrir um buraco ou um erro que impedisse a soltura de André. Sendo noite alta de sexta-feira, era tarde demais para que o Judiciário fizesse qualquer coisa. Caieron ficou furioso vendo seu peixe grande escapar mais uma vez, e lhe disse “eu vou te pegar de novo, porque sei que você é um traficante, André”.

André sentiu que eram inimigos mortais, que o delegado Caieron tinha inveja de sua vida. Ele retrucou, “Ei, calma aí, cara, eu comprei a minha liberdade. Você pega sua armazinha e vai perseguir ladrõezinhos, o povo de sandália na praia, os pés de chinelo. Eu vou voltar para a minha casa bacana, com a minha namorada, e você vai continuar carregando seu revolverzinho, perseguindo batedorzinho de carteira”.

Eu ainda me sentia poderoso, mesmo tendo ido para a prisão, porque fiquei só quatro meses, fumei maconha, até fiz ligações lá de dentro.

Ainda vendendo drogas?

Ainda vendia drogas lá de dentro e paguei pra sair. Quando saí, minha vida voltou na mesma hora. Tinha um monte de dinheiro no bolso; tinha tudo o que queria na vida. Com certeza, senti bem o impacto de ser preso, mas ainda me

sentia forte e poderoso. Eles me pegaram e me colocaram lá, mas fui mais inteligente e consegui sair, voltei a vender drogas do lado de fora, não conseguiam me pegar.

André

André se mudou para Fortaleza para evitar o risco de sofrer alguma armação dos policiais.

CAPÍTULO DEZOITO

OPERAÇÃO

PLAYBOY 2

O delegado Caieron ficou bravo — trabalhara pesado para conseguir evidências para tirar André de jogo —, mas já tinha conseguido uma nova vitória quatro semanas antes. Pegara outro *playboy*, conhecido como “Barão do *Ecstasy*”, e podia apresentá-lo à imprensa como outro chefe do tráfico preso pela Operação Playboy.

E o barão do *ecstasy* era Dimitrius, o Grego, que tinha acabado de chegar de Bali.

Vários meses antes, pouco depois da prisão de Rodrigo Gularte, Grego tinha se mudado junto com Fox para uma casa alugada na praia, bem em frente à mansão de Rafael em Canggu. Após algumas grandes perdas, Grego decidiu viver em Bali por um ano e investir em entregas junto com Rafael e Fox. Melhorou sua situação com Rafael ao se desculpar por tentar atravessá-lo, pôs a culpa em outra pessoa e ficaram amigos de novo.

Grego também estava começando a levar uma vida mais saudável, tentando ficar malhado cozinhando montes de legumes e fazendo longos passeios de bicicleta, com frequência de vinte ou quarenta quilômetros, através de campos de arroz, subindo vulcões, indo até o templo Tanah Lot em frente ao mar, geralmente com Rafael pedalando ao lado. A filha mais velha de Rafael também costumava acompanhar Grego em seus exercícios.

Contudo, após alguns meses, Dimitrius decidiu voltar ao Brasil. Uma semana antes, vira seu cavalo Rodrigo ser sentenciado à morte. Aquilo já era esperado e não o impediria de organizar novas entregas. Rafael o aconselhou a não voltar. “Está muito quente, cara, fica aqui. Você tem uma boa casa, um estilo de vida legal. O que vai fazer lá?” Na praia, outros surfistas também o encorajavam a ficar. Mas decidiu partir — sem desconfiar que o delegado Caieron já recebera dicas a seu respeito.

Tendo apenas uma vaga noção de quando Grego chegaria — em algum

momento depois do carnaval —, o delegado Caieron fincara os pés no Aeroporto Internacional de Guarulhos. “Íamos ao aeroporto todo santo dia checar qualquer tipo de compra, reserva, embarque ou *check-in* feito no nome dele — até o dia em que recebemos a informação... Ele estava vindo de Bali com uma conexão em Paris.”

Dimitrius levava € 3 mil de Rafael para dar a Fox para um novo projeto que ele estava fazendo no Brasil, nada ilegal. Usando seu passaporte grego, e não o brasileiro, Dimitrius partiu de Bali assegurando a Rafael que ia dar tudo certo.

Mas, quando chegou ao Aeroporto Internacional de Guarulhos em um voo lotado da Air France, o delegado Caieron e outros quatro policiais já o esperavam. Eles o conheciam apenas por foto, então era possível que estivesse diferente, e conforme os passageiros desembarcavam e se afastavam, eles não o viram. Conforme passavam os minutos, Caieron começou a temer que o tivessem perdido. “Foram os cinco minutos mais demorados da nossa vida, porque muita gente saía do avião e não havia sinal dele. Uma situação muito estressante.”

Então, o delegado o avistou. Ele, sem perceber, caminhava em sua direção. Chamou seu nome e Dimitrius levantou a cabeça.

E essa foi a hora que ele ouviu “você está preso”. Quando estava sendo algemado, virou o pescoço, olhou para mim e perguntou “Por que está fazendo isso? O que eu fiz?”. Eu pus minha mão no ombro dele e disse “Dá uma pensada, amigo!”.

Delegado Caieron

Rafael descobriu que seu amigo tinha sido pego quando sua filha viu a notícia na internet.

“Papai, olha, seu amigo foi preso.” “O quê? Me mostra!” Minha filha tinha feito exercício com Dimitrius, feito ginástica com ele, e viu a notícia.

Rafael

(...) Dimitrius Christopoulos, 36, preso durante a Operação Playboy da Polícia Federal. Christopoulos é acusado de ser membro de uma gangue envolvida em tráfico internacional de drogas, especificamente para a Holanda e Indonésia.

*Tribunal Federal do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, 27 de maio
de 2005*

Dimitrius, que também tem nacionalidade grega, é acusado de comandar uma quadrilha que nos últimos anos aliciou jovens de classe média alta, quase sempre praticantes de esportes radicais, como o surfe, para transportar cocaína para países com grande fluxo de turismo na Europa e Ásia.

A Polícia Federal disse que a quadrilha movimentava muito dinheiro, mas não soube precisar o montante. “Prendemos uma das maiores organizações de tráfico de drogas sintéticas do país. Uma quadrilha que atuava usando a cocaína como moeda de troca na Europa e na Ásia”, disse o delegado Ronaldo Magalhães.

O Estado do Paraná, 20 de fevereiro de 2005

Fazia dezesseis meses que o delegado Caieron seguia Dimitrius, desde que seu cavalo Luis Cafiero fora preso e o delatara. Luis era o cavalo cuja tez pálida — incoerente com a vida de um surfista — criara suspeitas e fizera com que suas malas fossem revistadas e 7,3 quilos de cocaína fossem revelados entre as pranchas. O detalhe de não ser bronzeado o fizera cair e, conseqüentemente, seu chefe também, provando que o escrutínio pedante de Rafael em relação à aparência de seus cavalos — despenteando seus cabelos, comprando-lhes as roupas certas — valia o esforço.

O réu Dimitrius Christopoulos foi preso em fevereiro deste ano após ser denunciado pelo também réu Luis Alberto Faria Cafiero, pego com 7,3 quilos de cocaína ao tentar embarcar em um voo para a Indonésia, com conexão na África do Sul.

*Tribunal Federal do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, 1º de abril de
2005*

Luis Alberto Faria Cafiero, 27, foi preso em São Paulo. “Ele não tinha o bronzeado típico de um surfista”, disse um dos policiais.

Orlando Sentinel, 12 de outubro de 2003

O delegado Caieron também havia acompanhado a prisão de Rodrigo Gularte, o que o ajudara a acelerar as investigações. A equipe da Operação Playboy tinha prova de que Dimitrius comprara passagens para Rodrigo e outros dois surfistas que foram com ele — e que pagara pela operação.

Na agenda eletrônica confiscada de Dimitrius, Caieron ganhou na loteria ao encontrar mais nomes de *playboys*, incluindo Rodrigo Gularte.

Segundo a Polícia Federal, foi a quadrilha de Dimitrius Christopoulos que mandou para a Indonésia o brasileiro Rodrigo Gularte, de 32, recentemente condenado à morte por um tribunal daquele país por tráfico de drogas. Gularte foi preso em julho do ano passado, no Aeroporto Internacional de Jacarta, quando tentava entrar no país com seis quilos de cocaína escondidos dentro de pranchas de surfe...

A agenda eletrônica confirmou a conexão entre Christopoulos e Rodrigo Gularte, preso por tráfico e condenado à morte na Indonésia. Nomes de outros jovens que vivem em Santa Catarina também constam na agenda, alguns acompanhados da palavra “cavalo”.

Diário de Santa Catarina, 5 de maio de 2005

Quatro dias após a prisão no aeroporto de Guarulhos, a polícia usou um jato particular para transferir Grego para Florianópolis, base da Operação Playboy. Tido como um perigoso chefe do tráfico, com conexões com a Máfia, sua transferência foi supervisionada pelo delegado Caieron e se transformou em uma grande operação. Todos os policiais, bem como o prisioneiro Dimitrius, tiveram de usar colete à prova de balas.

Colocaram ele na TV dizendo que era membro de um grande cartel. Quando voaram, foram todos de colete à prova de balas e acompanhados por atiradores de elite, como se ele fosse muito perigoso. Fizeram ele parecer o maior mafioso. Tudo mentira, era apenas um playboy, um jovem tocando a vida. Não era capaz de

matar uma barata. Se você olha pra cara dele, nunca vai acreditar que faz esse tipo de coisa, porque parece filhinho de papai, muito educado, educado demais algumas vezes, e bonito.

Mas foi engraçado porque aqueles burros fizeram toda essa merda com atiradores de elite e jatinho privado aí vieram com a conta do aluguel do jatinho e fizeram Dimitrius pagar. Ele tinha dinheiro no banco, na época... De todo jeito, todo seu dinheiro, tudo no banco, tudo que estava em seu nome, eles deveriam ter confiscado, porque era dinheiro de droga.

Rafael

*

Enquanto isso, o delegado Caieron queria ver seu outro peixe grande de volta atrás das grades. Logo ele teria sua chance. André estava entediado no Nordeste e voou de volta para Santa Catarina. Ainda traficava, não tinha parado nem na prisão — “o dinheiro corria como água” —, mas estava tomando cuidados extras. Quando recebia uma ligação de um cavalo pedindo um serviço, concordava, mas avisava que não chegaria nem perto da cocaína.

Eu não sentia o perigo, o perigo muito sério em volta de mim, ainda me achava inteligente. Burro!

André

Após receber uma denúncia de que André estava organizando uma entrega, o delegado Caieron pôs um time para vigiá-lo assim que ele voltou de Fortaleza.

Tínhamos informação de que André voltara de Fortaleza e planejava enviar um novo carregamento de drogas para outros países. Por causa disso, o delegado nos pediu para intensificarmos a vigilância sobre ele.

Marcos Cezar Pitanguí Pereira, agente da Polícia Federal, em depoimento no tribunal

Com os três quilos de cocaína de André escondidos em seu *kitesurf*, o cavalo Marco Froes, de vinte e seis anos, se preparava para embarcar no voo das 7h30 de Florianópolis para Fortaleza. Mas a polícia o prendeu. Em noventa minutos, já estavam na casa de André. André sabia que aquilo era rápido demais para ter sido uma operação aleatória.

Estava certo; o time da Operação Playboy vinha vigiando todos os seus passos. Mas André suspeitava que o caso fosse um pouco mais sombrio e que seu cavalo, que viera empolgado pedir essa entrega, já trabalhava com a polícia desde o início — provavelmente após ter sido preso anteriormente por outro motivo.

Em retrospectiva, sentia ter perdido várias pistas. O cavalo ligara duas vezes para o celular de André na manhã do voo, apesar de André ter lhe dito explicitamente para não ligar. André tinha certeza de que isso era para provar a conexão entre eles. “Eu não atendi. Pensei ‘Por que esse filho da puta está ligando?’” Durante a organização da entrega, também ligara insistentemente pedindo que André fosse ajudá-lo a empacotar. “O tempo todo o cara tentava se encontrar comigo, mas eu ficava sempre longe de tudo, bem longe. Eu disse ‘não vou tocar nessa merda, cara, não vou até aí, alguém vai aí te entregar.’”

André também dera ao cavalo um cheque para a compra da passagem aérea, insistindo que o trocasse em um posto de gasolina antes. Mas ele desobedeceu; usou o cheque em uma agência de viagens para pagar o voo. Essa evidência foi usada posteriormente contra André. Ele agora percebia que o delegado Caieron se certificara de todas as formas, não deixando nada ao sabor do acaso; acreditava que ele forçara o cavalo a reunir o máximo de provas possíveis.

O delegado não queria perder André de novo. E não perdeu. André foi direto para a cadeia em uma sexta-feira, exatamente dezenove semanas após sair livre pela porta da frente por comprar sua fiança.

Nunca duvidamos de que André voltaria a esse tipo de atividade. Então, reiniciamos nossa investigação e esperamos por seu passo seguinte. Estávamos certos.

Delegado Caieron

É como um jogo pessoal entre mim e esse cara, Fernando Caieron. Ele é um

verdadeiro playboy, o chefe. Isso é pessoal entre nós.

André

Com as cadeias superlotadas, André foi enviado para viver em um contêiner de carga com outros três presos — outro mergulho acentuado e doloroso em relação ao seu antigo estilo de vida. Como esperado, logo criou um plano de fuga. Quatro dos contêineres dividiam uma área externa comum fechada no topo por uma grade. Por horas, todos os dias, as portas dos contêineres eram abertas. Guardas sentavam acima deles e vigiavam pela grade, mas, durante as trocas de turno, havia vinte ou trinta minutos sem supervisão. André logo conseguiu que os outros prisioneiros serrassem as barras e em seguida as colassem de volta usando sabão, pasta de dente e cinza de cigarro, antes do turno seguinte.

Finalmente, após cortarem quatro barras, estavam preparados para fugir. O plano era esperar por um dia chuvoso, quando os guardas raramente ficavam nos tetos dos contêineres. Na primeira manhã com chuva, três meses após André ser preso pela segunda vez, conseguiu escapar junto com outros onze. Escalaram a grade, pularam lá de cima e correram por suas vidas. Um agente penitenciário sem sorte apareceu no caminho deles no meio da fuga e um preso forte lhe deu um soco na cara, derrubando-o do contêiner.

Reginaldo é grande pra caralho, só “pau”, deu um soco na cara do guarda e ele caiu de lá.

André

Os doze fugitivos se embrenharam pela floresta, seguidos por guardas disparando metralhadoras e correndo atrás deles com cães e cavalos.

Quando eu pulei, o guarda começou a atirar com a metralhadora. Corremos, corremos, corremos para as favelas, dois quilômetros. E, depois de trinta minutos, chegamos em uma casa, os doze conseguimos escapar... Uhuuuul, irado, fizemos uma festa grande — drogas, mulheres, jantar. Pra mim, a festa não foi tão legal, porque não gosto de ficar dentro da favela, é uma classe diferente de pessoas, mas, pros outros caras, uhul, festa, mulheres. E a polícia não podia entrar lá.

Por quê?

Porque iam levar tiro. São milhares de casas pequenas e a maioria das pessoas que vive lá dentro é ladrão, traficante, tudo bandido, de todo tipo. E, se a polícia tenta entrar, esses caras atiram com armas poderosas, “bang, bang, bang”.

André

André ficou no Brasil, ainda no tráfico, se escondendo e vivendo bem, mas a imagem pública que criara e saboreara, de um respeitável empreendedor, estava agora despedaçada. O delegado Caieron se certificou de que sua história fosse parar nas manchetes dos jornais.

De acordo com a Polícia Federal, André Mendes está ligado a grande parte da cocaína que sai do Brasil para a Europa, onde é trocada por drogas sintéticas como ecstasy e LSD, que são trazidas para o Brasil por mulas.

A Notícia, 19 de novembro de 2004

Eles me chamaram de “o maior exportador de cocaína do sul do Brasil para a Europa”. Isso é uma puta palhaçada, porque os caras que mandam por contêiner são dez vezes maiores que eu. Aí me pegaram e tentaram me fazer de exemplo para a sociedade. “O cara fez universidade, tem dinheiro, tem um grande restaurante, mas agora está na prisão porque é um traficante de drogas.” Mentira do caralho.

André

André ficou foragido por cinco meses antes que seu advogado o convencesse a se entregar. Avisou André que, *in absentia*, o juiz precisava dar a pena máxima, mas que possivelmente daria uma pena menor se ele se rendesse.

Meu advogado me disse “se aparecer aqui, tem chance de conseguir uma pena muito, muito pequena”. Então, fui até o escritório dele e disse “estou aqui”. O juiz me deu quinze anos por um crime, quinze anos por outro crime e sete por mais

outro — trinta e sete anos no total.

Você ficou surpreso?

Com certeza.

André

Também foi obrigado a pagar US\$ 300 pelo conserto das grades cortadas nos contêineres.

André foi jogado na Penitenciária de Segurança Máxima de São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina, da qual ninguém jamais conseguira fugir. A maioria dos presos da Seção 4, onde André vivia agora, tinha múltiplas sentenças de prisão perpétua. “Com certeza, me colocaram no pior lugar.”

O Grego também estava lá. Sem demora, os dois *playboys* usaram seus instintos de negociantes para fechar acordos e tornar a vida um pouco mais fácil. O Grego pagou para conseguir um trabalho na cozinha e André pagou US\$ 3 mil para trabalhar na biblioteca. Então, em vez de ficar trancafiado na cela durante as vinte e duas horas diárias regimentais, André era livre para andar pelos corredores das 6h às 20h empurrando um carrinho de supermercado cheio de livros.

A cadeia é muito, muito gigante, duas mil pessoas dentro. É como uma cidade. Às 6h, abrem minha porta, eu pego meu carrinho de supermercado cheio de livros e vou para todo lado. Fico passeando o dia todo, fumando maconha, conversando, às vezes fazendo festa... Porque tem seis seções diferentes... “Hoje tem festa nessa seção, aniversário de Fulano.” “Ok.” E eu vou lá com meu carrinho. Às 20h estou cansado de andar o dia todo e caio morto na minha cela.

André

Apesar de extrair o melhor de uma situação ruim, André não tinha intenção nenhuma de empurrar o carrinho de supermercado por um segundo sequer a mais do que o necessário. Tinha uma astuta carta na manga.

Esperava voltar logo para Bali.

CAPÍTULO DEZENOVE

CONTRA AS PROBABILIDADES

Todos os meus amigos começaram a ser presos em Bali, no Brasil, na Austrália, e aí eu pensei “que merda, cara, tão vindo atrás de mim — preciso tomar mais cuidado”.

Rafael

Em Bali, Rafael via seus amigos caírem pelo mundo. Sabia que sua estratégia de congelar abruptamente e se manter discreto — e uma boa estrela — o mantivera livre até ali.

Ainda era seguido esporadicamente, continuava quente, policiais invadiram duas vezes o banheiro em boates enquanto ele estava lá dentro. Mas na maior parte do tempo continuava fingindo ser um devotado pai de família, apesar de ser um chefe do tráfico bastante ocupado. Uma manhã, recebeu uma ligação de alerta de um vizinho balinês, a polícia estava com lentes apontadas para sua casa. Ele correu para cima com seu binóculo, fechou as cortinas e espreitou. Mais acima na rua havia um grupo de homens, claramente policiais, com seus bigodes clichês, cabelos longos, tatuagens, sentados em motos, fumando, conversando, esperando e vigiando-o com binóculos velhos.

“Eu via os burrões na minha frente.”

Houve uma batida na porta de entrada. Era um amigo surfista e fotógrafo: “ei, Rafael, vamos surfar”.

Rafael o convidou a subir e lhe emprestou o binóculo. “Cara, você veio em má hora, vou ser preso em breve. Olha nos arbustos, os guardas estão ali; são muito burros, dá pra ver fácil.”

O fotógrafo virou para Rafael: “Por que você não foge?”

“Correr para onde? De todo jeito, não preciso fugir... Não tenho nada aqui, então eles que se fodam, podem vir... Vamos, os otários podem esperar.”

Com as pranchas embaixo dos braços, os dois saíram pelo caminho ladeado de palmeiras e passaram pelos evidentes policiais disfarçados. Em poucos minutos, remavam para dentro do mar, onde Rafael planejava ficar por bastante tempo para irritar os policiais e adiar o inevitável.

Eu sabia que, assim que saísse da água, eles viriam até mim. Eu não tinha drogas em casa, mas estava um pouco preocupado, porque, na minha posição, não queria nenhum contato com a polícia.

Quase duas horas depois, Rafael saiu da água e sentiu os policiais se posicionarem. Andou pela areia com seu amigo até um pequeno café em frente à praia, sentou e pediu seu café da manhã. Eles podiam esperar um pouco mais.

Dois policiais balineses se aproximaram e sentaram próximos, descaradamente ouvindo a conversa, mas sem esperanças de compreender. “Olha só, esse filho da puta acha que não percebi que é policial”, disse Rafael em português. “Ele vai tentar me foder daqui a pouco.”

Seu amigo sentia o calor. “Rafael, tem certeza que não tem nada na sua casa?”

“Sim, tenho certeza.”

Cerca de vinte minutos mais tarde, era hora de partir. Rafael caminhou os noventa e três metros da praia até seu portão de madeira sentindo todos os olhares em cima dele. Estavam posicionados, prontos, esperando só um sinal para atacar. Assim que tocou no portão, a rua pacata explodiu. “Polícia, polícia”, gritavam eles saindo de trás dos arbustos. Três motos vieram aceleradas de um lado, outras três da direção contrária. Dificilmente aquilo o assustaria.

“Eu sei, já sei”, falou Rafael. “O que querem?”

Queriam entrar. “Ninguém entra na minha casa sem uma testemunha e vocês precisam de um mandado.” Um dos policiais lhe entregou um pedaço de papel escrito em indonésio. “Porra, não entendo isso, esperem”, disse Rafael e chamou seu vizinho balinês. “Wayan, por favor, venha aqui rápido.”

Wayan leu o mandado e, com pesar, disse “ah, Rafael, o Marco Archer te entregou”.

“O quê?”

“Ele disse que você é o cara que cuida de toda a cocaína que vem da América do Sul para a Ásia.” Fazia quase dois anos desde a prisão de Marco. Rafael apanhou o papel e ficou olhando para aquelas palavras estranhas.

E aí vi o nome “Marco Archer Moreira”. Eu não sei por que ele fez isso comigo. Ele me entregou. Tinha inveja do meu sucesso. É triste.

Rafael não teve escolha a não ser deixá-los invadir seu santuário, apesar de seu medo de que plantassem algo. Uma dúzia de policiais cruzou atabalhoadamente o portão, rapidamente se espalhando pelo jardim, devastando as plantas, caçando. Sem encontrarem nada, foram todos para dentro da casa.

Anna tinha saído, mas as crianças estavam em casa e ficaram logo bravas com os intrusos mexendo em suas coisas. “Meus filhos estão cagando pra polícia.”

“Vocês são uns grossos, não podem entrar assim na casa dos outros e abrir a geladeira”, advertiu a filha mais velha de Rafael. Um dos filhos menores gritou “Não encostem nas minhas coisas. Papai, faça eles pararem, faça eles pararem”.

A despeito dos protestos, Rafael preferia manter os policiais no quarto das crianças a tê-los no próprio, mas eles logo subiram a escada em espiral rumo a seu quarto, onde as coisas ficaram feias.

“Onde está sua cocaína? Sabemos que é um traficante.”

“Ei, cuidado, você não pode falar uma merda dessas, tem que provar”, retorquiu Rafael. “Do que está falando? Sou um homem de família.”

O policial levantou a camisa, mostrando um velho revólver calibre 38. “Eu tenho uma arma, então nos mostra a droga ou vou fazer um buraco no seu joelho.”

Rafael sabia que eles não fariam isso com um ocidental. Era uma tática para assustá-lo, mas não funcionou. “Claro, tenta a sorte, atira em mim. Vai ser o pior erro da sua vida, porque vou te processar. E não tenho medo de armas. Meu pai é policial”, mentiu. “Eu cresci com armas por todos os lados e sei que essa merda velha nem funciona.”

“Ah, funciona sim, e vou usar se você não abrir a boca”, vociferou o policial.

“Vocês são muito burros”, retrucou Rafael. “Sou um homem de família. Estão no lugar errado. O grande mafioso que realmente tem cocaína está rindo de vocês. Vocês são uma piada.”

“Para, Rafael, não fala isso”, interveio o vizinho, com medo de que as provocações saíssem pela culatra.

Rafael o ignorou. “Não tenho nada para temer. Sou limpo, não uso drogas. Testem meu sangue”, disse ele mostrando o braço. “Tenho crianças para criar.

Vocês não podem entrar assim com armas em uma casa com crianças. Isso é errado.”

Os policiais estavam enfurecidos agora, procuravam com mais afinco. Dois deles entraram no banheiro de sua suíte. Rafael ficou tenso. Dentro de sua escova de dentes elétrica havia um grama de cocaína. O mínimo rastro o derrubaria. Mas logo os dois se focaram na vasta coleção de perfumes caros, cremes e loções de Anna, perfumando o ambiente enquanto abriam as tampas, apertavam os *sprays*, cheiravam e colocavam os dedos nos produtos. A escova de dentes sem graça de Rafael ficou intocada.

Outros policiais faziam buscas nas roupas de grife de Rafael e Anna, tateando dentro de sapatos Prada e nos bolsos de suas bermudas de surfe Quiksilver e seus ternos Armani.

O chefe mandou abrir o cofre, mas Rafael pediu que ele esvaziasse o quarto antes. “Vamos só você, eu e meu amigo balinês para abrir o cofre. Não quero que todo mundo veja o que tenho lá dentro. São coisas pessoais.” O chefe concordou e, quando o abriram, admirou de olho arregalado aquela riqueza: o Rolex de € 25 mil de Rafael, sua corrente de ouro de um quilo, muitas joias e em torno de € 3 mil em dinheiro — assim como fotos, passaportes e documentos, mas nada incriminador.

“Desculpe, meu amigo, chegou no cara errado”, disse Rafael fechando o cofre. “Eu te falei, sou um cara de família. Sem ofensa, mas vocês são tão burros... O Marco mandou vocês pro cara errado. Ele falou meu nome para limpar a barra do traficante verdadeiro. Agora vocês tentam foder o cara bom e o cara mau deve estar rindo. Por que ainda acreditam nesse cara?”

“Nós sabemos exatamente o que você faz”, replicou o policial. “Estamos te seguindo faz dois anos.”

“Certo, então vocês me veem acordar todo dia às 5h, surfar, levar meus filhos para a escola. Não me encontram nas boates toda noite, encontram? Os traficantes, eles é que ficam indo a boates”, disse ele, agora embalado no discurso.

“Se realmente me seguiram pelos últimos dois anos, viram que eu durmo toda noite às 21h. Acordo às 5h, faço ioga, surfo, ensino meus filhos a surfarem. Porra, não perceberam que ficaram aqui por um mês e não viram nada? Eu vejo vocês aí fora o tempo inteiro, como vi hoje de manhã. Vocês têm que ser mais discretos. Olha meu binóculo... É muito maior que os de vocês. Eu vejo vocês;

consigo ver o buraco no seu dente, daqui. Não podem trabalhar assim. Se eu fosse um traficante de verdade, poderia atirar em vocês daqui.”

O cara ficou com muita vergonha enquanto eu fazia esses comentários.

Já procuravam havia três horas e não encontraram nada. Em uma tentativa desesperada de conseguir ganhar alguma coisa naquela operação, o chefe perguntou a Rafael, “Pode dar um pouco de dinheiro?”

“Hein? Por quê?”

“Porque preciso fazer um curso em Jacarta, preciso de dinheiro.”

“Não, não posso te dar dinheiro. Primeiro, porque tenho filhos pra criar, pagar a escola, os vistos. Por que vou dar dinheiro para você assim do nada?”

“Por favor, *Pak* (Senhor) Rafael, só dois milhões de rúpias (US\$ 200) para me ajudar na passagem para Jacarta!”

Eu disse “Não, desculpa. Por favor, pode ir embora, levar seus amigos pra longe da minha casa. Quero descansar”. Pak Wayan, conhece? Esse cara é chefe da polícia, investigador, cabelo comprido, parece bandido — eu me recusei a dar dinheiro para ele.

O policial mudou de estratégia, pedindo para que Rafael armasse para alguém. “Pode nos ajudar indo numa boate e tentar comprar *ecstasy* pra nos mostrar o traficante?”

“Está maluco?”, retrucou Rafael. Antes de sair, o chefe da polícia anotou números da agenda do celular de Rafael. Nenhum número pertencia a um traficante, esse era seu celular “limpo”, mas ele também pegou o número de Rafael e logo começou a usar.

Ficava me ligando todo dia. Eu falava “Porra, não me liga mais. Ok, vamos fazer um acordo: vem aqui agora e te dou 500 mil rúpias (US\$ 50) — não para me ajudar, mas para você me esquecer e não ligar nunca mais”. Ele reagia “ahahahaha”. Ele viu meu estilo de vida, acho que pensava “tenho que tirar algum dinheiro desse filho da puta”. Ele tentou de tudo.

Rafael estava seguro, por enquanto; escapara de se queimar usando a tática de manter a casa limpíssima, responder com mentiras rápidas e consistentes e com

um discurso afiado, fluente. Mas estava furioso com Marco.

Nunca achei que a polícia viria desse jeito. Fiquei muito putado com o Marco. Liguei e disse “Cara, se me colocar na cadeia, você morre, porque vou te matar, seu filho da puta. Por que falou de mim?”. “Pô, eu não disse nada, não disse nada.” Mas o nome dele estava naquele papel.

Então ele tentou te entregar para conseguir um acordo?

Acredito que sim. Os policiais me mostraram o mandado; tinha uma declaração do Marco. Eu estava pensando em foder com ele. Fiquei bravo. Eu praticava boxe, treinava colocando a foto dele no saco de pancadas e batendo forte. Pá, pá, pá. Lembro que me dava motivação.

*

Rafael logo recebeu mais notícias ruins. Chino estava quente e fugindo para salvar a vida. A polícia de Bali nunca o importunara, mas a polícia de Jacarta o caçava após chegar a ele por um efeito dominó de delatores, desde a base até o topo.

A descoberta do império de drogas de Chino em Bali começou quando a polícia de Jacarta prendeu um pequeno traficante com dez pílulas de *ecstasy*. Ele delatou seu vendedor, que foi preso com 713 pílulas, e também entregou seu fornecedor, um homem de Taiwan chamado David, que foi preso com vinte e sete mil pílulas, que por sua vez transformou aquilo em uma investigação internacional ao delatar seu vendedor, Collin, de Singapura. Seguindo a movimentação financeira de Collin, a polícia chegou a uma conta bancária em nome de Henry.

*Henry, que era o confiável braço direito de Chino, confessou tudo e contou à polícia os segredos do tráfico de *ecstasy* em Jacarta, Bali, Holanda e Singapura.*

Bali Post, 31 de março de 2005

A polícia rastreou a transferência de US\$ 2 milhões para uma das contas de Chino. Como reportou o jornal *Bali Post*: “Chino forneceu uma quantidade de pílulas de *ecstasy* avaliada em 19 bilhões de rúpias em um período de dez meses”.

A história foi manchete de todos os jornais da ilha: “Inacreditável e chocante!”. “O chefão do M3; rico, descolado, sem nunca conseguir explicar claramente seu negócio: o mendigo que virou um milionário e um fugitivo.”

Os anos de impunidade de Chino terminavam, com policiais de Jacarta rastejando sobre todos os seus ativos. Vinte policiais com cães vasculharam seu lava-rápido e café M3 por quatro horas. Não acharam nada que o incriminasse, mas confiscaram documentos, registraram todos os bens e lacraram o imóvel. As portas da frente ganharam cadeados, um guarda fazia a segurança da entrada e os 130 funcionários foram impedidos de entrar. O local, usualmente frenético, foi tomado por um silêncio incomum. Cinco dias depois, a polícia revirou tudo novamente, das 10h às 16h, mas continuou sem encontrar drogas.

A polícia de Jacarta também revistou a casa de Chino em frente ao rio em Legian, suspendeu o aluguel de seus vinte *jet-skis* em Nusa Dua e selou seu empreendimento de esportes aquáticos com uma fita amarela, “pois havia suspeita de ser parte do seu sistema de lavagem de dinheiro”, reportou o *Bali Post*. Também confiscaram vinte e seis carros, sete motos, doze computadores pessoais, seis *videogames*, sete televisões, quatro *karts* e alguns equipamentos de som.

Tinham um mandado para realizar essa operação, mas — em uma estranha reviravolta bem ao estilo de Bali — a polícia sofreu um contragolpe. Advogados da mulher de Chino argumentaram que a polícia de Jacarta apreendera os bens baseada em um mandado do Tribunal Distrital de Denpasar — mandado que, na verdade, “nunca fora emitido por esse tribunal”.

A polícia apreendeu os bens baseada em uma carta do Tribunal Distrital de Denpasar, número W.16.DDP.UM.01.10-665 datada de 1º de abril de 2005, que concedia o mandado de busca. Entretanto, descobriu-se que essa carta nunca foi expedida pelo Tribunal Distrital de Denpasar.

Denpost, 18 de abril de 2005

Eles foram obrigados a liberar os bens de Chino. Nada surpreendentemente, as coisas em Bali continuavam funcionando a favor do chefão da droga. Ao mesmo tempo, suas amizades com pessoas influentes na ilha começaram a aparecer

desconfortavelmente em manchetes embaraçosas. Apesar de a corrupção em Bali ser tão comum como os campos de arroz, as pessoas se revoltavam quando isso era exposto, e não gostavam. Como uma fonte contou ao *Bali Post*, “isso, aparentemente, é um pesadelo para o dono do M3, que é amigo íntimo de algumas autoridades de alto escalão do governo”.

Outra fonte complementou, “ele era amigo de algumas autoridades bastante conhecidas no governo, gente de alto escalão na polícia, até de médicos famosos, mas não posso dar nomes”. A fonte ficara perplexa ao ser informada de que Chino agora era um fugitivo e um alvo da Polícia Central da Indonésia e da Polícia Metropolitana de Jacarta. “Por que essa polícia de Jacarta está atrás do Chino? Qual o problema com a polícia de Bali? Eles fingem que não sabem?”, brincou.

Denpost, 20 de março de 2005

Até o governador de Bali, Made Pastika — ex-delegado da polícia local —, foi notícia quando o gerente de operações de Chino, Bejo, declarou ter visto o carro dele ser levado do M3 após a operação de confisco da polícia de Jacarta.

Enquanto isso, a mulher de Chino contratara uma equipe de advogados caros em Bali que argumentaram que ela, e não Chino, era dona daqueles bens, embora não tivesse documentos para comprovar.

Rafael confirma que “Chino tinha muitas conexões dentro da polícia”. Como esperado, fora informado da operação policial a tempo de fugir e evitar a prisão. Seu nome real não servia mais, pois a Interpol expedira uma Nota Vermelha — um tipo de mandado internacional de apreensão —, então ele estabeleceu sua nova base em um país próximo dali e continuou a fazer milhões com a produção de *ecstasy*, agora sob um novo nome falso.

*

Quando Rafael soube da queda de Chino, temeu imediatamente que seu nome fosse envolvido. “Eu pensei ‘merda, agora me fodi, eles vêm atrás de mim também’. Talvez tenham colocado câmeras (no M3) e me visto lá o tempo inteiro.”

Rafael não foi preso naquele momento, mas continuava pisando perigosamente em ovos. Meses após a primeira invasão, dois policiais voltaram, buscando abrir

caminho para dentro de sua casa. “Polícia, polícia”, berravam eles tentando entrar.

“Ei”, gritou Rafael, “Não me importa se são policiais, esta é uma propriedade privada. Vocês não podem entrar assim. Qual o problema?”

“Temos informações que você é um traficante, seguimos você por três anos.”

Rafael riu, “cara, você não pode entrar na minha casa, por favor, saia da minha propriedade, vocês estão sem mandado”.

“Eles saíram na hora, vi que eram cagões. Se fossem da pesada, diriam ‘cala a boca, filho da puta’ e jogariam algo no jardim para me foder.” Rafael concordou em falar com eles do portão para fora, após seu vizinho Wayan chegar para ser testemunha. Eles queriam nomes, mas não tinham muita esperança: “Eu disse ‘esqueçam de mim, estão falando com o cara errado”.

Na mesma época, Rafael encontrou por acaso, em um supermercado Carrefour, o delegado da polícia antidrogas Pak Wayan ainda querendo “ajudá-lo”. “Pak Rafael, lembra de mim?”, perguntou o policial.

“Pak Wayan, ainda trabalha na polícia?”

“Sim, se precisar de algo, pode ligar”, disse ele, entregando seu cartão a Rafael.

“Calá a boca, cara”, respondeu Rafael, certo de que nunca ligaria. Subornar um policial não impedia que outro o prendesse, como ficara provado no caso de Chino.

*

A combinação de policiais circulando por todo lado, a ilha quente e o risco de cavalos receberem pena de morte levaram Rafael a migrar todos os seus negócios para o país natal de sua mulher, a Suécia, e outros lugares da Europa.

Eu não vendia mais em Bali porque fiquei com medo de alguém receber a pena de morte. Eu pensava “não quero ter isso nas minhas costas, alguém morto”.

Com seus anos de experiência no jogo, as pessoas continuavam investindo em suas entregas, que ele organizava por meio de ligações em telefones públicos de Bali. O Hells Angel Tota usava Rafael para organizar e vender sua cocaína.

Tota me chama de garoto de ouro, porque tudo o que eu toco vira ouro. Ele estava muito empolgado, “vamos vender em Estocolmo, sua mulher é de lá, é fácil”.

Você fez muitas vendas em Estocolmo?

Várias.

Voava para lá frequentemente?

Sim. Primeiro, mandava o cavalo do Brasil. Ele me ligava quando chegava e dizia “pronto”. Eu falava “ok, amanhã estou aí”, porque tem voo diário de Bali para Estocolmo. Aí eu encontrava o cavalo no hotel em Estocolmo com a prancha de windsurfe. Levava os mastros para meu apartamento, abria, esperava, vendia, recebia o dinheiro, pagava o cavalo, despachava ele e voava de volta para Bali cheeeeeio da grana.

A esposa de Rafael também fez muitos voos para ajudá-lo a trazer o dinheiro para casa.

Sua mulher trabalhava com você?

O tempo inteiro. Ela era mais cabeça — cálculos, números — e eu era mais ação, ficava em campo. Mas comecei a envolver ela um pouco demais. Não nasci para ser traficante, porque era muito gente boa e ela jogava sempre na minha cara, me pressionava: “Não, esse preço é muito baixo, está maluco?” e me pressionava para aumentar, aumentar, aumentar. Ela também me pressionava bastante... A pegar o dinheiro e fazer outra coisa da vida. Dizia “vamos trazer cem quilos, vamos trazer duzentos quilos e nos aposentar com estilo”.

Tentou alguma vez fazer isso?

Tentamos, mas a maior quantidade de uma vez só foi de vinte quilos.

E ela ia nas viagens para buscar a droga ou o dinheiro?

Ela amava buscar o dinheiro.

Ao administrar remotamente os negócios, Rafael estava sendo roubado por

alguns de seus parceiros e isso, combinado com prisões de cavalos, fez com que suas finanças flutuassem descontroladamente — decolando e depois caindo a zero. A sorte parecia estar se acabando. No dia em que o Hells Angel Tota ligou com um projeto, querendo que ele voasse a Estocolmo em dois dias para receber dois quilos de cocaína, estava falido. Mas esse negócio era garantido.

“Como assim, Tota?”, perguntou Rafael, inseguro. Tota lhe contou que um policial federal brasileiro, amigo dele, estava escoltando um Hells Angel numa extradição do Rio para Estocolmo: “Ninguém revista ele”.

“Não, sem chance, cara, não quero encontrar nenhum policial, tá maluco?”

Tota insistiu, “Você tá sendo burro pra caralho, cara; esse cara é meu irmão, é policial, mas é bandido também. Porra, para de ser cagão, cara. Compra a passagem logo”.

Queria que Rafael encontrasse o policial no Aeroporto Arlanda de Estocolmo, no movimentado salão de desembarque internacional. “Sem chance. Porra, tem câmeras lá. Não quero encontrar um policial no aeroporto.”

“Cala a boca, cara, tá tudo certo. Ele já te conhece.”

“O quê? Como?”

Tota contou que o policial conhecera Rafael em Bali quando foram juntos uma vez lhe entregar uma mala de cocaína. Rafael não acreditou no que ouviu. “Porra, cara, você trouxe um policial federal para me conhecer aqui em Bali?”

Oferecendo-lhe metade do dinheiro, Tota conseguiu amaciar o amigo e, contra todos os seus instintos, Rafael concordou.

Estava totalmente falido naquela época, desesperado por dinheiro.

Tota teve até de lhe enviar € 800 pelo Western Union para que conseguisse pagar a passagem.

Dois dias depois, Rafael foi de Thai Airways para Estocolmo, dormiu na casa de um amigo e depois pegou um táxi de volta para o Aeroporto Arlanda. Concordara em deixar à vista seu cabelo cacheado loiro parafinado, dispensando seu típico boné e os óculos Gucci, para que o policial o reconhecesse rápido. Sem disfarces e exposto às câmeras do aeroporto, sua vida e liberdade estavam nas mãos da palavra de um Hells Angel. Rafael não tinha ideia nem de como o policial era.

Na minha cabeça só vinha “O que tô fazendo? Que porra tô fazendo? Se meus amigos descobrem isso, vão achar que sou um rato. Como me envolvi nessa merda? Agora é difícil sair. Já estou aqui; agora tenho que ir até o fim”. O mesmo sentimento que tive quando fui no prédio da polícia no Brasil comprar cocaína. Falei para mim mesmo “vamos acabar logo isso”.

Esperando no local combinado no gigantesco e moderno terminal do aeroporto escandinavo, ele se sentia totalmente vulnerável. Tudo poderia acabar ali. Estava sendo um pato. Seu coração batia forte. Muito diferente do jeito cauteloso como atuava normalmente. Um homem se aproximou, passou-lhe uma sacola plástica e disse “desculpa, preciso ir”, sumindo tão rápido quanto surgira.

Ele me deu a sacola, várias revistas de surfe, uma Playboy, e dois quilos de cocaína muito bem embalados dentro de uma bolsinha de maquiagem de couro. Peguei um táxi para o apartamento do meu amigo, abri a merda, experimentei, “ah, maravilha”. Liguei para meu contato, vendi e enviei parte do dinheiro para o Tota pelo Western Union. Aí trouxe o dinheiro para Bali. Como o Tota tinha dito, “é o melhor negócio da sua vida, vamos dividir meio a meio”. Fui burro, podia dizer “ah, estão pagando só US\$ 30 mil (o quilo)”, mas eu disse a verdade, “estão pagando US\$ 40 mil”. Aí ele falou “ok, US\$ 40 mil para você, US\$ 40 mil para mim”. Eu disse “Porra, obrigado, irmão!”.

Com ajuda de um amigo de sua mulher, enviou US\$ 20 mil para Bali por transferência bancária e carregou o resto no voo.

Eles me pagaram em coroas suecas. Fui a uma casa de câmbio e troquei por notas de € 500, então foi fácil de trazer.

No seu bolso?

Sim, no bolso, um pouco na carteira, no sapato, um pouco na cueca. Nunca coloco tudo junto. Quando tenho € 70 mil ou € 80 mil, ponho dez mil em um pé, dez mil em outro, cinco mil no bolso da frente, cinco no de trás, cinco na carteira, outros cinco na mala, na bagagem de mão, em todo lugar. Sabe essas calças

militares cheias de bolsos? Adoro viajar com essas calças, coloco um pouco aqui, um pouco ali...

Quantas vezes você viajou com milhares de dólares assim?

Muitas, muitas vezes. Eu escondo muito bem.

Então é tudo feito cuidadosamente?

Sim, guardo direito. Sempre me vestia bem, também. Nunca me revistavam nos aeroportos. Algumas pessoas têm medo de viajar com dinheiro; eu tenho medo de viajar sem dinheiro.

Rafael estava viajando com mais frequência para o Brasil, levando dinheiro para organizar as entregas, comprar cocaína e levá-la até os empacotadores, tentava melhorar sua taxa de sucesso ao ver de perto a operação. Estava com pouco dinheiro quando decidiu tentar uma grande jogada arriscada com Fox, apostando todas as suas últimas fichas no envio de vinte quilos para Amsterdã.

Fui pro Brasil fazer tudo, porque esses burrões lá não sabem como fazer direito. Só dava merda, várias merdas, perdia dinheiro. O Fox queria ser parceiro também, queríamos uma grande jogada.

*

Fox e Rafael tinham ficado bons amigos durante os três anos que vinham trabalhando juntos enviando cocaína para a Suécia, Europa, Bali, Malásia e Austrália. Saíam juntos no Rio e São Paulo visitando bordéis de alto nível, embalando cocaína, organizando entregas, fazendo festas e cheirando pó.

Rafael passara um tempo numa casa estilo balinês que Fox tinha na Lagoa, em Florianópolis, assim como na mansão de US\$ 10 milhões que a mãe de Fox tinha nos Jardins, bairro chique de São Paulo. Fox tinha sua própria área ali, onde brincava com armas, garotas e cocaína, geralmente guardando mastros carregados de drogas ali.

Um dia, naquela mansão, Fox mostrou a Rafael uma arma nova e um

silenciador. “Essa merda funciona?”, perguntou Rafael ajustando-o.

“Nunca tentei”, respondeu Fox. Rafael andou até a janela, abriu-a, apontou a arma para o céu e disparou. O estrondo explodiu os ouvidos dos dois. “Porra, cara, essa porra de silenciador não funciona”, falou Rafael dando risada. “A polícia agora vai vir aqui.”

A família abastada de Fox não tinha ideia do que ele fazia. Sua mãe e sua avó brasileiras eram muito ricas e seu pai, divorciado de sua mãe, era cônsul da França.

A família dele era podre de rica. Impressionante. A avó brasileira era rica pra caralho. Conheci a mãe dele, seu irmão, o motorista deles nos levava onde queríamos.

Fox e Rafael tinham uma amizade improvável. Fox tinha um rosto comum, era alto, curvado, de braços longos e cabelo escuro raspado bem curto.

Ele parece aquele tipo de cara cagão, não um durão, era magrelo, mas com uma bunda gorda, ombros mais estreitos do que a bunda. Um cara tímido; sem carisma. Ninguém gostava dele. Desde o início, as pessoas falavam “Por que você sai com esse cara?”. Eu dizia “quero ajudar ele”.

O carismático e extrovertido Rafael era o oposto de seu amigo também no modo de se vestir. Rafael geralmente ficava horrorizado com o que considerava mau gosto de Fox. Apesar de gastar uma fortuna com seu guarda-roupa, Fox comprava roupas que Rafael não vestiria nem morto, como combinando uma jaqueta de couro de € 5 mil da Dior, que Rafael abominava, com calça jeans e tênis Nike branco. Fox era obcecado por sua coleção de caríssimos tênis Nike Shox com espuma, para saltos. Mantinha uma dúzia à mostra em uma prateleira de sua sala.

Completamente horríveis, esses tênis. Não uso tênis com calça jeans, mas o Fox ama Nike branco. Se caía uma gota de algo ou uma sujeirinha, ele voltava bravo para casa para trocar. Usa uma vez, traz para casa e esfrega ele todo com uma escova de dentes. O cara é doente pelos tênis dele. Doente.

Frequentemente, prostitutas perguntavam para Rafael se seu amigo era gay.

Algumas vezes íamos no melhor puteiro do Brasil, em São Paulo. Eu não gosto muito disso, mas o Fox falava “vamos, eu pago para você”. “Ok, vamos.” Prostitutas de luxo. Tinha umas que trabalhavam na TV que iam lá. Normalmente as mulheres custam US\$ 100, mas se você quer pegar uma dessas artistas, custa US\$ 1 mil, US\$ 2 mil, o programa é caro.

Você pegou alguma dessas artistas?

Às vezes, sim, porque faziam show de pole dance e a gente perguntava “Quanto custa essa?”. “US\$ 2 mil.” “Ok, pode trazer.” Mas a gente sempre pegava a mulher, pagava uma vez e pegava o telefone, aí se encontrava fora pra elas não precisarem pagar o lugar.

Sempre que a gente pegava uma mesa no puteiro e as mulheres vinham querendo nos levar pro quarto, pensavam que o Fox era gay. “E aí, teu amigo é gay?” Eu dizia “Não, por quê? Fox, tão achando que você é viado”. “Não sou viado.” Mas o jeito que ele se vestia... Gastava € 5 mil numa jaqueta da Dior horrível. Nunca compraria algo assim pra mim, com o bolso na parte da frente, tipo um terno, merda feia pra caralho. Eu dizia “Fox, como você pode comprar uma merda dessas?”.

Então ele tinha muito dinheiro?

Sim, mas naquela época começou a pegar dinheiro dos nossos negócios. Falava “ah, ganhei dinheiro da minha vó no meu aniversário”. Mentira do caralho, ele já estava começando a roubar de mim.

Em sua última grande jogada juntos, Rafael precisava de um sucesso desesperadamente. Colocou € 75 mil na mala, voou para São Paulo e entregou o dinheiro a Fox, então foi para Amsterdã esperar os cavalos. Com frequência, as entregas previstas para demorar dias se estendiam por semanas, mas, com o tempo passando e sem sinal dos cavalos, Rafael estava se cansando das desculpas

em série de Fox.

Ele dizia “amanhã”, “semana que vem”, “amanhã”, mas eles nunca vinham. Aí ele desapareceu, não atendia mais o telefone. O cara me fodeu. Estava me atravessando, vendendo para outro amigo em Amsterdã enquanto eu esperava. Ele me roubou. Eu não sabia que ele ia me foder e tinha pego um hotel de € 300 a diária, comia nos melhores restaurantes todas as noites e aí, de repente, ele desapareceu e eu, puf, fali.

Voltei para Bali sem dinheiro, só pensando “quero matar esse otário”, mas não tinha nem grana para seguir o cara. Um amigo meu encontrou com ele surfando no Brasil e disse “Toma cuidado, o Rafael vai te matar, cara. Você fodeu com a vida dele, a família dele, fodeu ele”. Ele respondeu “não, ele não pode vir aqui me matar, não tem dinheiro pra me seguir”. Era verdade.

Fox, porém, recebeu a justiça do tráfico. Enquanto falava em um telefone público de Florianópolis, um carro cheio de homens parou, um deles desceu e pôs uma arma na cabeça de Fox dizendo “oi, playboy”. Fox largou o telefone em pânico, entregou seu Rolex implorando “por favor, não me mata, por favor, leva meu relógio”. O bandido pegou o relógio e mandou Fox entrar em seu Toyota novo e o levar até sua casa.

Chegando lá, os homens reviraram o lugar, pegando tudo, desde seu Playstation e TV de plasma até sua preciosa coleção de Nike Shox. Então o espancaram brutalmente, tiraram suas roupas e o jogaram em uma rodovia a cem quilômetros de sua casa, indo embora em seu Toyota novo de US\$ 100 mil, deixando-o congelar no frio.

Dois meses depois, Fox foi atacado de novo em sua casa na Lagoa, em Florianópolis. Viu, pelas câmeras de segurança, dois carros grandes da GM, com películas escuras nos vidros, se aproximarem, e cinco bandidos encapuzados saírem armados de metralhadoras e pistolas.

Ele já estava paranoico; instalou um sistema de segurança especial, cheio de câmeras, e daí, quando os caras chegaram, viu tudo pelas câmeras e mijou nas calças. Os caras se aproximaram chamando “Fox, Fox” e aí atiraram, papapapá, na porta. O Fox subiu as escadas correndo e se escondeu no guarda-roupa. Os

caras entraram, papapapá, foram para o segundo andar, atiraram em tudo. As balas passaram pelo guarda-roupa, mas não acertaram o Fox. Filho da puta de sorte. Não sabiam que ele estava escondido ali, se soubessem, teriam atirado nele.

Rafael

Como um gesto de despedida, os bandidos picharam “Rafael \$\$\$” na frente da casa e fugiram.

Quem eram essas pessoas?

Não tenho ideia. Até hoje, tento descobrir. Acho que foi algum amigo que estava putado com a situação. Pensei no Cláudio, o amigo policial, mas encontrei ele uma vez e ele pensava que tinha sido eu. Todo mundo achava que tinha sido eu, aí o Fox ligou, “Por que fez isso?”. Eu disse “Cara, você acha que fui eu? Acha de verdade que fui eu? Você me conhece faz tempo... Se eu fosse aí até você, não ia escrever meu nome na parede. Você não estaria mais falando. Sabe o que vou fazer com você?”. “Está me ameaçando?” “Não, só avisando.”

A estratégia de Rafael era ser minimamente educado com Fox no telefone, esperando que ele retornasse a Bali e, com isso, Rafael pudesse se vingar. Mas Fox fugiu sofrendo de síndrome do pânico — com medo de alguém estar tentando matá-lo — para Teahupoo, no Taiti, com seu passaporte francês.

Muita gente quer matar esse cara, ele não vai viver muito, fodeu todo mundo pra ficar rico.

Rafael

Quando voltou ao Brasil, Rafael encontrou com a advogada de Fox, que, por acaso, namorava um de seus amigos. Ela lhe contou que policiais estavam perguntando “Quem é esse Rafael?”. Ela perguntou para Rafael “Foi você?”.

“Gostaria de ter sido”, respondeu ele. Rafael foi para Florianópolis olhar a casa de Fox, que estava à venda.

Eu planejava queimar a casa, fazer uns coquetéis Molotov e jogar lá dentro pra queimar tudo. Mas desisti. Estava muito quente. Preferi focar em ganhar dinheiro. O filho da puta do Fox teve sorte.

*

Embora Rafael tivesse perdido muitos dos seus amigos por traições ou para a prisão, um de seus parceiros mais confiáveis voltou. Irreprimível, com um sorriso grande no rosto e feliz como uma criança, André retornou a Bali. Cansara-se de empurrar o carrinho de supermercado com livros pela prisão de segurança máxima e, após catorze meses, pagou para ser transferido para o menos seguro Complexo Penitenciário, a prisão de onde ele havia anteriormente escapado dos contêineres.

O chefe dessa cadeia é bem engraçado. É um gordo que se chama Tchuco. Quando me viu, disse “Por que voltou aqui? Quer tentar escapar e foder meu emprego, né?”.

André

A fuga de André se deu graças a agentes penitenciários que concordaram em deixar duas portas destrancadas por US\$ 10 mil. Na noite anterior, avisaram André que ele tinha dez minutos exatos, das 6h às 6h10, para fugir. Ele nem dormiu naquela noite e, de manhã, tudo ocorreu perfeitamente como planejado. Saiu na calçada e pulou num carro que o esperava, foi direto para uma praia de Laguna. Ficou escondido por quinze dias ali, esperando seu passaporte falso ficar pronto, e então fugiu para Amsterdã. Planejava ficar escondido lá por um tempo, mas era janeiro — meio do inverno, nevava e ele estava congelando.

Cheguei a Amsterdã, estava nevando, frio, ninguém na rua, não quis ficar. Simplesmente entrei em uma agência de turismo, comprei uma passagem e voei para Bali.

André

Agora, de volta à ilha tropical, a vida era bela novamente — cheia de baseados no fim de tarde, pores do sol, surfe, jantares e negócios. Mas sua paixão por um

estilo extravagante logo traria uma nova reviravolta em sua vida.

CAPÍTULO VINTE

A CASA

CAIU

Rafael não estava em Bali quando André chegou. Passara por uma longa sequência de má-sorte, apreensões e traições, que o levaram a uma tragédia financeira — não conseguia pagar nem itens básicos como a escola dos filhos. Então, quando recebeu uma ligação de seu amigo Lee, de Amsterdã, chamando-o para “um jogo”, Rafael pulou em um avião desesperado por uma vitória. “Todo mundo queria trabalhar comigo, porque eu conheço o jogo.”

Lee cobriria todos os custos operacionais, mas precisava de alguém de confiança para organizar a compra, o empacotamento e o envio. Pagaria Rafael em cocaína, dando-lhe dois dos sete quilos sendo enviados. Em Amsterdã, deu € 45 mil para Rafael resolver tudo no Rio. Poucas semanas depois, estava tudo pronto. Uma brasileira iria transportar sete quilos de cocaína na maleta de € 3 mil de Lee, que possuía um fundo falso de fibra de carbono — fora encomendada sob medida de um especialista holandês idoso.

Ela voou para Bruxelas, evitando a alfândega holandesa, e depois deveria pegar um trem para Amsterdã. Mas não apareceu. Simplesmente sumiu, e as coisas ficaram sombrias.

“Eu vou te matar, filho da puta”, gritou ao telefone o investidor holandês de Lee, acusando Rafael de traição. “Você não sabe com quem está se metendo. Não vai conseguir fugir.”

“Puff, cara, ela foi presa”, retrucou Rafael, inseguro se aquilo era verdade.

“Acha que eu sou burro, porra?”, vociferou o investidor. “Sei que você roubou a cocaína, fez merda. Vou te matar, vou queimar seus olhos com cigarro.”

Todo mundo vira Al Pacino, Scarface. Todos os traficantes têm essa tendência. No fim, concluímos que deviam ter visto pelo raio X e prendido ela. É uma loteria.

Rafael

Rafael agora estava ainda mais desesperado. Sua mulher o aborrecia, pedindo-lhe que se apressasse, pois precisava de dinheiro. Rafael estava cansado e com frio no inverno congelante da Europa, só queria ir embora para Bali ver seus filhos, sentar na praia e surfar. Mas, quando Lee ofereceu outro jogo, sabia que tinha de aceitar e oxigenar sua carreira.

Voltou para o Brasil e encontrou um novo cavalo, Otto Koester, carregou-o com um quilo e o despachou. Otto chegou sem problemas, quebrando a maldição de insucessos em série de Rafael. Rafael recebeu US\$ 15 mil de comissão e reinvestiu em uma nova entrega com Lee. Otto também queria repetir o serviço.

De volta ao Rio, Rafael encheu uma mochila com quatro quilos de cocaína. Depois de tudo pronto, Rafael levou Otto até o Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio, e se arriscou entrando junto com ele para comprar uma passagem imediata. O voo estava lotado e tiveram de comprar para o dia seguinte.

Foi tudo na pressa, uma loucura. Eu nem ligava mais. Forcei para ser rápido. “Vamos, vamos, rápido, corre, vamos hoje, vamos agora pro aeroporto.” Acho que estraguei tudo porque minha mulher estava me apressando.

Rafael

No dia seguinte, enquanto Otto aguardava na fila para embarcar, houve um súbito tumulto. Uma garota mais à frente foi retirada da fila. Haviam encontrado 3,5 quilos de cocaína em sua bagagem de mão. Nesses primeiros momentos caóticos, Otto poderia ter fugido. Mas decidiu ficar; sentia-se confiante que sua mala estava bem embalada e entrou no avião. Achou que os policiais levariam a garota e deixariam todos os demais embarcarem, mas suspeitaram que a garota de dezessete anos de Cabo Verde fosse uma distração para uma quantidade maior. De repente, a chance de fugir sumira — todos os passageiros eram suspeitos. Os policiais checaram um a um, retirando todas as bagagens do avião para uma busca detalhada. Encontraram a cocaína na mochila de Otto e ganharam um segundo prêmio naquele voo.

Um brasileiro, Otto Koester, 26, que também possui nacionalidade suíça, estava

carregando 4 quilos de cocaína em sua bagagem. Ambos (ele e a garota de 17 anos) tentavam ir para a Europa no mesmo voo, embora não tivessem conexão entre si.

Agência de Notícias da Polícia Federal, 11 de abril de 2008

Rafael aguardava em seu hotel quando recebeu a notícia de Lee: Otto fora preso. Lee procurou na internet quando viu que o cavalo não chegava. Rafael estava exausto. Tudo o que conseguira nos últimos seis meses de trabalho duro foram projetos fracassados, culpa por ver seus cavalos presos e uma falência completa.

Eu ainda estava no Rio, escondido em um hotel. Já estava deprimido por perder muita cocaína, colocar três pessoas na cadeia, tudo estava desabando, aí um amigo me liga dizendo “você tem que sair do país agora, rápido, ou vão te pegar”. Eu disse “Não fala isso! Por quê?”. “Cara, você foi burro; foi comprar a passagem com o cavalo. Tem câmeras por todo lado no aeroporto, vigilância pesada.” Eu estava deprimido, desesperado, só esperando, pensando que a qualquer momento alguém ia entrar para me prender. Foi o pior momento da minha carreira.

Rafael

Rafael reservou um voo e correu para o aeroporto do Galeão apenas com sua bagagem de mão.

Eu estava em fuga. Não levei mala nenhuma pra ficar mais fácil. Joguei fora muitas coisas, roupas, até meu laptop deixei na casa do meu amigo, por causa da comunicação, e-mails e tudo mais.

Rafael

No aeroporto, tudo correu bem. Ele fez *check-in*, passou pela imigração e ocupou seu assento na classe econômica, no fundo do avião, respirando aliviado. Agora, era só alcançar a segurança dos ares... Mas seu sexto sentido para identificar problemas era afiado, e ele sentiu que alguma coisa estava errada; seu coração acelerou. Todos os passageiros estavam sentados, mas o avião não se movia. O

piloto anunciou “Desculpem, temos um problema...”. Rafael já sabia; não precisava ouvir mais nada. Dois policiais federais vinham caminhando em sua direção — uma mulher loira e um homem negro, vestidos de terno e com brilhantes distintivos da Polícia Federal nos ombros. Checavam os números dos assentos sobre as cabeças dos passageiros.

Ficou tudo em câmera lenta pra mim... Eles vinham, eles vinham... Três fileiras antes de mim, o cara olha no meu olho, eu olho direto para ele também. Meu coração batia tum, tum, tum, tum, quase um ataque cardíaco. Pensei “Fodeu tudo! Ok, me levem”. Ele se aproximou olhando para mim, aí bum, passou reto, foi até um cara logo atrás. Foram os piores cinco segundos da minha vida.

E o avião continuava sem decolar. Eu pensei “agora voltam pra me pegar” e disse “mais vinho, por favor, preciso de vinho”. Eu pensava “Por que não decola? Por que essa merda não voa?”. Foi foda. Eu rezava, fazia promessas: “Deus, prometo que, se encontrar meus filhos de novo, se chegar a salvo em Bali, vou parar com toda essa merda. Por favor, me ajude, Deus, quero ver meus filhos de novo. Por favor, por favor, Deus”. Não me tocava que estavam só retirando a mala do cara... Esperamos por uma hora.

Aterrissei em Bali. Livre. Mas, quando cheguei, estava tudo desmoronando... Eu me aposentei. Sem dinheiro, ah... E aí decidi que ia vender a casa, começar um negócio, mas a inteligente da minha mulher não suporta perder tudo e ser uma pessoa normal. Ela disse “Não, não vamos vender a casa. Vou para a Suécia fazer tudo sozinha”. Eu disse “não, não faz isso”.

Alguns meses antes, quando eu estava no Brasil, ela tentou se matar. Era alcoólatra — bebia todos os dias. Cortou os pulsos em casa... Maluca... Achou que eu tinha arranjado uma namorada e deixado ela, mas eu estava tentando ajeitar nossa situação financeira. É o preço que eu paguei por toda essa merda.

Rafael

*

Rafael não aguentava mais. Tinha visto muitos amigos arruinarem a própria

vida, e queria começar uma vida normal. Ele também estava desesperado para parar com a cocaína, fora seu vício que o mantivera no jogo por tanto tempo e já estava destruindo seus pulmões. “Um dia, eu disse ‘Porra, vou morrer. Não posso mais usar essa merda.’” Tentara abstinência enquanto estava no Brasil, mas falhara — toda vez que ia empacotar uma carga, a substância penetrava sua pele ou ele acabava inalando o pó em suspensão no ar. Agora, estava focado em parar, e isso estava exacerbando as emoções sombrias.

No Brasil tentei parar, mas ficava chapado só de tocar quando empacotava, sabe? E, quando terminava, entrava em depressão, ficava agressivo, as mãos tremendo, o coração tum, tum, tum, tum, e aí caí do cavalo. Fui para uma festa, fiquei bêbado e alguém veio, “Quer cheirar uma?”... Na hora que coloquei aquela merda no nariz, me arrependi. Eu fiquei mal, paranoico. No dia seguinte meu nariz ficou todo entupido, sangrando, tive asma por dois dias. Eu quis me matar. Aí pensei “ágora, sim, nunca mais vou usar essa merda” e uma semana passou, duas semanas e aí caí do cavalo de novo. Pensei “hoje, vou cheirar uma fininha só para relaxar” — e aí foi, tipo, usei dois gramas e fiquei paranoico, olhando pelas janelas, achando que a polícia ia invadir e me pegar por causa daquela besteira.

Então voltei para Bali totalmente quebrado, fiquei em depressão... Ah, meu Deus, vou morrer... Eles vão me pegar... Não aguento mais. Comecei a chorar, chorar, chorar. E, porra, comecei a ficar paranoico com tudo. “Vão me ligar com esse cara, o Otto.”

A abstinência me dá esse tipo de depressão. Tenho vontade de chorar. Eu tremia, ficava agressivo por coisa pequena. Meus filhos faziam algo, “aaaaahh”, eu gritava... Quando tô normal, não faço essas coisas, sou tranquilo, legal, mas fico diferente nessas crises. Eu não estava feliz com isso. Chorava. Nunca choro, sabe? Mas o que vou fazer? O mundo vai acabar.

Rafael

Rafael vendeu um terreno perto de sua casa para pagar a escola dos filhos e algumas dívidas. Mas a casa estava hipotecada, Anna havia usado como garantia

em um empréstimo bancário.

Começamos a ter problema, problema, problema, sem dinheiro, não dava para pagar a escola das crianças, sem dinheiro, e ela me diz “prefiro ir presa do que viver assim”. Eu disse “De que porra você tá falando? Vive no paraíso — tem uma casa, filhos, tem tudo. Vamos parar, vamos parar”, e minha mulher já estava pronta para fazer uma entrega. Ela estava organizando tudo com um amigo meu no Brasil, pressionando ele também, ligando, ligando... “Não, para com essa merda. Não aguento mais.”

Rafael

Anna decidiu fazer uma entrega para Estocolmo. Voou para o Brasil, onde o policial Cláudio lhe forneceu quase um quilo de droga, e ela empacotou entre as pernas de um tripé, enviando por DHL para a Suécia — alguém já estava pago lá para receber a encomenda. Então voou para Estocolmo para fazer a venda. Foi um sucesso.

*

André, foragido, também tinha investido na entrega e Anna lhe chamou por Skype, pedindo que ele fosse até lá buscar o dinheiro e fazer festa com umas suecas.

Quando a merda chegou na Suécia, ela me ligou, “Ei, André, pode vir aqui buscar seu dinheiro?”. Eu disse “ah, não quero ir para a Europa agora”. Aí ela colocou três loiras no Skype. “Ah, essas são minhas amigas. Estão morrendo de vontade de te conhecer, Brazilian Boy... Ah, André, vem aqui fazer festa.” “Opa, por que não?” Eu já estava em Bali fazia quase um ano e um pouco entediado, precisava de civilização... Pensei “Ok, vou para a Europa, pego meu dinheiro, faço umas festas e volto com euros. Nada demais”.

Mas você continuava sendo procurado?

Sim, muito burro, eu sei.

André

Rafael questionou André, “Tem certeza de que pode ir?”.

“Sem problema, meu passaporte é muito bom, não se preocupe.”

Mas André não chegou até a Suécia. No caminho, em Amsterdã, foi preso por usar passaporte falso e jogado de volta em uma cela. As praias de Bali e seus pores do sol eram de novo apenas uma linda lembrança, mas ele esperava sair logo. Aparentemente confessou seu nome real para as autoridades: Lucas Shakira Martins. Era outro nome falso que tinha construído com passaporte e documentos de identidade. Seu advogado os enviou do Brasil e “Lucas” foi condenado a um mês de prisão.

No dia em que foi solto, a polícia lhe disse que seria enviado de volta a Bali. Levaram-no ao Aeroporto Schiphol de Amsterdã, colocaram-no em uma sala e tiraram suas algemas dizendo “certo, agora você está livre”.

“Eu me viro para ir embora e dois caras aparecem dizendo ‘você está preso pela Interpol, André.’” Outro par de pulseiras foi colocado em seus pulsos. Foi uma derrota amarga.

André tinha checado o *site* da Interpol em Bali, então sabia que havia um alerta vermelho expedido em seu nome, mas pensou que poderia driblar os policiais holandeses com sua segunda identidade falsa. Agora, supunha que tivessem tirado suas digitais de algum copo ou prato que usara na prisão e, por meio da Interpol, descoberto que ele era um fugitivo brasileiro. Na verdade, fora seu arqui-inimigo que descobrira sua identidade real. O delegado Caieron havia enviado documentos, digitais e fotografias para a embaixada holandesa e para a Interpol, confirmando se tratar de André. “Confirmaram que ele era o nosso cara — e o trouxemos de volta. Fiz toda a papelada para assegurar que ele voltasse ao Brasil direto para a cadeia.” Foram mais três meses de burocracia para conseguir trazê-lo ao Brasil para que começasse a cumprir o resto de sua pena. Obviamente, André tinha outros planos.

*

De volta a Bali, a vitória de Anna em Estocolmo trouxe um respiro, mas a situação logo piorou de novo. Rafael vendeu suas joias para ajudar a pagar as contas, mas o banco ameaçava tomar a casa.

Porque, quando eu estava no Brasil, ela fez muitas dívidas, tomou dinheiro emprestado, fez empréstimo no banco e deu a casa como garantia. Aí ela se tocou

que o banco ia levar a casa, tínhamos dois meses, aí se apressou para conseguir dinheiro. Eu disse “Não consigo mais fazer isso. Vamos vender a casa e parar com essa merda. Começar uma vida normal; vou procurar um emprego”. Ela disse “Não, não podemos. Vamos fazer mais uma para conseguir a grana”. Eu disse “não, não faz isso”, mas não tenho nenhum poder sobre ela. Ela disse “eu vou fazer isso, seu cagão, não me importa o que você diz”. Ela organizou tudo. Aí disse “vou fazer essa última, é fácil, vou sozinha”. Eu disse “Quando está indo?”. Ela disse “amanhã”. “O quê? Amanhã?”

Rafael

Ele a avisou para, pelo menos, não ir buscar o pacote pessoalmente — pois era trabalho para uma mula.

Ela era louca, sabe... Queria fazer tudo sozinha, queria ser uma mula. Eu sempre contratava gente para fazer esse serviço e, quando a entrega chegasse, estivesse tudo limpo, eu voava para buscar o dinheiro. Eu disse “Porra, você é a chefe, não pode fazer esse serviço. É coisa para a mula fazer, quer ser uma mula?”. Ela disse “Sim... Você não pode fazer nada”.

Então, voou de Bali para Estocolmo, e iam enviar a cocaína para ela do Peru. E começou a me ligar, porque estava já um dia atrasado. Eu disse “Aborta, aborta. Não vai buscar. Foge, foge”. Senti que algo estava errado, eu disse “em todo caso, nem liga pra cá” e ela começou justamente a ligar toda hora, “aí, atrasou de novo, enviaram para a Finlândia”. Eu disse “para de ligar pra cá, porra”...

Rafael

Cinco dias depois, era o aniversário de quarenta e cinco anos de Rafael, e ele organizara uma festa discreta em sua casa de Bali, com meia dúzia de amigos, seus filhos, algumas cervejas e um bolo pequeno. Seu telefone tocou. Era Anna, e ele foi atender no jardim. “Feliz aniversário, seu presente chegou”, festejou ela. Era a notícia que Rafael mais esperava ouvir. “Eu falei, tipo, ‘Obrigado! A merda chegou. Posso pagar meus empréstimos, não vamos perder a casa. Estamos ricos

de novo! Golaço.”

Rafael voltou para junto dos amigos, mantendo a notícia em segredo, mas sentindo-se maravilhosamente aliviado. Não durou muito. Seu telefone tocou dez minutos depois. Era Anna de novo. “Que porra, é farinha!”, gritou ela ao telefone. “Porra, seu filho da puta, teu amigo nos mandou farinha.”

Em dez minutos, o mundo de Rafael, que tinha ficado colorido, voltou a ficar sombrio. Ligou para seu amigo no Peru, que imediatamente assumiu a culpa, dizendo que seu empacotador já fizera isso antes — roubar a cocaína e empacotar farinha no lugar. “Desculpe, Rafael”, disse ele.

Não havia nada que Rafael pudesse fazer. Anna ligou de novo e ele lhe contou a resposta do peruano. “Ok, vai se foder, vai se foder”, gritou ela e bateu o telefone. Rafael voltou para junto dos convidados, escondendo suas emoções até que seu não tão feliz aniversário terminasse.

Todos foram embora. Tentei dormir e comecei a pensar, “Porra, o que aconteceu?”. Tentei ligar para Anna, ela não atendeu. Então dormi. Acordei no dia seguinte, tentei ligar, também sem resposta. Não sabia o que tinha acontecido.

Fiquei sem notícia por dez dias. Pensei que ela tivesse pirado, começado a usar cocaína, se estragado toda, chapada pra caralho em algum apartamento, paranoica, talvez morta de overdose. Pensei muitas coisas. Talvez alguém tivesse matado ela para roubar a carga. Continuei ligando e ninguém atendia, ninguém atendia, ninguém.

Liguei para todos os meus amigos. Eles foram para o apartamento onde ela ficava — estava trancado, sem ninguém dentro — e aí encontraram a chave com amigos, foram lá e a polícia apareceu: “O que estão fazendo aqui?”. Então suspeitei que ela tivesse sido presa.

Liguei para meu amigo — o comprador sueco que ia comprar a carga — e disse “por favor, me ajuda, a Anna está aí”. Depois de dez dias, ele liga e diz “ela está presa”, sabia disso porque tinha conexões na polícia. Ele disse “toma cuidado, vão atrás de você. Toma cuidado com qualquer evidência”.

Quando descobri que ela estava presa, fiquei em pânico. Eu disse “Porra, agora eles vêm atrás de mim. Prenderam ela”. Pânico, choro, depressão, sabe... Meus filhos do meu lado. “O que vou fazer com eles?” Eu não tinha dinheiro. Tinha que limpar a casa, levar meu computador de lá. Achava que a Interpol ia aparecer e me levar. Chorava, chorava, depressão... Foi o fundo do poço. Não podia sair para comer — pedia pizza em casa. Não me barbeava. Não tomava banho. Nem descia pro térreo. Ficava no andar de cima, deitado, dormindo, sabe... E chorando. Três dias. Estava em péssimo estado. Só esperando alguém derrubar a porta e me levar também.

Aí a Emily, mãe da melhor amiga da minha filha, veio buscar a filha dela. Perguntou para meu filho “Onde está o papai?”. Ele disse “papai está lá em cima”. E aí eu tava lá, tipo... Não chorando, mas em péssimo estado. E ela “Ei, Rafael, olá, como está? Está tudo certo?”. “Não.” “O que aconteceu?”

E aí eu disse “Estou na merda. A Anna está na cadeia”. Ela disse “O quê?”. Então conversamos um pouco melhor e ela disse “Por que você está assim? Nunca te vi desse jeito, com barba. Por que não se barbeia mais?”. Eu respondi tipo “quero que se foda”. Eu não ligava mais pra nada, achava que ia ser preso também.

Ela sabia que você era um traficante?

Sabia, porque o marido dela era viciado. Ele comprava muito comigo. Algumas vezes, ela me odiava, porque eu dava cocaína para ele.

Rafael

Rafael descobriu os detalhes da prisão. O 1,3 quilo de cocaína havia sido descoberto no pacote da DHL em Leipzig, Alemanha, apesar de bem escondido em um transformador para guitarra elétrica. Os policiais substituíram a cocaína por farinha, revestiram o transformador com uma substância fluorescente e enviaram para Anna em Estocolmo; ela usara seu nome real como destinatário. Policiais à paisana observaram-na aceitar o pacote e vigiaram seu apartamento por cinco horas antes de entrar em operação e prender Anna com um amigo;

ambos tinham a substância fluorescente nas mãos.

Ela foi burra... Me disse que tinha alguém para receber a entrega. Era mentira, era ela mesma. Muito perigoso... Você tem que pagar alguém para receber, tipo um cavalo.

A Interpol estava no caso. Monitoravam todas as ligações. Estavam de olho nela desde que chegou ao aeroporto, seguiram e gravaram as chamadas. Ela estava quente porque a gente fazia aquela rota por dois anos antes que isso acontecesse. Eu viajava Bali-Estocolmo-Amsterdã, Estocolmo-Amsterdã, Estocolmo-Bali... Ela também. Gravaram todas as ligações. Por isso nunca voltei depois de pegarem ela. Porque tenho cem por cento de certeza que vão me pegar.

Rafael

Em Bali, Rafael não demorou a encontrar um comprador para sua casa, e a vendeu muito abaixo do valor real, pois o banco já cobrava o empréstimo. Ele tinha certeza de que se sentiria melhor quando tivesse dinheiro vivo em mãos para pagar as contas, a escola dos filhos, os vistos de Bali. Semanas após a prisão de Anna, recebeu o depósito de US\$ 30 mil e colocou em seu cofre. Achava que seria uma sensação boa. Não foi. Ele se desmoronou no chão em frente ao cofre aberto, olhando a pilha de dinheiro que antes pensava ser tão importante.

Eu pensava, quando vender a casa, pego o dinheiro, tudo vai ficar bem. Mas não. Minha paranoia piorou, a frustração também. Eu me toquei, “Porra, vendi minha casa. Nunca vou poder comprar alguma coisa assim de novo. Não tenho mais casa. Onde vou morar? Merda, quero a casa de volta”. Eu me sentia um merda. Depressivo. Teve uma época que o dinheiro parecia que nunca ia acabar. Aquilo parecia um sonho distante, agora. Como perdi tudo? Antes, tinha casa, terrenos, motos, tudo. Então me dei conta que não tinha mais nada, nem minha casa. Vendi tudo. A casa era a última coisa que eu tinha. Eu sempre pensava “Ah, pelo menos tenho uma casa. Não preciso pagar aluguel”. E então a casa se foi.

Olhei para o dinheiro no cofre e chorei. Pensei “Porra, o que eu vou fazer com

esse dinheiro? Merda, a coitada da Anna na cadeia”. Eu estava chorando mesmo. Muitas lágrimas. Chorava, chorava, chorava. Soluçava. Descontrolado. Perdi minha esposa. Estava com medo, iam me pegar também. Ficava preocupado com o que ia acontecer com meus filhos. Com quem iam viver? Para onde eu ia mandar as crianças? Na minha cabeça, tinha certeza que em breve alguém ia chegar e me pegar, a Interpol ou alguma polícia especial.

Você usou cocaína nessa época?

Não, não. Não usei nada. Se usasse, ia me sentir bem.

Rafael

Anna foi condenada a cinco anos de prisão após argumentar que esperava uma entrega de maconha, não de cocaína, de um amigo sul-americano, Pedro, que conhecera em Bali. Alegou que Pedro lhe pagaria € 5 mil para buscar o pacote e guardá-lo. Negou qualquer envolvimento de Rafael.

CAPÍTULO VINTE E UM
DORMINDO COMO
UM ANJO

Em uma festa de ano-novo em Bali, quase dois meses após a prisão de Anna, Rafael cheirou sua última carreira de cocaína. Acabara de começar um novo relacionamento e uma nova vida como professor de surfe.

“Não tenho mais nada, preciso vender o almoço para comprar o jantar.” Estava falido, mas nunca se sentira tão feliz, livre da paranoia constante e dos maus pressentimentos, não precisava mais verificar se estava sendo seguido. Tinha se aposentado do jogo e das loucuras daquela vida e, mesmo que a polícia o vigiasse de vez em quando, não tinha mais nada a temer. A sombra pesada que o rondava fora embora. Voltou a surfar todos os dias e curtir a vida com que sonhara quando se mudou para a ilha muitos anos antes.

Quando seu filho venceu um campeonato, ele, por instinto, pensou em fugir das fotos, mas então se deu conta de que já podia ser fotografado sem problemas.

Eu estava no pódio com ele, meu filho, muito feliz. E quando olho para o público, tinha umas cem câmeras tirando foto da gente, e eu tinha esse receio típico de traficante... Mas, ao mesmo tempo, estava orgulhoso, não era mais traficante, podia mostrar minha cara, “venham, tirem fotos”. Aí, quando desci, dois caras vieram, “Ei, Rafael, lembra de mim?”. Eu olhei. “Desculpa, não lembro.” “Comprei uma coisa de você...” Eu disse “shhh, meu filho está aqui”. Meu filho perguntou “Papai, o que aquele cara comprou de você?”.

Rafael

Abandonar a cocaína também lhe abriu os olhos para o fato de que fora a droga que mantivera Anna e ele juntos, em um relacionamento estressante. Estar livre do vício dava-lhe também um contentamento pleno ao transar com uma mulher apenas — sua nova namorada, Emily.

Mesmo quando ela o encontrara naquela noite, no fundo do poço, tinha havido

química: “Eu me lembro de tocar na mão dela. Começamos a sentir algo um pelo outro. Mas dissemos ‘não, não podemos’”. O sentimento era conflitante com o fato de Emily ser amiga de Anna e seu marido distante, Júlio, ser amigo e cliente de Rafael. Os dois casais tinham saído várias vezes juntos, mas fazia seis meses que Júlio estava internado em uma clínica no Brasil, para se reabilitar do vício em cocaína. Era complicado, não foi fácil para Rafael dar a notícia de seu novo relacionamento para Anna, na cadeia: “porra, ela queria me matar”.

*

Tarde da noite, quase um ano depois, Rafael recebeu uma ligação surpreendente. Era André, que acabara de chegar a Bali após fugir pela terceira vez da prisão, pedindo para ficar na casa de praia. Rafael lhe contou que tinha vendido a casa, mas que esperaria por ele em frente ao Canggu Club. André chegou lá como um fugitivo atípico e sorridente, elegante em camisa social, calça e sapato de couro. Quando entrou no carro, André tirou a cola que mantinha suas orelhas para trás, e que o fazia parecer-se com a foto de seu passaporte falso.

Eu fugi com um passaporte falso e a foto era totalmente diferente de mim. Viajei por todos os países e ninguém me parou. Muito louco.

André

Eu me lembro que ele tinha cola atrás das orelhas. Tirou, tuf, tuf e suas orelhas se desprenderam e voltaram ao normal.

Rafael

André escapara de uma prisão semiaberta, uma fazenda. Pôde, literalmente, sair andando, e os guardas só foram descobrir sua fuga depois na contagem de presos. No total, acumulara já quatro anos na cadeia e investira um milhão de dólares: para deixar a vida mais fácil na prisão, para ser transferido a penitenciárias menos seguras para tentar escapar e também para apelar de sua sentença de trinta e sete anos. Ela fora cortada para doze anos, por isso o haviam colocado em uma fazenda.

Escapou no primeiro dia. De novo, foi para uma praia de Laguna e surfou por quinze dias até seu passaporte falso ficar pronto. A foto era de alguém mais jovem, gordo, com cabelos pretos e queixo largo. Ele então tingiu o cabelo de preto e planejou dizer que tinha adoecido e perdido peso, caso alguém perguntasse. Pegou um ônibus de Laguna até a Argentina, onde ficou por alguns dias, e depois embarcou em um voo para São Paulo, depois para Doha e Singapura pela Qatar Airlines.

Pisando em ovos, seguiu um plano para reduzir riscos. Começou a conversar com uma chinesa no assento ao lado. “Como está? Eu sou Rodrigo, qual seu nome?” Durante a conexão em Singapura, pegou na mão dela. “O que está fazendo?”, perguntou ela.

Ele estava preparado com uma resposta rápida: “Você é tão bonita, quero passear contigo. Vamos nos divertir”. Caminharam pelo aeroporto como um casal romântico. Era a camuflagem perfeita.

Quando fui pegar o voo novamente, a chinesa veio junto. Peguei o passaporte da mão dela e entreguei com o meu. Aí o agente disse “Ah, ok, indo para Bali... Legal”. Ela nunca imaginaria o que eu estava fazendo. Toda vez tento alguma coisa diferente, porque sei o que é preciso pra não levantar suspeitas. Se vou com alguém, especialmente com uma garota com olho puxado, é normal pra caralho, sabe? Uma asiática viajando pela Ásia. Quando cheguei a Bali, fiz a mesma coisa com ela.

André

Entrou tranquilo em Bali com seu passaporte falso, audaciosamente trazendo na bagagem um tripé com 150 gramas de cocaína — cinquenta gramas em cada perna de alumínio —, que vendeu por US\$ 15 mil, e alguns baseados.

Você estava nervoso?

Tão nervoso como se estivesse trazendo um celular no bolso. Pra mim, é fácil. Nem penso nisso. Acredito em mim, no meu trabalho, sei muito, muito bem como tudo funciona. Já fiz tantas vezes isso aqui. Sei como fazer. Tenho bastante

confiança.

O que sentiu quando chegou de volta a Bali?

Fiquei feliz pra caralho, sabe, feliz de novo. Mas, depois de fazer isso várias vezes, parece normal também. Eu estava preparado para ser preso de novo no caminho, talvez em São Paulo, talvez em outro lugar. Estava preparado para isso também.

André

André ficou na humilde casa alugada de Rafael, mas logo seus novos mundos, tão diferentes, colidiram.

Ele estava tão acostumado a estar na prisão que falava de quilos de cocaína o tempo inteiro. Foi difícil, esse não é mais o meu mundo, às vezes ele até falava na frente das crianças, tipo “pô, fulano foi preso por isso, por aquilo, cheirou umas carreiras”. As crianças, “O quê?”. “André, porra, cara.” “Ah, desculpa, desculpa.” Não fazia de sacanagem, é que tinha acabado de sair da prisão.

Ele disse “Pô, vamos fazer desse jeito. Tenho uma conexão nova e...”. E eu respondi “Não faço mais isso, cara. Quando você saiu daqui, eu era outra pessoa. Agora tenho meu negócio, comecei uma escola de surfe, não faço nada errado. Tenho até Facebook”.

Estava feliz por trazer ele pra minha casa, mas Emily tinha um pouco de medo. Disse “porra, eu quis viver contigo porque prometeu que ia parar com essa merda”. Ela é totalmente contra drogas. Disse “Não me sinto segura vivendo nessa casa com o André aqui. A qualquer hora a polícia pode derrubar a porta para pegar ele”. Aí ela disse “ah, André, é melhor você encontrar outro lugar para morar”. Ele ficou um pouco triste comigo.

Rafael

André rapidamente se misturou ao mundo das drogas de Bali de novo,

recomeçando a se estruturar vendendo maconha da Sumatra, mas logo passando a vender maconha importada de qualidade, haxixe e neve.

Por meio de um amigo brasileiro que trabalhava na Austrália, organizou o encontro de um chefe australiano do Hells Angels com o policial Cláudio no Brasil, para fechar um negócio de duzentos quilos de cocaína e enviar a Sidney. A comissão de André era de US\$ 2 mil por quilo. Dando certo, ganharia US\$ 400 mil e, por isso, checava seus *e-mails* ansiosamente a cada segundo.

Enquanto isso, aguardava a chegada de uma encomenda por FedEx, vindo de Amsterdã com haxixe, entrevistava uma inglesa para trabalhar como cavalo e encontrava um outro cavalo atípico: uma senhora inglesa de cinquenta e cinco anos que trouxera haxixe da Índia. Seu telefone apitava incessantemente com mensagens do tipo “O chocolate está na ilha!” ou “Posso comprar uma prancha de surfe?”.

Ele também logo tentou trazer Rafael para trabalhar junto, mas Rafael começou a manter distância dele.

Não aprovo mais esse tipo de merda. Eu pensava “se fico junto com ele, e ele se mete em encrenca, vou junto”. Era direto com ele, dizia “André, não quero”. “Ah, vamos ganhar dinheiro juntos, vai te ajudar.” Eu respondia “não, cara, não quero me envolver nessa merda”. Ele conhecia minha posição, mas continuava tentando me forçar a ganhar dinheiro. Eu pensava “Esse cara é meu amigo ou alguém do mal que quer me foder?”.

Rafael

Mesmo testemunhar o rápido retorno de André à boa vida não mudou sua cabeça. André conseguiu um empréstimo para quitar em três anos para comprar uma casa de dois andares recém-construída entre campos de arroz. O imóvel possuía três quartos, dois banheiros, uma piscina e ficava a apenas duzentos metros da praia de Canggu. Comprou um carro novo, uma Harley-Davidson falsificada, duas Scooters, uma TV de plasma e várias pranchas de surfe novas. Até colocou aparelho nos dentes para fechar um espaço bem na frente, que havia se alargado durante a temporada na cadeia. Investiu em um novo restaurante na praia e estava vivendo com uma linda namorada indonésia. A única coisa que não

podia fazer com segurança era deixar Bali.

Vivo uma vida de cinema, agora. Tive mesmo que tomar uma decisão sobre a minha vida. Manter essa ou voltar para a vida normal. E preferi manter a vida de cinema. Faço festa todos os dias, coisas doidas por telefone, foi o que escolhi.

Já faz vinte e cinco anos que tenho uma vida de sonhos, posso ir pra qualquer lugar... Nesse momento, não posso voar, mas antes eu voava; tipo, ficava entediado em Bali, aí ia para Koh Samui por uma semana; ficava chato lá, ia para a Europa por alguns dias. Essa vida pra mim é muito, muito prazerosa. Todo dia tem coisa nova, novas emoções, novas aventuras. Eu rezo para meus deuses todos os dias, para me ajudarem por mais um dia, para uma nova aventura em Bali.

Porque todo dia é uma aventura nova pra mim. Por quê? Porque não sei o que vai acontecer. Se a polícia me para na rua e me pede o passaporte, talvez eu tenha que correr, talvez tenha que pagar, talvez...

Entende o que eu digo? Não sei o que vai acontecer no próximo segundo. Esse é meu dia a dia hoje. Mas isso não me deixa triste de jeito nenhum, isso me excita. Não tenho ideia das coisas novas que vão acontecer amanhã. Talvez eu esteja aqui, talvez tenha que fugir — todo dia é uma emoção diferente. Acredito muito que a vida simplesmente escorre e vai embora.

André

*

Mesmo com Rafael fora do jogo, não tinha parado de nevar em Bali. A Ilha dos Deuses ainda estava repleta de expatriados ricos e turistas querendo o prazer de se intoxicar — as festas nas praias e nos hotéis cinco estrelas continuavam, mas a discrição tinha substituído a indulgência evidente e arrogante.

Enquanto houvesse um mercado efervescente, sempre haveria gente disposta a arriscar a vida por dinheiro rápido. Um europeu virou o fornecedor de cocaína para estrangeiros; Bárbara, a senhora com Botox no rosto, mantinha cocaína em

uma cavidade escondida dentro de uma Bíblia e pessoas ainda ligavam para Rafael, às vezes, pedindo ajuda para vender alguns quilos. Por um tempo, houve escassez, mas agora estava nevando em Bali e o preço decolara para US\$ 350 o grama. Rafael, contudo, se recusou a retornar ao mercado.

Era confrontado sempre com a vida que tinha deixado para trás, pois ela pipocava à sua volta freneticamente. Quando a inglesa de cinquenta e cinco anos Lindsay Sandiford foi presa no aeroporto de Denpasar com 4,7 quilos de cocaína no forro de uma maleta, ao menos dois de seus amigos tiveram que fugir do país.

Ela entregou muita gente, falava demais.

Quando vi a notícia semana passada, pensei “porra, o André deve estar em pânico, porque ele compra haxixe dessa mulher”. Mas eu não ligo. Fui dormir. O André veio dizendo “pô, toma cuidado, a ilha está quente” e eu disse “não tenho nada a temer”. Eu me lembro de como me sentia quando era uma carga minha que era apreendida; coração disparado, insônia. Agora, eu durmo como um anjo.

Rafael

EPÍLOGO

Alberto

Alberto passou dezoito meses na Penitenciária Kerobokan em Bali, saindo de lá confuso e perturbado, querendo fazer um último grande negócio antes de se aposentar. Em vez disso, encontrou pessoas que abriram seus olhos para outros caminhos. Em pouco tempo, passou a ver sua carreira de traficante com remorso e vergonha.

Eu ainda me arrependo de todas as merdas que pessoas sofreram por minha causa, direta ou indiretamente, porque eu era uma ferramenta, um mecanismo, uma peça da engrenagem. Se pudesse voltar no tempo, nunca entraria nessa.

Graças a Deus que encontrei as pessoas certas e fiquei mais espiritualizado, comecei a me dar conta de que a gente não precisa de muito para ser feliz.

Agora, só tento viver a vida sem fazer mal pra ninguém, e tento ajudar as pessoas quando posso. E graças a Deus montei um negócio que ajuda as pessoas, ajuda a pegarem boas ondas, a se divertirem.

Tem muita gente, especialmente jovem, que, se você diz “na Indonésia, tem pena de morte”, respondem “ah, sim, mas tem muita gente ainda traficando e eu também posso”. Mas eles não têm ideia do custo dessa roleta-russa que vão começar a jogar.

A maioria se envolve por causa do dinheiro, mas também pelo glamour, a sensação de poder e toda essa merda; e é só quando tudo acaba e você olha pra trás que vê: era tudo fantasia, tudo uma grande nuvem de mentiras que você vivia.

Infelizmente, às vezes, as pessoas precisam passar pelo pior para aprender. Se

minha história puder ajudar um só jovem a pensar duas vezes antes de fazer alguma burrice dessas, isso pra mim já vale por tudo.

Os irmãos Diaz

Após fugirem de Bali na sequência do suspeito assassinato de Kate Osborne, Poca e Mário nunca voltaram à ilha, mas continuaram a traficar. Não há notícias oficiais deles, mas acredita-se que Mário tenha morrido de leucemia no Peru e que Poca tenha sido enforcado no Brasil em consequência de uma disputa de US\$ 50 mil em drogas com outro traficante.

Por algum tempo, todo mundo estava feliz e vivia no topo do mundo, aí começou o carma. Se você olha pra trás, vê que a maioria teve uma morte trágica...

Alberto

Tota

O Hells Angel Tota foi assassinado com um tiro em frente a um conhecido bar no Rio, após uma briga por máquinas de caça-níquel.

Ele bebia cerveja em frente ao bar Carolice, às 3h da madrugada, quando dois homens se aproximaram em um Peugeot prata. Um dos homens, com um capuz vermelho, saiu do carro e começou a atirar.

Tota foi atingido na cabeça e no estômago, e morreu instantaneamente. Dois amigos que o acompanhavam foram atingidos nos pés e nas pernas. O caos tomou conta da rua, que estava lotada, com clientes dos outros bares também correndo para se esconder ou se jogando no chão.

A polícia carioca não teve dúvida de que os dois homens se dirigiram àquele lugar para executar Tota como parte da “guerra dos caça-níqueis”. Todos sabiam que ele morava logo ao lado do bar.

Chino

Chino foi preso por sua produção de *ecstasy* no país para o qual fugira quando escapara de Bali. Está hoje na cadeia aguardando a conclusão de seu interminável

juízo. Se condenado, receberá a pena de morte.

Carlino

Carlino não diminuiu o ritmo após seus cavalos receberem prisão perpétua e pena de morte; ficou ainda mais ocupado. Até o dia em que foi preso.

Rafael tinha parado com o jogo do tráfico, mas observava o amigo fazer lances perigosos.

Do grupo todo, sobramos apenas ele e eu soltos, mas o Carlino continuava vendendo pra caralho. Não ligava pro perigo, como em Ku De Ta. Era muito arrogante, tipo um chefão. Do jeito que ia, estava pedindo para ser pego; aí me perguntou “Rafael, pode me ajudar?”. Eu disse “O quê?”. “Você tem alguma cocaína no Brasil, barata e boa?” Eu disse “Esquece, cara, todo mundo tá preso, não posso te ajudar. Para com essa merda. Vamos, Carlino, não vale a pena, cara. Constrói tua pousada”. Ele já estava começando a construção.

Aí foi pro Brasil e errou feio. Pegou o mesmo voo com seu cavalo. Aí pegaram o cavalo na França, o cavalo apontou pra ele e foi pego.

Então ele está preso na França, agora?

Sim, ouvi dizer que tentou se suicidar, porque parece que em Paris é muito ruim a cadeia, brigas o tempo inteiro, os negros malucos, a gangue de Camarões de lá, muito fortes, muitos estupros, não é uma boa prisão pra ficar. Acho que o Carlino pegou dez anos.

Rafael

Borrador (José Henrici)

José Henrici, conhecido como Borrador, ex-namorado da inglesa desaparecida Kate Osborne, não voltou mais a Bali. Ninguém tem certeza de seu paradeiro, mas acredita-se que tenha morrido de uma overdose de cocaína em um hotel barato, ao lado de uma prostituta, após ficar preso por alguns anos em uma

cadeia na selva do Peru.

Marco Froes

Cavalo de André, foi preso com três quilos de cocaína no Aeroporto de Florianópolis cerca de noventa minutos antes da segunda prisão de seu chefe — André suspeita que Marco Froes tenha trabalhado com a polícia para pegá-lo —, e foi colocado em um programa de proteção à testemunha.

Diego Amaral

Diego não ficou mais de dois anos na cadeia por ser pego com oito quilos de cocaína. Sua pena foi reduzida por se tornar informante da polícia contra seu chefe, André, fornecendo as informações e evidências de que o delegado Caieron precisava para processar um dos grandes *playboys*.

Diego recebeu os benefícios da lei... Acho que não ficou mais de dois anos preso, talvez menos.

Delegado Caieron

Operação Playboy

O delegado Caieron trabalhava na Polícia Federal brasileira desde 1996 e, em 2004, encabeçou pessoalmente a Operação Playboy.

A operação começou quando passei a ver — no jornal diário — jovens da nossa cidade [Florianópolis] e do nosso estado [Santa Catarina] sendo presos na Europa com três, quatro ou cinco quilos de cocaína. Então alguém, de algum modo, com mais alguém, estava recrutando esses garotos para fazer isso, e esses caras não poderiam estar muito longe de mim. O desafio? Começar a investigar, encontrar e encaixar todas as peças.

Assim que começamos a investigação, decidimos chamá-la de Operação Playboy, porque vimos que o tipo de jovens envolvidos nessas atividades era de

classe média alta.

Em seis anos, a Operação Playboy resultou na prisão de mais de vinte pessoas, que estavam exportando cocaína para a Europa e Bali e voltando ao Brasil com *ecstasy* e maconha.

Psicopata

Psicopata, também conhecido por Fábio, ficou dois anos preso em Amsterdã por retirar o pacote da FedEx com cocaína. Quando saiu, começou a namorar uma milionária, que lhe comprou uma Mercedes e o sustenta até hoje.

Fábio

O extrovertido Fábio, dono do bar na praia de Legian, deixou Bali quando ficou quente demais para ele, pouco depois de a polícia o sequestrar na praia e o levar até a casa de Rafael com uma arma na cabeça. Tornou-se guia em uma favela do Rio.

Juri

O joalheiro italiano, preso em Bali em dezembro de 2003 com 5,26 quilos de cocaína em uma capa de prancha de surfe — na fracassada tentativa de Carlino de ajudar Marco —, foi libertado após onze anos de prisão. Em meados de 2014, voltou para a casa de sua família em Orbetello, na Itália. Ade, sua esposa do Timor, com quem se casara na prisão, foi junto.

Sua prisão perpétua fora convertida em uma pena de quinze anos após ele pagar uma propina bastante alta.

Passou muitos anos com Marco em Nusa Kambangan eram amigos íntimos e costumavam jogar tênis juntos.

Na Itália, em janeiro de 2015, Juri recebeu a notícia de que Marco seria executado. Ele me escreveu uma mensagem no Facebook: “Já levaram o Marco, querem atirar nele hoje”.

“Tem certeza?”, respondi.

“Sim, tenho. Um dos guardas me ligou ontem. Não consigo parar de chorar...”

escreveu Juri.

No domingo, horas após a execução de Marco, Juri me mandou uma melancólica mensagem: “Marco agora é um anjo”.

Marco

Após os anos de interminável demora, o fim foi repentino.

Depois de passar quase doze anos nas prisões indonésias, Marco recebeu a notícia de sua execução com poucos dias de antecedência.

Logo após a meia-noite, na madrugada escura do domingo 18 de janeiro de 2015, ele foi levado de sua solitária até uma clareira no meio da floresta, onde foi amarrado pelas mãos e pelos pés a uma cruz de madeira.

“Ele teve de ser arrastado da cela, chorava e pedia ajuda”, disse um padre local; “defecou nas próprias calças”.

O padre Charles Burrows era o encarregado de ministrar a extrema-unção, mas em um ato de crueldade proibiram-no de entrar na ilha na noite fatídica.

Assim, Marco foi amarrado à cruz, sem aconselhamento espiritual, chorando e, sem dúvida, apavorado, quando doze atiradores apontaram as armas para seu coração e atiraram.

Outras quatro pessoas foram executadas simultaneamente; três homens nas clareiras próximas e uma mulher em Java.

Marco será vergonhosamente lembrado na história como o primeiro ocidental executado na Indonésia, e o primeiro brasileiro a receber a pena capital no exterior.

“Agora você pode voar para casa, Curumim”, lamentou um de seus amigos após o fato.

*

Eu estava em Bali na noite da execução de Marco. Alternava entre assistir à cobertura ao vivo da TV local e ficar na varanda olhando para o céu escuro ser iluminado por relâmpagos e ribombando por trovões. O clima combinava. Estar agudamente ciente de que Marco estava sendo amarrado a um poste e alvejado era arrepiante. E muito surreal.

*

Encontrei Marco pela primeira vez na prisão de segurança máxima da ilha de

Nusa Kambangan, conhecida como a Alcatraz da Indonésia. A luxuriante ilha banhada pelo sol tropical tem uma cicatriz feia formada pelas sete prisões que a cortam.

As execuções mais famosas aqui, antes da de Marco, foram as dos responsáveis pelos atentados à bomba em Bali. Os terroristas muçulmanos Amrozi, Samudra e Mukhlas assassinaram 202 pessoas com explosões de boates em Kuta em 2002. Eles foram retirados de suas celas e levados a uma clareira na floresta, e fuzilados em 2008.

Marco estava preso em uma cela ali perto. Não há dúvida de que ouviu os disparos; sabia que o mesmo destino o esperava.

Incrivelmente, porém, mantinha-se na maior parte do tempo de bom humor e otimista — jogava tênis, ouvia música e adorava cozinhar quando algum raro visitante lhe trazia ingredientes. “Eu faço comida boa, pode acreditar”, ele me disse uma vez, antes de preparar uma deliciosa carne com massa para nosso almoço.

Como na época em que assumia riscos audaciosos para traficar, continuava sendo um incansável quebrador de regras. “Sou um encenqueiro. Me transferiram cinquenta e seis vezes, aqui. Já estive em todas as celas. Até me colocaram na cozinha uma vez”, disse ele dando risada.

Mas era impossível escapar do medo e da solidão. Gabriel, o surfista de ondas gigantes, lembrou ter tido uma conversa estranha quando Marco telefonou para se despedir. Gabriel seria libertado da Penitenciária de Kerobokan no dia seguinte.

Começou dizendo “Ei, pô... Você vai ser libertado”. Eu disse “isso”. Ele estava feliz por mim, mas aí desmontou, caiu em prantos. Fiquei no telefone pensando “O que eu faço? O que eu falo?”. Não conseguia falar com ele; não tinha o que dizer... Ia falar o quê? Eu estava indo para casa. Então não disse nada, ele ficou em silêncio e desligou. Não se despediu.

Gabriel

A terrível realidade da situação de Marco o cercava. A maioria dos prisioneiros estava condenada à prisão perpétua ou à morte. Seu compatriota Rodrigo

Gularte entrara em desespero e não conseguia lidar com a torturante espera pela execução. Rodrigo passava a maior parte do tempo rezando na igreja cristã da prisão, chorando e confuso.

O outro brasileiro aqui, o Rodrigo, ficou maluco. Fica sempre falando sozinho, não troca mais de roupa. Mas não tem nada que eu possa fazer. Ele lê a bíblia, vai pra igreja.

Ele tentou atear fogo ao próprio corpo, não?

Sim, tentou na outra cadeia, mas foi coisa de amador.

A maneira de Marco para manter a sanidade foi, talvez, usando drogas para escapar da realidade, e se convencendo de que, com tantas nacionalidades no corredor da morte, a pressão internacional o salvaria.

Tenho certeza disso. A embaixada brasileira está trabalhando duro. Tem um cara francês, um holandês, um suíço, é muita gente. Tem do Nepal, Paquistão, Índia, Estados Unidos, Austrália, tudo com pena de morte.

Marco

Em junho de 2012, pela primeira vez ficou com medo de a pressão política falhar em frear as balas. O *Jakarta Post* noticiou que ele seria executado em poucas semanas. A fonte citada foi o promotor indonésio Andi DJ Konggoasa. Ele também afirmou que o último pedido de Marco fora uma garrafa de uísque Chivas Regal. Aquilo soa crível o bastante para que um amigo brasileiro, que morava em Bali, considerasse fazer o longo e melancólico trajeto até a ilha para lhe levar uma garrafa.

Mas era alarme falso. A fonte estava enganada. Marco posteriormente me contou que, semanas antes da notícia, assinara alguns papéis, de aparência não oficial, trazidos por um advogado que lhe perguntara, também, qual seria seu último pedido. Marco pensou que fosse uma piada. “Três garrafas de Chivas e duas mulheres”, disse ele em uma tirada típica.

Ficou com medo?

Sem problema, sem problema. Minha embaixada está aqui o tempo inteiro.

Viu, já baixaram cinco anos a pena da Corby.

A australiana Schapelle Corby fora presa com drogas no aeroporto um ano depois de Marco. A condenação dela acabara de ser reduzida de vinte para quinze anos — dando-lhe o direito à liberdade condicional. Marco levou isso como um sinal de que um dia sua pena seria reduzida também. Viveria e poderia sair livre. Além do mais, ele já sobrevivera a situações fatais antes.

Toda minha família já morreu: meu pai, minha mãe, meu irmão, minha avó, meus dois tios; seis pessoas já morreram. Mas você sabe, Marco tá vivo ainda. Tranquilo, tranquilo. Tenho certeza que vou sair daqui.

Marco

A dura prisão de terceiro mundo fracassou em quebrar seu espírito até os últimos dias, mas cobrou caro fisicamente. Sua perna machucada sempre doía e a absoluta falta de cuidado médico resultou em uma gengivite que fez com que todos os seus dentes caíssem.

“Quero ir para casa... Estou muito cansado. Ninguém liga para mim aqui. Veja, estou sem dentes”, me disse um dia, mostrando-me suas gengivas. “Peço toda hora para me trazerem um dentista, mas eles querem US\$ 1 mil e não tenho esse dinheiro.”

As visitas a Marco nunca eram deprimentes. “Ei, cante aquela música de novo, Marco”, pedi um dia. Imediatamente, ele começou “*I never can say goodbye, every time I think...*” e parou de repente. “Não sei, qual música você quer? Aretha Franklin ou outra coisa?”, perguntou, a sério, ainda sem querer desapontar sua plateia.

O sonho de Marco era voltar para casa e sobrevoar de asa-delta as praias do Rio mais uma vez.

No fim, apenas suas cinzas voaram para o Brasil.

Ele tinha cinquenta e dois anos.

Rodrigo Gularte

O corpo de Rodrigo Gularte foi enviado para casa pouco mais de três meses

depois de as cinzas de Marco retornarem. Foram 101 dias de diferença entre as duas execuções.

Na noite de sua morte, Rodrigo foi retirado de sua cela e levado para o local da execução pouco antes da meia-noite. Diferentemente do que ocorrera em janeiro, desta vez a cena fora montada para que os prisioneiros fossem fuzilados lado a lado — cada cruz foi erguida a cerca de quatro metros de distância da seguinte.

Eram oito homens condenados, incluindo dois australianos. Tiveram seus braços estendidos e presos nas cruces. Nenhum deles foi vendado — tendo escolhido, em vez disso, encarar seus executores — um ato final de desafio, conforme nomeou a imprensa local. Liderados pelos dois australianos, os oito homens cantaram hinos até que os disparos das armas os silenciaram para sempre.

Os advogados de Rodrigo lutaram pela suspensão de sua pena com base no fato de que ele fora diagnosticado como esquizofrênico. Mas o argumento foi rejeitado pelo Sr. Prasetyo, o Advogado Geral da Indonésia.

“De acordo com testemunhos de companheiros de prisão e de médicos, Rodrigo não está doente, absolutamente. Isso significa que não há nada que nos impeça de executá-lo.”

Jakarta Post, 20 de março de 2015

O Advogado Geral afirmou que os oito homens foram executados simultaneamente à 0h35, horário local. “As execuções foram implementadas com sucesso, com perfeição”, disse ele a jornalistas; “todas funcionaram sem erros”.

Foram declarados mortos três minutos depois.

Rodrigo tinha quarenta e dois anos.

*

A Indonésia havia agendado mais execuções em massa para dali a alguns meses, mas depois anunciou que seriam postergadas até que a economia do país melhorasse.

Fox

Após roubar seu dinheiro e atravessar suas vendas, Rafael calcula que Fox tenha

lucrado entre € 300 mil e € 400 mil. Fugiu então para o Taiti, construiu uma mansão à beira-mar na meca do surfe Teahupoo, comprou um barco e começou a plantar maconha com sementes que trouxera de Amsterdã — com o plano de negócios de controlar a oferta da droga na ilha.

Porém, foi preso com trinta e cinco quilos de maconha, e enviado a uma penitenciária no próprio Taiti.

Pensei muito em ir lá dar uma lição nele, mas acabei perdendo. Já está pagando pelos erros: ele está preso, eu estou surfando.

Rafael

As notícias mais recentes são de que foi solto e retornou ao Brasil.

André

O paradeiro mais recente de André não pode ser revelado.

Rafael

As prisões que continuavam acontecendo eram uma confirmação constante para Rafael de que ele fizera a escolha certa. Apesar de atualmente ter que batalhar por dinheiro, sentia-se mais feliz do que nunca.

Meus amigos falam “Agora você é uma pessoa diferente, é o Rafael de verdade. Antes, era um pouco do mal. Até seu olhar está diferente, agora”. Ouço bastante falarem “Ah, Rafael... Cara, você está tão diferente, não sei por que, mas está muito bem”. Agora voltei a ficar em forma, vou pra praia todo dia, surfo... Posso frequentar lugares normais, ter amigos verdadeiros, falar sobre negócios normais.

No fim, depois de tanto glamour, não sinto orgulho. Tento esquecer toda aquela merda. Não acho legal. Eu envenenava as pessoas com essa merda por dinheiro, nada mais. Envenenar pessoas, destruir famílias, até fiz gente morrer de overdose. Gostava de me exibir, naquela época. E pra quê?

Agora, tenho valores diferentes pra vida. Não quero ter um carro bonito, não

quero ter uma corrente de ouro, não quero ficar em hotéis cinco estrelas. Meu objetivo agora é ter um emprego, conseguir dinheiro pra educar meus filhos, trabalhar como professor de surfe, ter uma vida tranquila e normal. Eu tento mostrar para as novas gerações que aquela vida não é uma boa escolha. É o que penso, de coração.

Quando jovens vêm para Bali me encontrar e tentar fazer algum negócio com drogas, eles me olham com brilho nos olhos. Acham que sou dono de uma ilha, de um avião, isso porque tem muito boato mentiroso sobre mim entre os surfistas no Brasil. “Ei, Rafael, quero levar um pouco de cocaína, pode me ajudar?”

E eu sou obrigado a dizer “Não faz isso, você foca em mim, quer ser como eu, ter uma casa legal, comer todas as mulheres, blablablá. No fim, não é uma vida tão boa. Você só tem três opções: cadeia, hospital ou cemitério. Uma dessas três”.

Eles ficam chocados, porque eu digo “Cara, esquece essa merda. Eu sei o que tô falando, porque passei por isso e, no fim, me foderam”. Aí recomeço, “Lembra a casa que eu tinha antes?” — porque eles conhecem de ver nas revistas —, “Onde está aquela casa linda? Onde estão as motos? Onde está minha família, meus filhos? Meu carro irado de controle remoto? Tudo foi pro inferno. Minha esposa está na cadeia. Sofro com tudo isso, sabe? Sofro ao ver meus amigos sendo presos, porque todos foram mortos, assassinados, ou presos”.

“Vou te dizer uma coisa... Se você entrar nessa, pode até ganhar dinheiro, o diabo vai te dar bastante dinheiro de colherinha na boca por muito tempo, mas, quando vier buscar o pagamento, vai levar tudo de uma vez com uma colher gigante... Você vai falir... Vai levar tiro... Você está maluco, cara, esquece essa merda.” Esse é o meu objetivo agora, mudar a cabeça deles.

Quando a tragédia final chegou para Marco, seu antigo parceiro, Rafael tinha plena consciência de que por um mero capricho do destino poderia também estar sendo executado.

Acompanhei tudo pela TV em Bali, mandando bons pensamentos, fazendo orações para que desistissem na última hora; esperava que, de alguma forma, ele

pudesse fugir no último minuto ou que não atirassem nele.

Se sentiu sortudo por não ser você?

Com certeza, foi a primeira coisa que pensei. Porra, eu também devia estar lá. Pensava: “arrisquei muito mais que ele, fiz muito mais negócios”.

Depois que atiraram nele, fiquei muito triste — passei dias sem sair de casa em Bali. Não queria ver ninguém.

No fim, não éramos mais amigos, mas tínhamos passado bons tempos juntos. Agora, quando penso “porra, o Curumim tá morto, atiraram nele”, me dou conta de que toda essa merda que fizemos era um jogo muito sério.

E você gosta de dar aulas de surfe?

Eu amo. É a minha vida. Amo ir trabalhar, de verdade! Se tenho que ir para a praia dar uma aula, vou superfeliz. Vou pro mar, vou nadar, vou ensinar surfe pra alguém. Sou um sortudo. A maior parte da minha gangue não está mais aqui. Estão todos mortos ou presos, tiveram um fim terrível.

Fiquei nesse jogo por uns quinze anos. Agora, só quero uma vida simples e feliz. Agora, sei quem são meus amigos de verdade. Antes, tinha muita gente em volta só me sugando. Só vinham para comer e beber de graça. Eu não percebia.

Luto pra ganhar dinheiro um dia depois do outro, mas ainda estou livre, saudável e vivo. Tenho uma mulher que amo, filhos lindos, tenho o surfe. Estou saudável e feliz, muito mais feliz do que antes. Não preciso me esconder: sou o Sr. Rafael agora, o professor, guru do surfe.

¹ N.T. hoje Curaçao, São Martinho e Aruba.

INFORMAÇÕES SOBRE A
GERAÇÃO EDITORIAL

Para saber mais sobre os títulos e autores
da **GERAÇÃO EDITORIAL**,
visite o *site* www.geracaoeditorial.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

 geracaoeditorial.com.br

 [/geracaoeditorial](https://www.facebook.com/geracaoeditorial)

 [@geracaobooks](https://twitter.com/geracaobooks)

 [@geracaoeditorial](https://www.instagram.com/geracaoeditorial)

Se quiser receber informações por *e-mail*,
basta se cadastrar diretamente no nosso *site*
ou enviar uma mensagem para
imprensa@geracaoeditorial.com.br

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa
CEP: 05075-010 – São Paulo – SP
Telefax: (+ 55 11) 3256-4444
E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br